



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas

Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães

***DESIGN*, SOCIEDADE E CULTURA: SIGNIFICADOS DOS
ARRANJOS ESPACIAIS E DOS OBJETOS EM INTERIORES
DOMÉSTICOS**

Tese de Doutorado

FLORIANÓPOLIS
Março de 2007

Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães

***DESIGN*, SOCIEDADE E CULTURA: SIGNIFICADOS DOS
ARRANJOS ESPACIAIS E DOS OBJETOS EM INTERIORES
DOMÉSTICOS**

Tese apresentada ao Programa de
Doutorado Interdisciplinar em Ciências
Humanas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Ciências
Humanas - Área de Concentração Condição
Humana na Modernidade - Linha de
Pesquisa: Homem, Ciência e Técnica, da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Tamara Benakouche

Co-orientadora: Carmen Rial

FLORIANÓPOLIS

2007



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado

DESIGN, SOCIEDADE E CULTURA: SIGNIFICADOS DOS ARRANJOS ESPACIAIS E DOS OBJETOS EM INTERIORES DOMÉSTICOS.

Por
ANA LÚCIA SANTOS VERDASCA GUIMARÃES

Orientadora Profa. Dra. Tamara Benakouche
Co-orientadora Profa. Dra. Carmen Rial

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de *Doutor em Ciências Humanas* e aprovada em sua forma final no dia 29 de março de 2007, atendendo as normas da legislação vigente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado.

Profa. Dra. Carmen Silvia Rial – Coordenadora do Programa

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Tamara Benakouche (orientador - presidente)

Profa. Dra. Cornélia Eckert

Profa. Dra. Virginia Souza de Carvalho Borges Kistmann

Profa. Dra. Luzinete Simões Minella

Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis

Profa. Dra. Carmen Rial (co-orientadora)

Florianópolis, 29 de março de 2007.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento às pessoas cujos relatos aparecem, em maior ou menor medida, nesta tese. Pela disposição em me falarem sobre seus espaços pessoais, abrindo suas casas e retratando um pouco de si mesmas. Agradeço também àqueles com quem tive o prazer de conversar, informalmente, e cujos depoimentos serviram para fortalecer minhas reflexões.

Aos homens da minha vida: meu pai, pelo estímulo e exemplo de luta; meu filho, por representar a esperança num mundo melhor; e meu companheiro, por dividir comigo a vida, e nela as ausências, incentivando-me e apoiando-me para que eu pudesse seguir. Às minhas mulheres queridas, minha mãe e minha filha, pela beleza de serem o que são. Aos meus irmãos e irmãs pelo seu apoio, sempre.

Aos amigos, felizmente muitos e verdadeiros – o que me impede de nomeá-los, para não correr o risco de ser injusta, falhando pela memória –, pela força, carinho e presença, por vezes leitura atenta, diálogos, companhia nas viagens. Especialmente aos que me acolheram e/ou estiveram comigo em Florianópolis, fazendo com que eu me sentisse em casa, mesmo em terra “estrangeira”. Agradeço, sobretudo, pela presença de todos em minha vida e espero que se reconheçam em minhas palavras e recebam meu abraço de gratidão.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da UFSC, e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), com quem pude aprender e compartilhar, e que estiveram de alguma forma presentes nesta trajetória. Ao pessoal da secretaria do PPGICH, pelo desenrolar das questões burocráticas. À Universidade Tecnológica Federal do Paraná – em especial aos professores do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, que assumiram a carga horária que me caberia para que eu pudesse me afastar –, e à Prefeitura Municipal de Curitiba/Fundação Cultural de Curitiba, pela liberação para realização dos créditos junto ao

doutorado.

À minha orientadora, Tamara Benakouche, não só pelo seu empenho e estímulo, mas pelo tempo, conteúdo e paciência doados, mesmo nos momentos menos produtivos, sendo um exemplo de orientação a ser seguido.

À Carmen Rial, minha co-orientadora, por ter me acompanhado e incentivado por um longo tempo e, sobretudo, pelas grandes sugestões na leitura final.

À Alícia Castells e Joana Pedro, pelos caminhos apontados na qualificação.

Aos membros da minha banca de defesa, cujo trabalho é sempre árduo e pouco recompensado, por aceitarem o desafio de ler criticamente um trabalho interdisciplinar – portanto, complexo desde a origem –, cada qual com sua formação e seus conceitos, ajudando a dar os contornos finais à tese.

Termino agradecendo a Deus pela oportunidade de participar desta “aventura” em busca de aprendizagem e saber, refletindo sobre o homem e a sua morada.

Seu caminho, cada um o terá que descobrir por si. Descobrirá, caminhando. Contudo, jamais seu caminhar será aleatório. Cada um parte de dados reais; apenas, o caminho há de lhe ensinar como os poderá colocar e com eles irá lidar.

Caminhando, saberá. Andando, o indivíduo configura o seu caminhar. Cria formas, dentro de si e em redor de si. E assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, cada indivíduo se procura nas formas do seu fazer, nas formas do seu viver.

Chegará a seu destino. Encontrando, saberá o que buscou.

Fayga Ostrower (1986, p. 76)

RESUMO

Trazer para o campo do *design* a discussão sobre a produção de espaços e objetos como uma produção de ações e modos de vida, bem como sobre a importância de um entendimento da dinâmica social e de respeito às necessidades específicas de cada um dos grupos, no que concerne à concepção de objetos e espaços na e/ou para a casa, é o objetivo geral deste estudo. Ao refletir sobre a relação dos seres humanos com os interiores domésticos, procuramos compreender quais são os espaços e objetos preferidos, e o que os torna importantes. Tendo como base as alterações sociais mais recentes e a intensificação da circulação de objetos, construímos um objeto de estudo que exigiu a interdisciplinaridade como estratégia metodológica, ao aproximar o *design* e as ciências humanas. A hipótese que nos serviu de base é a de que – ainda que as preferências pessoais se estabeleçam – os espaços vão sendo arranjados através dos artefatos, moldados não apenas conforme interesses e possibilidades daqueles que os utilizam, mas, igualmente, pela necessidade de as pessoas se sentirem parte de um determinado grupo, sendo, por ele, influenciadas. Consideramos, ainda, que os objetos não são apenas construídos pelas pessoas, mas, igualmente, as modifica. Apesar de termos pesquisado diferentes arranjos familiares para identificar as similaridades e as diferenças, os resultados apontam para fortes diferenças etárias, e não em função dos arranjos aos quais os indivíduos pertencem. Enquanto entre adolescentes e jovens o quarto é o espaço preferido, a sala íntima ou de estar representa a opção número um, entre os adultos, seguida pelos espaços em que a identidade profissional se destaca. Em termos de objetos, as escolhas recaem, entre os mais jovens, sobre os objetos de comunicação, ao passo que, entre os mais velhos, são as questões de memória determinantes na importância dos mesmos. Algumas peculiaridades surgiram no processo de pesquisa, e aparecem no texto como elementos importantes de serem pensados, como a diferença entre as formas de vivenciar os espaços entre os que vivem em família em relação aos que vivem sós, ou as soluções dadas pelas pessoas que viveram fora do Brasil, para citar algumas delas. Pelas leituras feitas, com base nos espaços e objetos preferidos, é possível afirmar que existe certa homogeneidade na heterogeneidade das escolhas e formas de arranjar e escolher espaços e objetos, nos interiores domésticos, mas que chegar a isso é montar um complexo quebra-cabeças.

Palavras-chaves: *design*; sociedade; cultura; interiores domésticos; vida cotidiana.

ABSTRACT

To bring forward to the field of design the reasoning about space and object production as production of actions and ways of life as well as the importance of an understanding of social dynamics and respect of each group's individual needs concerning the conception of objects and spaces in and/or for a house is our general goal. In reflecting about individual relations with domestic interiors, we seek to understand which spaces and objects are preferred and what makes them important. Based in more recent social changes and the increase in object circulation, we built an object of study that demanded interdisciplinarity as methodological strategy in approaching design and social sciences. The hypothesis that served as base is that - besides the set in of personal preference - spaces become arranged through artifacts, shaped not only about interests and possibilities of the ones that use them, but, likewise, by the people's need to feel a part of a given group, being, by it, influenced. We also consider that objects are not only built by people, but, likewise, build them. Besides having researched different family arrangements to identify similarities and differences, the results pointed to strong differences in age range and not in function of the arrangements to which the individuals belong: while among teenagers and youth the bedroom is the preferred space, the parlour or the living room represents the number one choice among adults, followed by spaces where professional identity becomes eminent. In terms of objects, the choices lie, among the younger ones, in the ones of communication, while among the older ones, memory issues determine the importance of those. Some peculiarities rose in the research process and appear in the text as important elements to consider, such as the difference in the way of experiencing spaces among individuals who live in families in relation to the ones who live alone, or the solutions employed by the ones who lived outside Brazil, to name a few. By the reading done, based on preferred spaces and objects, we can say that there is homogeneity in the heterogeneity of choosing and arranging spaces and objects, in the domestic interiors, but getting to this represents the assembly of a complex puzzle.

Keywords: design; society; culture; domestic interiors; everyday life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA NA AMÉRICA DO SUL, NO BRASIL E NO ESTADO DO PARANÁ – 2002.....	114
MAPA 2 – RENDA MEDIANA POR BAIRRO EM CURITIBA – 2000.....	117
GRÁFICO 1 – HABITANTES POR DOMICÍLIO EM CURITIBA – 1970 a 2000.....	118
GRÁFICO 2 – CARACTERIZAÇÃO DOS ARRANJOS FAMILIARES PESQUISADOS.....	122
GRÁFICO 3 – NÚMERO DE ENTREVISTAS POR SEXO.....	127
GRÁFICO 4 – MORADIAS X ARRANJOS FAMILIARES.....	128
GRÁFICO 5 – FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS.....	130
GRÁFICO 6 – NÚMERO DE CASAS E APARTAMENTOS ANALISADOS..	132
QUADRO 1 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 ABORDAGENS TEÓRICAS: UMA REVISÃO DE VÁRIOS AUTORES QUE APONTAM NUMA MESMA DIREÇÃO.....	27
1.1 Casas e objetos: panorama dos estudos e abordagens de pesquisa.....	28
1.1.1 Casas também são artefatos: espaços domésticos são construções humanas inscritas na história.....	28
1.1.2 O mundo dos objetos: panorama dos estudos e abordagens de pesquisa.....	42
1.2 Espaços e objetos também "produzem" gente	50
1.3 Significados inscritos nos espaços e objetos: possibilidades analíticas.....	59
1.3.1 Explicitando as diferentes funções.....	61
1.3.2 Memórias nos espaços e objetos.....	66
1.3.3 Memória e circulação de objetos.....	68
1.3.4 Espelhando e constituindo vivências, identidades, relações e subjetividades.....	76
1.4 <i>Design</i>, sociedade e cultura: por um tecido sem costura.....	83
1.5 Diferenciação e semelhança: é possível detectar elementos comuns aos grupos sociais por meio dos interiores das moradias?.....	97
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	108
2.1 Questões metodológicas.....	108
2.2 Curitiba: o recorte geográfico da nossa pesquisa.....	112
2.3 Os arranjos familiares pesquisados e o processo de entrevista.....	121
2.4 Perfil dos entrevistados: sexo, idade e geração.....	127
2.5 Do uso de imagens.....	136

3 PAISAGEM DOMÉSTICA: A IMPORTÂNCIA DOS ARRANJOS ESPACIAIS DOMÉSTICOS EM DIFERENTES DISCURSOS.....	141
3.1 Arranjos espaciais: mudanças na estrutura familiar e novos usos dos espaços.....	142
3.1.1 Entre a teoria e a prática: o entendimento do processo de mudanças na estrutura familiar.....	142
3.1.2 Panorama das alterações nos usos dos espaços.....	151
3.1.1.1 Descrição geral das moradias analisadas.....	154
3.1.1.2 Padrões de alterações nas moradias analisadas.....	157
3.2 O público e o privado, na casa: espaços de representação e espaços de convívio.....	173
3.2.1 Espaços de representação.....	175
3.2.1.1 Salas de estar.....	175
3.2.1.2 Salas de jantar.....	187
3.2.2 Espaços de convívio: a sala íntima e a copa.....	190
3.2.2.1 A sala íntima.....	190
3.2.2.2 A copa.....	194
3.3 O quarto: entre a intimidade e o convívio.....	212
3.4 O setor de serviços e higiene: locais de bagunça e arrumação.....	222
3.4.1 Cozinha: de espaço de serviço, nos fundos da casa, a espaço de convívio - um modelo em construção.....	222
3.4.2 Ainda predominam os espaços exíguos na maioria dos banheiros, áreas de serviço e cozinhas.....	235
3.4.3 Área de serviço, um espaço ainda necessário.....	243
3.4.4 Empregadas domésticas: prós e contras na balança.....	248
3.4.5 Terraços, varandas, sacadas, lareiras.....	250
3.5 Arranjos espaciais preferidos: as escolhas dos entrevistados.....	253
3.5.1 O quarto: quase uma unanimidade entre os mais novos.....	254
3.5.2 Um lugar para cada coisa: variações etárias.....	272
3.5.3 Espaço preferido quando se está sozinho.....	280
3.5.4 Arranjos: influências exógenas, soluções diferenciadas.....	294

3.5.5 Verde que te quero verde: a importância das plantas e dos jardins.....	298
3.5.6 Nem objeto, nem gente: os animais domésticos, uma categoria em ascensão.....	303
4 O MUNDO DOS OBJETOS.....	308
4.1 Lazer e comunicação: objetos funcionais em questão.....	310
4.2 Identidade pessoal x identidade grupal.....	328
4.3 O fenômeno das coleções.....	339
4.4 Memória: objetos emanam de histórias.....	343
4.5 Conforto e praticidade.....	370
4.6 Estética, identidade e circulação de objetos.....	376
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	396
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	418
ANEXO 1 - ROTEIRO DE APOIO.....	427
ANEXO 2 - ROTEIRO DE APOIO ALTERADO.....	430

“O resgate das ciências humanas na formação do designer é condição essencial para que o futuro profissional compreenda que o objetivo final de seu trabalho não é o artefato ou a mercadoria, mas o bem-estar do ser humano e da sociedade.”
(BOMFIM, 2004).

INTRODUÇÃO

Ao se buscar construir uma ponte coerente entre as duas áreas, a de origem, seja ela o *design*, e a das Ciências Humanas – área que ao *design* subsidia com elementos importantes para reflexão – tomamos a tarefa de refletir sobre a relação dos seres humanos com espaços e objetos preferidos nos interiores domésticos, criando um “objeto de estudo” que exige a interdisciplinaridade como estratégia metodológica essencial para fazer avançar a discussão, uma vez que não pode se situar em nenhum dos dois campos¹, exclusivamente, exigindo essa “interlocução”. Passamos, então, a contextualizar os vários elementos que se coadunam para compor o nosso objeto de estudo.

A casa, no sentido de lar, pode ser entendida como ninho, refúgio, proteção; todavia, é ao mesmo tempo a arena onde se desenvolve, cotidianamente², um intrincado jogo de interesses e relações, sentimentos e percepções. Esses elementos, somados às formas de uso, ou mesmo de

¹ Evidenciamos o fato de não nos sentirmos à vontade para pensar o campo das Ciências Humanas “a partir” do Design, uma vez que nossa trajetória de vida foi construída sobre o campo do *design* (formação acadêmica) e da tecnologia (mestrado), e não o contrário e, nesse sentido, nos propomos fazer uma leitura das questões pertinentes às ciências humanas e que são essenciais para o *design*.

² Como afirma Heller (1970, p. 17) a vida cotidiana “é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”. O amadurecimento da vida cotidiana se dá por meio das relações sociais, conforme a autora (Heller, 1970, p. 19), para quem “a assimilação da manipulação das coisas é sinônimo de assimilação das relações sociais”. A análise das vivências no cotidiano, buscando compreender aspectos comuns a um grupo, envolve direcionar amplo olhar sobre a vida das pessoas que dele fazem parte, “encontrando-os, às vezes, ocultos nos interstícios de cada camada, outras tantas, compondo uma grande rede de caminhos emaranhados pelos seus passos, paralelos, superpostos, entrecruzados ou desencontrados” (PAPES, 2002, p. 1).

abandono, vão redefinindo o espaço³ da casa, demarcado fisicamente pelas paredes, portas, janelas, como, igualmente, pelos outros objetos dispostos ou observáveis a partir de seu interior, elementos dinamizados por meio das vivências que ali se estabelecem.

Realçamos não se tratar de uma dicotomia dentro e fora da moradia, de dividir a vida entre um mundo exterior e outro interior, mas, sim, da construção de um sentido do olhar.

Tem-se como senso comum ser o espaço doméstico o lugar do descanso e da liberdade, e a família, a unidade de consumo correspondente, nas sociedades marcadas pelo sistema econômico capitalista, cuja base de sustentação são a produção industrial e o consumo de artefatos por uma parte cada vez maior da população. Esses processos acarretam o adensamento urbano, alterando hábitos e estabelecendo maneiras mais individualistas de vivenciar o cotidiano em relação às sociedades anteriores ou sociedades que funcionam em sistemas diferentes.

Mudanças na família – aqui compreendida como um conjunto de indivíduos ligados entre si seja por aliança, casamento, filiação ou ainda por adoção, em situação de coabitação -, nos modos de produção, na circulação de objetos e idéias acabam por alterar profundamente os modos de vida, tanto no âmbito dos espaços públicos, quanto nos relativos ao domínio doméstico.

Podemos, nessa perspectiva, afirmar terem sido os modos de viver alterados de forma contundente, sobretudo a partir da Revolução Industrial, que modificou as relações das pessoas com os seus espaços, ao retirar dos interiores domésticos as células de produção. Mudanças que se devem, inclusive, a uma maior oferta em massa de produtos diferenciados, permitindo mais facilmente ao indivíduo expressar sua identidade e expor sua personalidade, sobretudo no espaço doméstico, cuja constituição liga-se, nesse período, cada vez mais, a regras de conforto e de higiene. Ocorrendo, inicialmente, nos centros urbanos europeus, este processo espalhou-se pelos demais países, nas mais diversas camadas sociais, dentro de suas possibilidades, interesses e limitações.

³ O espaço compreendido como um *lugar praticado*, como em Certeau (1994, p. 202).

Giddens (1991, p. 27) reflete sobre as alterações ocorridas no período Pós-Revolução Industrial (ao qual ele denomina Modernidade), recorrendo à noção de espaço-tempo, no sentido de que artefatos e costumes gerados em uma determinada cultura passam a ser “transpostos” para culturas diferentes. Segundo o autor, isso permite a um lugar ser penetrado e moldado em termos de influências sociais que dele estão distantes, questão central quando se avaliam mudanças nos costumes, inclusive nos padrões de consumo.

Similarmente, e reforçando as possibilidades dessas “transposições” culturais, a noção de tempo é modificada de forma marcante na contemporaneidade – ou seja, no tempo em que estamos inseridos, no tempo social e tecnológico que nos cerca, com suas possibilidades e limitações –, pois o processo de aceleração da comunicação, assim como da produção de objetos, dispersa entre os vários continentes, permite o “trânsito” mais rápido, tanto de informações como de objetos, conduzindo a uma intensificação do processo apontado por Giddens (1991) e a uma espécie de entrelaçamento (em diferenciados níveis) de diferentes culturas nas quais eles se inserem⁴. As distâncias são, assim, comprimidas.

Medrano (2000, p. 111) vai ao encontro de Giddens (1991), afirmando que:

[...] pensar o *habitat* humano, hoje, exige uma reflexão madura sobre as questões que envolvem a realidade (ou as realidades) delimitante

⁴ Cultura, aqui, pode ser vista no sentido de Geertz (1989), que considera o ser humano como um animal ligado à teia de significados que ele mesmo teceu. Nesta perspectiva, indivíduos de culturas diferentes percebem/enxergam o mundo a partir dos elementos trazidos em sua bagagem (herança) cultural, da teia de significados tecidos no seu grupo. A visão do autor considera, ainda, que a mesma é dinâmica, em permanente construção, indo ao encontro do entendimento de Canclini (1983) que evidencia não apenas o fato da cultura representar as relações sociais, contribuindo para a reprodução, mas levar a transformações, reelaborando, por meio da produção de significados distintos e relações diferenciadas, as estruturas sociais. Moles (1971, p. 12) afirma incluir a cultura “todo um inventário de objetos ou serviços que levam a marca da sociedade, que são produtos do homem e nos quais ele se reflete”. Moles (1972) destaca o caráter da vida cotidiana que, no sentido aqui apontado, serve como museu individual permanente de nossa cultura pessoal. Também trazemos a definição de Melucci (2004, p. 38), que acrescenta algo às demais: “a cultura é o universo simbólico que contém os gestos, as ações e as palavras, com os quais é possível definir as experiências fundamentais da falta, isto é: o limite, a morte e a alteridade”.

do espaço contemporâneo. [...] São novas estruturas sistêmicas que buscam a reorganização do território frente às particularidades de nosso cotidiano: dinâmico, impreciso, imprevisível.

É dessa realidade espaço-temporal que emerge o nosso tema de estudo. As alterações na família e nos ritmos de vida no espaço urbano, originando certa compressão espaço-temporal, bem como a intensificação da circulação de objetos, refletem-se na diversidade de estilos de habitar, nas formas de vivenciar o espaço doméstico e os objetos que o compõem. Estes são elementos essenciais daquilo que buscamos, ou seja, *compreender como homens e mulheres, nas diferentes faixas etárias e pertencentes a diferentes agrupamentos familiares, participam da configuração dos arranjos espaciais domésticos, vivenciando os espaços, escolhendo-os e utilizando-os, bem como os objetos ali colocados*. Consideramos ser este uso o que lhes dá vida, conformando-os, e conformando igualmente quem os experiencia, sendo a casa, neste sentido, uma construção humana.

A pergunta que orienta a presente pesquisa é a seguinte: *O que pode ser entendido como determinante na escolha de espaços e objetos preferidos, no interior da casa, pelos membros de diferentes composições familiares de camadas médias, neste início de séc. XXI? Como tais espaços e objetos são vivenciados e significados? Quais os valores que permeiam as escolhas dos moradores?*

De forma mais detalhada, procuramos responder efetivamente às seguintes questões: Qual o significado da casa, para as pessoas entrevistadas? Que modos de habitar os espaços da casa, cotidianamente, se destacam junto ao grupo estudado? Que critérios/necessidades levam as pessoas a preferir (e mesmo construir/ocupar ou modificar) determinados arranjos espaciais, na casa, e quais são esses arranjos? É possível identificar, nos arranjos espaciais, a expressão de identidade individual ou grupal das pessoas? Que elementos têm uma maior disseminação/reprodução no grupo social investigado, na construção/escolha dos arranjos espaciais e objetos entre os diferentes membros da família, em termos de sexo, idade, e mesmo entre os diferentes arranjos familiares? É possível falar em formas de morar homogêneas e/ou homogeneizantes? Quais os objetos mais importantes para as pessoas, em seu universo privado? O que eles significam para essas pessoas?

A pesquisa busca compreender o movimento, as tendências, a atualização, elucidando os diferentes modos de vivenciar os espaços nas moradias, consideradas como as unidades domésticas que têm uma composição sociomaterial, ou seja, que inclui uma construção (casa ou apartamento), tendo ao menos uma pessoa que a habite, no sentido de desenvolver funções, como: dormir, preparar alimentos e consumi-los, descansar, entreter-se, comunicar-se, etc., e que seja arranjada por objetos que permitam o desenvolvimento dessas atividades, investigando ainda como se constrói a relação das pessoas com os espaços e objetos preferidos.

Realçamos que embora o título abranja o tripé “*design*, sociedade e cultura”, o estudo busca aprofundar as questões socioculturais que subsidiam a reflexão sobre as possibilidades e alternativas de se fazer *design*, estando a teoria que o fundamenta não no campo do *design*, mas nos demais. Avançamos, assim, para as áreas fronteiriças buscando ampliar as possibilidades de compreensão do *design*, sem adentrar na discussão sobre a existência ou não de uma “teoria do *design*” mas, antes, reconhecendo a necessidade de compreensão de elementos de diferentes áreas.

Para tanto, pesquisamos diferentes arranjos familiares, sejam eles: *composição nuclear* (composta por pai, mãe e ao menos um filho); *pais e mães que criam seus filhos sem a presença de um parceiro*; e *pessoas que vivem sós*. Tais indivíduos são de camadas médias e vivem na cidade de Curitiba (PR).

A hipótese de base foi a de que as preferências pessoais vão se estabelecendo e os espaços vão sendo arranjados com base na escolha e disposição dos artefatos, moldados conforme o interesse e as possibilidades de quem os utiliza, considerando a noção de utilidade que têm como, igualmente, pela necessidade das pessoas se sentirem parte de um determinado grupo. Nesse sentido, garantem certa homogeneidade na repetição de elementos comuns àquele grupo de pertença.

A tese adota, ainda, uma visão construtivista, ao considerar que os objetos não são apenas construídos pelas pessoas, mas igualmente as constrói, e essa abordagem está baseada em contribuições de um grupo de autores que estudaram temas semelhantes ou afins, a serem apresentados no Capítulo 1.

Acreditamos que a vivência vai reelaborando, intensificando ou transformando o sentido das coisas: memórias, afetos, histórias de vida, traumas, relacionamentos, momentos vividos; tudo vai se associando na escolha, composição e uso dos artefatos e espaços, na busca por um reconhecimento de si no espaço construído, por sentir-se bem.

No entanto, como pessoas diferentes, vivendo sós ou compartilhando um mesmo teto, constituem, se apropriam e significam esses arranjos e objetos? Considerando que sociedade e artefatos modificam-se contínua e mutuamente, buscamos estruturar um olhar para resgatar, a partir dos arranjos dos locais da casa e dos objetos em seu interior, para além das questões práticas ou utilitárias, algumas das dimensões simbólicas – como os sentimentos de pertença, de construção de identidade, valores, enfim, por meio dos quais procuramos identificar traços comuns a um grupo. Essa aparente ambigüidade de ter como objeto dois elementos distintos, sejam eles os arranjos e os objetos preferidos, desfaz-se em nossa perspectiva, pois os espaços habitados, mobiliados, preenchidos e vividos não se completam sem os artefatos ali depositados, assim como esses existem para o desenrolar da vida cotidiana.

O interesse por este tema explica-se pela nossa formação em *design*. Segundo o *International Council of Societies of Industrial Design* – ICSID (2006), organismo internacional de classe, o *design* é uma atividade criativa que objetiva estabelecer as qualidades multifacetadas dos objetos, processos e serviços, e seus sistemas no ciclo de vida completo. Ainda, para o ICSID, o *design* é o fator central da inovação humanizada das tecnologias e o fator crucial das mudanças culturais e econômicas.

Para reforçar o nosso entendimento do sentido do *design*, utilizamo-nos de Branzi (1993) quando afirma estar a sua força na sociedade atual arraigada na necessidade das pessoas de diferenciar-se umas das outras. Evidencia o autor a importância de que cada objeto seja alternativo aos que o cercam, para que tenham sentido, ou seja, tenham um valor distintivo, que adquira eficácia por meio do *design*.

Entender melhor os artefatos voltados ao ambiente doméstico pressupõe melhor entender a vida cotidiana, o universo da casa, o arranjo dos

espaços, o morar, no intuito de levantar elementos que possam ampliar a base de conhecimento sobre a qual se dão as definições de estratégias de intervenção projetuais. No campo do *design industrial*, e mais especificamente nas atividades junto à academia, tais como a pesquisa e o ensino de disciplinas voltadas ao Projeto de Produto, o entendimento de quais são os espaços e artefatos preferidos pelas pessoas e de como os mesmos são arranjados e vivenciados em suas casas, bem como os diferentes modos de habitá-los e significá-los, representa uma fonte importante para a concepção dos projetos⁵.

Levar ao campo do *design* a discussão sobre a importância de um entendimento da dinâmica sociocultural e de respeito às necessidades dos indivíduos, por meio da compreensão do valor e dos significados atribuídos aos espaços e objetos, no que concerne à concepção de objetos e espaços na e/ou para a casa, é o objetivo central de nossa pesquisa. Nosso intuito é levantar elementos para refletir sobre as possibilidades de desenvolvimento de projetos coerentes com a realidade que os produtos que resultem desses projetos possam ajudar a produzir, reproduzir ou modificar.

Nossa intenção é, ainda, compreender os processos de mudanças nos modos de vida nos interiores domésticos, embrenhando-nos nesse território de modo a levantar subsídios auxiliares ao campo do *design*, sem procurar soluções prontas e únicas, mas levantando elementos a serem pensados na articulação dos projetos. Sendo o *design* uma atividade interdisciplinar por excelência, o *designer* assume uma postura paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que cria, ao projetar artefatos para o cotidiano, reproduz os signos dos grupos sociais para os quais focaliza sua atividade, interferindo e sofrendo interferências destes em seu processo criativo e/ou projetual.

A questão da cultura material, enquanto objeto de estudo, sempre nos atraiu; contudo, entender a imaterialidade que ela carrega consigo pareceu-nos um caminho importante a ser trilhado. Nossa intenção foi caminhar no sentido de auxiliar o processo de busca por alternativas de projetos voltados ao morar que

⁵ Ao falarmos de espaços mais significativos, não estaremos dizendo que as pessoas habitam de forma confinada esses espaços, que são limites territoriais que impedem o contato, ou que impedem o acesso (e mesmo a preferência) a outros espaços, na casa ou fora dela. Apenas buscamos compreender como se configura o morar, o sentir-se bem.

favoreçam a integração, buscando auxiliar as pessoas a se sentirem bem e se identificarem; facilitar os fluxos, resgatar pensamentos positivos, ou seja, promover um *design* mais integrado, mais consciente, com alternativas fundamentadas em um maior entendimento da sociedade, a partir da esfera privada, mais especificamente do espaço doméstico.

Buscamos entender como esses arranjos espaciais são constituídos, não tanto em seus limites (portas, janelas, paredes, elementos arquitetônicos), mas "dentro" (móveis, artefatos de comunicação, artefatos em geral), a partir do consumo e da disposição dos elementos, bem como das vivências e alterações. Entender, ou balizar nosso entendimento sobre a importância da forma, da cor, da paisagem, da textura, da luminosidade, mas igualmente traçar uma compreensão sobre o papel das emoções, da história de vida, do pertencimento a um grupo, das raízes.

Os espaços e artefatos do cotidiano – eleitos e construídos em diferentes contextos – nada mais são do que construções sociais, encarnando, portanto, valores culturais.

Medrano (2000), p. 118) fala-nos que:

O homem, em suas manifestações coletivas ou individuais, cria a cada dia a sua própria história – imprevisível e surpreendente – mas acima de tudo, atenta a transformações ligadas à vida, ao tempo, ao espaço e a seu próprio conhecimento. Em relação à habitação, são “novas formas de viver” que, invariavelmente, afetam nossas formas de morar.

Nesse sentido, espaços e artefatos são espelhos das sociedades que os criam, recriam e os utilizam, reproduzindo modos de vida, hábitos, e modificando, por meio da utilização de diferentes táticas e estratégias – emprestando aqui os termos utilizados por Certeau (1994) – essas mesmas sociedades, em suas diferenças de interesses, ideologias, de poder de consumo, idade, sexo, raça, etc.

Acreditamos que a constituição da casa fala muito sobre os interesses e as condições da família⁶, revelando/expondo (ou mesmo procurando esconder) as

⁶ Bourdieu (1996) afirma estar a definição dominante de família alicerçada em uma constelação de palavras como casa, domicílio, lar e que os termos acabam, de fato, por construir a realidade social.

crenças pessoais, a cultura, as origens, as condições, os "gostos"⁷, certamente balizados pela história de vida de cada um, sendo, por conseguinte, as escolhas ou preferências também produto das relações sociais.

Partimos da evidência de que os indivíduos, no decorrer de suas vidas, estabelecem não só com outros seres, mas também com os espaços e artefatos, relações de tipos diferentes. Essas relações têm a ver tanto com o prazer e as emoções, sejam elas superficiais ou profundas, como com as memórias e os afetos, até mesmo com os sentimentos relacionados ao consumismo, como o desejo.

A compreensão dos arranjos espaciais, enquanto espaços do coletivo, do convívio com a família ou de receber amigos, mas também como espaços pessoais⁸, íntimos; a compreensão do que seja público ou privado, na casa; a confirmação (ou não) de certa tendência recente de interiorização nas casas; o uso restrito ou compartilhado de espaços e artefatos; as atividades desenvolvidas, envolvendo por vezes negociações dos usos, com certa "demarcação" de território; a circulação freqüente (ou não) de bens, as mudanças e substituições, e as relações que se estabelecem entre as pessoas, entre elas e os espaços e os objetos, são trazidos à tona, construídos.

Levamos em conta as diferenças em termos de vivências culturais, que acabam conformando espaços para as mesmas funções distintamente ou diferentes espaços para situações de usos semelhantes. Temos consciência, ainda, de que não somente as questões socioeconômicas e culturais, mas, igualmente, as geográficas, sobretudo climáticas, também interferem nos hábitos e costumes, que se modificam (ainda) com o passar do tempo⁹.

⁷ Considerando que o gosto é construído no *habitus*, nas disposições aprendidas (BOURDIEU, 1979).

⁸ A ambivalência entre o coletivo (social) e o individual é parte do processo. Acreditamos que também a individualidade é definida pelo *habitus*, conforme Bourdieu (1983).

⁹ Nas conversas informais sobre a pesquisa, foi levantada a questão da existência, em Porto Alegre, de um pátio ou de um espaço "fora das casas", e de sacadas, nos apartamentos, para se tomar o chimarrão, afetando o padrão de construção dessas moradias, sendo tais espaços uma necessidade de um grupo específico. Da mesma forma, e comprovando a existência de especificidades regionais, uma conhecida baiana ressaltou ser o jardim das casas, no interior da Bahia, uma espécie de "sala de estar". Outros depoimentos nos foram dados, mas trazemos apenas esses, a título de exemplificação.

De maneira mais sintética, perseguimos o seguinte objetivo geral:

- Trazer para o campo do *design* a discussão sobre a produção de espaços e objetos como uma produção de ações e modos de vida, bem como sobre a importância de um entendimento da dinâmica social e de respeito às necessidades específicas de cada um dos grupos, no que concerne à concepção de objetos e espaços na e/ou para a casa.

De modo mais detalhado, perseguimos especialmente os seguintes objetivos:

- Identificar os significados inscritos nas preferências por arranjos espaciais e objetos, nos interiores domésticos, em representantes das camadas médias curitibanas, neste início de século XXI.

- Identificar os arranjos espaciais domésticos preferidos e como eles são vivenciados e significados pelos diferentes membros de famílias de camadas médias curitibanas, em suas diferenças etárias e de composições familiares.

- Identificar os objetos preferidos nos interiores das casas e o que os torna importantes para cada um dos membros dessas mesmas famílias.

A motivação central para fazer este trabalho no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas/DICH da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC foi justamente a perspectiva de entrar em contato e interagir com as diversas áreas das Ciências Humanas, em especial com a Sociologia e a Antropologia, buscando elementos teóricos capazes de alicerçar a discussão proposta, visto ser essa uma deficiência, em termos de formação, no campo acadêmico do *design*.

Embora para o *design* a estética seja elemento central quando se projeta algo, juntamente com a funcionalidade, a ergonomia, entre outros, e a tecnologia (que é igualmente parte do sistema sociocultural) propicie os meios para a concretização da atividade projetual, não são necessariamente estes os fatores indutores do consumo, de forma independente. As razões para as escolhas, consumo e uso dos artefatos podem não corresponder aos motivos "racionais" que levaram determinado produto a ser projetado de uma maneira específica, ou seja, para além dos aspectos técnicos e de uso, aspectos

subjetivos¹⁰ podem compor essas escolhas, sendo necessário compreendê-los melhor, em termos de valores percebidos pelos seus usuários, com seus desejos e necessidades.

Muitas vezes, produtos são alterados (adaptados), no uso. Várias são as situações em que algumas das funções para as quais determinado produto foi desenvolvido são ignoradas, ou, ainda, eles são utilizados para funções diferentes daquelas para as quais foram desenvolvidos. Isso pode ocorrer intencionalmente ou até mesmo por uma falha na comunicação do produto, que não deixa clara a sua função, levando-o a ser até mesmo deixado de lado ou descartado praticamente sem uso.

A escolha do cotidiano no espaço doméstico deu-se por ser esta a questão normalmente trabalhada no campo do *design*, numa perspectiva de conhecer como se dão as atividades práticas, avaliando-se as necessidades em termos de espaço e movimentos. Insistimos, porém, que tais fatores são importantes, mas não suficientes, ao desenvolvimento de projetos voltados ao morar.

O nível de interdisciplinaridade buscado é o de fazer uma aproximação do campo das Ciências Humanas com a atividade projetual. Na atividade de projeto, a preocupação com os indivíduos participantes do grupo ao qual um produto é direcionado existe, certamente, mas uma busca sistematizada para entender as diferenças e semelhanças, rupturas e continuidades que não se dão exclusivamente em função das diferenças econômicas (captadas por meio do consumo), ou seja, o entendimento das características e necessidades a partir dos modos de vida, não costuma ser feita. Isso ocorre seja por uma questão de custos, por falta de tempo, por falta de “ferramentas” de auxílio à análise, ou ainda pela pouca importância dada à questão, sendo aplicada ao projeto uma forma mais intuitiva de conhecimento sobre as variáveis socioculturais¹¹.

¹⁰ Subjetividade referindo-se aos aspectos impalpáveis da realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano, passíveis de serem captados individual ou coletivamente.

¹¹ Ono (2004) discute como se tem dado a prática do *design* industrial, diante da questão da diversidade cultural, no que tange aos requisitos simbólicos, requisitos de uso e requisitos técnicos dos produtos, salientando a importância do papel do *designer* industrial no desenvolvimento de produtos para a sociedade, principalmente inserido no processo de globalização. Discute, ainda, a necessidade de que esse profissional assuma a sua co-

Essa intuição exige, porém, uma reflexão mais abrangente, havendo necessidade de que os profissionais do *design* passem a discutir a forma como eles – *designers* – se inserem na sociedade, tendo consciência de sua possibilidade de modificá-la ao lidar com o arranjo de espaços por meio dos artefatos e, ao assumir uma postura mais consciente em relação ao seu lugar social, de se modificar.

A existência de pouco material sobre o assunto no campo do *design*, e de estudos enfocando essa realidade no Brasil, assim como a falta de alternativas de projetos compatíveis com a dinâmica social, seja a partir das transformações ocorridas na casa, com base no desenvolvimento de novas tecnologias, seja pela estrutura familiar, que se modifica ao longo do tempo, ou mesmo pela avaliação do tamanho dos imóveis que diminuem a passos largos, levando as pessoas que compartilham de um mesmo espaço a disputá-los, indicam a importância de enveredarmos por esse caminho.

Acreditamos com isso que, mais do que mudar a prática do *design*, poderá ser aberto um caminho de pesquisa e de atuação profissional ampliado para além da abordagem centrada na questão econômica, no viés da sustentabilidade, ou na escassez de recursos naturais, adentrando nos espaços dos indivíduos, para, ao identificar elementos que não são visíveis (mas que nem por isso deixam de ser importantes), poder desenvolver alternativas de projetos.

Portinari (1999, p. 78) comenta com propriedade este tipo de limitação:

Ora, se é legítimo afirmar que o universo do *Design* é povoado por objetos e imagens que são trabalhados, avaliados, concebidos, produzidos ou reproduzidos, no campo subjetivo, podemos dizer que o *designer* lida constantemente com o imaginário, em todos os níveis de sua atividade. Todavia o corpo de conhecimentos que fundamenta a sua prática não conta ainda com uma reflexão teórica sistematizada que permita abordar esse aspecto fundamental de seu campo.

responsabilidade pelas implicações trazidas pelos produtos industrializados – uma vez que participa do desenvolvimento de conceitos e suportes materiais, que influenciam as relações simbólicas e as atividades das pessoas. O estudo enfatiza que o *designer* deve buscar respeitar e conhecer com profundidade as características e as necessidades fundamentais das pessoas, com vistas a contribuir, por meio do desenvolvimento de produtos, para a melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo.

Da mesma forma, é ainda incipiente a discussão de base sócio-antropológica no *design*, sendo o caminho a percorrer infinitamente maior do que o já percorrido, em especial no caso brasileiro, contexto do qual temos maior conhecimento.

A constatação de que um artefato – com tudo o que implica seu desenvolvimento e aceitação/incorporação aos modos de vida – pode modificar relações, espaços, hábitos, formas de fazer, refletindo toda uma visão de mundo e conduzindo a mudanças nos hábitos e costumes de uma geração. Poderá, também, contribuir para provocar reflexões sobre o sistema de inovação no sentido de uma ação mais consciente, de uma melhor valorização do humano que se esconde, para a indústria, sob o papel de usuário/consumidor.

O *designer*, enquanto uma espécie de intérprete das necessidades materiais humanas, é também intérprete do mundo. Será somente refletindo sobre o mundo ao qual pertence e sobre a própria identidade que poderá alterar o entorno. Para tanto, precisa transitar em diferentes campos (característica essencial a diversas áreas), compreendendo a realidade social na qual estão inseridos seus projetos, na busca por harmonizar os distintos elementos, concretizando-os em artefatos para um determinado grupo social. Nesse sentido, é preciso conhecer os padrões, ter referências, ter claro que as preocupações ergonômicas, estéticas, ecológicas e produtivas são essenciais (mesmo se não suficientes).

Os resultados do presente trabalho, tanto da pesquisa teórica e documental, como da pesquisa empírica, foram reunidos em capítulos organizados em duas partes. A Primeira Parte consta do Capítulo 1, no qual sistematizamos as teorias que servem de suporte às análises, e do Capítulo 2, descrevendo o recorte geográfico da pesquisa, os arranjos familiares pesquisados e o processo de entrevista, o perfil dos entrevistados e o papel das imagens no trabalho, ou seja, a metodologia utilizada.

A Segunda Parte, por sua vez, focaliza os arranjos domésticos e objetos em seu interior, estruturando-se em dois capítulos. O Capítulo 3 aborda a importância dos arranjos espaciais, realçando as mudanças na estrutura familiar e os novos usos dos espaços, e faz uma análise dos mesmos a partir dos espaços

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

de representação, de convívio, de intimidade e de serviços e higiene, finalizando com uma discussão sobre os arranjos espaciais preferidos. O Capítulo 4 aborda os objetos significativos, buscando compreender as escolhas dos seus usuários com base nos atributos simbólicos, de uso e estéticos, e ainda a produção de objetos como uma concepção cultural, ressaltando a interação entre tecnologia e sociedade.

Por fim, procuramos, a partir do exposto, traçar algumas conclusões no item Considerações Finais.

1 ABORDAGENS TEÓRICAS: UMA REVISÃO DE VÁRIOS AUTORES QUE APONTAM NUMA MESMA DIREÇÃO

O objetivo deste capítulo é identificar os elementos teóricos, relativos aos arranjos espaciais domésticos e objetos em seu interior, que de alguma maneira orientaram nossa pesquisa e a interpretação dos dados. Para tanto, e visando facilitar a compreensão, procuramos estabelecer alguns blocos de elementos e conceitos centrais, mas esclarecemos terem os mesmos aparecido tão estreitamente interligados na pesquisa, que nem sempre a separação foi possível. Vários foram os autores que fizeram parte de nossas leituras, inspirando e possibilitando estas abordagens teóricas que apóiam e possibilitam as análises aqui propostas. Salientamos que cada uma das idéias aqui apresentadas por meio dos autores são datadas, escritas em um determinado contexto espaço-temporal, e como tal precisam ser compreendidas.

Emerge, a partir deste quadro de referências múltiplas, uma constatação de fundamental importância: recorremos a teóricos de áreas ou mesmo correntes distintas, fazendo uso, no entanto, dos pensamentos que se coadunam, se interpenetram, ou ainda se complementam, auxiliando a compreensão buscada.

Recorrer a uma mescla entre autores bastante conhecidos e reconhecidos e autores de menor peso acadêmico cuja produção é recente foi o recurso utilizado em função destes últimos fazerem uma aproximação maior com o nosso objeto de estudo, de forma a enriquecer a análise. Salientamos não ter sido nosso interesse traçar distinções ou ordenar as visões, estabelecendo hierarquias.

Na primeira parte do capítulo, apresentamos um panorama dos estudos e abordagens sobre as casas, em sua historicidade, evidenciando a construção de um entendimento do que seja casa em nossos dias, e sobre os objetos, com o objetivo de salientar, dentre as linhas com as quais entramos em contato, nossas opções.

Na segunda parte, apontamos o processo pelo qual espaços e objetos interferem na vida das pessoas, mediando as relações tanto simbólicas quanto

práticas. Pretendemos argumentar, por meio deste item, que quando desenvolvemos objetos não estamos apenas trabalhando com materiais, formas, cores, texturas, tecnologias, mas definindo “relações”, ritmos de vida, ações, produzindo e sendo produzidos.

Os significados inscritos nos espaços e objetos são o objeto da terceira parte. Na quarta parte, procuramos relacionar *design*, sociedade e cultura como uma questão interdisciplinar por meio da qual construímos nosso objeto de estudo, acreditando possibilitar uma perspectiva diferenciada que possa auxiliar na busca da melhoria de vida dos indivíduos, sobretudo em seu ambiente doméstico.

1.1 Casas e objetos: panorama dos estudos e abordagens de pesquisa

Sendo a relação das pessoas com os espaços domésticos e com os objetos preferidos o cerne de nossa pesquisa, tratamos, aqui, de apresentar as abordagens mais significativas encontradas no levantamento bibliográfico sobre esses dois elementos centrais.

1.1.1 Casas também são artefatos: espaços domésticos são construções humanas inscritas na história

A casa não é apenas um objeto¹², uma construção material, um espaço demarcado por paredes, portas e janelas restrito à vida individual ou em família¹³, mas engloba outras dimensões, sendo também construção humana e relacional, espaço de encenação e desenrolar da vida perante os indivíduos que nela convivem, compartilhando espaços, e por meio dela se relacionam. Ela é parte do espírito de seus moradores, resgatando sua história, acolhendo seus pertences, e nesse sentido pode ser compreendida como seu ponto de referência e espelho,

¹² Uma casa também não passa de um objeto, afirma Moles (1972). No entanto, comumente o homem fica externo aos seus objetos. O carro é, igualmente, um objeto, mas é mais fácil o compreendermos desta forma, ainda que nele possamos entrar, assim como na casa.

¹³ Para os fins da nossa pesquisa, serão consideradas famílias pessoas que acreditam ter laços de aliança (não necessariamente legais) ou que tenham parentesco, vivendo sob um mesmo teto, a casa ou moradia, domicílio.

sugerindo um modo de vida¹⁴.

Para avançarmos na questão, faz-se importante reconhecer que dentre as sociedades ocidentais, o espaço doméstico, os hábitos e costumes ali desenvolvidos e/ou adotados vêm adquirindo importância como objeto de estudo, existindo várias abordagens possíveis sobre o assunto.

Destacam-se, entre tantos outros, os estudos desenvolvidos na Europa por Philippe Ariès sobre a vida privada. Não poderíamos deixar de considerar, também, algumas referências em nosso país, como Gilberto Freyre (em especial suas obras "Casa Grande & Senzala" e "Sobrados & Mucambos"), Roberto Da Matta; e a coleção coordenada por Fernando Novais, "História da Vida Privada no Brasil".

Visando apresentar alguns dos elementos sobre a casa no sentido de lar, retomamos aspectos históricos considerados centrais para o entendimento da casa ocidental contemporânea, cuja conformação aos moldes hoje conhecidos se origina a partir do séc. XVII. Ariès (1981, p. 184-185) analisa as mudanças processadas ao longo do século XVII, sobretudo na Europa¹⁵, tendo a família começado a se afastar da sociedade, sendo confinada a um local limitado, abrindo espaço à vida particular:

A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo. [...] Já se disse que o conforto data dessa época: ele nasceu ao mesmo tempo que a intimidade, a discrição e o isolamento, e foi uma das manifestações desses fenômenos.

A especialização dos cômodos da habitação, ainda conforme Ariès (1981), surgida inicialmente entre a burguesia e a nobreza, foi uma das maiores alterações da vida cotidiana, correspondendo a uma necessidade nova de isolamento. Com os interiores mais fechados, os criados ficavam nas áreas a eles

¹⁴ Para a compreensão dos diferentes significados que a palavra casa adquire na língua portuguesa, indicamos a leitura de Alves (1997).

¹⁵ Conforme Rybczinski (1999), nesse período, na Holanda, havia uma diferença, em termos de funcionamento, em relação às casas francesa ou inglesa, visto que eram as mulheres holandesas as responsáveis diretas por grande parte do trabalho doméstico, o que contribuiu na busca por soluções voltadas a maior praticidade e comodidade. Além desses aspectos, destacavam-se, na moradia holandesa, conceitos como higiene, limpeza e ventilação, artifício para solucionar a vivência em moradias menores do que as encontradas no restante da Europa.

reservadas. A partir daí, as visitas não aconteciam mais de forma casual, senão com prévio aviso ou convite, constituindo-se todo um código de etiquetas de comportamento.

A respeito do século XVIII, Ariès (1981, p. 186) retoma a questão de terem a reorganização da casa e a reforma dos costumes deixado um espaço maior para a intimidade, sendo a casa “preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos”¹⁶. O gosto¹⁷ moderno pela intimidade se expõe, opondo a casa ao mundo exterior.

Rybczinski¹⁸ (1999), em sua obra "Casa: pequena história de uma idéia", retoma o que apresenta Ariès, afirmando ter surgido, no século XVIII, na Europa, o senso da intimidade doméstica, salientando ser esta mais uma invenção humana, assim como todos os implementos tecnológicos que foram desenvolvidos – acrescidos de uma série de costumes, como comer à mesa, transformar os alimentos naturais em pratos sofisticados, etc., afetando não apenas o ambiente físico, mas igualmente nossa consciência. Para além das mudanças estruturais, da redistribuição dos espaços interiores e do surgimento de uma multiplicidade de peças, afirma Silva (2003, p. 197) modificar-se também o mobiliário, sendo flexibilizado com a adoção de novas formas capazes de passar do decorativo ao funcional, individualizando-se:

Do ponto de vista funcional, a idéia que orientou as transformações na casa foi da gestão dos fluxos: o aquecimento, os odores, a circulação do ar. Buscava-se uma organização racional dos espaços de modo a permitir uma aeração homogênea do todo, e a centralização sistemática da fonte de aquecimento engendrou um novo conceito de arquitetura interior.

Sustenta Roche (2000, p. 31) que o consumo era uma realidade bem

¹⁶ Importante esclarecer que, no período anterior, família, clientes, amigos e criados conviviam no mesmo espaço.

¹⁷ O gosto, conforme Bourdieu (In: ORTIZ, p. 74) refere-se à “propensão e aptidão à apropriação material e/ou simbólica de uma categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras”. Consideramos, pois, que o mesmo é construído a partir de critérios intersubjetivos.

¹⁸ A obra de Rybczinski (1999) nos parece de extrema riqueza para a construção da história da casa, a partir da Europa, analisando principalmente a Inglaterra, a França e a Holanda, da Idade Média aos nossos dias, sobressaindo-se no estudo a história das casas de determinados grupos privilegiados em termos de acesso econômico às inovações.

antes da revolução industrial e comercial, que teve início no século XVIII, inseparável da dimensão familiar, cujas despesas se organizavam ao redor do conjunto pais-filhos:

[...] essa coletividade dinâmica na qual se construíam as identidades individuais, principalmente antes da escolaridade ampliada e maciça. Nas despesas, e portanto nas escolhas que caracterizavam a economia do cotidiano, se mesclavam de maneira complexa os fatores de socialização, o cultural e o antropológico e também o social e o econômico, o nível de renda e as distâncias entre as rendas, e a representação dos atores.

Afirma ainda Roche (2000, p. 31) que o consumo das famílias não era apenas o produto dessas condições, mas igualmente uma maneira de se definir e de se comportar, segundo um conjunto de normas de identidades e conforme as regras que eram de responsabilidade das mães de família:

[...] Na realidade, a variação dos comportamentos de consumo era inseparável de uma relação com a renda e os costumes familiares cuja dinâmica apoiava-se ao mesmo tempo sobre a diferenciação e sobre a imitação.

De acordo com Lima (1995, p. 134), em sua trajetória ascendente, a burguesia tomou a família, e conseqüentemente a casa, como fundamento da nova ordem. Dessa forma, os papéis sociais, especializados, exigiram novas disposições espaciais, determinando alterações marcantes na divisão da unidade doméstica, alterada em tamanho, estrutura e função. Visando atender ao crescente individualismo¹⁹, os cômodos separaram-se.

Lima (1997, p. 103) afirma ter sido o processo de domesticidade instalado a partir da separação entre espaço de trabalho e de moradia, determinado pela Revolução Industrial, levando as unidades domésticas a espaços de sociabilidade e permitindo à mulher maior acesso à interação social:

Se ao homem cabia o espaço público, as atividades econômicas, políticas, intelectuais, o trabalho nas manufaturas e no comércio, à mulher foi imputada a responsabilidade pelo espaço privado.

Nesse quadro, afirma Lima (1997) ter sido a mulher “elevada” a anjo

¹⁹ Individualismo no sentido apontado por Dumont (2000), como uma ideologia que valoriza o indivíduo. Opõe-se ao holismo ao negligenciar ou subordinar a totalidade social.

tutelar e guardiã da moralidade e dos bons costumes. A domesticidade, possivelmente uma ferramenta para o controle dos homens sobre as mulheres, foi, em contrapartida, uma forma de as mulheres exercerem maior influência sobre a sociedade²⁰.

Rybczinski (1999) explica ser a domesticidade, mais do que um único atributo, um conjunto de emoções sentidas, relacionada a uma ampla gama de valores que alcança, ainda, diversas esferas:

O conceito de família, a devoção ao lar e a intimidade — ou *Stimmung*, um senso de intimidade provocado pela maneira como um aposento é arrumado e o modo como este arranjo reflete a “alma” de seu dono. Sem dúvida nenhuma, a domesticidade alcança também a própria casa, como espaço incorporador e mantenedor destes sentimentos.

De espaço que condensava o passado e o futuro no espaço habitado, conforme Roche (2000, p. 118), a casa é modificada pelas gerações que se sucedem, chegando a unificar os modos de arrumação. Roche (2000, p. 18) afirma que esse dinamismo teria fundado, na cidade, o conceito de intimidade. O autor vai relembrar, ainda, que o sucesso dessa nova forma de morar mostrava a mudança de uma cultura, com um distanciamento entre o público e o particular, para as classes mais abastadas, assegurando a nova afetividade do casal e da família, não sendo, de qualquer forma, um modelo único.

Lukacz (In: RYBCZYNSKI, 1999, p. 63) afirma terem sido a domesticidade, a privacidade e o conforto, juntamente com o conceito do lar²¹ e da família, as principais conquistas da Era Burguesa.

Sobre os interiores domésticos, por intermédio de Benjamin (1987, p. 266), realçamos a forma encontrada num aposento burguês dos anos 80 do século XIX:

²⁰ Ao estudar a cerimônia do chá, Lima (1997) afirma ter a mulher acolhido no século XIX a nova bebida, destinada nos séculos XVII e XVIII aos espaços públicos vedados a ela, desfrutando, dentro de casa, do que os homens desfrutavam fora dela. Com a crescente industrialização, que disponibilizou novos objetos, teve início o processo de transformação de casa em lar, com investimentos consideráveis, visando ao bem-estar e à comodidade, tornando as casas locais agradáveis para a permanência e confortáveis.

²¹ Miguel (2004) afirma ser o lar a vivência familiar dentro da casa, o aquecimento ou a frieza; o silêncio ou o ruído, o equilíbrio ou a desarmonia. Enfim, o clima espiritual que impera e ecoa nos ambientes da casa.

[...] a impressão mais forte, em meio de todo o “aconchego” que talvez irradie, é: – Aqui nada tens a procurar. – E isto porque não há canto no qual o morador já não tenha deixado seu vestígio: nas cornijas com os bibelôs, nas poltronas com forros monografados, nas vidraças das janelas com transparências e em frente da lareira com o guarda-fogo. [...] o interior burguês obriga seus moradores a adquirir a quantidade maior possível de hábitos. [...] O vestígio que deixara em almofadas e em poltronas, que seus parentes deixaram nas fotografias, que seus bens deixaram em estojos e que às vezes parecem tornar esses aposentos tão superpovoados como os columbários²².

Ariès, Baudrillard, Tuan e Bosi são exemplos de autores que, a partir de diferentes inserções teóricas, afirmam ter a casa burguesa representado a compartimentação dos espaços comuns, o afastamento das pessoas, o confinamento, e a ampliação das relações de poder entre os membros da família, com uma clara divisão de papéis. Para atender às necessidades, a casa burguesa foi normatizada, visando à distinção desta das camadas populares, que, posteriormente, também a tomaram como modelo a ser alcançado, como ela mesma havia feito com o ideal da aristocracia.

Foi no século XVIII que as crianças e a família se constituíram tal como são, como afirma Ariès (1981, p. 188):

Com suas dores e alegrias quotidianas, emergiram de uma rotina elementar para atingir as zonas mais luminosas da consciência. Esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família de século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna.

Habermas (1984) nos fala das alterações nos modos de vida com reflexos nos espaços domésticos, realçando a diminuição, ou mesmo o desaparecimento dos locais de permanência em comum para o homem, a mulher, as crianças e a criadagem, e o aumento da importância dos quartos privados, passando o isolamento do membro da família, no interior da casa, a ser considerado como algo positivo. O autor faz sobressair o valor da casa como mais habitável aos membros, individualmente, mas mais estreita e pobre

²² Espécie de construção sepulcral, comumente com pequenos nichos que se destinavam a guardar urnas cinerárias, à época do Império Romano.

para a família.

“Somos mais livres nos interiores modernos”, afirma Baudrillard (1968, p. 52). Esclarece o autor que isso se duplica num formalismo mais sutil e numa nova moral, na qual tudo significa certa transição obrigatória do comer, dormir, procriar, para o fumar, beber, receber, discorrer, olhar e ler. As “funções viscerais” perdem a importância diante do que irá chamar de “funções culturalizadas”.

Recuperamos Prost (1992) quando o mesmo afirma ser a indagação sobre a evolução material do quadro doméstico uma boa maneira de abordar as transformações que afetam a vida privada no século XX, considerando que a história da vida privada é, em primeiro lugar, a história do espaço no qual ela se inscreve. Realça o autor, sobre as mudanças trazidas aos interiores domésticos com o advento da luz elétrica e, posteriormente, da água encanada, que sua disseminação aumentou o “conforto” dos moradores, acarretando mudanças qualitativas, conduzindo a outra maneira de viver em casa. Similarmente, o aumento das moradias se deu pelo aumento do número de peças, levando à especialização funcional dos aposentos e, assim, criando uma nova configuração do espaço doméstico, onde surge, pelo menos para o povo, o direito de cada membro da família a uma vida privada. Desdobrando-se a vida privada familiar na possibilidade da vida individual.

Assevera ainda o autor (PROST, 1992, p. 94) ter havido uma inversão na relação do indivíduo com a família, destacando que:

Hoje [...] a família não é senão a reunião dos indivíduos que a compõem nesse momento; cada indivíduo tem sua própria vida privada e espera que esta seja favorecida por uma família de tipo informal. E se, pelo contrário, ele se sentir asfixiado por ela? Nesse caso, vira-lhe as costas e vai procurar contatos mais “enriquecedores”. [Antes] A vida privada se confundia com a vida familiar; agora é a família que é julgada em função da contribuição que oferece à realização das vidas privadas individuais.

Bosi (1994, p. 423) comenta ser a família da forma como agora conhecemos restrita ao grupo conjugal e aos filhos, em geral poucos, e que ela inclui cada vez menos parentes, agregados e protegidos, diferente de tempos anteriores, quando a família extensa representava um núcleo de apoio. Afirma

remar a família, nos moldes de hoje, contra a maré de uma sociedade concorrencial, na qual a perda de um dos seus poucos apoios é absoluta e irremediável.

Mudanças profundas, em termos de experiência social, ocorreram no Brasil, nos séculos XVIII e após, devendo-se sobretudo à expansão do capitalismo industrial. Com a Proclamação da República, buscava-se a modernização baseada na industrialização, abrindo-se fortemente a economia a capitais estrangeiros, marcadamente vindos da Inglaterra e dos Estados Unidos²³, juntamente com uma série de elementos culturais associados aos estilos de viver e morar, concentrando-se as mudanças, inicialmente, nos dois grandes pólos, a então capital do país, Rio de Janeiro, e em São Paulo. Necessário recuperar, ainda, que não apenas esse quadro, coincidente com a Abolição da Escravatura, mas igualmente a acelerada imigração, principalmente européia, alteraram os modos de vida, sendo o papel da mulher, que crescia rapidamente, decisivo no processo de mudanças que se efetivava.

Veríssimo e Bittar²⁴ (1999, p. 20) retomam o hibridismo étnico – aqui compreendido como aquele grupo que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida na língua, na religião e nas maneiras de agir – como elemento interveniente na formação do morar brasileiro:

A família brasileira, contingente básico da célula de morar, é um produto da miscigenação branca, índia e africana, responsável por sentimentos perceptíveis e outros sequer imagináveis geradores de seu próprio espaço de permanência, local de realização de toda sorte

²³ A mulher americana, no final do século XIX e início do séc. XX, estando à frente da moradia, em termos de realização de tarefas, começou a clamar por soluções mais práticas e inovadoras, levando ao surgimento de livros e matérias sobre Administração do Lar. A casa pequena não era apenas mais barata, mas mais prática, e engenheiras domésticas como Catherine Beecher pregavam a eficiência e a praticidade nos interiores domésticos, propondo a redução das dimensões das mesmas para que fosse mais prática de ser utilizada e mantida, eliminando a necessidade de grandes deslocamentos para cada uma das atividades (RYBCZINSKI, 1999).

²⁴ No livro de Veríssimo e Bittar, os autores desenvolvem um estudo histórico da arquitetura da casa, evidenciando como nos 500 anos de história do Brasil o espaço da moradia abrangeu-se, resgatando as inúmeras interferências dos povos que aqui viviam, dos que o colonizaram, principalmente as influências portuguesas, e as francesas, com características africanas e índias: “A casa brasileira, do ponto de vista arquitetônico, nada seria sem aqueles que a ocuparam ao longo do tempo com suas necessidades, seus desejos, suas alegrias e tristezas”. (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, Quarta Capa).

de atividades: abrigo, alimentação, educação, trabalho, repouso, religião, lazer, sexo.

Como afirmam Veríssimo e Bittar (1999, p. 24), essas questões acabaram por influenciar os modos de morar no Brasil. Sobre a abolição da escravidão, os autores evidenciam uma das formas como ela alterou o espaço doméstico:

Compactam-se os espaços, pois não há mais o escravo para as tarefas consideradas servis, como recolher o lixo, limpar a casa e seus despejos, que passam para a responsabilidade direta ou indireta da mulher.

Assim, embora seja possível encontrar no Brasil ainda hoje hábitos, formas de vida, relações de poder, demarcações de “territórios”, construções físicas, entre outros, muito semelhantes à constituição das casas burguesas européias; no caso brasileiro isso se dá com certo toque “tropical”.

Mas esse toque “tropical” refere-se a alterações que são fruto das diferenças e miscigenações étnicas e raciais que marcaram com fortes elementos variantes ao longo do tempo o nosso território, dando um contorno diferenciado, embora constituindo-se, basicamente, por elementos que são reflexo da influência dos colonizadores, na maior parte dos lares das classes médias e dominantes. A “casa brasileira”²⁵, logo, pode ser vista como reflexo da nossa própria construção histórica.

Trazemos Rial para exemplificar como, ainda hoje, as mudanças em termos de sociabilidade familiar refletem na casa, bem como salientar as diferentes componentes que intervêm nesse processo. Rial (1992, p. 20), ao comparar, na década de 1990 (em Florianópolis, Santa Catarina), as mudanças decorrentes do fluxo turístico nas escolhas estéticas e representações do moderno, a partir de uma análise dos interiores das moradias de três gerações de pescadores e/ou camponeses de origem açoriana, observa ter havido “uma individualização e uma especialização das funções das peças da casa, que corresponde às alterações da sociabilidade familiar”. Em seu estudo, evidencia a “profunda transformação vivida pela família”, apontando, assim, para o relativo

²⁵ Não nos propomos aqui a discutir sobre a existência de um modelo de casa brasileira, mas tão somente apresentar comentários de alguns autores que se arriscaram a pensar uma casa cuja origem remete à história da colonização brasileira.

hibridismo cultural.

Seja como espaço da exclusão ou inclusão, abrigo, repouso, "ninho", refúgio, ou espaço de lutas de poder, do sossego ou desassossego, dos sentimentos e sensações múltiplas, as casas são espaços onde se desenrolam as mais variadas experiências cotidianas, refletindo, em maior ou menor grau, os hábitos e costumes desenvolvidos e incorporados pelos indivíduos e grupos que a conformaram como hoje a conhecemos, em suas semelhanças e diferenças.

A casa apresenta-se como um espaço/forma que busca estar adequada ao modo de vida de seus moradores e às características climáticas da paisagem onde se instala, representando a necessidade de estarmos situados, afirma Miguel (2004). Possuindo um valor econômico que tem como base a sua localização, os materiais empregados, e assim por diante, representa um invólucro delimitador entre o espaço público e o espaço privado.

Comentar sobre a evolução do espaço de morar, para Veríssimo e Bittar (1999, p. 21), é compreender as transformações da família brasileira, entre vendo que as alterações do papel da mulher na sociedade tornam-se freqüentemente a alavanca dessas transformações²⁶. O tema é, em alguma medida, avaliado por intermédio de Rocha-Coutinho (2006, p. 94) ao afirmar serem conseqüências das transformações a expansão da igualdade em substituição às rígidas posições hierárquicas tradicionais, e uma valorização maior da vida pessoal e subjetiva de seus membros.

²⁶ A título de exemplificação, Veríssimo e Bittar (1999) reforçam o quanto o fato de a mulher (branca, européia ou norte-americana) passar a utilizar o espaço da cozinha vai alterar os materiais de revestimentos, a partir do final século XIX, resultando no desenvolvimento ou apropriação de novos materiais, processos produtivos e mesmo estudos de utilização de espaços e desenvolvimento de tarefas (ergonomia). Os produtos para o setor de serviços passam a ser laváveis e duráveis, com alguma preocupação formal. Com a saída da mulher para o trabalho externo, ela acaba por acumular o trabalho doméstico com o profissional, levando novamente a importantes alterações no setor de serviços, para facilitar o seu dia-a-dia, com a dupla jornada.

Os autores vão se referir a uma mudança no espírito da cozinha, da idéia de uma mulher-mãe e dona de casa que cuida de seus filhos, nutrindo-os adequadamente, o que representava preparar suas refeições com amor (idéia amplamente disseminada e incorporada no Brasil nas décadas de 1950, 1960 e início da década de 1970, entre as camadas médias e altas) a um espaço onde são depositados aparelhos de última geração para preparar os alimentos congelados, na década de 1980: "congelando as relações familiares existentes que não podem ser aquecidas em microondas" (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 115).

Nosso entendimento do termo família conflui com o da autora (ROCHA-COUTINHO, 2006, p. 96), para quem:

As famílias podem ser definidas como unidades de relações sociais e de reprodução tanto biológica quanto ideológica, no sentido de que é nelas que os hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento são transmitidos e questionados. Como espaço de convivência, a família é o lugar das trocas afetivas e de informações e das decisões coletivas, como as que dizem respeito aos interesses comuns, como lazer e consumo.

Reforça ainda a autora (ROCHA-COUTINHO, 2006, p. 96) apresentarem-se a complexidade e discrepância de interesses, necessidades e sentimentos que permeiam a família como elementos a serem considerados para a sua compreensão. A autora se refere não apenas às funções econômicas, ideológicas, reprodutivas e sociais, mas igualmente em suas contradições internas, considerando a família inserida no meio social que a circunda e em um tempo histórico determinado.

Ainda, acerca de algumas das especificidades da casa brasileira, ou seja, da referência não apenas temporal, mas histórica e geográfica, trazemos Da Matta (1997, p. 97) que, ao introduzir seu livro "A Casa & a Rua", encaminha o leitor para dentro da casa/livro, convidando-o para que entre nos quartos e percorra os corredores.

Que visite as varandas e veja a paisagem de alguma janela. Que fique realmente à vontade e possa sentar-se numa boa e confortável poltrona.

Nesta breve citação estão explicitados modos de vida característicos de uma determinada época, lugar e realidade econômica. Evidencia-se a noção de conforto, da hospitalidade, da importância da vista, da existência de um lugar para o convívio e o lazer como elementos centrais à constituição da casa brasileira, elementos fortemente arraigados na "memória coletiva"²⁷, ainda que não seja a realidade vivida pela maioria da população brasileira, sendo reeditada de diferentes formas nas soluções encontradas entre as diversas camadas sociais

²⁷ Halbwachs (1990) afirma ser a memória um fenômeno social. O termo por ele utilizado, "memória coletiva", dá importância ao individual como uma das perspectivas dentro do coletivo, e esta é a maneira como a compreendemos.

para dar conta de suas moradias. Realça o autor a necessidade de lembrar de uma coisa: de que a casa é brasileira e nela não há apenas regras para o anfitrião, mas existem as normas igualmente para as visitas e que, até mesmo quando da casa não se gosta, isso deve ser dito de forma generosa e educada.

Acreditamos ser esse caráter da convivência e da existência de normas um dentre os aspectos elementares para avaliar a forma como adentramos nos espaços para a pesquisa, e para que se compreenda a moradia enquanto espaço de representação e convívio, e o compartilhamento de espaços por pessoas que, por sua condição humana, são diferentes.

As regras que possibilitam a convivência mais direta e freqüente com menos pessoas confinadas em espaços mais exíguos são reflexos dos “tempos modernos” – regras estas que são também uma construção social, enquanto alternativa para resolver os novos problemas surgidos com a redução dos espaços, a cisão das grandes famílias (que incluíam agregados e tinham suas próprias regras e sistema familiar de apoio) e o compartilhamento das tarefas. Em geral, elas não são bem explicitadas, mas isso não as elimina ou reduz seu valor.

Não só a casa brasileira – a exemplo do que ocorre em muitos outros lugares – vem se modificando, mas também o entendimento da relação dela enquanto espaço privado, privilegiado em relação à rua.

Da Matta (1997) reforça que metáforas, em que a casa se apresenta em contraste à rua, são comuns, abundantes em uma sociedade onde a casa não é simplesmente um local de abrigo de iguais, mas um espaço no qual os laços (de sangue, idade, sexo) e a simpatia constituem algo especial.

Também Freyre (1979, p. 13) nos abre um leque de possibilidades para pensar o espaço doméstico brasileiro, a casa, a morada:

O complexo "casa" está à base do supercomplexo biossocial que constitui o ser brasileiro [...] que já tanto se distingue pelos seus modos de falar, de andar, de sorrir, de amar, de comer, de sentir, de pensar, de jogar futebol, de dançar samba ou outras danças [...] Também pela sua maneira de morar, de residir, de estar ou não estar em casa: outrora um ritual em que o residente respondia ao "oh de casa!" do estranho que lhe batia à porta, acolhendo-o em pessoa ou dizendo da rede em que repousava ou da mesa em que almoçava "Oh de fora!" e "Oh de dentro".

Freyre (1979) revela a importância do estudo antropológico da casa – para que, tomando-se consciência da originalidade dada aos interiores e exteriores domésticos, da sua identidade, possamos traçar um quadro analítico do que somos e temos sido, enquanto povo, com nossas semelhanças e diferenças em relação aos demais e, assim, refletir sobre o que nos tornamos. O que o autor afirma é baseado em seus estudos, que se apóia em casas específicas, datadas, sejam elas a Casa Grande e a Senzala, os Sobrados e os Mucambos. Todavia, uma análise como a que ele propõe pode servir para compreendermos as mudanças nos mais diversos tipos de casas e de brasileiros que nelas habitam.

Santos (2002, p. 40) afirma:

Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade.

Sem diminuir a importância de olhar sobre o que temos sido e vislumbrar para aonde estamos nos conduzindo, ou seja, compreender os aspectos de uma historicidade, de qualquer forma é a casa, enquanto espaço de relações entre as pessoas e entre elas e os objetos na contemporaneidade que nos interessa.

Reconhecemos, no entanto, que esse olhar sobre o que temos sido auxilia a compreender as definições arquitetônicas, a distribuição e a organização dos espaços e objetos que temos atualmente, assim como as vivências, elementos que, juntos, ajudam a identificar como estilos de morar se estabeleceram.

Mas, o que dizer das casas contemporâneas, pergunta Brandão (2002, p. 137):

Se o contemporâneo se define menos por algum repertório composto de uns poucos modos de viver e morar do que pela coexistência de tantos modos oriundos de repertórios distintos, variados, modos mestiços, híbridos, antagônicos, paradoxais até, o contemporâneo bem pode se definir menos por uma maneira de ser do que pela coexistência de todas elas?

Na realidade, a autora nos propõe um desafio: o de identificar alguns

elementos característicos de uma maneira semelhante de habitar o espaço doméstico, em um mundo onde coexistem diferentes formas e entendimentos dos espaços e das relações, ou como fala a autora, “repertórios distintos” que se entrecruzam e interpenetram.

No entanto, uma análise da casa, enquanto espaço de vivências, de relações mediadas pelos objetos, não se constrói somente com algum dos aspectos citados. Ao contrário, é no somatório dos elementos que podemos contemplar a casa em sua complexidade, inclusive em sua relação com o exterior, com as áreas intermediárias, como corredores, jardins e pátios. Realçamos, no entanto, constituir o espaço “dentro” o cerne da presente pesquisa, sendo assim encarado nas descrições e análises.

Como pontuam Veríssimo e Bittar (1999, p. 28):

Casas-grandes, casas térreas, sobrados, palacetes, vilas, apartamentos, conjuntos habitacionais, condomínios horizontais, condomínios verticais, *flats* – enfim, várias formas de morar, porém todas guardando inter-relações semelhantes, mesmo com o passar do tempo, deixando entrever que a sociedade brasileira tem uma face.

Casa, habitação, espaço físico são apenas uma parte da “casa” como a entendemos. Casa esta que tem em sua base uma historicidade, que tem elementos relacionais, que tem uma dimensão social, uma dimensão também da afetividade envolvida; que tem, enfim, dimensões que extrapolam o seu interior ou mesmo o visível que expõe²⁸.

As numerosas relações de interdependência ou de subordinação que permeiam o assunto apontam para a existência de inúmeras possibilidades, transformando um recorte específico, em termos geográficos, socioeconômicos e culturais, em algo primordial para o desenvolvimento de estudos.

²⁸ Apenas a título de exemplificação de como a idéia da casa se estabelece, trazemos um recorte do Diário de Campo, em que uma mãe (entrevistada) contou que sua filha, trabalhando em Paris (à época da entrevista), em uma casa, viajou com a família para um outro país, ficando alguns dias fora, e que ligou para contar que adorou voltar para a “sua” casa. A entrevistada comentou como a necessidade reduz as nossas exigências, pois ela já estava considerando sua casa o espaço no qual reside, como auxiliar, há pouco mais de um mês, e que nada como ter para onde voltar, e encontrar as coisas do jeito que deixou, sem ter que improvisar ou encarar coisas novas a toda hora.

Difícil definir um modelo que sintetize a casa em Curitiba²⁹, ou mesmo um modo de morar curitibano, nessa cidade múltipla em referências culturais, formada por imigrantes vindos de diversos locais; porém, de qualquer forma, é possível perceber que as várias referências culturais “abrasileiraram-se”, no sentido utilizado por Veríssimo e Bittar (1999).

“Vivemos a era dos objetos: quero dizer que vivemos no seu ritmo e segundo sua incessante sucessão. Somos nós que os vemos hoje nascer, perfazer-se e morrer, enquanto em todas as civilizações anteriores eram os objetos, instrumentos ou monumentos que sobreviviam às gerações humanas.”

(BAUDRILLARD, 1986)

1.1.2 O mundo dos objetos: panorama dos estudos e abordagens de pesquisa

As teorias demonstrando o interesse nos objetos, enquanto elemento de reflexão como parte da cultura material no mundo ocidental, são recentes, sendo central o conhecimento dos principais autores que refletiram sobre a questão. O estudo clássico de Veblen sobre as classes trabalhadoras; o de Sombart, sobre o reflexo do esbanjamento ostensivo e o consumo de bens refinados; e o estudo sobre a dádiva, de Mauss, realizados na primeira metade do século XX, encontram-se entre os pioneiros, no campo social.

A partir da segunda metade do século XX, com o aumento da cultura do consumo, surgiram diversos estudos sobre o comportamento do consumidor, destacando-se para fins de nossa pesquisa, dentre os que tivemos acesso, os estudos de Baudrillard sobre o "sistema dos objetos" e sua "crítica à economia política do signo"; e os estudos de Bourdieu, com destaque para a questão da distinção. Os estudos de Moles, constituindo uma “teoria dos objetos”, também são de extrema importância.

²⁹ Na casa curitibana, as referências às quais Freyre e Da Matta fazem alusão não são tão fáceis de se perceber. Deve-se considerar que Curitiba localiza-se ao sul do Brasil, e que tem o clima de instável a frio, a maior parte do ano, o que reflete não apenas nos espaços mas igualmente na forma de ser de sua gente.

Em Moles (1972) encontramos a afirmação de que o consumo de um objeto é uma ocasião de contato humano, evidenciando ser o ato de comprar uma relação do consumidor com os indivíduos que comercializam, em uma relação muito particular que visa reduzir o “vendedor” humano a uma máquina ornamentada por um sorriso, que é um refinamento da impessoalidade.

Sobre a dificuldade em estabelecer parâmetros analíticos para classificar os objetos, que surgem incessantemente, Baudrillard (1968, p. 9) declara:

[...] os objetos cotidianos proliferam, as necessidades se multiplicam, a produção lhes acelera o nascimento e a morte³⁰, falta vocabulário para designá-los. Pode-se esperar classificar um mundo de objetos que se modifica diante dos olhos e chegar a um sistema descritivo? Existiriam quase tantos critérios de classificação quanto objetos: segundo seu tamanho, grau de funcionalidade (que vem a ser a correspondência com sua própria função objetiva), o gestual que a eles se liga (rico ou pobre, tradicional ou não), sua forma, sua duração, o momento em que emergem (presença mais ou menos intermitente e a consciência que dela se tem), a matéria que transformam (quanto ao moedor de café isto é claro, mas quanto ao espelho, ao rádio, ao automóvel? Pois todo objeto transforma alguma coisa), o grau de exclusividade ou de socialização no uso (privado, familiar, público, indiferente) etc. De fato, todos esses modos de classificação podem parecer, no caso de um conjunto em contínua mutação e expansão como o é dos objetos, pouco menos contingentes que a ordem alfabética.

Baudrillard (1986) compreende os objetos como lugares também do simbólico. Segundo ele, existiria uma moral do consumo, baseada em valores "sociais" como o ter, a ostentação e a distinção, sendo a necessidade de acompanhar suas mudanças – cada vez mais efêmeras – passada aos indivíduos como meio para alcançar sua realização. Dessa forma, afirma não ser o objeto consumido “em si”, pela sua utilidade, mas pelo valor-signo que ele representa, pela sua capacidade de diferenciação, de remeter a uma determinada posição, a

³⁰ Saramago (2000, p. 156) afirma: “[...] parte do barro com que modelam agora uma figura provém de outras que tiveram que desprezar e amassar. Assim é com todas as coisas deste mundo, as próprias palavras, que não são coisas, que só as designam o melhor que podem, e designando as modelam, mesmo se exemplarmente serviram, supondo que tal pôde suceder em alguma ocasião, são milhões de vezes usadas e atiradas fora outras tantas [...] barro pisado que também elas são, amassado e mastigado, deglutido e restituído, o eterno retorno”.

um certo *status*. Assim, vigora uma classificação dos indivíduos atrelada à constante renovação do material distintivo (objeto de consumo) e seu respectivo uso.

Para o autor a diferença entre as pessoas ou grupos não se manifesta apenas nos elementos exteriorizados. Dessa forma, o olhar do outro, os estereótipos já formulados em torno de determinados bens e comportamentos tornam-se condicionantes do consumo. Baudrillard (1986) fala do fosso criado entre o ser humano e o ambiente, aprofundado cada vez mais pelo sistema capitalista ocidental, reforçando o fato de se constituir o *design* justamente nesta relação quebrada e dissociada. Destaca ainda ser necessário repensar com a natureza, recriar com ela.

A questão abordada por Bourdieu (1979) busca evidenciar os mecanismos de diferenciação utilizados para reforçar a distância dos grupos sociais dominantes em relação aos demais, assumindo a perspectiva de que o dinamismo dessa “distinção social” não se esgota no conflito simbólico, avançando no sentido de uma produção contínua de novos gostos socialmente diferenciadores, levando progressivamente ao abandono de práticas culturais vigentes, que vão sendo apropriadas pelas camadas “inferiores”. Para o autor, em um sistema global marcado por ambivalências – como proximidades e distâncias, semelhanças e distinções e ainda tensões – as diferentes condições sociais correspondem diferentes “estilos de vida”.

Reforça ainda Bourdieu (2002, p. 144) que a distinção não implica necessariamente em uma intenção de se distinguir:

Todo consumo e, mais geralmente, toda a prática, é *conspicuous*, visível, quer tenha sido ou não realizado *a fim de ser visto*; ele é distintivo, quer tenha sido ou não inspirado pela intenção de dar nas vistas.

Gilles Lipovetsky é um outro autor que vai trabalhar a questão do consumo por meio de sua obra “O império do efêmero”, ressaltando a superioridade das necessidades das pessoas. Ele considera corresponder a multiplicidade de oferta a uma multiplicidade de escolha, sendo as pessoas estimuladas a pesquisar seus gostos, hábitos, personalidade e a investir em si a

partir dessas características próprias, e não segundo a dos outros. Para o autor, não são os processos de diferenciação social responsáveis por comandar o consumo de massa, mas as questões individuais (gostos, hábitos, personalidade). Em nossa perspectiva, consideramos que mesmo as escolhas individuais estão contagiadas, no sentido de receberem influências, pelas questões grupais.

No final da década de setenta e início da década de oitenta, houve uma proliferação de estudos voltados ao consumo a partir de diferentes olhares, destacando-se diversos autores. Citamos aqueles que nos interessam de forma mais direta: Douglas e Isherwood (1979), com o estudo sobre “o mundo dos bens”; Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981), com seu estudo sobre os significados dos objetos; e McCracken (1988) e Miller (1998), analisando a cultura material e o consumo de massa, e a conseqüente circulação de bens. Em função das especificidades, eles não foram utilizados senão perifericamente, ainda que sejam bastante reconhecidos no campo em que cada um deles atua. Optamos por embasar nosso trabalho principalmente nos autores que deram início às discussões, criando conceitos ou evidenciando seu surgimento no curso da história.

As coleções de histórias do cotidiano, escritas no mesmo período, também abordaram esses aspectos relacionados à cultura material e consumo como parte essencial ao desenvolvimento das sociedades ocidentais, auxiliando a compor um quadro para uma análise mais ampla. Surgiram estudos específicos sobre o consumo doméstico e sobre a tecnologia³¹ destinada a esse espaço, seja como crítica a um modelo ocidental que estendia seus limites, seja como uma postura sobre as relações entre os papéis masculinos e femininos, ou ainda vários de seus aspectos, entre eles o social, o histórico e o econômico, em diferentes países e situações analisados.

Ramos (2004, p. 21) evidencia a importância de se pensar sobre os objetos:

No cotidiano, usamos uma infinidade de objetos: desde a televisão até uma roupa. Por outro lado, pouco pensamos sobre os objetos que

³¹ Compreendemos por tecnologia um conjunto de técnicas, saberes e processos capazes de transformar o ambiente em suas dimensões natural, social e humana.

nos cercam. [...] é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas.

Reforça o autor dever ser todo objeto tratado como fonte de reflexão, exemplificando com o tronco de prender escravos, que em sua carga dramática nos permite não somente avaliar o passado, mas igualmente questionarmos os instrumentos de tortura no presente. Similarmente, o copo descartável pode embasar estudos sobre a sociedade de consumo. Ramos (2004, p. 28) declara:

O desafio, portanto, é potencializar o campo de percepção diante dos objetos [...] Aprender a refletir a partir da “cultura material” em sua dimensão de experiência socialmente engendrada.

Nesse sentido, Ramos (2004) vai ao encontro de nossos objetivos, em termos de compreender os objetos associados estreitamente às relações sociais.

Woodward (2001) afirma existirem dois paradigmas centrais para a interpretação dos objetos de consumo: uma perspectiva que busca entender a ideologia³² dos objetos, pelo viés de uma sociologia do consumo (o autor apresenta Baudrillard, Barthes e Bourdieu como alguns dos seus expoentes) e uma segunda abordagem calcada na antropologia cultural, com foco no que as pessoas fazem com os objetos e a maneira pelas quais os objetos se encaixam nas relações sociais, ou seja, as capacidades emotivas e sociais inscritas nos objetos consumidos e utilizados (dentre os autores exemplificados estão Douglas e Isherwood, e McCracken).

Inspirando-nos nas duas linhas, que não são antagônicas, mas lentes diferentes para se observar a questão proposta, as quais por vezes se entrecruzam, buscamos adotar o olhar da interação entre os objetos, as pessoas e os espaços vivenciados, nos interiores domésticos. Para tanto, consideramos dar-se essa interação com base em um sistema mais amplo: o mundo que contempla valores, escolhas, vivências pessoais e coletivas, compreendendo o trabalho como parte da realização pessoal e da possibilidade de acesso aos bens materiais, no qual se encaixa o viés do consumo, sem perder de vista a importância dada ao lazer e às relações sociais, relativos a um tempo e espaço

³² Compreendida como um sistema de idéias e valores que tem curso em um dado meio social. (DUMONT, 2000).

definidos.

Podemos daí compreender a construção do gosto como expressão de um esquema, uma espécie de “esqueleto”, de estrutura de valores e elementos que identificam os grupos sociais (por vezes separando ou unindo pessoas), do qual o consumo é parte intrínseca. Os objetos são encarados, desse modo, como elementos de ligação entre as pessoas, elementos que dão significado às suas relações, servindo como referenciais às identidades individuais e coletivas.

Santos (2002, p. 102) comenta portarem os objetos, em sua realidade corpórea, histórias individuais, iniciando pela história de sua produção intelectual, seja ela fruto da imaginação científica do laboratório ou da imaginação intuitiva da experiência. Ciência e intuição são vistas como componentes de um mesmo processo inovativo.

Realça o autor depender a existência histórica de um objeto da sua inserção em uma série de eventos, aos quais ele relaciona uma ordem vertical. Sua existência geográfica, no entanto, é dada pelas relações sociais às quais o objeto é subordinado, dando-lhe significação, e essas determinam as relações técnicas ou mesmo de vizinhança mantidas com outros objetos, ligados a uma ordem horizontal. Ao afirmar isso, reforça a idéia-matriz de seu pensamento, na qual uma família de objetos tem origem a partir de um elenco de técnicas que a caracterizam, respondendo a um novo sistema de objetos ao surgimento de cada novo sistema de técnicas.

Santos (2002, p. 157) aborda também a questão da idade dos objetos, que pode, em alguma medida, auxiliar-nos a compreender o sentido da valoração dos objetos:

O objeto tem a idade da técnica que lhe deu origem, quer dizer, um objeto cibernético é jovem, enquanto a pedra lascada ou a pedra polida são velhíssimos objetos.

Um objeto antigo pode ser um objeto raro, de grande valor agregado, para alguns, mas pode ser apenas “lixo”, ou restos, para pessoas para as quais não têm significado. Igualmente, objetos “jovens”, tecnologicamente avançados, podem ter grande importância para alguns grupos e nenhuma para outros, pois o significado é construído socialmente.

Baudrillard (1968, p. 83-84) afirma:

O objeto antigo é sempre, no sentido exato do termo, um “retrato de família”. Existe sob a forma concreta de um objeto, a imemorialização de um ser precedente – processo que equivale, na ordem imaginária, a uma elisão do tempo. É isto que evidentemente falta aos objetos funcionais, que existem somente na atualidade, no indicativo, no imperativo prático, esgotando-se no seu uso sem ter tido lugar outrora e que, se asseguram mais ou menos bem o meio ambiente no espaço, não o asseguram no tempo.

Concordamos com Santos (2002, p. 95) quando afirma não serem as mudanças espaciais dependentes exclusivamente do surgimento de novos objetos, mas que, em cada período, ocorre, igualmente, um novo arranjo de antigos objetos. São novas formas de ação modificando o lugar:

Como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar.

Recuperando a questão dos objetos, é difícil falar em uma teoria dos objetos que procure compreender as sociedades sem discutir o *kitsch*³³, motivo de o trazermos à discussão. Tratando-se de um conceito universal, não é, no entanto, palpável, sendo mais fácil demonstrá-lo por meio de exemplos do que de explicações teóricas. O *kitsch* revela-se com todo vigor durante a civilização burguesa, no momento em que ela, “triunfante”, adota o excesso de meios materiais, com grande produção e consumo face às necessidades. Está ligado, portanto, ao exagero. Tendo como noção fundamental a aceleração do fluxo de objetos entre a fábrica e a lata de lixo ou “o berço e o túmulo”, para citar Moles (1971, p. 24), o *kitsch* se espalha pelo tecido social, independente do conhecimento do nome que se dê a ele.

O mundo no qual o *kitsch* se insere caracteriza-se pela mediação, sendo as relações dos indivíduos com o meio social transformadas pelos objetos que as mediam, tomando o lugar das coisas naturais. Como afirma Moles (1971, p. 194):

No sentido ocidental, ser ‘civilizado’ é o mesmo que ter muitas necessidades, e o homem civilizado persegue a adequação dos

³³ Segundo Moles (1971), a palavra *kitsch* no sentido moderno surge em Munique, por volta de 1860, associada ao ato de fazer novos móveis com velhos.

objetos às necessidades no interior de um ciclo sempre renovado, uma vez que novos objetos provocam novas necessidades.

A significação especial na qual se baseia o *kitsch* é da ordem da inutilidade, do supérfluo, opondo-se à simplicidade, adornando a vida cotidiana com ornamentos que servem de decoração. O *kitsch* é, por conseguinte, “uma função social acrescida à função significativa de uso que não serve mais de suporte mas de pretexto”, afirma Moles (1971, p. 26). Ao contrário da obra de arte, o *kitsch* está à altura do homem comum, tendo sido criado pelo e para o homem médio, como elemento acessório sem uma funcionalidade profunda. Esclarecemos não ser nossa intenção aviltar o *kitsch*, mas, antes, compreendê-lo na relação dos homens com as coisas, visto ser um modo estético de relação com o ambiente.

A idéia de que os objetos são também signos nos vem de Moles (1971, p. 13), quando explica:

A forma do prato ou da mesa é a própria expressão da sociedade, objetos portadores de signos assim como as palavras da linguagem, devendo ser considerados também neste sentido.

O signo é, pois, uma forma ou fenômeno que remete para algo diferente de si mesmo. O prato, para além de um objeto, é algo que serve para conter, sendo elemento mediador no ato de as pessoas consumirem alimentos. Nesse mundo de objetos se insere a criação, ou seja, a introdução de formas que não existiam, mas igualmente a produção, ou seja, a “cópia” de um modelo de maneira mais ou menos automatizada, conforme Moles (1971). Realça ainda o autor não ser o consumo – elemento posterior à produção, mas igualmente estimulador dela – algo novo, mas uma forma que foi promovida de um papel trivial a uma significação especial, no século XIX.

Muitos dos objetos artesanais, assim como *souvenirs*³⁴ e *gadgets*³⁵ se adequam ao conceito *kitsch*, que se baseia na ornamentação, no rebuscado, comumente na falta de funcionalidade, na representação de materiais como raramente

³⁴ Objetos característicos de um lugar, vendidos em lugares célebres como lembrança, povoando apartamentos e casas e exercendo influência social quantitativamente considerável, como afirma Moles (1972).

³⁵ Segundo Moles (1971, p. 206), é um pequeno objeto ou acessório de um objeto maior, e pertence à classe dos diminutivos. São “engenhocas”, pequenos objetos/aparelhos de funcionamento mecânico ou eletrônico que constitui uma novidade.

o são (ou seja, um disfarce de materiais, uma simulação de aparência).

Moles (1971, p. 58) define dois grupos de objetos *kitsch*: os *souvenirs* de todo tipo, como algumas construções das quais o Arco do Triunfo é um exemplo, e *artigos para presentes*. Afirmo o autor (MOLES, 1971, p. 67) estar a maioria dos objetos de nosso ambiente nesta segunda categoria.

Moles (1971, p. 89-90) explica o processo por meio do qual objetos, como as peças de porcelana da China, devidamente implantadas nas altas rodas, difundem-se pela *baixa classe média* que aspira, a um preço mais barato, aos mesmos “*potiches* e *mesinhas*”. As grandes lojas, por meio de encomendas desses produtos em grandes quantidades, acabam por realizar o seu sonho, disponibilizando objetos similares, por vezes de menor qualidade, ou por meio de outra forma produtiva às classes que os aspiram, alimentando essas novas necessidades: é o grande centro comercial atendendo às demandas que surgem.

Entender não apenas os aspectos visíveis dos espaços e objetos preferidos, mas alguns dos significados neles inscritos, dentre eles o seu poder de modificar pessoas e relações, é parte importante de nossa pesquisa.

1.2 Espaços e objetos também "produzem" gente

Entender a questão de que o universo humano e o universo material são basicamente diferentes foi resultado das leituras feitas dentro da temática. Para tanto, compreendemos utilizar-se o universo humano conscientemente do universo material, ao desenvolvê-lo, transformando matéria-prima em objetos a serem, em alguma medida, consumidos e/ou utilizados. De forma contrária, o mundo inanimado dos objetos interfere sobre o humano sem a compreensão de seu poder de alterar, de evocar acontecimentos e sentimentos, modificando as pessoas a partir da ação delas sobre ele³⁶.

Para Santos (2002, p. 65):

³⁶ Interessante incursão literária ao poder dos objetos pode ser encontrada em Veiga (1997). Suas histórias versam em torno do poder dos pertences sobre as pessoas, que temem por sua perda, chegando ao ponto de renunciar à sua humanidade e adotar o papel de “coisa” do objeto humanizado. Igualmente interessante, a obra de Saramago (1994), “Objecto Quase”.

Hoje, e cada vez mais, os objetos tomam o lugar das coisas. No princípio, tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam, também, a ser objetos.

Compreender que objetos e espaços – desenvolvidos e/ou arranjados pelos e para os seres humanos, logo, mediadores da ação humana –, também modificam pessoas e relações, é perceber sua característica não apenas de expressar, mas construir identidades, provocando mudanças nos indivíduos e grupos que os utilizam, e, nesse sentido, são partes dos sistemas sociais.

Identidade entendida como o conjunto de traços e contextos que distinguem uma pessoa e por meio dos quais é possível individualizá-la, ocorrendo seu desenvolvimento dentro de um sistema circular com um sistema de delimitações, conforme Merlucci (2004), que evidencia o fato de existir um paradoxo da identidade, o de que a diferença, para ser vivida como tal, supõe certa semelhança. Apoiamo-nos no entendimento de Hall (2003, p. 38-39), que considera a identidade como algo que se forma ao longo do tempo, e não algo inato, e que “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’ [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”. Ressaltamos ainda que os indivíduos assumem diferentes identidades no decorrer de suas vidas e em circunstâncias distintas, quando essas identidades se fazem necessárias para o indivíduo se adaptar às mais diversas situações. Castells (2002) afirma que essas identidades podem originar-se em instituições dominantes, mas somente serão internalizadas se os atores sociais construírem (e compartilharem) o seu significado.

Como nos apresenta Arendt (2001, p. 106):

Essas coisas destinadas ao consumo incessante surgem e desaparecem num ambiente de coisas que não são consumidas, mas usadas, e às quais, à medida em que as usamos, nos habituamos e acostumamos. Como tais, elas geram a familiaridade do mundo, seus costumes e hábitos de intercâmbio entre os homens e as coisas, bem como entre homens e homens. O que os bens de consumo são para a vida humana, os objetos de uso são para o mundo do homem.

Arendt parece querer dizer ser o consumo de alimento e de água tão importante para a sobrevivência do ser humano biológico quanto o uso dos objetos para a sua sobrevivência social. O mercado dos bens é a chave de acesso a esses objetos, assim como a produção é a instância de reprodução de parte significativa dessa cultura material. No entanto, nesta pesquisa, a relação direta do *design* com o mercado é alterada, e o foco passa a ser nas pessoas e grupos estudados, sem deixar de lado o fato de que os indivíduos pertencem a um tempo em que a “aura” estética sobressai.

Se o desejo do novo é, por definição, algo inextinguível, como afirma Sarlo (2004), ele se impõe como um moto-perpétuo.

A possibilidade de nos modificarmos a partir de nossa ação sobre os objetos é um aspecto central da condição humana. Conforme Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 117): "As explorações de como as pessoas interagem com objetos auxiliam a iluminar o processo pelo qual nos tornamos humanos".

Brandão (2002, p. 15) também vai ao encontro do que acreditamos sobre as influências recíprocas, analisando os espaços, afirmando não apenas o fato de os produzirmos como também de sermos produzidos por eles, em especial pelo espaço que nos é mais próximo: o doméstico. Para a autora, somos “impensáveis sem as casas que nos acolheram, nos co-produziram e seguem, a seu modo, engendrando-nos”.

Considera ainda Brandão (2002, p. 94) que, para pensar as casas contemporâneas, é importante iniciar pelas suas transformações mais evidentes: "Novas atividades e novas máquinas combinam-se produzindo novos espaços domésticos", espaços esses que requisitam outras formas de estar em casa.

Para ilustrar suas considerações, a autora recorda ser o entretenimento possível, hoje, em termos de imagem e som, acesso a filmes, e assim por diante, de certa forma, a disponibilização das salas de cinema do mundo, no espaço doméstico, situação difícil de ser imaginada há dez ou vinte anos, diminuindo a oposição (ou, em nosso entendimento, modificando a relação) entre o mundo da casa e o mundo da rua, fortemente presente na obra de Da Matta.

Celso Lafer, em “A Política e a Condição Humana”, posfácio sobre a obra de Arendt (2001, p. 345), comenta ser por meio do trabalho que “o *homo*

faber cria coisas extraídas da natureza, convertendo o mundo num espaço de objetos partilhados pelo homem”, o que explicaria ser o *habitat* humano nitidamente diferente de qualquer ambiente natural, visto que “cercado de objetos que se interpõem entre a natureza e o ser humano, unindo e separando os homens entre si”.

Santos (2002, p. 78) aborda a modificação pela qual passa o homem, quando ele exerce ação sobre a natureza, ou o meio, afirmando que, nesse processo de modificar a natureza externa, ele muda a si mesmo, a sua natureza íntima.

Além dos objetos falarem sobre as pessoas e serem resultado de seu trabalho, tendo ainda como matéria-prima elementos extraídos da natureza, eles (os objetos) são construídos com objetivos, definem usos, incorporam habilidades. Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 1) afirmam, a este respeito:

As coisas com as quais as pessoas interagem não são simplesmente ferramentas para a sobrevivência ou para torná-la mais fácil e confortável. As coisas incorporam objetivos, manifestam habilidades e conformam as identidades de seus usuários. O homem não é apenas *homo sapiens*, ou *homo ludens*, é também *homo faber*, o criador e usuário de objetos [...] objetos também fazem e usam seus realizadores e usuários.

É justamente este o eixo central da perspectiva teórica aqui adotada, reforçando não serem as coisas feitas ao acaso, mas que, ao incorporarem objetivos e conformarem identidades de seus usuários, não o fazem num movimento de mão única, senão sendo modificadas igualmente pela utilização, pela vivência que lhes dá sentido. Isso atribui responsabilidade social a todos os atores participantes da cadeia de desenvolvimento de produtos.

Para Santos (2002, p. 68):

Toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico. Sua reprodução também obedece a condições sociais. Algumas pessoas adotam a novidade em breve espaço de tempo, enquanto outras não reúnem as condições para fazê-lo, ou preferem recusá-la, permanecendo com modelos anteriores.

Lima (1995, p. 130) argumenta na mesma direção, sustentando

poderem ser os objetos compreendidos como “metáforas” utilizadas pelas pessoas para falar sobre relações sociais:

Ao selecionarem e se apropriarem desses artefatos [...], os indivíduos os decodificam, ao mesmo tempo em que ajudam a produzi-los, no ato da sua apropriação.

Dessa forma, os objetos não apenas revelam aspectos da cultura, refletindo-os, afirma Lima (1995), mas são manipulados no sentido da sua construção, por vezes condicionando e controlando a ação social. Podemos enxergá-los, assim, também como ferramentas ideológicas. Os usuários, de alguma maneira, configuram os produtos, sendo participantes diretos no processo de definição dos mesmos.

Ao questionar sobre o lugar da tecnologia em nossas vidas e em nossa sociedade, Bijker (1995) realça interferirem os objetos no comportamento das pessoas, nos modos de vida, podendo alterar inclusive papéis reconhecidos como tradicionais de gênero³⁷. Tecnologia e sociedade, para o autor, são construções humanas, conformando-se a tecnologia não apenas pelas estruturas sociais e relações de poder, mas também pelos aspectos contingenciais que fazem parte da vida dos indivíduos. Chama ainda atenção ao fato de serem as características desses indivíduos também produtos da conformação social, indo ao encontro de Bourdieu (1979), embora este último realce o aspecto da diferenciação.

Recorremos a Benakouche (1999) para inserir um elemento a mais na discussão. Trata-se de um aspecto importante quando posicionamos num mesmo patamar pessoas, espaços e objetos. Buscando responder à questão dos laços que nos unem, ou nos mantêm juntos, em nossos tempos, a autora se utiliza da teoria de Latour (2000), que tem como pressuposto igualar atores humanos e não-humanos na constituição de redes sociais. Esta condição é expressa por Latour com a afirmação de nunca estarmos diante de objetos ou relações sociais, simplesmente (um ou outro), mas diante de cadeias, de associações de humanos e não-humanos, numa espécie de redes híbridas. Isso leva a conjuntos que se assemelham a uma relação social, quando humanos interagem com humanos, enquanto não-humanos interagindo com não-humanos constituem uma máquina

³⁷ Isso foi observado pelo autor em um estudo sobre a difusão da bicicleta (BIJIKER, 1995).

(ou um mecanismo), ambos os conjuntos fazendo parte, sempre, de cadeias mais amplas.

Também Santos (2002, p. 24) avalia a importância dos elementos humanos e não-humanos na construção de um entendimento sobre a técnica:

A idéia da técnica como algo onde o “humano” e o “não-humano” são inseparáveis, é central. Sem isso, seria impossível pretender superar dicotomias tão tenazes na geografia e nas ciências sociais, quanto as que opõem o natural e o cultural, o objetivo e o subjetivo, o global e o local etc.

E é sobre essas cadeias, mais especificamente sobre o meio em que se dão as ações das pessoas mediadas por objetos, modificando não apenas os objetos utilizados mas igualmente quem os utiliza, que se insere nossa discussão, buscando nas ciências sociais subsídios para pensar as questões tecnológicas voltadas ao *design*, mais especificamente ao projeto de produtos voltados aos interiores domésticos.

Na mesma linha de pensamento, ao estudar as transformações nas casas, Brandão (2002) busca entender o que se configura com base numa íntima proximidade entre dois quaisquer, exemplificando serem, os dois, um homem e uma televisão, uma criança e um computador, ou duas pessoas quaisquer ao telefone, comentando ser uma característica do telefone a compressão dos espaços até se tornarem um único ponto sonoramente. Embora não utilize os termos de Latour, a autora parece entender pessoas e tecnologias como atores sociais, em "comunicação".

Ao falar de computadores, Brandão (2002) mostra o quanto as máquinas tornam-se também elas territórios para o desenrolar de situações diversas, tanto quanto as casas que as contêm. Reforça ainda terem sido as disputas pelas "masculinas" salas de fliperamas transferidas para um inofensivo aparelho de videogame acoplado à televisão, inserindo-se, assim, nas discussões sobre as diferenças entre os sexos.

Benakouche (1999) também traz Turkle para a discussão, ao analisar a questão da complexificação da distinção entre o humano e o tecnológico, em seu estudo “A vida no ecrã” (1997), utilizando a noção de *cyborg* como uma entidade que está entre o natural e o artificial, uma hibridação desses elementos.

Avançando na discussão, ao evocar o caráter provocador ou ativador da criatividade contido nos objetos, Turkle (1997) exemplifica com o trabalho de um arquiteto que usa o computador e ultrapassa os limites possíveis sem ele, cujo depoimento “A casa nasce no espaço entre meus olhos e o ecrã” (1997, p. 43), explica como o computador se torna um objeto no limiar entre “o eu e o não-eu”, ou seja, modifica o fazer, a ação, influenciando os resultados, numa espécie de “parceria”.

Sobre certa absorção do tecnológico na produção de espaço, Turkle (1997, p. 30) relata o caso de um estudante que desenvolveu, em ambiente virtual, um espaço de habitação, que foi compartilhado com seus colegas na comunicação em rede. Ele criou um apartamento com divisões, livros, mobília, com uma decoração exuberante, incluindo lareira, poltrona e uma secretária de mogno: “‘É lá que eu vivo’, diz Mike. Mais do que no meu canto encardido na residência universitária. Não há como a nossa casa”.

Turkle (1997, p. 30) reforça a questão afirmando que:

À medida que os seres humanos se confundem cada vez mais com a tecnologia e uns com os outros através da tecnologia, as velhas distinções entre o que é especificamente humano e o que é especificamente tecnológico tornam-se mais complexas.

Ainda que virtual, o espaço construído por Mike contém elementos ricos para análise, e elementos de uma história de vida (valores, interesses, desejos) podem ser compreendidos por intermédio de suas escolhas. Nesse sentido, a transformação do pensamento e dos relacionamentos “grava” um depoimento, por meio dos objetos, sejam eles reais ou virtuais.

Brandão (2002, p. 134) também aborda a questão, ao se referir a um encontro especial que acontece entre casas e homens:

Sem abdicar é claro de uma distinção mínima que não escandalize a razão, se processa um encontro especial. De natureza íntima. Nesse encontro, o que importa não é esse tanto de sobrecodificação humana da matéria (a casa humanizada, ou esta casa tem a sua cara); nem esse algo que poderia ser chamado de síntese do homem e seu *habitat* com as necessidades do homem de um lado e o doméstico desempenhando as funções que as satisfarão, de outro. Esse encontro é especial porque seus elementos produzem zonas de sobreposição mútuas nas quais é impossível discernir o humano do

não-humano, o objetivo do subjetivo ou, dito de outra maneira, a zona de sobreposição mútua é esse lugar de encontro e indistinção entre matéria e subjetividade. [...] É isso que permite afirmar que, a seu modo, as casas produzem homens.

Interessante a postura de Brandão (2002) a respeito de "mestiçagem", uma hibridação entre pessoas e casas, como o *cyborg* de Turkle, neste caso reforçando a importância das zonas de sobreposição entre a matéria (objeto, espaço físico) e o indivíduo (subjetividade). Ao discutir como os espaços interferem na construção dos hábitos, ela nos diz que os banheiros poderiam ser trazidos à casa de forma a privilegiar o coletivo. Afirmo a autora que, se isso tivesse ocorrido, certamente seríamos diferentes, pois, a partir das escolhas feitas, teríamos produzido comportamentos distintos e interações de outra natureza. Questões como essa são importantes para pensarmos os espaços e compreendermos as preferências.

Recuperamos Guattari (1992, p. 158) quando afirma serem os espaços construídos, para além das suas estruturas visíveis ou funcionais, máquinas de sentido, portadoras de universos incorporais, não sendo, todavia, universais, visto só adquirirem significado em contextos culturais nos quais têm valor, "mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização liberadora da subjetividade individual e coletiva", portanto repleto de ideologias e significados. Espaços compartilhados, mas cujas possibilidades são determinadas por quem sobre eles tem domínio.

Humano, não-humano, interação ou integração, procuraremos não adentrar no labirinto conceitual ou filosófico, mas trazer à tona a questão da importância dos atores sociais, considerando os objetos, em nosso estudo, como elementos imprescindíveis à dinâmica social e, principalmente, em seu papel de alterar seu criador e, nesse sentido, também atores. Não de uma forma determinista, mas dentro de uma visão integradora, de reciprocidade, como no caso da casa projetada no ambiente virtual, com o auxílio das ferramentas e modelos disponibilizados. Não pretendemos, de forma alguma, levar a crer no poder da tecnologia sobre o homem, mas na necessidade de ele reconhecer o quanto desconhece dos objetos e meios que manipula e que, assim, torna-se, pelas mãos de seus criadores, bem como dos que os produziram, divulgaram e

comercializaram, e por fim da sua própria, seu “usuário”, por vezes tornando-se deles dependente.

Exemplificamos, apontando o uso dos sistemas computacionais de comunicação, levando adolescentes, jovens e adultos a ultrapassarem a barreira física do sono, deixando muitas vezes de vivenciar a família e dedicar-se aos estudos, inclusive abandonando hábitos de leitura, para se manterem em contato uns com os outros, dentro do grupo ao qual pertencem ou buscam pertencer. Relativo “afastamento” em relação à família, esta bastante limitada e pequena, em número de pessoas, na virada do século XX para o XXI, tendo sido reduzida de forma drástica no espaço de um século, abre espaço a uma qualidade diferente de convívio familiar, mais restrita, pois a família continua a diminuir de tamanho; mas, por outro lado, as inovações tecnológicas abrem a possibilidade de contatos numericamente ampliados, por meio dos novos aparatos tecnológicos.

Resgatamos ainda o fato de poderem ter os objetos, assim como os espaços, um efeito socializador, mas igualmente distanciador. Ao mesmo tempo em que mesas (assim como uma série de outros objetos) unem pessoas, elas impõem distâncias e criam barreiras, como no exemplo dos computadores, influenciando seu proprietário ou usuário: "Cada novo objeto muda a forma pela qual as pessoas organizam e experienciam suas vidas", depõem Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 46) ou, ainda, como afirma Santos (2002, p. 59):

Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcional concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes. Os respectivos “tempos” das técnicas “industriais” e sociais presentes se cruzam, se intrometem e acomodam.

Citamos, a título de exemplificação, o quase abandono total das cartas escritas à mão, substituídas pelo contato telefônico e, mais recentemente, pelas mensagens trocadas por meio do uso do computador. A necessidade de saber cada vez mais coisas, de conhecer outras línguas, e não apenas a falada em seu país de origem; de praticar esporte, para ter a saúde necessária, diferente de um tempo em que a vida diária, no campo, embora difícil, dava conta de manter o corpo em pleno funcionamento, são exemplos de atividades alteradas ao longo da história mais recente.

Esse tipo de mudança nas formas de fazer, acaba por alterar as relações, tornando ainda mais importante compreender o não-humano que media essas relações. Não queremos, com isso, minimizar a importância do desenvolvimento de novos materiais, tecnologias e mesmo processos, mas resgatar e compreender esses elementos como estimuladores de alterações sociais importantes³⁸.

Trazer a questão à discussão poderá auxiliar na reflexão sobre a possibilidade de resgate de uma humanidade em meio aos elementos da cultura material que se multiplicam, sendo aceitos e incorporados, neste caso específico nas questões afetas ao *design*. Para tanto, nossa análise repousa sobre as funções que os objetos e os espaços podem assumir, aprofundadas a seguir.

1.3 Significados inscritos nos espaços e objetos: possibilidades analíticas

Iniciamos este item recorrendo a Baudrillard (1968), quando esse autor afirma existirem quase tantos critérios classificatórios para os objetos quanto a quantidade de objetos que se pretendem classificar, apontando para a complexidade contida nesta intenção.

Os objetos, assim como os espaços das moradias, são feitos de materiais diferentes, em tamanhos variados, com funcionalidades distintas. Podem ser analisados, também, com base no conforto (térmico, visual, tátil, olfativo), adequação ao uso e facilidade ou dificuldade de utilização. Estão ligados a uma condição econômica (o custo para aquisição e ainda a localização, no caso das moradias, etc.), a estilos (clássico, moderno, contemporâneo, citando alguns deles), e à sua aparência, em termos de forma, acabamento, textura, definição dos elementos para denotar robustez, fragilidade, leveza, simplicidade, minimalismo ou certo exagero, dentre outros aspectos. Têm também um tempo de duração (objetos e espaços efêmeros, ou que ultrapassam gerações mantendo sua forma e uso originais), estando condicionados às condições tecnológicas, econômicas e sociais que lhes dão origem ou permitem a sua instalação e

³⁸ A questão pode ser aprofundada, lendo Manzini (1993).

consumo (as casas moduladas, os objetos miniaturizados, etc.). Além desses elementos, o tipo de uso (individual ou compartilhado), a atualização segundo as práticas sociais e modismos, a possibilidade de expor um gosto individual ou constituir uma identidade, entre outros, compõem, juntos, uma tessitura de elementos capaz de inviabilizar qualquer tentativa analítica.

Nosso intuito é, pois, saber, mais especificamente, tomando o que questiona Baudrillard (1968, p. 10), quais os elementos que se sobressaem na análise da vivência dos espaços e objetos preferidos:

[...] como os objetos são vividos, a que necessidades, além das funcionais, atendem, que estruturas mentais misturam-se às estruturas funcionais e as contradizem, sobre que sistema cultural, infra ou transcultural, é fundada sua cotidianidade vivida.

Objetos e espaços estão inscritos de significados diversos e esses significados, por sua vez, têm ligação intrínseca com o desenvolvimento da cultura material, na qual se insere o *design* que, para Denis (1998, p. 29) é, em última análise, um processo de investir os objetos de significados, passíveis de variar infinitamente de forma e função. Conforme Ono (2004, p. 63) compreender os diferentes usos a que se destinam os objetos³⁹ é essencial ao *design*:

A compreensão das funções que os objetos assumem na vida das pessoas, dentro dos contextos socioculturais nos quais se inserem, revela-se como um dos fatores fundamentais para a definição do papel do *designer* industrial, no processo de desenvolvimento de conceitos e suportes materiais que traduzem as necessidades e os aspectos de diversidade cultural dos indivíduos e sociedades.

Vale ressaltar que as várias funções e significados inscritos nos espaços e objetos não se esgotam ao nível da sua utilidade primeira, ou seja, para sanar alguma necessidade prática, utilitária. Essas funções e significados avançam no sentido da sua culturalização, inserindo-se no tecido social de múltiplas maneiras, a serem exploradas e explicitadas na sequência.

1.3.1 Explicitando as diferentes funções

³⁹ Salientamos que os autores, em geral, tratam especificamente dos objetos, mas que retiramos daí subsídios para analisar igualmente os espaços.

Baudrillard (1975) afirma serem os objetos portadores de significações que os valorizam socialmente, portadores ainda de uma hierarquia cultural e social e que a percepção disso se dá pela via da observação de pormenores, como sua forma, material, cor, mas igualmente pela sua disposição no espaço, ou seja, o local que ocupam no ambiente, constituindo um código, sendo, sempre e em toda parte, além de utensílios, os termos e a confissão deste processo social do valor.

Por meio de um exemplo de Denis (1998, p. 29), realçamos como algumas das dimensões destas significações se sobrepõem e intercalam:

Se a única função do relógio é demonstrar a hora, então como distinguir, em termos de funcionalidade, o despertador do relógio de rua, o analógico do digital, o Rolex do Swatch? Evidentemente, entram em consideração uma série de outras funções, dentre as quais podemos destacar o contexto de uso, a comodidade, o conforto, o gosto, o prazer, a inserção social e a distinção. (DENIS, 1998, p. 31)

Realça ainda Denis (1998, p. 33), referindo-se aos artefatos, resultados de um *design* e de um processo de produção, não serem esses significados fixos ou permanentes, podendo ser modificados. Afirma o autor que os significados podem ser transformados e subvertidos, mas nem por esse motivo se esvaziam completamente dos significados que lhes foram imputados em sua criação e produção:

Aqueles significados primordiais, essenciais, têm geralmente o poder de sobreviver a quase tudo, inclusive à destruição das pessoas, da cultura e do contexto que os geraram. [...] Os artefatos possuem, então, diversos níveis de significado: alguns universais e inerentes (as garrafas são feitas para conter líquidos), outros extremamente pessoais e volúveis (papai usava esta garrafa para guardar o seu conhaque especial). De onde advêm esses significados?

De qualquer forma, sejam os significados culturais compartilhados por vários indivíduos (característicos da cultura na qual se insere) ou individuais (marcados por usos ou significações específicas na esfera da família ou indivíduo), algum tipo de apropriação é que lhes dá o sentido. Como afirma Ostrower (1986), “nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma”.

A função prática, ligada ao uso, representa o grupo de funções mais

facilmente identificáveis e ligadas à execução das ações, citadas anteriormente por meio de Denis (1998) como portadoras dos significados primordiais.

Redström (2006) afirma que alguém poderia questionar sobre o que seria o *design*, senão o uso, pois a maioria das coisas de nosso cotidiano é usada de uma ou de outra forma (não apenas em relação a questões práticas, mas igualmente simbólicas, estéticas), o que equivale a dizer que projetar tais objetos significa criar coisas para serem usadas.

Ressalta ainda o autor haver uma diferença fundamental entre projetar coisas para serem usadas e tentar projetar a partir da experiência do usuário. No *design*, a interpretação, a experiência e a apropriação de um objeto são elementos importantes de serem avaliados. Reforça Redström (2006) que precisamos de um fundamento baseado no entendimento do uso como conquista/realização, mais do que como reprodução; e do objeto como algo experimentado/realizado.

Löbach (2001) explica serem os objetos de uso a materialização das idéias, visando eliminar as tensões advindas de necessidades que são eliminadas por meio da ação sobre eles. Mesmo voltados à praticidade, comumente espaços e objetos destacam-se (também) pelas questões simbólicas envolvidas em sua aquisição ou uso, sendo utilizados marcadamente para representar *status* social, para localizar o indivíduo, ou mesmo por agradar aos sentidos, provocando sentimentos diversos:

Todo produto industrial tem uma aparência sensorialmente perceptível, determinada por elementos de configuração, forma, cor, superfície etc. Possui também uma função estética que definimos como aspecto psicológico da percepção sensorial durante o uso. A esta função estética pode-se juntar a função prática, a função simbólica ou ambas. Sempre, porém, uma das funções terá prevalência sobre as outras. (LÖBACH, 2001, p. 67).

Por intermédio de Henssen (1974, p. 116), demonstramos a importância da aparência no contexto cultural, ou seja, a realidade aparente interpretada com base em referências culturais: “O valor estético reside essencialmente na aparência. A realidade estética é sempre uma realidade aparente”, ressalte-se que culturalmente contextualizada.

Ferrara (1989) comenta ser a função do produto dos nossos dias

simbólica, no sentido de corresponder à sua capacidade de informar sobre atualização tecnológica e de materiais, modos de vida e comportamentos. A compreensão dos significados inscritos nas informações transmitidas (nos objetos, bem como nas palavras, no modo de falar e se comportar) exige um grupo social cujas vivências e conhecimento permitam reconhecê-los, sendo um processo de apropriação simbólica. Ao afirmar isso, Ferrara (1989) vai ao encontro do postulado de Bourdieu (1979).

Também Canclini (1983) refere-se ao fato de serem as práticas sociais simultaneamente simbólicas e econômicas. Por meio delas, construímos representações carregadas de sentido simbólico. O autor chama atenção ao fato do tipo de transporte utilizado (desse modo, tendo basicamente uma função de uso) traduzir a inserção social, ou a inserção do lugar a que aspira o indivíduo que o possui, uma vez que a posse de determinado veículo nem sempre é condizente com as condições materiais reais de quem o adquiriu. Já Sarlo (2004) afirma ter sido extinto o tempo para os objetos de consumo. Não que eles não sejam eternos, mas duram tão-somente enquanto seu valor simbólico não se desgastar.

Moles (1972) comenta que um indivíduo adquire os objetos com base em um sistema de forças, sejam elas: a força da função social (cita como exemplo ter seis xícaras para receber os amigos); a força da distinção (ter pinça para quadrados de açúcar, um elemento diferencial, incomum); as forças específicas do indivíduo (as necessidades que o indivíduo tem ou acredita ter, citando como exemplo ter uma máquina de coser); e a força negativa do poder de compra ou de tempo (quando a compra é planejada, e o desejo se amplia até a aquisição).

O autor comenta estar o valor estético atrelado ao prazer: prazer de olhar, reflexos (brilho) dos materiais nobres, como o cristal ou ouro ou a pátina da prata envelhecida; prazer de tocar as várias superfícies; prazer dos odores; e, por fim, o prazer pessoal e íntimo:

Mas outros valores ou forças se exercem ainda nas relações objeto-indivíduo, afirma Moles (1972, p. 88):

São inicialmente os valores estritamente pessoais da lembrança, da ligação puramente sentimental [...]; valores freqüentemente mais ligados aos objetos tradicionais que aos da sociedade de consumo e que são igualmente variáveis de indivíduo para indivíduo. É o valor da lembrança que rege igualmente o presente⁴⁰ e 'a lembrança turística'.

A respeito das possibilidades de uso dos produtos ofertados, Margolin (1998, p. 43) faz uma apreciação crítica:

Freqüentemente, a qualidade do produto está além daquilo que o usuário pode aproveitar mas, mesmo assim, a compra é efetuada porque o produto representa o que há de melhor e isto vem a constituir-se em uma declaração simbólica. [...] Os novos produtos de hoje não constituem apenas versões desnecessárias e extravagantes de produtos que já existem: são antes a materialização de melhorias concretas que alteram a experiência humana em seu sentido mais profundo.

Vários elementos compõem as razões para a escolha de determinados objetos em detrimento de outros. Baxter⁴¹ (1998, p. 47), ao avaliar as dimensões pelas quais o produto pode se tornar atraente, reforça alguns dos elementos com os quais estamos trabalhando. Ele fala da atração funcional, que é conseguida quando o produto parece desempenhar bem a função para a qual foi desenvolvido; da atração simbólica, na qual “a confiança no produto é inspirada na medida em que o mesmo refletir a auto-imagem do consumidor e na medida em que esse produto ajudar o consumidor a construir a sua imagem perante os outros”; e da atração inerente da forma visual, ou seja, aquilo que dela é característica essencial, realçada por meio da sua elegância e beleza.

Sobre o simbolismo do produto, a que chama de atração simbólica, Baxter (1998, p. 190) afirma:

A casa em que vivemos, o carro que possuímos, os lugares que freqüentamos e até o nosso cachorro – todos eles fazem parte de um mosaico que, juntos, constituem a nossa imagem visual que projetamos nos outros.

⁴⁰ O presente é parte de uma atividade social, estabelecendo uma ponte entre dois indivíduos, afirma Moles (1972). Comumente, faz parte do supérfluo, ainda que se trate de um objeto útil.

⁴¹ Baxter é um autor que trata das questões metodológicas e apresenta ferramentas para o desenvolvimento de produtos industriais, avaliando as formas de atratividade dos mesmos.

Ao realçar a função de mostrar para que servem os objetos, Baudrillard (1968, p. 52-53) evidencia as mudanças em termos de significados no decorrer do tempo:

Outrora os móveis confessavam sua função. A função nutriente e fundamental da casa se lia sem rodeios nas mesas e nos *buffets*, pesados, ventrudos, sobresignificando maternalmente. [...] Hoje em dia [...] A mesa faz-se baixa, cai fora do centro, não pesa mais. A cozinha inteira perde a função culinária e torna-se laboratório funcional. E isto constitui um progresso já que o meio ambiente tradicional na sua franqueza era também o da obsessão moral e da dificuldade material em viver.

Moles (1972) nos chama a atenção ao fato de que, depois de adquirido e utilizado, possuído e explorado, o objeto recua pouco a pouco até sair da cena da consciência. Isso equivale a dizer que já nos habituamos com ele, que se tornou neutro e, assim, não ousaria existir a não ser em situações em que a sua ausência gerasse a sua falta.

Essa falta a que se refere Moles, no caso dos objetos funcionais, poderia acontecer quando o mesmo, cotidianamente utilizado, estragasse ou desaparecesse e, nesse caso, seria consertado ou substituído. No caso dos objetos que escapam às necessidades objetivas, a sua falta poderia ser sentida em uma situação de saudade.

Por intermédio de cada um desses autores podemos confirmar existir um universo de significados carregados pelos objetos e espaços que transcendem a razão, a objetivação, o uso (sem eliminá-los, certamente), significados ligados por coerências muitas vezes invisíveis, sem os quais nossas vidas se esvaziariam de sentido, e que parecem assumir uma importância cada vez maior nas sociedades que se complexificam⁴². Conforme Subirats (1989, p. 102):

Muitos objetos de uso cotidiano compartilham, em menor ou maior medida, essa qualidade inextricável, o poder de algo que transcende a nossa determinação racional de seu significado ou de seus usos possíveis. As vidas humanas perderiam boa parte de seu

⁴² Conforme Velho (1999), uma sociedade complexa refere-se ao tipo de sociedade caracterizada pela divisão social do trabalho e distribuição de riquezas, delineando categorias sociais distinguíveis e com continuidade histórica. Afirma que a noção de complexidade carrega ainda a idéia de uma heterogeneidade cultural que deve ser compreendida como a coexistência de uma pluralidade de tradições.

encantamento e riqueza se, por algum acaso, fossem despidas dessa dimensão emocional, interior e não-racional que seus objetos constantemente adquirem, seja pelos acidentes que acompanham a sua sorte, seja por qualquer característica singular a eles inerente.

Reforçando e corroborando com os elementos abordados por Subirats (1989) e Baxter (1998) sobre os simbolismos que sobressaem no mundo material, Leite (2000) vai falar de um valor último dos objetos, cuja característica central tem a ver com a capacidade em projetar sobre as pessoas sentimentos vários que os outros suscitam em nós, funcionando, dessa forma, como elementos simbólicos mediadores das relações. Ressalta Leite (2000, p. 214):

Qualquer que seja o espaço físico que define e limita a habitação, e qualquer que seja o nível de conforto que aí encontremos, o interior doméstico permanece o local onde a espacialização dos símbolos encontra o seu território privilegiado.

E como o local de espacialização dos símbolos pode, enquanto objeto de investigação, surpreender-nos em suas inúmeras riquezas, em seus mais facetados aspectos, nas múltiplas vivências expostas ou delineadas, nas semelhanças e diversidades.

1.3.2 Memórias nos espaços e objetos

Há, porém, um outro elemento que sobressai em relação ao caráter simbólico dos objetos e espaços que compõem a cultura material, é a mediação das relações por meio da memória. Citamos Nogueira (2002, p. 140) ao comentar estarmos rodeados de objetos, logo de história, ou de muitas histórias:

Os artefactos são pois capazes de vencer as barreiras temporais e espaciais. Vencem o tempo e a idade, porque perduram para além da sua época. Vencem espaços e distâncias, porque “viajam” para além das suas fronteiras originárias.

Esse caráter de transpor as barreiras temporais é importantíssimo, dando significado, por vezes, a espaços e objetos. No entanto, o fato de ser antigo, por vezes leva o objeto ao esquecimento, à rejeição, dependendo da situação vivida, se a intenção for manter ou descartar elementos que demarcam e recuperam momentos e vivências.

Leite (2000) nos fala de memórias cristalizadas nos objetos, esclarecendo não estar esse poder particular dos objetos ao alcance de quem o olha, mas tem relação profunda com a individualidade, lembrando-nos que, nos objetos, acumulam-se pessoas (vivas ou mortas), experiências, lugares, laços de pertença, independente de seu valor financeiro ou classificação social. Melucci (2004) afirma ser a nossa memória seletiva, reconstruindo a história a partir do projeto de vida: são os elementos afetos ao que se buscou alcançar, ao longo da vida, que vêm à tona quando as lembranças são buscadas.

O fato desse poder dos objetos não estar ao alcance de quem observa exige uma indagação mais consistente e direta, na busca por entender certo sentido dos objetos, as dimensões e significados a eles atribuídos, a forma como são inseridos nas relações sociais.

Poderíamos falar que os espaços, similarmente aos objetos, assumem essas mesmas funções, de servirem de acesso à memória, a experiências e laços de pertença. No entanto, não são os espaços em sua construção material, simplesmente, mas os espaços vividos, onde há troca e se percebem cheiros, luzes, cores⁴³, os espaços vivenciados pelas pessoas, que têm suas ações mediadas pelos objetos, tenham sido eles casual ou intencionalmente depositados. Nesta mesma direção, Freyre reforça a casa como elemento de recordação e reconstrução, afirmando (1979, p. 21):

Há uma engenharia da própria casa com uma parafernália constituída por uma multidão de objetos úteis à vida da casa quando casa viva; e arqueologicamente valiosa para a compreensão da casa quando casa morta [...] Coisas que por passarem a ser de antiquários não deixam de guardar, como frascos de perfume vazio, as fontes de velhos odores.

Leite (2000, p. 205) vai retomar o poder evocativo dos objetos, associando-os ao fato de permitirem "a cada um de nós reconstituir o seu mapa de memórias, afectos e segredos" que, conforme a autora, "participam activamente nos mecanismos de apropriação que actualizam, em permanência, a relação dos indivíduos com a sua parte visível do 'cosmos', que é o universo

⁴³ Para aprofundar a questão da poética do espaço, ver Bachelard (1993).

doméstico".

Importante lembrar, como bem expõe Barros (2006, p. 30), que:

O indivíduo que lembra incorpora em suas narrativas as linguagens dos diferentes meios sociais em que transita. A presença da sociedade nas lembranças individuais deve-se também à necessidade que temos dos outros para nos lembrar, para reconstruir um ambiente, os fatos e os personagens. A memória, assim, não se encontra pronta em algum ponto de nossa mente; ao contrário, as lembranças são desencadeadas pelas interações sociais do presente.

Barros (2006, p. 31) retoma um termo de Bourdieu (1996) que considera importante para explicar a construção de um sentido para as experiências da vida: *ilusão biográfica*, referindo-se ao mapa de memórias, afetos e segredos individuais, citado por nós por meio de Leite (2000). O termo utilizado por Barros está circunscrito à sociedade ocidental moderna, na qual o indivíduo é um valor fundamental.

1.3.3 Memória e circulação de objetos

Por meio de um estudo denominado "Louis Roget, uma consumidora curatorial no mundo moderno", McCracken (2003) reforça o aspecto das memórias contidas nos objetos, por meio da "guarda" dos mesmos, como um depositário/depoimento para o resgate da história familiar. O autor afirma que, ao ser responsável por "guardar" e num certo sentido "expor" as coisas de família, que iam sendo deixadas de uma geração para a seguinte – tanto do seu lado da família, quanto do lado de seu marido – como herança, Louis constituía uma espécie de "arquivo".

Os objetos guardados eram como um "*container*" para suas memórias e de sua família, e ela sentia-se responsável por guardar os objetos até sua passagem à geração seguinte, garantindo assim ao passado certa presença no presente. Seus objetivos, conceitos e ligação com o lugar e relação com os filhos eram implicados por sua relação com suas posses, com os objetos carregados de significado familiar histórico.

McCracken (2003, p. 75) aproveita para comparar a situação ao consumo moderno, realçando não ser esse interesse curatorial característico dos nossos

dias, sendo passados como herança apenas alguns objetos, como louças⁴⁴, certos itens de arte e mobília, destacando que:

No padrão convencional da sociedade contemporânea, cada família escolhe seus bens de consumo por si mesma. Cada vez mais as ciências sociais encaram este ato de escolha como algo que envolve a família em um ato de construção de identidade.

Ao falar da curadora como alguém "em extinção", na contemporaneidade, afirma McCracken (2003) ser o ato da diversidade de opções com as quais se confronta a família, hoje, uma oportunidade para decidir e se aproveitar dos significados contidos nos bens consumidos. A família pode, assim, reinventar-se, liberta das cargas dos ancestrais, que delimitaria a gama de significados, no caso da herança: "Cada vez mais, a família constitui-se como um quadro em branco, no qual apenas ela própria está autorizada a escrever", afirma McCracken (2003, p. 77). Os bens, neste caso, são igualmente importantes, mesmo sendo pela possibilidade do descarte ou da não aceitação dos objetos e mobília de família.

Sobre a aquisição de objetos antigos como portadores do poder de integrar quem os adquiriu a uma corrente relacional, no sentido de quem um dia os possuiu, Salvatori (1996, p. 259) depõe:

Esta circulação é emocionante pois acresce valor aos objetos, o prestígio dos antigos usuários que lhes é incorporado. O dono atual toma emprestado estes significados, cerca-se dos indícios de uma trajetória que não é a sua, mas que reafirma, antes de mais nada, o valor e a beleza da continuidade perante uma realidade fragmentada.

De forma similar, quando adquirimos objetos gerados em outra cultura, mais visivelmente os de decoração, revestimos nossa casa de um outro significado: ou de respeito às diferenças culturais e apreciação daquilo que outros grupos produzem; ou de negação do que é produzido localmente. A não ser que seja simplesmente por uma questão de desconhecimento da origem do objeto adquirido ou ganho.

⁴⁴ Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981) comentam a importância da louça, pertencente ao universo feminino, como transmissora de uma tradição familiar. Uma vez passada de mãe para filha, carrega lembranças e afetividade, sendo um legado da família.

Baudrillard (1968) afirma contradizerem os objetos antigos às exigências do cálculo funcional para servirem como testemunho e lembrança, faltando aos objetos funcionais – aqueles que existem somente na atualidade, no imperativo prático, esgotando-se no seu uso – certa imemorialização de um ser precedente, característica dos objetos antigos. Ainda, conforme o autor, vivemos no ritmo dos objetos e segundo sua incessante sucessão. Diferente das civilizações anteriores, somos nós que, hoje, vemos os objetos funcionais surgirem e desaparecerem.

Sobre a questão do destino dos objetos, avalia Heskett (1997, p. 214):

[...] a grande maioria dos artigos antigos de uso diário foram destruídos, reciclados ou enterrados em nossos depósitos de lixo, os *túmulos de nossa cultura material* [sem grifo no original] [...] É uma história que foi apenas parcialmente explorada mas que fornece provas palpáveis de uma incrível riqueza da realização humana, tão rica e diversa quanto a gama de motivos, gostos e desejos que a inspirou.

Um estudo de Rial (1992) destaca, em meio a essa (in)compreensão do nosso universo de cultura material, uma aparente inversão em relação aos móveis guardados como resgate da história da família: o fato dos móveis "novos", nas casas dos mais velhos serem repassados a eles após o uso por filhos e netos. Isso evidenciaria o fato de serem as casas dos mais velhos espaços de perpetuação, entre moradores que lutaram pela sobrevivência e onde o descarte não é parte dos modos de vida, diferentemente das gerações mais novas, em que impera uma lógica da moda, da renovação, de coisas, cuja vida útil é limitada.

Ainda dentro das questões histórico/culturais, e resgatando a importância da cultura na significação dos objetos, Rial (1992, p. 22) reforça um outro viés, ao mostrar – em sua pesquisa sobre diferentes gerações de açorianos residentes na Lagoa da Conceição (Florianópolis, Brasil) – que muitos eletrodomésticos ganhos pelos mais velhos não são utilizados, mas tornam-se, antes, elementos de admiração mágica, práticas anônimas que se reproduzem, muitas vezes, entre seus pares. Ressalta terem os mesmos sido criados "no interior de outra cultura, da qual os velhos não têm conhecimento nem domínio", considerando ainda que os procedimentos técnicos básicos para sua utilização

lhes são desconhecidos. Assim, tornam-se uma espécie de "depoimento eloqüente da modernidade", para além do esforço físico que poderiam economizar, comprovando a importância cultural na aceitação e uso dos objetos e as funções diversas que os mesmos objetos podem adquirir ou assumir, com toda a simbologia associada ao grupo no qual se inserem.

Como Santos (2002) afirma, não fazendo parte de nossa historicidade, por vezes esses objetos necessitam de uma tradução. Argumenta o autor vir a utilidade dos objetos do seu uso combinado pelos grupos humanos, tanto na sua criação quanto no uso ou herança. Dentro desse enfoque geográfico que supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleções, seu papel eventualmente pode ser apenas simbólico, mas geralmente é também funcional, afirmando que a lógica do objeto provém de sua unidade. Isso corresponde a dizer que quando a funcionalidade de alguma de suas partes é alterada, diminuimos sua eficácia, podendo o mesmo ser adulterado e ser transformado em alguma outra coisa.

Rial (1993), nesse sentido, constata ante esse grupo de camadas populares o que Bourdieu (1979) constatou na França. A autora vai falar de uma inversão na ordem de importância dos objetos, mas neste caso para as diferentes camadas sociais: enquanto as mais favorecidas valorizam o objeto antigo, a relíquia, as menos favorecidas não têm o que fazer com o que é velho, aspirando ao funcional. O autor nos faz refletir sobre serem as duas formas de apropriação, de fato, uma única, a da virtude, apenas uma sob caução da modernidade e outra da ancestralidade. Ele afirma, ainda, significarem os signos materiais (móveis, objetos, obras de arte, jóias) uma transcendência, uma substituição ao valor ideológico que o sangue, o nascimento e os títulos tinham.

Retomando em certo sentido a questão abordada por Rial (1992), a respeito da incompreensão dos mais velhos sobre o uso de objetos de alta tecnologia, Brandão (2002, p. 99), ao falar das máquinas produzindo espaços domésticos e modos de vida, ressalta, no caso das máquinas dirigidas à cozinha, que talvez a mais interessante seja o microondas, por operar com fluxos de outra natureza⁴⁵, que não os elétricos (cuja compreensão nos é fácil), agindo quase

⁴⁵ Sobre o assunto, ver Santos (1997).

magicamente, para os leigos. A autora parece querer trazer à tona a discussão do desconhecimento que temos acerca dos objetos utilizados em nosso cotidiano, e, assim sendo, uma incompreensão de seu sentido de forma mais abrangente, atribuindo aos mesmos uma certa “aura” tecnológica. Nas moradias visitadas por Rial (1992), esses “depoimentos” tecnológicos ficam expostos, em geral, em locais de destaque.

Realçamos, por intermédio de Nogueira (2002, p. 142), o uso diferenciado dos objetos em contextos alternativos:

Aos objectos é conhecida a sua faceta “viajante”. Eles circulam no seio das sociedades humanas e por isso, um mesmo objecto pode adquirir diversos significados em mais de um contexto ou lugar.

Isso faz com que esses objetos componham e façam parte de diferentes histórias, sofrendo diferentes tipos de ações, por vezes objetos funcionais transformando-se em objetos de decoração, de alta carga simbólica, como no estudo de Rial (1992) ou mesmo recebendo diferentes funções, como os guarda-roupas que se transformam em armários nas salas. Além de objetos funcionais transformarem-se em artigos de decoração, objetos artesanais ou artísticos de alto valor simbólico perdem seu significado original e adquirem um valor diferenciado para quem o possui. Baudrillard (1968, p. 84) reforça uma dentre as características valorativas do objeto artesanal:

A fascinação pelo objeto artesanal vem do fato deste ter passado pela mão de alguém cujo trabalho ainda se acha nele inscrito: é a fascinação por aquilo que foi criado (e que por isto é único, já que o momento da criação é irreversível).

Ramos (2004, p. 106) nos fala de uma outra categoria de objetos, que independe de serem artesanais ou industriais para terem valor: os objetos biográficos⁴⁶, aqueles que acompanham a trajetória da pessoa, expondo forte carga simbólica, tornando-se uma testemunha significativa da vida de alguém, a memória personalizada. Refere-se a certo “poder de sintetizar uma vida inteira, em sintonia com a memória que se pretende perpetuar”, tornando-se,

⁴⁶ Aqueles que envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida, representando uma experiência vivida, conforme Bosi (2003).

assim, sagrados.

Bosi (1994, p. 441) afirma, sobre os objetos biográficos, que cada um deles representa uma experiência vivida. Dessa forma, penetrar na casa em que estão é conhecer, em certa medida, as aventuras afetivas de seus moradores:

Os objetos protocolares são os objetos que a moda valoriza, não se enraízam nos interiores, têm garantia por um ano, não envelhecem com seu dono, mas se deterioram. [...] Só o objeto biográfico permanece com o usuário e é insubstituível.

Vale lembrar as mudanças sofridas pelos objetos por meio da ação das pessoas sobre eles. Conforme Certeau (1994), alguma coisa de essencial se joga nessa *historicidade* cotidiana, e isso é indissociável da existência dos sujeitos que são os atores e simultaneamente autores das operações conjunturais. Os objetos sofrem até com a simples ação do meio ambiente, através do tempo, ainda que não sejam tocados. Mas essas mudanças dão-se sobretudo em função da forma como são utilizados ou, ainda, posteriormente, quando são reprojitados, após análise de seu uso e desvios, visando à manutenção ou alcance de um mercado. Os hábitos e usos transformam os objetos.

Certeau (1994, p. 82) nos brinda com um exemplo sobre as casas reconstituídas em uma aldeia em Vermont/EUA, onde pululam os sinais, utensílios e produtos da vida cotidiana do século XIX, de objetos de toalete a brinquedos de criança:

O inumerável das coisas familiares, polidas, deformadas ou embelezadas pelo uso, multiplicava também as marcas das mãos ativas e dos corpos laboriosos ou pacientes de que essas coisas compunham as redes diárias: presença obsessiva de ausências traçadas em toda a parte.

Reforça ainda Certeau (1994) que esses objetos indicam uma historicidade social na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não são apenas quadros normativos, mas instrumentos manipuláveis por seus usuários.

Conforme Santos (2002, p. 48), “Cada objeto é utilizado segundo

equações de força originadas em diferentes escalas, mas que se realizam num lugar, onde vão mudando ao longo do tempo”. Afirma ainda o autor que quando um objeto ou ação se instala, o faz num tecido preexistente, alterando-o, sendo seu valor real percebido no conjunto. Assim: “Os respectivos ‘tempos’ das técnicas ‘industriais’ e sociais presentes se cruzam, se intrometem e acomodam.” (SANTOS, 2002, p. 59).

Santos (2002, p. 70-71) recorre a Moles (1971, p. 23) para apresentar a idéia de que uma vez escolhidos e localizados, seja numa casa ou numa paisagem, os novos objetos – com suas características em termos de idade e funcionais –, renovam o sistema de relações no local onde estão inseridos, redefinindo o meio que os acolhe.

Retomando Certeau (1994), a respeito de como os magrebinos superimpõem o sistema que lhes é imposto na construção de um conjunto residencial popular, em Paris ou Roubaix, independente de sua estrutura, realça fazerem os mesmos uma combinação, criando para si um espaço de jogo para *maneiras de utilizar* [o autor grifa esse termo] a ordem imposta do lugar, instaurando a pluralidade e a criatividade: “Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos” (CERTEAU, 1994, p. 93).

Interessante recordar Ramos (2004, p. 35-36), ainda, quando afirma, sobre a questão temporal, que não estamos no presente puro quando usamos os objetos, pois eles são construídos historicamente, baseando-se nos objetos que lhes deram origem, tendo ainda uma duração que pode ultrapassar gerações. Evidencia o autor que viver com objetos anteriores à nossa época, assim como atuais, não significa recuar ou avançar no tempo e, sim, romper com a idéia de que vivemos num progresso que, procurando substituir continuamente, considera o passado como algo ultrapassado, ou que coloca o que “passou” como uma forma de evolução para o mundo atual. Ramos (2004) chama atenção ao fato de que apenas selecionamos elementos de tempos diferentes.

De forma similar, Bosi (1994, p. 411), em seu estudo sobre os idosos, sugere que os vestígios das coisas que nos lembram um ente querido nos auxiliam a guardar traços de um amigo desaparecido, lembrando que:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal. [...] A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra.

Questiona ainda Bosi (1994) sobre o que pode se igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco, se elas nos dão a pacífica impressão de continuidade. Salvatori (1996, p. 256) também reforça a importância do que é *perene* na manutenção de equilíbrio emocional:

O que é *perene* remete à totalidade, aos englobamentos hierárquicos, a uma ordem específica, a um tempo que se repete. Somente o que é *perene*, é conhecido, pode fornecer a necessária ancoragem emocional.

Bosi (1994, p. 442) reforça ser a nossa ligação com a casa e com a paisagem que a rodeia uma comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas:

As coisas nos falam, sim, e por que exigir palavras de uma comunhão tão perfeita? Não só em nossa sociedade dividimos as coisas em objetos de consumo e relíquias de família. Mauss encontra essa distinção em muitos povos [...] objetos como os talismãs, cobertas de pele e cobres blasonados, tecidos armoriais que se transmitem solenemente [...] Essas propriedades são sagradas, não se vendem, nem são cedidas, e a família jamais se desfaria delas a não ser com grande desgosto. O conjunto dessas coisas em todas as tribos é sempre de natureza espiritual.

A “aura” percebida em determinados objetos – bem como em determinados espaços construídos – reflete, em larga medida, o seu valor para seus donos, independente de haver ignorância ou domínio em relação ao seu uso, seja por uma valorização ou pela importância que adquirem como símbolo de uma “modernidade” partilhada pelos seus pares, ou como depoimento de sua trajetória ou da trajetória de algum ente querido.

1.3.4 Espelhando e constituindo vivências, identidades, relações, subjetividades

Entendendo que espaços e objetos refletem seus moradores e usuários, além de evidenciar diferenças, recuperamos Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 203-204), ao afirmarem ter a casa uma importância enquanto um espelho do que somos:

Este território privado, é preciso protegê-lo dos olhares indiscretos, porque cada um sabe que o mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante. Mesmo um quarto de hotel, anônimo, diz muito sobre seu hóspede de passagem no fim de algumas horas. [...] um livro aberto, um jornal pelo chão, uma raquete, cinzeiros, a ordem e a desordem, o visível e o invisível, a harmonia e as discordâncias, a austeridade ou a elegância, o cuidado ou a negligência, o reino da convenção, toques de exotismo e mais ainda a maneira de organizar o espaço disponível, por exíguo que seja, e de distribuir nele as diferentes funções diárias [...] tudo já compõe um “relato de vida”, mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra.

Reforçam ainda que, indiscreto, o *habitat* “confessa”, sem disfarce, não somente o nível de renda, mas as ambições sociais de seus ocupantes⁴⁷. Ao recorrerem ao fato de que tudo no espaço habitado fala sempre e muito, os autores não se restringem meramente ao espaço interno, mas avançam no sentido da representação que tem a casa em sua posição na cidade, os aspectos construtivos, o tamanho e o seu estado de manutenção.

Esta visão do espaço como um espelho, uma espécie de Raio-X do habitante, reforça o fato de que, por mais anônimo que possa ser o lugar, se alguém passar algumas horas nele, poderá dele se apropriar, de forma a deixar seu “rastro”, sua marca, remetendo-nos à questão da privacidade e da exposição.

⁴⁷ Pilcher (2002, p. 425) é apenas uma dentre muitos escritores que se referem aos espaços como locais onde você pode encontrar pistas para compreender a vida de quem ali viveu: “Enquanto isso e aparentemente pouco ligando para a desordem, Richard vistoriava, espiava tudo, fascinado pelas pistas e indicadores da vida inteira de outro homem, eventos dignos de serem recordados e *objets trouvés*, dos quais ali havia uma profusão. Conchas, seixos marinhos e pedaços de madeira trazidos pelo mar, colecionados e preservados por sua cor e formato [...]”.

Ao interior de nossas casas, comumente trazemos apenas quem queremos, escolhemos quem tem nela direito à entrada. Ao fazermos essas escolhas, permitimo-nos ser descobertos. Nossa história de vida se apresenta ao nosso “convidado”. Nossos espaços privados representam um pouco do que somos ou demonstramos ser e o interior da casa é, nesse sentido, um espaço privilegiado.

Como afirma Marcus (1995, p. 9):

Todos nós passamos pela experiência de visitar novos amigos em suas casas e ficarmos cientes de algumas facetas de seus valores manifestados pelo ambiente – seja pelos livros em suas prateleiras, obras de arte (ou a falta delas) nas paredes, o grau em que a casa é aberta ou fechada à exposição aos visitantes, e assim por diante. Essas coisas representam maior ou menor nível de consciência sobre a expressão pessoal, assim como nossas roupas, corte de cabelo ou o tipo de carro que dirigimos são expressões conscientes de nossos valores. O que é mais intrigante e menos reconhecido é que também expressamos aspectos de nosso inconsciente no ambiente da casa.

Salientamos o fato de que o espaço privado é simultaneamente o cenário próprio para mobiliar e o teatro de operações, como nos apresentam Certeau, Giard e Mayol (1996), onde o indivíduo pode recolher-se e escapar aos olhares, ficando em um lugar protegido, longe da pressão do corpo social.

Conforme Moles (1971, p. 125):

A arrumação de um apartamento é como o cenário de um teatro no qual vivem atores [...] Corresponde exatamente à idéia de enquadramento, de um quadro secreto ou construído pelo indivíduo.

Por outro lado, como afirmam Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 224),

O microcosmo cultural da casa pode refletir o que as pessoas são, assim como projetar padrões organizados de energia psíquica que podem ser cultivados para influenciar condutas em direção a objetivos.

Enquanto teatro de operações, a que se referem Certeau, Giard e Mayol (1996), Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981) apontam como o convívio e o comportamento das pessoas se refletem na casa, e são percebidos pelos visitantes, no mesmo sentido abordado por Freyre (1979) e Da Matta (1997), anteriormente citados.

Como afirma Park (citado por Goffmann, 1975), as pessoas representam papéis, nas várias situações cotidianas, com maior ou menor consciência disso e, em certo sentido, estas “máscaras” representam a idéia que formamos de nós mesmos, pois se entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter para nos transformarmos em “pessoas”. Melucci (2004, p. 27) comenta sobre os sistemas contemporâneos altamente diferenciados que nos leva a pertencer a uma multiplicidade de grupos sociais e a desempenhar papéis diversos e distintos.

Como apontam Veríssimo e Bittar (1999, p. 21):

De tudo um pouco, a casa é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa mesma família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora.

O interior doméstico é um espaço de seus moradores, e os padrões ali utilizados podem modificar comportamentos nos membros vindos de fora, por meio do estabelecimento de domínios, normas e regras, ainda que implícitas. De forma similar, os padrões de comportamento dessas pessoas vindas de fora podem alterar, ainda que em diferentes níveis, as tensões e comportamentos dos moradores. Assim, compor espaços é também definir comportamentos e relações. Como afirma Lima (1995, p. 133-134):

Enquanto componente de um sistema social muito mais amplo, [a casa] está necessariamente vinculada a complexas redes de relações e, conseqüentemente, submetida às tensões e pressões que atuam sobre esse sistema como um todo. Desta forma ela reproduz, microcós mica e internamente, o que se passa nesse universo mais abrangente, constituindo um objeto de investigação bastante pertinente para a análise de processos socioculturais.

O espaço doméstico é, assim, invadido pela necessidade de uma publicização, sendo a interação – necessária à vida das pessoas – definidora de influências recíprocas "dos indivíduos sobre as ações uns dos outros", como nos diz Goffman (1985, p. 23). Nesse sentido, ele vai falar da casa como um cenário e "palco" para o desenrolar da ação humana, na dimensão apresentada por Certeau, Giard e Mayol (1996) compreendendo a mobília, os objetos, e a organização espacial, considerando ainda a própria vida como uma encenação

dramática.

Há, ainda, um outro tipo de "invasão", que se dá no espaço doméstico por intermédio dos meios de comunicação. Uma comunicação que busca não apenas refletir, mas conformar modos de vida, transformar inovações em necessidades, etc.

Acreditando ser a novela um fio invisível do qual poucos se orgulham, mas que perpassa a sociedade, Hamburger (1998, p. 484) realça seu papel expansionista de um estilo de vida⁴⁸:

[...] de uma certa classe média alta, urbana, moderna, glamourosa e idealizada, tal como vista de fora por um estranho ou excluído. E aquilo que é uma construção relativamente arbitrária, um reflexo caricatural dos gostos e preocupações das classes médias urbanas, ganha estatuto de realidade; se torna referencial para escolha de móveis, para o balizamento de opiniões, para o exercício do direito de julgamento.

O espaço externo vai, aos poucos, criando raízes e se infiltrando no interno, não apenas com o auxílio dos meios de comunicação, mas igualmente por uma expansão das necessidades que acontece por meio das interações sociais.

Da mesma forma, essas imagens televisivas, assim como as gráficas e publicitárias, nos introduzem, cotidianamente, em uma multiplicidade de tempos, fazendo-nos migrar, recuar ou avançar, deslocando-nos continuamente sobre ritmos temporais distintos, afirma Melucci (2004).

A conformação do estilo de vida, segundo Bourdieu (1983, 1979), se dá por meio do gosto, da propensão e aptidão à apropriação material e/ou simbólica de uma categoria de objetos e práticas sociais, representando um princípio cultural altamente distintivo de classificação social. Importante lembrar que não há um determinismo social, uma homogeneização, mas que, antes, há uma pluralidade

⁴⁸ Conforme Maia (2002), os estilos de vida relacionam-se a práticas quotidianas e formas de consumo que envolvem tanto escolhas identitárias particulares quanto grupais em domínios distintos como: habitação, alimentação, aparência, hábitos de trabalho e lazer, religião, arte, organização do espaço e do tempo ou mesmo em termos de convívio com outros atores sociais, exprimindo as identidades pessoais e coletivas. Giddens (1994) afirma ser um estilo de vida um conjunto de práticas adotadas por um indivíduo não somente pela satisfação de necessidades utilitárias, mas igualmente por darem forma material a uma narrativa particular de identidade.

de soluções nas quais o próprio hibridismo pode servir como parâmetro.

Sarlo (2004) afirma constituírem as desigualdades econômicas o único obstáculo eficaz contra a homogeneização cultural, uma vez que, embora todos os desejos tendam a assemelhar-se, nem todos têm as mesmas condições de realização.

Referindo-se ao capital cultural de grupos que têm estilos de vida similares, no que diz respeito ao gosto, Salvatori (1996, p. 259) afirma:

A variedade do gosto é um jogo de performance, que exprime a auto-imagem, mas obedece a uma linguagem que é aprendida através das práticas distintivas de determinados segmentos, ou pela utilização de intermediários culturais.

Isso corresponde a compreendermos o gosto, que leva à escolha de determinados espaços e objetos em detrimento de outros, não apenas como resultado de elementos estéticos, mas igualmente culturais.

No entanto, mesmo com a busca pela integração com outros membros do grupo ao qual pertencemos, ou seja, a coletividade, a importância de termos momentos e locais para ficarmos sós vem aumentando, talvez como reflexo da agitação que comanda a vida nos centros urbanos: "Levamos uma vida social dentro de casa" [...] "Especializamo-nos em cenários estabelecidos, em manter afastados os estranhos e em dar ao ator algum isolamento no qual possa se preparar para o espetáculo", porque, além de seres sociais, somos "indivíduos", nos diz Goffman (1985, p. 223).

"Cada pessoa constitui um ser individual, ser in-divisível em sua personalidade e na combinação única de suas potencialidades", assevera Ostrower (1986, p. 147). Neste sentido de compreender os seres individualmente, Bachelard (1989, p. 23) afirma ser a casa um "ser privilegiado" quando se busca um estudo dos valores da intimidade do espaço interior, porque a casa é o nosso canto no mundo. No sentido de Bachelard, Papes (2002) destaca ser a casa "o centro da afetividade onde a vida se fecha no aconchego, alimento e proteção, em cujo interior estão depositadas as células de esperança e idealização".

As diferentes configurações assumidas pelas unidades domésticas através do tempo e no espaço, são produtos de normas culturais, mas são

igualmente fruto de escolhas individuais, resultando não somente de processos internos, relativos às relações no nível da esfera doméstica, mas de processos externos, uma vez que essas relações reproduzem a dinâmica social mais ampla, como afirma Lima (1995).

Na visão de Santos (2002, p. 109):

Quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, formas-conteúdo, isto é, objetos sociais já valorizados aos quais ela (a sociedade) busca oferecer ou impor um novo valor.

A conotação social que adquirem os objetos é elemento central em nossa discussão. No nível individual, há um outro aspecto interessante e sobre o qual não temos o costume de refletir, seja ele o interior da casa como espaço para sermos o que quisermos. Conforme Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 144):

A importância da casa deriva do fato de que ela provê um espaço para ação e interação no qual alguém pode desenvolver, manter e mudar sua identidade. Em sua privacidade, alguém pode cultivar seus objetivos, sem sentimento de ostracismo ou ridículo. A casa é um abrigo para as pessoas e objetos que definem o eu; assim, ela torna-se, para a maioria das pessoas, um meio simbólico indispensável.

Da mesma forma, é preciso reconhecer ser também o espaço da casa, quando compartilhado, cheio de tensões que minam essa "liberdade" total. Talvez um ou outro lugar, dentro dela, possa ser realmente "privativo", mas certamente há papéis sendo representados, mesmo no núcleo familiar⁴⁹ e no ambiente doméstico.

Certeau, Giard e Mayol (1996) analisam o espaço doméstico como o território onde se desdobram e se repetem cotidianamente os gestos elementares das "artes de fazer", o lugar de onde não queremos nos afastar, onde nos sentimos em paz. Como dizem os autores, entrar em casa significa adentrar no *lugar próprio*, que não poderia, sequer por definição, ser o lugar de outrem. Nesse sentido, os autores estão de acordo com Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton

⁴⁹ Para um aprofundamento do assunto sobre as máscaras e papéis sociais, indicamos a leitura de Goffman (1985).

(1981), dentro da idéia da casa enquanto um lugar próprio, privativo, de um espaço de identificação. Ao afirmarem isso, Certeau, Giard e Mayol (1996) reconhecem a casa como um espaço da intimidade, sobre o qual temos algum domínio, o que melhor conhecemos e onde somos capazes de maior autenticidade.

A casa, moradia de uma ou várias pessoas, espaço do coletivo, mas também da individualidade, esse imenso universo simbólico construído histórica e socialmente, repleto de objetos mediando relações, fruto de diferentes visões e mudanças culturais tem em sua base, por conseguinte, a idéia de ser um lugar de liberdade como elemento que se repete.

Buscamos, por meio dos autores, evidenciar que os espaços e os objetos nos interiores domésticos não se tornam importantes para nós, em geral, pela aparência de suas paredes, pelo tipo de janela, pelas vivências. Sequer pela paisagem ou pelos seus habitantes, exclusivamente, mas por meio de um somatório de elementos, acrescidos dos objetos que demarcam os trechos preenchidos e os vazios, comunicando, sendo modificados e modificando.

Conforme Tuan (1983), para percebermos o lugar é necessário estarmos atentos, abertos a perceber e a participar das coisas ao redor e dos acontecimentos. O mesmo autor afirma ser impossível discutir o espaço experiencial sem nos referirmos aos objetos e lugares que definem esse espaço.

Percorrendo o que até aqui foi pesquisado e escrito, percebemos que a vida – e junto com ela a casa e os objetos que a compõem – vai se modificando, a cultura dinamizando a vida, construindo uma nova história e um novo “indivíduo”. Indivíduo que habita e se reflete nessa mesma casa/mundo. Como nos diz Tuan (1983, p. 161), a vida “é vivida e não é um desfile do qual nos mantemos à parte e simplesmente observamos. O real são os afazeres diários, é como respirar. O real envolve todo o nosso ser, todos os nossos sentidos”. Assim sendo, cada um dos sentidos assume importância, sozinho, ou somado a outro, auxiliando no processo perceptivo: cheiros, gostos e sensações táteis. Elementos visíveis, vivências, são todos elementos importantes para se compreender a relação das pessoas entre si e com suas casas e objetos.

Reforçamos o que nos revela McCracken (2003, p. 173): “Os bens

ingressam no processo histórico da vida moderna como agentes vitais de continuidade e mudança", motivo que reforça a importância de serem estudados. Nessa dinamização da sociedade reside sua força, entre os diversos grupos e camadas sociais.

Na busca por autores que pensam a casa e os objetos como elementos dinamizadores e dinamizados *da e pela* sociedade, acabamos por evidenciar ser o assunto abordado em diferentes áreas, em situações diversas, cada autor a partir de sua ótica específica, engrandecendo a visão com a riqueza de seu olhar.

Interiores domésticos e objetos são elementos que fazem parte da cultura material, sendo o *design* uma das atividades responsáveis por auxiliar o desenvolvimento dos mesmos.

1.4 Design, sociedade e cultura: por um tecido sem costura

Design, sociedade e cultura estão estreitamente relacionados, e é sobre cada um desses elementos, mais especificamente na relação mútua entre os mesmos, que está focada esta parte do capítulo.

Bomfim (1999, p. 150/151) nos auxilia a compreender como se dá essa interação:

A verificação de relacionamentos entre design, cultura (do latim colere, cultivar – termo originalmente relacionado ao cultivo do solo: agricultura) e sociedade pode se dar através da própria experiência empírica. Primeiro, porque Design é uma atividade que configura objetos de uso e sistemas de informação e, como tal, incorpora parte dos valores culturais que a cerca, ou seja, a maioria dos objetos de nosso meio são antes de mais nada a materialização dos ideais e das incoerências de nossa sociedade e de suas manifestações culturais assim como, por outro lado, anúncio de novos caminhos. Segundo, porque o Design, entendido como matéria conformada, participa da criação cultural [...]

Afirma o autor (BOMFIM, 1999, p. 152) que o *design* de uma determinada comunidade exprime as suas coerências e incoerências, sendo tão perfeito ou imperfeito quanto ela mesma: "O Design tem assim natureza essencialmente especular, quer como anúncio, quer como denúncia".

Branzi (1993, p. 87) aponta a importância do *design* na sociedade contemporânea:

O *design* nasceu da tentativa dramática, mas fundamental, de realizar um equilíbrio (mesmo que dinâmico e provisório) entre cultura tecnológica e humanista. [...] Através do *design* constitui-se uma frente de pesquisa, um território experimental onde se comprova a possibilidade de realizar pragmática e cotidianamente uma interface entre o homem e as tecnologias.

Por conseguinte, o *design* “nasce” dessa busca pelo equilíbrio. Dessa interface entre cultura tecnológica e cultura humanista retira a sua força.

Não há como prescindir da concepção de que “Cultura e consumo têm uma relação sem precedentes no mundo moderno” (McCRACKEN, 2003, p. 11), pois é justamente nesse espaço que emerge o *design*, nessa necessidade de diferenciação de objetos para grupos específicos de pessoas, portanto em seus aspectos simbólicos⁵⁰, práticos, estéticos e comunicacionais. São aspectos que visam ampliar as opções, aumentar o nível de conforto, facilitar o desenvolvimento de tarefas, e desenvolver uma estética coerente e agradável.

Para tanto, utiliza-se das tecnologias que são disponibilizadas, mas nem sempre de todo o seu potencial, pois oferecer tudo aquilo que é disponibilizado tecnologicamente nem sempre resultará no consumo pretendido. Evidenciamos ser o aspecto da compreensão de como devem ser utilizados os objetos muitas vezes fator preponderante na escolha do produto a ser consumido.

Ono (2004, p. 978) comenta ter verificado, junto aos *designers* de empresas de grande porte no Brasil, nos setores de móveis, automobilístico e de linha branca, uma diferenciação ou caráter distintivo, em termos de especificações técnicas dos produtos, diante do fator custo, relativo às diferentes classes sociais. Afirmo a autora haver, assim, uma confirmação da visão de Bourdieu a respeito da relação entre o poder econômico e cultural e a distinção social. Recupera ainda Canclini (1983) quando o autor esclarece sobre as implicações do capitalismo que homogeneizam, em certa medida, as

⁵⁰ A eficácia de nossa ação depende, cada vez mais, da nossa capacidade de agir sobre os códigos simbólicos que permeiam a vida cotidiana, os sistemas políticos, as formas de produção e distribuição, afirma Melucci (2004).

formas de produção, com o intuito de controlar as aspirações dos indivíduos.

Retomando de forma simplificada algumas das questões apresentadas anteriormente, como bem-estar, cultura material, consumo, espaços e objetos, conformação de identidades, distinção e interação, acabamos por elencar elementos essenciais ao desenvolvimento da atividade de *design* industrial que, no entendimento de Margolin (1998, p. 47), é:

Uma atividade que gera planos, projetos e produtos. [...] que produz resultados tangíveis, os quais podem funcionar como demonstrações ou como discussões das maneiras em que poderíamos viver.

Margolin (1998) comenta ser a profissão de *design* uma possibilidade de discutir, de refletir sobre as escolhas a respeito do desenvolvimento e consumo de produtos disponibilizados e sobre os caminhos possíveis⁵¹.

Nessa relação entre os seres humanos e as tecnologias, destaca-se o fato de passar a construção de identidade pela posse e uso de determinados objetos, que são muitas vezes consumidos sem uma reflexão mais aprofundada de seu valor, da sua efemeridade comumente ligada aos modismos e do seu significado e relevância em relação aos aspectos individuais e coletivos. Giddens (2002) nos lembra que, ao forjar as auto-identidades, ainda que em contextos locais, os indivíduos colaboram no sentido das influências sociais, que são globais – considerando o processo de produção e consumo adotado – em suas conseqüências e implicações.

Ostrower (1986, p. 5) afirma:

A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores da vida.

É ainda, por intermédio de Ostrower (1986, p. 101), que reforçamos o quanto os valores são importantes:

⁵¹ Margolin e Margolin (2004) realçam existirem duas vertentes do design: o *design* voltado ao mercado de consumo, que objetiva diretamente o lucro, e o *design* social, este último visando satisfazer as necessidades de grupos que não têm condições de melhorar o ambiente em que vivem, com projetos apoiados por instituições não-governamentais e mesmo governamentais, e menos pela indústria.

Em tudo o que se configura, encontramos conteúdos significativos e valores. [...] Os valores participam do nosso diálogo com a vida. Nos possíveis relacionamentos que estabelecemos e nas possíveis ordenações dos fenômenos, nas incertezas que inevitavelmente acompanham as opções, decisões, ações, nos conflitos que nos possam causar ou nas alegrias, as coisas se definem para nós a partir de avaliações internas.

A maneira pela qual o indivíduo compreende e avalia um determinado problema traduz algo exclusivo de sua personalidade. Todavia, os aspectos valorativos, conforme Ostrower (1986), reportam-se, essencialmente, ao coletivo, originando-se nas inter-relações sociais que ocorrem em um contexto histórico específico.

Para compreendermos como uma dada cultura influencia o fazer, recorremos aos exemplos dados pela autora (OSTROWER, 1986), quando compara duas cadeiras de madeira, uma barroca, do séc. XVII, e outra gótica, do século XII. Configurações diferentes foram dadas às madeiras das quais se compõem, mas igualmente outros valores participaram na configuração, influenciando até mesmo a função do objeto. No caso da barroca, curvilínea e fartamente ornamentada, tem a sua presença física de forma maciça, apoderando-se do espaço. Isso acaba por comunicar algo sobre a época, em termos de vitalidade expansiva (o domínio do espaço). Já a cadeira gótica, austera, mais reta e delgada, e de menor tamanho, contrasta ao primeiro exemplo, demonstrando o quanto o período medieval voltava-se mais às questões espirituais e menos às materiais, como renúncia à existência física.

Ostrower (1986, p. 33) ressalta a questão da comunicação inserida nas formas de ordenar os espaços e objetos:

[...] para o homem as materialidades se colocam num plano simbólico visto que nas ordenações possíveis se inserem modos de comunicação. Por meio dessas ordenações o homem se comunica com os outros.

Como afirma Hall (2003, p. 75-76), a mediação da vida social se dá também pelo mercado global de estilos, lugares e imagens – disseminados amplamente e sobremaneira no mundo ocidental por meio da mídia e das viagens internacionais e, mais recentemente, pelos sistemas de comunicação interligados,

sendo que essas identidades, criadas em locais e em tempos específicos, desvinculam-se e desalojam-se de seus tempos e histórias para “flutuar livremente”:

Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Esse fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”.

Denis (1998, p. 19) afirma ser o estudo da cultura material da nossa sociedade “uma maneira de entender melhor os artefatos que produzimos e consumimos, bem como a maneira em que estes se encaixam em sistemas simbólicos e ideológicos mais amplos”.

Em termos de uma compreensão desses sistemas simbólicos e ideológicos, recorremos a Branzi (1993, p. 87) ao destacar estar a força do *design* na sociedade contemporânea enraizada na necessidade da distinção, ou seja, de uma componente de diferenciação, nesse mundo ao qual ele denomina pós-industrial:

Na metrópole pós-industrial tudo se torna híbrido, cada objeto, cada lugar só tem sentido se for diferente e alternativo ao que o cerca. Mas é dessa realidade multiforme e complexa que emergem os problemas de que estamos falando hoje: tantas vozes produzem um som indecifrável e tantas cores produzem o cinza, como tantas alternativas se resumem numa oferta “genérica”.

Melucci (2004, p. 33) ao abordar a questão, afirma:

O excesso de possibilidades que nos são oferecidas excede amplamente àquilo que podemos realmente viver, e nossa vida cotidiana está abarrotada de possibilidades para as quais não temos resposta. É suficiente folhear um catálogo de ofertas turísticas ou de bens de consumo, como geladeiras ou televisores, para provar um sentimento misto de atração e de impotência.

Ao voltar-se à razão de ser da atividade do *design*, Denis (1998) o

apresenta, do ponto de vista antropológico, como sendo uma das atividades projetuais cujo objetivo é dar existência concreta e autônoma a idéias abstratas e subjetivas, considerando-o como o foro principal para o planejamento e desenvolvimento da maioria dos objetos que constituem nossa paisagem urbana. Afirma, ainda, ser o *design* uma fonte importante de parte significativa da cultura material contemporânea, ressaltando que essa mesma sociedade baseia a sua identidade cultural na abundância material, mais do que qualquer outra, em tempos anteriores. Enquanto “fonte geradora de objetos”, reforçamos a necessidade de uma compreensão ampla, por parte do *designer*, de seu papel gerador e reproduzidor de modos de vida.

Borges (2004) comenta que um bom *designer* precisa ser visionário e que precisa desenvolver a capacidade de enxergar problemas e perguntas que possam ser respondidas por meio de seu trabalho, ou seja, dos produtos que desenvolve.

Em Roche (2000, p. 13), encontramos elementos importantes sobre a questão dos limites de compreensão desse nosso universo material, quando nos adverte que as relações físicas ou humanas criadas por meio dos objetos não podem ser entendidas como mera materialidade, tampouco apenas como instrumentos, sejam de comunicação ou distinção social, mas que devem ser relocadas em “redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais”. São depoimentos de formas de vida, dos fenômenos, do avanço e, por vezes, do retrocesso. É no mundo social que o objeto se faz presente, nas relações que permite ou impede, nas facilidades ou dificuldades que traz, no dia-a-dia, mas também na forma como é pensado para levar à vida futura, conduzir a mudanças, ou responder a elas.

Ao afirmar situar-se a natureza essencial do *design* nas maneiras pelas quais os processos do *design* investem os produtos de significados alheios à sua natureza intrínseca, Denis (1998) adentra no universo dos aspectos simbólicos, culturais. Mas os aspectos simbólicos são aspectos culturais com forte ligação com os aspectos econômicos e, desse modo, dificilmente podem ser entendidos sem uma compreensão das hierarquias, das relações de poder, das tensões, das diferentes formas de sociabilidade e diferentes atores que intervêm no processo.

As “forças materiais se instauram sob a égide da cultura”, diz Sahlins (2003, p. 207), reforçando a idéia de que o processo é marcado pelas relações econômicas:

Se as roupas do fim de semana diferem das dos dias úteis, as noturnas das diurnas, as roupas de homem das de mulher, as roupas para o operário das roupas para o empresário – a diferença em todos os casos é marcada pelas relações econômicas. Pode-se dizer que a produção reflete o esquema geral da sociedade, ela não está senão olhando no espelho.

Sahlins vai ao encontro de Canclini (1983), reforçando ser a produção capitalista uma especificação cultural, referindo-se ao mercado de consumo como o local da produção de uma “distinção social” (termo amplamente difundido por Bourdieu), que é apropriada através do consumo e uso do objeto.

Não há como separar a cultura material, produzida no seio do social, do próprio social na qual se insere, como se tivesse autonomia. Os elementos estão fortemente imbricados, e uma análise de um dos lados, somente, correria o risco de ser vazia. Conforme Sahlins (2003, p. 204):

Os aspectos materiais não são separados dos sociais de maneira satisfatória; como se os primeiros se referissem à satisfação de necessidades pela exploração da natureza e o último aos problemas da relação entre os homens.

A partir de Sahlins (2003), podemos demonstrar que a escolha de uma roupa, de um simples copo ou talher, ou de um automóvel, passa pelos requisitos de uma mesma idéia de identidade que se quer deixar transparecer, relacionada ao grupo do qual se faz ou se pretende fazer parte, com algum nível de consciência de que as escolhas representam mudanças no meio natural.

Como reforçamos por meio de Ostrower (1986, p. 136):

No presente contexto cultural, a descoberta da novidade passou a ser uma preocupação central, obsessiva até. É o novo, o inédito, o insólito que se procura, não a bem da humanidade e para satisfazer uma necessidade real, mas ‘o novo pelo novo’, a substituição apenas pela substituição. Numa excitação febril e espasmódica, em parte induzida e em parte já consequência de um processo que gira em ponto morto, é a substituição que substitui – como se substituir em si fosse valor de vida – a pesquisa, o questionamento, o próprio trabalho. É o novo, o novíssimo, indubitavelmente melhor porque

indubitavelmente mais recente. Qualidades cronológicas logo corroídas pelo tempo.

Não podemos, porém, esquecer do fato evidenciado por Geertz (1989) de existirem diferentes tipos de indivíduos dentro de cada grupo cultural e que, se é importante conhecer o caráter essencial das várias culturas, é igualmente importante compreender os vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura. Isso afeta o *design* profundamente, no sentido de identificar e possibilitar as expressões desses diversos tipos de indivíduos.

Certamente existem pessoas que, mesmo tendo recursos para se manter “dentro da moda” e consumir objetos no ritmo da moda, contornam essa forma de viver baseada no consumismo, na renovação como forma de expor uma atualização, buscando outras possibilidades e construindo estilos de vida que se diferenciam dos grandes grupos. Essas pessoas acabam por criar outros estilos, alternativos aos existentes, preenchendo alguns “vazios” de um processo maior, algumas áreas meio sombreadas, brechas da sociedade de consumo, quebrando algumas hierarquias, e restabelecendo a ordem valorativa, mas ainda de forma acanhada e sem reflexos marcantes no tecido social como um todo.

Há, ainda, um outro lado dessa mesma história. Para além dessas pessoas que, tendo recursos, avaliam com cautela a necessidade de substituição de bens, vale reforçar que muito do que é deixado de lado por aqueles que substituem freqüentemente seus bens materiais é aproveitado pelas camadas menos favorecidas. Isso ocorre tanto para utilização direta (como é o caso de muitos aparelhos elétricos, fogões, geladeiras, camas, roupas, etc.) quanto indireta, como os projetos de reaproveitamento de materiais descartados para a reciclagem, sendo o processo de circulação dessas mercadorias, hoje, bastante complexo de ser pensado, merecedor de um estudo aprofundado em separado⁵².

Um outro tipo de reciclagem tem lugar mesmo dentre as camadas

⁵² Maria Cecília Loschiavo dos Santos, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, filósofa e estudiosa em estética e *design* é autora de diversos livros e desenvolveu pesquisa sobre as alternativas encontradas para os moradores de rua em Tóquio, São Paulo e Los Angeles. Em matéria disponível na internet sobre sua pesquisa (LOSCHIAVO, 2006), recuperamos o trecho a seguir: "O objeto que morreu para a sociedade de consumo é exumado, por uma necessidade de sobrevivência, e transformado em matéria-prima, com finalidades diferentes das originais".

médias e acima. Ramos (2004, p. 85) afirma:

Objetos que são restos do consumo, ou melhor, objetos que já foram definitivamente consumidos dão uma reviravolta e começam a despertar uma série de consumos que, em certo sentido, são inusitados, de uma criatividade anônima que compõe as táticas de sobrevivência.

Ramos (2004, p. 85) comenta sobre as garrafas de plástico ou vidro que se transmudam em recipientes utilitários ou simplesmente adornos, afirmando ser tudo recortado, refeito, repintado, (re)formado em uma dinâmica permanente e provisória. Destaca ser um movimento de vida e morte, de esquecimentos e memória, profunda e à flor da pele, imanente e transcendente, evidenciando a dicotomia impregnada nessa forma de consumo.

Ainda sobre as práticas culturais de consumo – tenham elas surgido por meio da vivência cotidiana que originou necessidades, ou sido incorporadas pela mimese, pelo que vem sendo denominado “efeito cascata”⁵³, tornando importantes os objetos disponibilizados e modificando a ação de seus usuários – recuperamos Denis (1998, p. 33), afirmando serem os significados:

[...] imputados pelos fabricantes, pelos distribuidores, pelos vendedores, pelos consumidores, pelos usuários ou, normalmente, pela conjunção de todos estes e outros mais, pois os objetos só podem adquirir significados a partir da intencionalidade humana.

Em outras palavras, é a ação humana intencional sobre os objetos que os torna significativos, e todo um sistema é ativado no processo de criação e consumo. Sobre essa intencionalidade, Denis (1998, p. 35) esclarece um dos princípios sobre o qual se assenta a atividade de *design*:

A função do *designer* não é de atribuir ao objeto aquilo que ele já possui, aquilo que já faz parte (*in haerere*) da sua natureza, mas de enriquecê-lo, de fazer colar – aderir mesmo (*ad haerere*) – significados de outros níveis bem mais complexos do que aqueles básicos que dizem respeito apenas à sua identidade essencial.

Pensando na questão da indústria, principalmente em relação ao

⁵³ Efeito cascata refere-se ao movimento que ocorre quando alguns objetos/tecnologias ou modos de vida, após serem disseminados entre diferentes atores de uma mesma camada social, atinge a diferentes camadas e grupos sociais.

desenvolvimento de produtos, vale recorrer ao ponto de vista bastante instrumental de Chabaud-Rychter (1998), quanto ao sentido do uso dos objetos, quando afirma ser a criação de objetos técnicos uma concepção de ações das pessoas que os utilizam. Na sua invenção e desenvolvimento, um inventário das práticas é compilado e “objetificado”, transformado em botões, peças e funções que facilitem e permitam o seu entendimento e, conseqüentemente, seu uso. Como propõe Ostrower (1986), isso tudo ocorre desde que as formas e alterações venham ao encontro de conhecimentos existentes, de técnicas ou tecnologias, sempre respondendo a necessidades sociais e aspirações culturais. Nesse sentido (OSTROWER, 1986, p. 40):

A matéria vem interligar-se, de partida, com um contexto histórico que a caracteriza quanto a finalidades e formas. A simples existência de uma matéria usada pelo homem diz respeito a todo um conjunto de fatores sociais.

Denis (1998, p. 37), revelando a parcialidade ou a imparcialidade do projetista, afirma:

Ao realizar o ato de projetar, o indivíduo que o faz não somente projeta uma forma ou um objeto mas, necessariamente, também se projeta naquela forma ou naquele objeto.

Por conseguinte, não há isenção, ainda que se pretenda uma neutralidade. Os projetos acabam por carregar as idéias sobre estilos de vida e importância que as coisas têm para os inúmeros atores envolvidos, a partir de suas experiências e observações.

A dimensão estética, que é percebida basicamente por meio da forma, da cor, da textura e dos materiais, é de suma importância nesse processo de diferenciação, de dar forma a relações, e não apenas um elemento a mais, uma maquiagem, como se poderia supor: “a dimensão estética não é um enfeite (acessório), mas um aspecto de vital importância de como nos relacionamos com o mundo” (CSIKSZENTMIHALYI e ROCHBERG-HALTON, 1981, p. 176) sendo elemento decisivo no apelo ao consumo dos objetos. Da mesma forma, a dimensão tecnológica (o apelo ao consumo de objetos que envolvem tecnologia complexa e atual) adquire significado como elemento distintivo, considerando

ainda terem os objetos inovadores um preço de lançamento que permite acesso somente às camadas mais altas, até que atinja um ponto de maturidade e possa ser disseminada entre as demais camadas sociais.

Marzano (1993, p. 176) afirma, sobre o papel do *designer*, que:

Desenhar novos objectos domésticos significa hoje dar forma a “relações”, desenvolver linguagens mais próximas dos tipos de comunicação humana, mais compreensíveis, capazes de proporcionar relações mais completas e complexas entre o Homem e os objectos. Relações de utilização, afectivas, simbólicas e psicológicas.

Essa empreitada é inteiramente cultural, visto estarem os objetos carregados de significado cultural. Afirma McCracken (2003, p. 11) que os consumidores utilizam os significados dos bens de consumo “para expressar categorias e princípios culturais, cultivar ideais, criar e sustentar estilos de vida, construir noções de si e criar (e sobreviver a) mudanças sociais”.

Bomfim (In: Couto e Oliveira, 1999, p. 152) comenta sobre a complexidade do contexto cultural que nos cerca, posicionando o *designer* nesse processo:

A figura dos objetos de nosso cotidiano é resultante direta ou indireta do contexto cultural que nos cerca e este contexto é cada vez mais complexo e multifacetado. O *designer* é um dos intermediários entre as dimensões cronológica e cosmológica⁵⁴ e os diferentes protagonistas que atuam neste espaço. Neste sentido, a tarefa do *designer* se realizará através da configuração de formas poéticas do *vir-a-ser*. E para que isto ocorra é necessário mais do que o conhecimento em áreas específicas do saber. É preciso o convívio e a compreensão da trama cultural, o *locus* em que a *persona* se identifica no seu estar no mundo.

O termo *locus* parece referenciar-se à localização, à compreensão do indivíduo do local que ocupa em seu meio social. Como afirma Corrêa (2005, p. 3):

É em meio à vida urbana ou metropolitana, com sua heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, ou ainda, na sua fragmentação e diferenciação de papéis e domínios, que se encontra

⁵⁴ No sentido de compreender a estrutura e a evolução do universo, preocupando-se tanto com a sua origem quanto com a evolução.

o “lugar” ou o contexto contemporâneo para a criação, apropriação ou descarte dos sistemas simbólicos e a modificação da cultura, por fim⁵⁵.

Para evidenciarmos nosso entendimento sobre sociedade urbana, emprestamos o sentido de Castells (2000, p. 127):

Quando falamos de “sociedade urbana”, não se trata nunca da simples constatação de uma forma especial. A “sociedade urbana”, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação.

É o dinamismo da cultura que possibilita a criação de novas necessidades (que correspondem a novos objetos), necessidades estas que auxiliam a construir e a determinar estilos de vida, representando os bens de consumo instrumentos-chave para a reprodução e manipulação de suas culturas. Como pontua McCracken (2003, p. 11):

Os mundos do *design*, do desenvolvimento do produto, da publicidade e da moda que criam esses bens são eles próprios importantes autores de nosso universo cultural. Eles trabalham continuamente para moldar, transformar e dar vida a esse universo.

Uma vez que a cultura é elemento central para a presente discussão, considerando ser a partir de elementos dela que se torna possível identificar semelhanças e diferenças nos modos de arranjar e vivenciar os espaços, chamamos a atenção para o seu caráter construtivo, recuperando Cuche (1999, p. 143) ao argumentar ser a cultura “uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si”. Importante lembrar que a cultura surge nas relações sociais, e que essas relações são desiguais.

Dentro do quadro de desigualdade, não se pode afirmar que grupos menos privilegiados, em termos de acesso ao consumo, seja ao consumo de coisas, de idéias ou de informação, não contribuam criativamente nos processos culturais. Como Certeau (1994) nos apresenta, há uma cultura comum, construída

⁵⁵ Para construir a afirmação, Corrêa remete a Berman (1986); Bauman (2001); e Giddens (2002).

no cotidiano, uma forma de adaptação às atividades que precisam acontecer no dia-a-dia – cuja inventividade, inclusive, se percebe mais fortemente entre as pessoas que precisam improvisar mais – que se renova, em todos os grupos sociais, por vezes sendo comuns a diferentes grupos. A forma de apreender isso, diz o autor, é captando a inteligência prática dessas pessoas comuns, sobretudo relacionada ao uso que elas fazem dos objetos da produção de massa. Sobre esta mesma questão, afirma Cuche (1999, p. 150-151):

Para uma produção racionalizada, padronizada, expansionista e ao mesmo tempo centralizada, corresponde uma outra produção chamada por Certeau de “consumo”, pois apesar de não se caracterizar por produtos próprios, ela se distingue pelas “maneiras de viver com” estes produtos.

Certeau (1994, p. 39) afirma ser a produção, à qual denomina de “consumo” astuciosa, dispersa, “silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”.

Cuche (1999) argumenta não poder ser o consumidor analisado ou qualificado apenas pelo que consome e assimila. Todavia, é preciso encontrar um “autor”, um agente sob esse consumidor, na maneira de usar o que assimila, descobrindo ou inventando formas diferenciadas de uso. Nesse uso dado aos produtos, nessa “defasagem”, abre-se um espaço para entender melhor a cultura material, enquanto uma cultura que se modifica, no uso, ou nas “artes do fazer”, para recuperar os termos de Certeau (1994), práticas anônimas que encerram, em si, a mudança.

Santos (2000, p. 986) é uma das autoras que trata desse caráter de inventividade, quando aborda a questão do *design* espontâneo, não feito por *designers*, na perspectiva daquilo que é descartado pela sociedade de consumo, sendo recuperado, adequado e reutilizado pelas pessoas que vivem em condições mais precárias, para a mesma função ou diferente, enquanto servirem para sanar necessidades relativas ao espaço doméstico:

É um tipo de laboratório vivo de criatividade da transformação de objetos produzidos massivamente. O *design* espontâneo expressa a identidade cultural autóctone e a natureza de sua relação com o ambiente urbano.

Também Roche (2000, p. 228) vai falar dessa interferência das pessoas sobre o mundo material, mais especificamente da inscrição das ações das pessoas sobre as coisas:

Nos mobiliários se inscrevem maneiras de ordem para as coisas agrupadas, histórias marcadas pela facticidade dos gestos, a necessidade do secreto, a valorização do conteúdo pelo continente.

O autor realça estar a nossa personalidade social contemporânea em jogo na aventura histórica da arrumação, referindo-se à colocação das coisas em lugares. As marcas da utilização, assim como o objeto ou espaço que permanece inalterado, com o passar dos anos, por estar abandonado ou preservado, são depoimentos da vida humana.

Como nos apresenta Certeau (1994, p. 82), "Como os utensílios, os provérbios ou outros discursos, são marcados por usos; apresentam à análise as marcas de atos ou processos de enunciação [...]", indicando uma historicidade social, sendo os instrumentos manipuláveis pelos seus usuários. Embora tenhamos o hábito de falar de cultura no singular, diferentes culturas convivem e se sobrepõem, sendo alteradas, reinventadas.

A noção de tecido sem costura (ou sem fronteiras), incluída no título deste item, assume o sentido de um espaço em que os limites entre os conceitos de *design*, cultura e sociedade não são claros, pois não precisam ser. Parece ser de um *design* assim que a sociedade ocidental está carente: um *design* em comunhão com a sociedade, desenvolvido com respeito aos aspectos culturais, sem, no entanto, procurar mantê-los intatos, visto que a própria cultura é dinâmica e se renova. Que se ajuste a ela (sociedade), em sua diversidade e adversidade, entendendo o tamanho de suas expectativas e necessidades. Que se molde às mudanças, e auxilie no processo de mudanças necessárias, sem, todavia, perder a possibilidade de provocar a reflexão sobre quem somos e para aonde queremos ir.

Diversidade e homogeneização são faces contrárias de um mesmo sistema. Ao mesmo tempo em que a maioria das pessoas com condições similares de consumo tendem a ter um sistema similar de objetos, a diversidade de ofertas é tão ampla que a gama de produtos disponibilizados acaba por

possibilitar uma espécie de “individualização” ou customização naquilo que seria, em sua origem, igual ou semelhante. É esta a questão central sobre a qual nos debruçamos no próximo item.

1.5 Diferenciação e semelhança: é possível detectar elementos comuns aos grupos sociais por meio dos interiores das moradias?

Embora buscando padrões possíveis de serem detectados na construção e na escolha de espaços e objetos, entre grupos semelhantes, retomamos, por meio de Leite (2000, p. 207), a acessibilidade ao consumo como elemento que permite não apenas multiplicar o número de objetos, na casa, mas ainda complexificar suas inúmeras combinatórias. Isso tem um reflexo direto e paradoxal: ao mesmo tempo em que objetos produzidos em massa conduzem a certa homogeneização, há uma oferta tão díspar, que possibilita arranjos suficientemente numerosos para permitir, dentro dos mesmos grupos, a criação de espaços bastante diferenciados, ainda que sirvam para semelhantes funções.

É em um desses campos de diferenciação inscrita no processo de reconhecimento dentro de determinado grupo específico, no caso camadas médias moradoras em Curitiba – e, portanto, também de semelhança – que desenvolvemos nossa pesquisa, na privacidade do lar. Conforme Coelho Netto (1999), o usufruto de um espaço privado corresponde a uma situação sócio-econômica privilegiada.

No tecido social, determinada classe “dominante” representa o consensual. No entanto, independente de reconhecermos a existência de um padrão dominante, e da importância de compreendermos e aprofundarmos estudos entre grupos distintos, inclusive entre as camadas menos favorecidas⁵⁶ trazemos a questão à discussão por termos feito a opção de estudar as camadas

⁵⁶ Embora com pouca representatividade, estudos sobre o espaço doméstico de grupos menos favorecidos vem sendo desenvolvidos. Trazemos como exemplo a pesquisa sobre o *design* informal ou espontâneo como uma forma de adaptação daqueles que não tem acesso ao mercado dos bens duráveis, a partir de Santos (2006) e sobre a criatividade dos sem-terra na construção de suas moradias, apontando as estratégias de construção e ocupação dos novos e provisórios *habitats*, por Castells (2001).

médias⁵⁷, considerando serem elas as consumidoras diretas de grande parte dos produtos industrializados ofertados no mercado, especialmente aqueles voltados ao espaço doméstico, que nos interessam de forma mais direta. Não se exclui a possibilidade de estudo de outras camadas, apenas não sendo esse o nosso objeto específico.

Acreditamos que, ao levar para o *design* a reflexão sobre as questões socioculturais e a circulação das mercadorias, estaremos provocando questionamentos sobre os modos de vida no âmbito dos interiores das moradias e dos objetos em seu interior de uma forma mais ampla, reflexões não necessariamente restritas a uma camada específica.

Sutil (1991) aborda os interiores das residências enquanto símbolos cheios de significados, capazes de influenciar e serem influenciados pelas maneiras de viver, pela cultura e grupos sociais que utilizam os espaços, destacando a importância dessa dimensão do local onde vivem, trabalham, constituem relações e famílias. Assim sendo, as pessoas acabam por interagir com outras de grupos distintos, e assim vão construindo suas idéias sobre si mesmas e os outros.

Woortmann (1982, p. 138) afirma que a casa é boa de pensar, indicando que "a casa é um 'texto', ou um 'discurso'", e que: "se a estrutura da casa fala uma linguagem simbólica, ela o faz, em primeiro lugar, para o grupo social correspondente".

Em grupos semelhantes podem ser identificados, assim, alguns padrões da vivência, escolha e composição de espaços que se aproximam, compondo estilos de vida. Conforme Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 18):

Atitudes, comportamentos e objetos domésticos formam um sistema de sinais ordenados que estrutura e é estruturado pelos "eus" daqueles que derivam suas identidades de uma mesma classe social.

A afirmação vai ao encontro do conceito de *habitus*⁵⁸, de Bourdieu (In:

⁵⁷ Temos consciência de que a forma de habitar os espaços, assim como a maneira de os compor, e os significados tendem a ser bastante diferenciados entre as diferentes camadas.

⁵⁸ Os *habitus* correspondem a sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente "reguladas" e

ORTIZ, 2003, p. 53-54), sendo os “eus” a coletividade a que Bourdieu se refere.

Ostrower (1986) argumenta que as disposições a que se refere Bourdieu (2003) compõem-se em grande parte de valores culturais, constituindo-se em ordenações que qualificam a maneira como o indivíduo responde às situações vivenciadas, orientando o seu pensar e imaginar, servindo ao mesmo tempo como “prisma” para enfocar os fenômenos e parâmetro de avaliação. Essas imagens referenciais configuram-se em cada ser a partir de sua própria experiência, ou seja, como imagem qualificada pela cultura. São, portanto, ordenações internalizadas.

Bourdieu (In: Ortiz, 2003, p. 59) vai falar em uma “orquestração sem maestro que confere regularidade, unidade e sistematicidade às práticas de um grupo ou de uma classe”. “É a posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos [...] transportam com eles em todo tempo e lugar, sob a forma de *habitus*” (Bourdieu In: Ortiz, 2003, p. 67).

As pessoas se reconhecem em suas atitudes, em seus hábitos de consumo e nas coisas que têm: “Sem os bens de consumo, certos atos de definição do *self* e de definição coletiva seriam impossíveis nessa cultura”. (2003, p. 11). Nesta passagem, além de ressaltar a importância dos objetos na definição do *self*, McCracken utiliza-se não apenas da idéia de indivíduo, mas igualmente da noção de coletivo, de forma similar àquela por nós utilizada para expressar as semelhanças – e por vezes desigualdades – entre os grupos estudados.

Conforme Nogueira (2002, p. 149):

A relação humana com os objectos e /ou artefactos é uma realidade incontestável e incontornável. Não podemos viver sem eles. O objecto é elemento identificador e caracterizador de grupos e comunidades e com eles estabelecemos uma relação tão próxima, quanto a que temos com os outros seres humanos com quem convivemos diariamente.

O autor acentua a importância dos objetos em seu papel de caracterizar os grupos reforçando, uma vez mais, a importância dos objetos dentro de uma

“regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente.

rede social.

Goffman (1985, p. 74) comenta sobre as diferentes maneiras de grupos diversos expressarem atributos como sexo, idade, jurisdição ou posição social, realçando que esses atributos são construídos por meio de uma configuração social complexa. Realça o autor:

Uma condição, uma posição ou um lugar social não são coisas materiais que são possuídas e, em seguida, exibidas; *são um modelo de conduta apropriada* [sem grifo no original], coerente, adequada e bem-articulada.

Ou seja, para além da cultura material, existem outros elementos culturais distintivos, que têm a ver com padrões de comportamento, com a gestualidade, inclusive a maneira de falar, que precisam ser considerados.

Um outro autor que vai retomar o assunto é Maffesoli (1987), acreditando na força das "tribos", argumentando continuar o tribalismo vivo na permanente reconstrução dos grupos que, nas sociedades de massa, procuram elementos de diferenciação, objetos/elementos que vão sendo apropriados na busca pela identidade, conforme os interesses e as condições.

Os bens são, assim, uma instância da cultura, como situa McCracken (2003, p. 104):

São uma oportunidade para a expressão do esquema categórico estabelecido pela cultura. [...] Categorias de pessoas, divididas em parcelas de idade, sexo, classe e ocupação podem ser representadas em um conjunto de distinções materiais através dos bens.

No entanto, como apresentado anteriormente, os bens não representam, de forma direta, estilos de vida, mas parte de um amplo repertório de hábitos e interesses que são reforçados ou modificados pela aquisição, tendo os bens um caráter decisivo nas rupturas e continuidades que se desenvolvem no tecido social.

Neste sentido, como nos apresenta Leite (2000, p. 207-208),

A identificação individual com determinado gosto não pode ser vista fora do alcance dos grupos de pertença e daquilo que, num dado momento, pode ser considerado de "bom gosto" ou, pelo menos, de um gosto legitimamente aceite e valorizado pelos membros do grupo de referência.

Os espaços construídos são discursos resultantes de vivências, forças e conflitos, no qual o gosto e as condições de cada indivíduo ou grupo social formam um todo representativo de modos de vida. Ortiz (2003, p. 08) afirma ser o gosto, não uma virtude individual, mas algo marcado por um conjunto de elementos sociais. Conforme Bourdieu (In: ORTIZ, 2003, p. 74):

O gosto, propensão e aptidão à apropriação material e/ou simbólica de uma categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa [geradora] que está no princípio do estilo de vida. Este, é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada subespaço simbólico (móvel, vestimentas, linguagem ou *hexis* corporal), a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados.

Concordamos ainda com Woodward (2001, p. 117), quando afirma, sobre o gosto:

Falar sobre o gosto e escolha estética com pessoas em suas casas oferece oportunidades para explorar os significados culturais, emocionais e estéticos que podem ser manifestados nos objetos domésticos.

Ostrower (1986, p. 9) comenta sobre a importância de observarmos como as coisas acontecem, independente de concordarmos ou não com elas, compreendendo, de qualquer forma, como elas se mostram a nós, como se formam e correspondem ao nosso universo de conhecimento:

Observar as pessoas e as casas, notar a claridade do dia, o calor, reflexos, cores, sons, cheiros, lembrar-se do que se tencionava fazer, de compromissos a cumprir, gostando ou detestando o preciso instante e ainda associando-os a outros – tudo isto são formas em que as coisas se configuram para nós.

É novamente Bourdieu (In: ORTIZ, 2003, p. 75-76) que vai nos auxiliar no sentido de compreender como luxo e necessidade são elementos divisores entre grupos sociais economicamente diferentes:

O mais importante das diferenças em estilo de vida, e sobretudo na “estilização da vida”, reside nas variações de distância com o mundo – nas pressões materiais e urgências temporais. [...] Assim, as preferências dos operários recaem, com mais frequência do que em

outras classes, em interiores asseados e limpos, fáceis de manter, ou nas roupas de corte clássico sem os riscos da moda que a necessidade econômica, em todo caso, lhes destina. Onde as classes populares, reduzidas aos bens e às virtudes de “primeira necessidade”, reivindicam limpeza e comodidade, as classes médias, mais liberadas da urgência, desejam um interior quente, íntimo, confortável ou cuidado, ou uma roupa da moda e original. Por serem muito arraigados, esses valores lhes parecem naturais e evidentes.

Bourdieu (In: ORTIZ, 2003, p. 76) comenta sobre uma espécie de lei por meio da qual aquilo que é raro, luxuoso e inacessível ou mesmo fantasia absurda, para aqueles que integram um nível anterior na escala socioeconômica, torna-se banal e relegado à ordem do necessário mediante o aparecimento de novos consumos, estes mais raros e, logo, distintivos.

Assim, identidade e diferença compõem os dois lados de uma mesma moeda, sendo os elementos que identificam os indivíduos como pertencentes a determinado grupo ou que os distingue dos demais. Ainda, segundo Bourdieu (In: ORTIZ, 2003, p. 78):

Na medida em que cresce a distância objetiva com relação à necessidade, o estilo de vida se torna cada vez mais o produto de uma “estilização da vida”, decisão sistemática que orienta e organiza as práticas mais diversas, como [...] a decoração da casa de campo. Afirmação de um poder sobre a necessidade dominada, o estilo de vida encerra a reivindicação de uma superioridade legítima sobre aqueles que, não sabendo manifestar esse desprezo pelas contingências no luxo gratuito e no desperdício ostentatório, permanecem dominados pelos interesses e urgências mundanas.

Embora o termo “dominados” nos pareça reducionista, a visão do autor é rica, mas precisa ser compreendida na situação em que a explicação foi gerada. Bourdieu (In: ORTIZ, 2003, p. 99-100), ao tratar das lutas de classe que acontecem entre a burguesia e a elite, comenta ser a relação com a cultura o elemento mais característico do estilo de vida da pequena burguesia pesquisada a que se refere e que, em certa medida, pode ser deduzida da distância entre o conhecimento e o reconhecimento⁵⁹.

De qualquer forma, o que nos interessa é o comentário de Bourdieu (In:

⁵⁹ Faz-se necessário ressaltarmos que a cultura à qual se refere o autor é a cultura das elites francesas, e que a classificação que ele utiliza pode não ter correspondência direta com o que encontramos ao sul do Brasil, em um outro tempo e lugar.

ORTIZ, 2003, p. 99-100) sobre o uso de artifícios nos espaços da moradia para “fazer de conta” que se ascende a uma outra realidade: cantos que se transformam em áreas definidas para multiplicar os cômodos, como o “canto-refeição” ou “canto-quarto”; truques semelhantes são utilizados para aumentá-los, como as separações com móveis e os sofás-camas:

Sem falar de todas as formas de imitação e dessas coisas capazes de “fazer as vezes de”, diferentes daquilo que realmente são: *kitchenettes* que “fazem as vezes de copa” e de “canto para refeições”, mesas de cozinha que também “fazem as vezes de sala” – maneiras de “o pequeno fazer as vezes de grande”.

Esses “truques” ou formas de imitação foram encontrados nas casas de pequenos-burgueses pesquisadas por Bourdieu, demonstrando o quanto as necessidades são criadas socialmente e disseminadas entre as camadas “inferiores” – em termos de acesso aos bens materiais – e, comumente, culturais em relação a uma elite que lhe serve de modelo. Mas ele afirma não acarretar isso em certa homogeneização do gosto, pois não sendo os *habitus* estáticos, seguirão a trajetória social dos indivíduos e mesmo grupos sociais nos quais se inscreve.

Trazemos Ono (2004, p. 48) para reforçar o que Bourdieu (In: ORTIZ, 2003) comenta a respeito do capital cultural:

De acordo com Bourdieu (1983), o “capital cultural” é transmitido por aparelhos culturais que engendram hábitos e práticas. Os bens culturais acumulados na história pertencem àqueles que dispõem de meios para apropriar-se deles, não se constituindo, apesar de formalmente serem oferecidos a todos, propriedade comum da sociedade, pois, para a sua compreensão, é necessário a posse e a capacidade de decifrar seus códigos. Isto constitui uma barreira considerável tanto ao acesso, quanto ao entendimento dos significados dos artefatos que compõem a cultura material, e, extensivamente, à padronização dos mesmos e à homogeneização da cultura.

Leite (2000, p. 208) nos lembra que a percepção que os grupos têm uns dos outros acaba por traduzir a posição que ocupam “na capacidade de produção de significado estético”, afirmando haver uma valorização, pelas camadas com menor poder aquisitivo, dos elementos acessíveis somente para as de maior poder, transformando essa “impossibilidade” de acesso em desejo de aquisição.

Esta consideração reforça a necessidade de – ao pesquisar sobre o sistema de objetos e espaços preferidos pelas pessoas – fazê-lo em consonância com um recorte histórico, geográfico e de condições de vida (estilo) de um grupo específico, mas sem esquecer das suas inter-relações com os outros grupos.

Como apresenta Ostrower (1986, p. 9),

Em cada ato nosso, no exercê-lo, no compreendê-lo e no compreendermo-nos dentro dele, transparece a projeção de nossa ordem interior. Constitui uma maneira específica de focalizar e de interpretar os fenômenos, sempre em busca de significados.

A mesma autora (OSTROWER, 1986) afirma que a cultura configura as formas de convívio entre as pessoas e, indo ao encontro de Bourdieu (1983) sustenta que o comportamento de cada indivíduo se molda pelos padrões culturais e históricos do grupo em que ele nasce e cresce. Esclarece, ainda, que com base nesses mesmos padrões coletivos ele se desenvolve enquanto individualidade, com seu modo pessoal de agir, o modo de sentir e de pensar os fenômenos, seus sonhos e aspirações, e suas eventuais realizações, ou seja, ela (a cultura) serve de referência à vida do indivíduo, ao que ele faz e comunica e mesmo à elaboração de novas atitudes e novos comportamentos.

Declara Ostrower (1986, p. 16 -17):

Os valores culturais vigentes constituem o clima mental para o seu agir. [...] Representando a individualidade subjetiva de cada um, a consciência representa a sua cultura.

[...] Nos processos de conscientização do indivíduo, a cultura influencia também a visão de vida de cada um. Orientando seus interesses e suas íntimas aspirações, suas necessidades de afirmação, propondo possíveis ou desejáveis formas de participação social, objetivos e ideais, a cultura orienta o ser sensível ao mesmo tempo que orienta o ser consciente.

Outro elemento a ser considerado – e com o qual podemos fazer um paralelo entre o que é estrutural e o que pode ser modificado – é o fato de que, ainda que as casas e os apartamentos sejam projetados de maneira criativa e “inovadora” para um determinado grupo social, eles podem ser modificados, reformados por interesses e gostos “individuais”, mas ainda assim manterão um padrão estrutural, inclusive sociocultural, cuja alteração se estabelece de forma

bem mais lenta do que as mudanças mais visíveis.

Os objetos, em geral, embora por vezes necessitem manter alguma referência com os já existentes – certa coerência formal que lhes dê sentido e importância – são substituídos com grande frequência, no mercado, apresentando mudanças pequenas, alterações na forma ou material. No entanto, o intervalo de modificações em relação às alterações mais radicais ou profundas – estas estruturais e sociais, tais como a redução dos espaços das moradias face à redução do tamanho da família – é bem maior. Ainda que ocorrendo modificações rápidas em vários objetos de uso cotidiano, alguns deles são mantidos através de gerações, para fazer parte do repertório daqueles que cristalizam memórias e evocam lembranças, representando e demarcando, em determinadas situações, o pertencimento (atual ou anterior) a determinado grupo.

Importante ter claro, ainda, que existem, para além das características comuns aos membros dos grupos pesquisados, as individuais, que atuam de forma marcante nas definições. As épocas em que as diferentes fases da vida são vividas conformam diferentes indivíduos, em termos de sociabilidade, valores, comportamentos, hábitos, linguagem, aceitação e uso de novas tecnologias, gosto, enfim, uma série de elementos que interferem em sua visão de mundo, assim como a fase do ciclo de vida em que cada pessoa se encontra.

Dentro da discussão das diferenças geracionais, no estudo de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 100), há uma questão importante a ser resgatada, de que os significados referentes ao passado aumentam de forma marcante da adolescência à fase adulta, sendo uma característica atemporal, ou seja, válida para diferentes épocas: "Para um adulto, objetos servem ao propósito de manter a continuidade do eu... como se isso expandisse através do tempo". Ou seja, há uma tendência à manutenção, ao resgate de elementos que recriam as histórias de vida.

Outro elemento central trazido pelos mesmos autores à discussão é que "Há uma mudança de uma ênfase nos significados egocêntricos na infância e adolescência para uma orientação social na fase adulta". (CSIKSZENTMIHALYI e ROCHBERG-HALTON, 1981, p. 194), e isso acaba se refletindo nos espaços e objetos escolhidos, sendo uma informação que nos auxilia no entendimento de

algumas questões.

Além disso, afirmam os autores que membros de uma mesma família podem ter como preferidos os mesmos espaços, por razões semelhantes ou distintas e, nesse sentido, a casa será uma embarcação cultivada por todos os membros, e se alguns objetos, espaços ou atividades forem os escolhidos por vários membros da família simultaneamente, tendo diferentes padrões de significado, isso corresponderá a que esses habitantes diversos residem, de fato, em diferentes meios simbólicos. Nesse sentido, cada residência poderia, então, conter diferentes "casas", com diferentes significados, significados esses passíveis de alteração no decorrer do tempo, caso os objetivos que conformam seus moradores fossem alterados.

Embora a casa, como já apresentado, tenha sua própria "personalidade", ela exerce influência recíproca nos membros da família. Ela "representa a '*gestalt*' da família e forma uma parte do 'eu social' dos indivíduos", afirmam Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 138). Ao referir-se à *gestalt*, os autores se referem à "configuração" pela qual a família é reconhecida, identificada, que tem a ver com sua capacidade de comunicar por meio do tipo de objetos e a forma como são dispostos, as repetições que se processam ao longo da moradia, entre outros elementos. Como expõem Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 184):

Os artefatos domésticos não apenas têm significados como objetos individuais mas também fazem parte da *gestalt* que comunica o senso da casa e indica o tipo de atividades que são apropriadas para as diferentes partes da casa.

Contudo, não são apenas as questões familiares ou geracionais abordadas no estudo de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 130). Sua pesquisa evidencia uma diferença no tipo de energia investida por homens e mulheres no que fazem, em relação à casa:

A casa, para os homens, vem a ser uma incorporação concreta de toda a energia física que investiram nela, seja diretamente, na forma de trabalho, ou indiretamente, na forma de dinheiro.

Já as mulheres "vêm a casa primariamente como um lugar onde as

peessoas interagem umas com as outras". (Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton, 1981, p. 132). As diferenças entre os sexos sobressaem em seu estudo, principalmente na significação dos objetos, sendo aqueles elementos que se ligam às memórias, associações e família próxima muito mais citados pelas mulheres do que pelos homens.

Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 106) comentam que as diferenças de entendimento, percepção e interesse, em relação ao mundo doméstico, refletem, no nível dos objetos domésticos simbólicos, "a 'distinção' que sociólogos têm feito entre a instrumentalidade dos papéis masculinos frente à expressividade dos papéis femininos [...]". Explorar os modos de fabricar e fazer coisas é, assim, avançar no entendimento de um aspecto central da construção dos sistemas de relações entre os sexos, ou dos papéis masculinos e femininos.

Também Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 57) abordam a questão, apontando certa ingenuidade daqueles que afirmam existir uma "essência" masculina ou feminina, em que "o reto, o direito, o duro seriam as marcas de espaços masculinos (o falo sacrossanto), ao passo que o macio, o curvo, o sinuoso seriam as características do espaço feminino (o não menos sacrossanto útero da mãe)".

No grupo pesquisado, investigamos homens e mulheres, tendo claro que as condições das mulheres, dos homens, das pessoas pertencentes a diferentes composições familiares e faixas etárias, enfim, podem ser captadas a partir de uma leitura dos espaços e objetos realçados por meio do processo de pesquisa, ou seja, que suas diferenças e igualdades se inscrevem nos espaços e objetos, podendo estas características ser capturadas pelas diferentes técnicas de coleta de informações. É justamente sobre estas questões, a partir dos procedimentos metodológicos, que trata o capítulo a seguir.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Expor a orientação metodológica da pesquisa, bem como os procedimentos, apresentando o grupo entrevistado, é objetivo deste capítulo, dividido em cinco partes: uma primeira, tratando de questões metodológicas gerais; uma segunda, que apresenta elementos para tornar conhecida a cidade na qual se desenvolveu a pesquisa; uma terceira, abrangendo os arranjos familiares pesquisados e o processo de entrevista; uma quarta, traçando o perfil dos entrevistados; e, por fim, a última parte, em que a importância do uso das imagens é evidenciada.

Vários autores nos auxiliaram na orientação das bases e procedimentos metodológicos e, nesse sentido, almejamos alcançar um nível de integração interdisciplinar pela reunião de elementos de diferentes campos do saber, capazes de assegurar uma análise diferenciada e adequada ao problema proposto. Conforme Magalhães (1998, p. 12):

[...] só através da análise e de estudos interdisciplinares, se poderá alcançar a compreensão do conjunto de fatores que serão capazes de configurar um crescimento verdadeiramente harmonioso. Aos fatores econômicos, privilegiados até bem pouco foram acrescentados os fatores sociais e, já agora, a compreensão do todo cultural. O Desenho Industrial surge naturalmente como uma disciplina capaz de se responsabilizar por uma parte significativa deste processo. Porque não dispondo nem detendo um saber próprio, utiliza vários saberes.

2.1 Questões Metodológicas

A complexidade⁶⁰ das relações, as abrangências e implicações nos levaram, de início, a uma série de questionamentos: Como dar conta de tantos elementos que se interpenetram e se entrecruzam, sem se ater a apenas um ou outro viés? Como identificar semelhanças nas preferências por espaços e objetos

⁶⁰ Complexidade dada “pelas múltiplas individualidades de que é formada [uma comunidade social] e pela visão de mundo de cada época, além de variar no imaginário de cada povo, nas influências externas, [...] a movimentação específica de cada região e a diversidade cultural de cada país”. (PAPES, 2002, p. 1-2).

no interior doméstico, entre indivíduos que moram sozinhos e outros que vivem em família ou entre arranjos familiares distintos?

Para tentar responder a essas questões, optamos por entrevistar moradores de unidades domiciliares na cidade de Curitiba/PR, ao sul do Brasil. Elegemos como nossos informantes adolescentes e adultos pertencentes a camadas médias e, escutando atenciosamente suas vozes, nos utilizamos das suas falas e de uma descrição dos arranjos dos locais domésticos visitados. Assim, os indivíduos se tornaram, além de nossos interlocutores, “atores”, formando um grupo, a partir de nossa descrição e construção, falando sobre coisas sobre as quais não têm o hábito de refletir em seu dia-a-dia. Escolhemos as camadas médias⁶¹ especialmente por reunirem pessoas cuja possibilidade de acesso ao consumo de parte significativa dos bens materiais dirigidos ao ambiente doméstico ia ao encontro de nosso objetivo.

Importante realçar que, fazendo parte do mesmo grupo de pesquisa, foi preciso desenvolver uma postura de estranhamento, pois, como apresenta Ramos (2004, p. 144): “Como falam os antropólogos, torna-se necessário estranhar o normal, perguntar-se sobre o cotidiano e suas banalidades, questionar-se sobre o óbvio. Não há conhecimento sem espanto.”

Chagas (In: RAMOS, 2004, p. 11), ao falar sobre a obra de Ramos, evidencia estar o autor em risco, visto que “falando de dentro”:

O lugar de onde ele fala, todavia, não é uma fortaleza inteiramente segura. Falando de dentro, ele corre o risco de falar como um nativo falaria de sua ilha natal, para quem tudo no mundo é ilha, para quem a idéia de continente é uma abstração. Entretanto, a meu ver, constitui um exercício de estranhamento da ilha.

Nesse sentido, precisamos admitir termos corrido também esse risco, precisando “reinventar” os espaços e objetos para que deixassem de ser

⁶¹ A discussão sobre o sentido de classe, camadas, estratos sociais ou espaços sociais, entre outras nomenclaturas, foi (e ainda é) objeto de estudo de muitos sociólogos, de Marx a Bourdieu, para citar apenas dois dos expoentes da Sociologia. Não sendo nossa intenção discutir o tema específico, adotaremos o termo “camadas” para apontar um grupo que tem semelhanças em termos de possibilidades de aquisição (padrões de consumo) e um estilo de vida composto por algumas características comuns, sejam elas morar em região central ou mesmo em condomínios residenciais mais afastados, ter acesso a fontes variadas de informação, cultura, lazer e comunicação (livros, televisão, revistas, *internet*, cinema, *videogame*, museu, entre outros), utilizando-se deles.

“comuns”, revestindo-os de significados encontrados por meio da nossa lente de pesquisadores, embasados em teorias e forçadamente afastados de nossos objetos de pesquisa a fim de enxergar com maior clareza as diferentes *nuances* que os transformam em algo especial.

Após um recorte mais preciso sobre o objeto de estudo e elaboração do marco teórico, e com base nos elementos discutidos e reavaliados após a qualificação, dando origem a um roteiro (Anexo 1) mais simplificado e aberto do que o utilizado inicialmente, nas entrevistas exploratórias (Anexo 2⁶²), demos continuidade ao processo de realização das entrevistas para além das quatro feitas inicialmente. Ressaltamos terem sido as mesmas igualmente consideradas para fins da pesquisa.

As entrevistas foram desenvolvidas por haver necessidade de obter dados que não se encontravam em fontes documentais, sendo os mesmos relevantes e significativos (LAKATOS e MARCONI, 2001), necessários para aprofundar o assunto e obter respostas às indagações. As informações obtidas, após triagem, foram submetidas a um confronto com a teoria. Um roteiro com questões semi-abertas foi utilizado na condução das entrevistas, permitindo que a não-linearidade não fosse um obstáculo ao alcance dos objetivos propostos, e que elementos fossem retomados, quando percebemos algum desvio, ou mesmo insuficiência de informações em relação a algum dos aspectos buscados, artifício utilizado por inúmeras vezes. Buscamos estabelecer o diálogo com os entrevistados, uma vez que, a partir dessa relação, é que se poderia processar a criação de um conhecimento novo. Sempre que fomos perguntados sobre as questões, procuramos dissolver as barreiras e responder às questões suscitadas.

A pesquisa, do ponto de vista quantitativo, pode ser considerada de pequena escala, pois foram realizadas 51 entrevistas. Assim, utilizamos sobretudo uma metodologia qualitativa – escolha feita considerando que buscamos levantar em profundidade subsídios e informações sobre as questões principais – centrada no âmbito do paradigma interpretativista. Neste paradigma os significados surgem

⁶² Nos casos em que as pessoas tiveram dificuldade em expressar suas preferências, em termos de objetos, utilizamo-nos de um subterfúgio, colocando a situação do que seria recuperado/pego se houvesse um incêndio e a pessoa tivesse apenas alguns minutos para eleger algumas de suas coisas.

do compartilhamento, assim como do aprofundamento do assunto, num processo de ir e vir entre pesquisador e pesquisado, entre teoria e elementos levantados no processo de entrevistas, por vezes suscitando levar a fundo alguns componentes adicionais. Alguns elementos não evidenciados na teoria ou nas entrevistas exploratórias surgiram posteriormente, no processo de pesquisa e, por serem relevantes, foram considerados e contemplados no aporte teórico. Apropriando-nos dos termos de Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 232), o trabalho resultante é “datado e datável, limitado e não exaustivo”.

A análise se desenvolveu pelo confronto dos autores estudados com o conteúdo das entrevistas, mas complementarmente por intermédio do processo de observação, sendo resgatados alguns elementos pontuados em um Diário de Campo⁶³, preenchido após a realização das entrevistas em cada moradia visitada. A apresentação e a análise das imagens obtidas no momento das visitas às moradias fizeram-se igualmente importantes, e procuramos, mais do que descrever os arranjos espaciais e artefatos, compreender as interconexões que emergem nessa “construção”, ou seja, nas escolhas dos objetos e artefatos, na forma de arranjar e vivenciar os espaços, evidenciando elementos nem sempre visíveis por meio das falas. As fotos foram utilizadas, assim, como elementos essenciais ao processo, e fizemos questão de incluí-las no corpo do texto, e não como anexo, por serem elementos integrantes para a compreensão dos conteúdos, sendo a questão específica das imagens retomada mais à frente.

Casas e apartamentos, no espaço urbano, localizados em bairros diversos na cidade de Curitiba foram o *locus*. Procuramos captar e compreender as diferenças e as semelhanças, as rupturas e as continuidades, as estratégias de acomodação, para dar conta das preferências por determinados espaços e artefatos.

A definição das moradias a serem pesquisadas acarretou duas situações distintas: por um lado, nas casas, os espaços projetados comumente a partir de vivências anteriores, sob influência de um engenheiro ou arquiteto. Por outro, os espaços já definidos e construídos, com pouca possibilidade de

⁶³ Desde agosto de 2003, um Diário de Campo vem auxiliando nosso estudo, sendo o suporte em que percepções e conversas informais se materializam, enquanto documentação, sendo partes dele resgatadas conforme necessidade.

modificação (em geral apartamentos, impedindo maiores alterações), arranjos conforme as necessidades, preferências, interesses, possibilidades e limitações. Independentemente do tipo de moradia, procuramos investigar unidades residenciais preferencialmente de propriedade dos moradores.

Para a descrição⁶⁴ dos arranjos e artefatos preferidos, bem como das vivências, mantivemos os termos surgidos no processo de pesquisa, iniciando pelos que emergiram nas primeiras entrevistas, motivo de utilizarmos diferentes palavras para expressar uma mesma coisa⁶⁵.

Os dados foram coletados pelo uso da técnica de entrevistas semi-estruturadas, com um roteiro de apoio, gravadas (após autorização, havendo sempre concordância), e, posteriormente, as fitas foram transcritas e analisadas, sendo informantes moradores adolescentes e adultos, desde que tenham concordado livremente em participar da pesquisa (no caso de menores, eles foram autorizados pelos pais) e tivessem a partir de 13 anos de idade, à data da mesma. As entonações dos entrevistados, as pausas e os gestos foram considerados como elementos dotados de significados, tanto quanto as palavras.

2.2 Curitiba: o recorte geográfico de nossa pesquisa

Curitiba, capital do Estado do Paraná, está localizada na Região Sul do Brasil. Foi fundada em 1693. Ocupa o espaço geográfico de 432,17km², situando-se em um contexto regional e internacional peculiar, visto localizar-se ao centro do território mais industrializado da América do Sul, entre os eixos: Belo Horizonte e Rio de Janeiro; São Paulo e Assunção; e Montevideu e Buenos Aires. Tornou-se referência nacional e internacional em termos de planejamento, pois há mais de 35 anos tem seu desenvolvimento local planejado e orientado (PMC, 2004).

⁶⁴ Esclarecemos que a descrição foi possível por termos adentrado nos espaços descritos pelos entrevistados, convivendo, ainda que por pouco tempo, com eles, observando os acontecimentos, escutando suas falas sobre seus cotidianos, seus espaços e objetos preferidos, seus modos de vida, capturando imagens para compor análise posterior, e anotando elementos complementares (percepções) no Diário de Campo, após a realização de cada entrevista.

⁶⁵ A título de exemplificação, a referência à casa é feita com termos como moradia, habitação, lar, mantida uma mesma conotação, que é a de um espaço habitado e constituído com forte carga emocional, em geral compartilhado por outros membros.

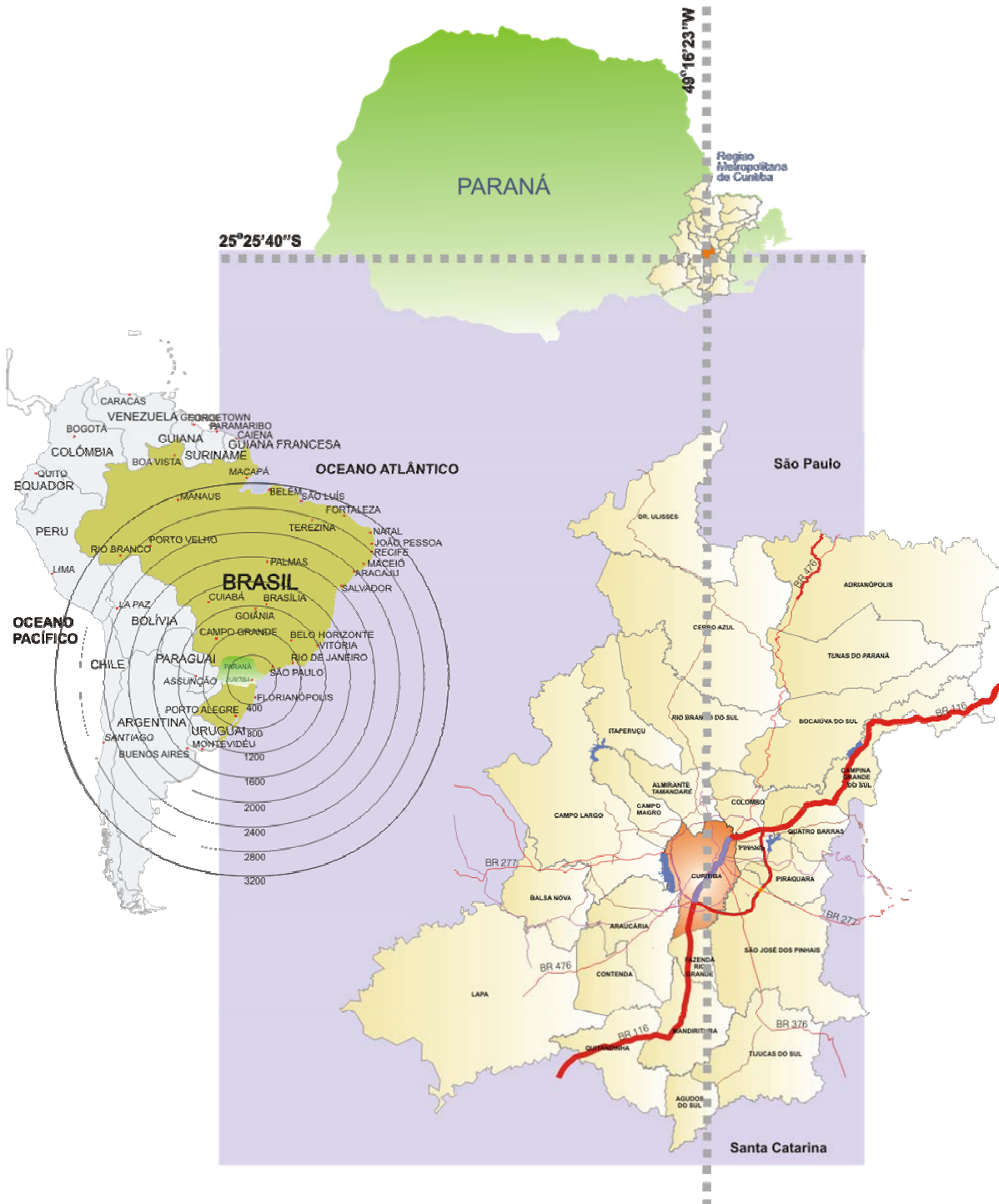
Não se limitando a seu espaço geográfico, Curitiba evidencia os laços culturais com povos de vários continentes: dentre os mais numerosos estão os portugueses, italianos, poloneses, alemães, ucranianos, japoneses, sírios e libaneses (IPPUC, 2004), culturas que são expostas por meio da arquitetura, da culinária, de objetos de uso e decorativos, mas igualmente pela maneira de falar, pelos diferentes sotaques, e ainda pelas formas de viver a cidade e a vida doméstica.

Alguns bairros têm grande concentração de pessoas de determinada origem étnica, destacando-se, para citar um exemplo mais conhecido, o caso de Santa Felicidade, o bairro dos imigrantes italianos, importante ponto turístico da cidade não apenas pela culinária, mas pela maneira diferente e especial de receber, pela hospitalidade apontada em vários estudos sobre a imigração italiana no Paraná e em Curitiba.

A imagem que o morador curitibano de camadas médias como as pesquisadas faz, de si, é de um povo que vive em função da família. Para alguns, é simpático e recebe bem; para outros, é fechado e difícil de fazer amizade. A valorização do lazer é outra de suas características. O fluxo migratório ocorrido nas últimas três décadas parece estar configurando novos costumes e novos valores, uma nova forma de “ser curitibano” (ADVB/Gazeta do Povo, 2001), uma forma múltipla, em constante transformação.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA NA AMÉRICA DO SUL, NO BRASIL E NO ESTADO DO PARANÁ – 2002



Fonte: IPPUC/Banco de Dados.

Elaboração: IPPUC/Banco de Dados.

Curitiba tem, a partir desta peculiaridade de formação histórica, o caráter multicultural e cosmopolita, no sentido de assemelhar-se a outros grandes centros urbanos e a importante característica de ser a cidade pólo da Região Metropolitana, que atualmente é composta por 26 municípios (IPPUC, 2004).

Isso dá à cidade uma qualidade diferenciada, encontrando-se nela moradias dos mais variados estilos, desde a casa polonesa, construída com troncos de madeira, ao estilo japonês, em planta redonda, com características pouco comuns ao mundo ocidental.

O retrato bucólico e típico das casinhas de madeira dos descendentes de italianos ou poloneses, com seus beirais trabalhados, está dando lugar às casas de alvenaria, que já são maioria, mesmo nos segmentos menos favorecidos da população (ADVBPr/Gazeta do Povo, 2001).

A diversidade se expõe não apenas pelos traços estilísticos que compõem as casas e prédios de moradias ou mesmo comerciais, mas igualmente em suas obras públicas, como os Parques, Monumentos e Museus, que comumente resgatam edifícios antigos que foram moradias dos nobres, como são exemplos: o Solar do Barão e o Teatro do Paiol (antigo paiol de pólvora) ou em edifícios novos, “modernos”, como o Museu Oscar Niemeyer, para citar uma obra mais recente.

Além da multiplicidade estilística e diversidade de etnias e povos, que vêm se mesclando ao longo da sua constituição, verifica-se também um grande crescimento em termos do número de moradores, participantes do processo migratório rural-urbano, de forma mais marcante nas últimas três décadas, ou seja: o acelerado crescimento populacional verificado no cenário internacional, bem como a tendência à urbanização, repete-se em Curitiba (PMC, 2004).

A Região Metropolitana contava, em 2000, com uma população de 2.768.394, sendo que 1.587.315 (57,34%) dentre essas pessoas residiam no município sede, ou seja, em Curitiba. Ainda, conforme dados do último Censo do IBGE, a população está sofrendo rápida transformação quanto à sua estrutura etária, seguindo igualmente as tendências mundiais. Desde a década de 90, mais da metade da população passou a ter mais de 24 anos, proporção esta que

chegou, no novo milênio, a 55,44% (PMC, 2004).

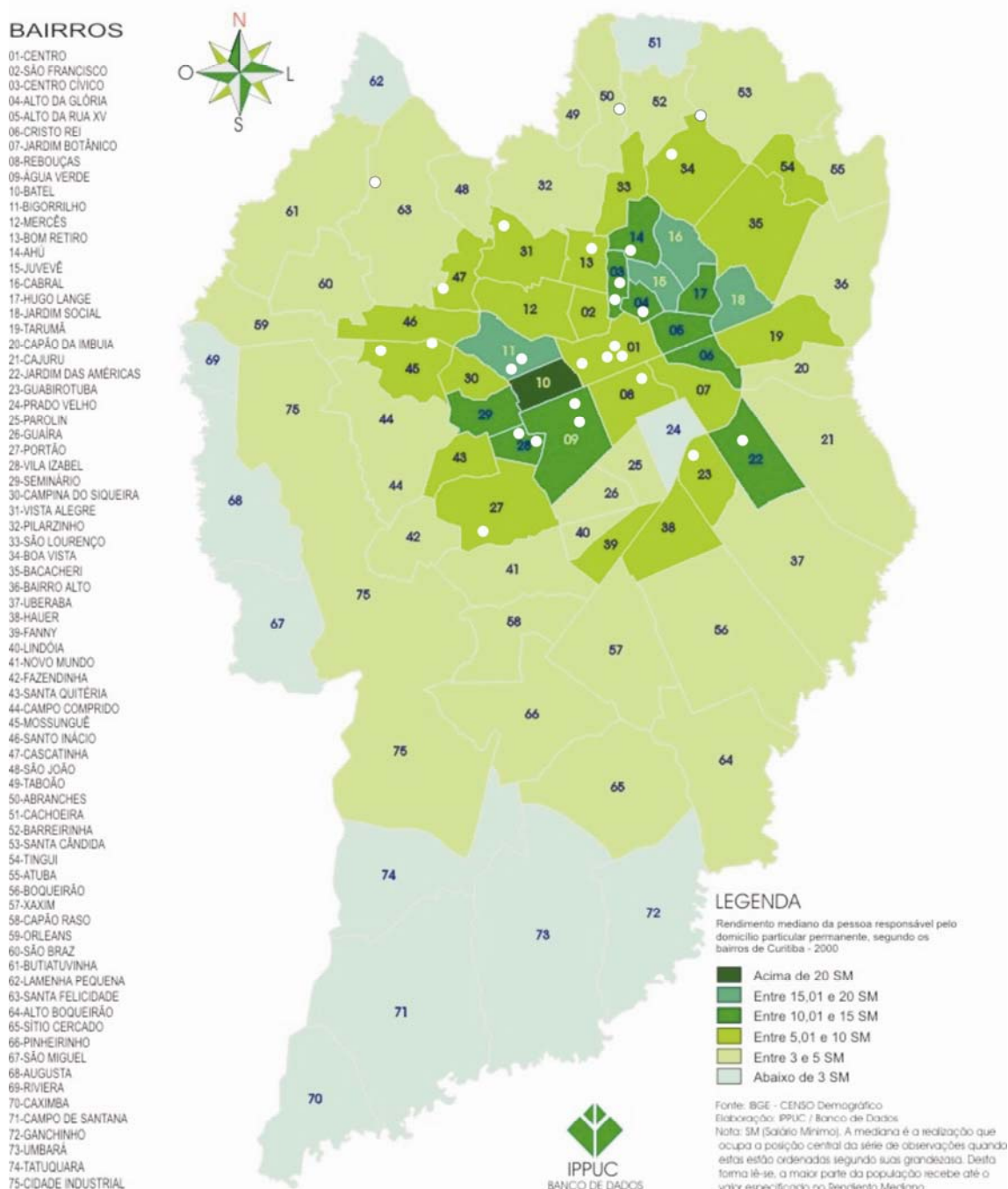
No Brasil, a cidade é conhecida por suas baixas temperaturas, sendo a sua localização, topografia e altitude, como a barreira geográfica da Serra do Mar, determinantes para o clima mais frio (as temperaturas médias variam de 13 a 22° C, do inverno ao verão, mas chegam a baixar de 0° C, no inverno, e ultrapassar os 33° C no verão).

Com amplas áreas verdes e um sistema integrado de transporte eficiente, tem boas escolas e uma ampla estrutura de supermercados e hipermercados, assim como de *shopping-centers*. Esses elementos, aliados à ampla exploração de alguns aspectos da imagem da cidade junto à mídia, em anos mais recentes, ampliam o processo migratório e transformam a cidade.

Além dos dados mais genéricos até aqui apresentados, resgatamos o posicionamento das moradias por meio de um mapa que retrata os bairros e sua relação com a perspectiva socioeconômica de seus moradores, aproximando-nos dos elementos que nos importam de maneira mais direta para a pesquisa.

MAPA 2 – RENDA MEDIANA POR BAIRRO EM CURITIBA – 2000

Renda Mediana por Bairro em Curitiba - 2000



Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000.

Elaboração: IPPUC/Banco de Dados.

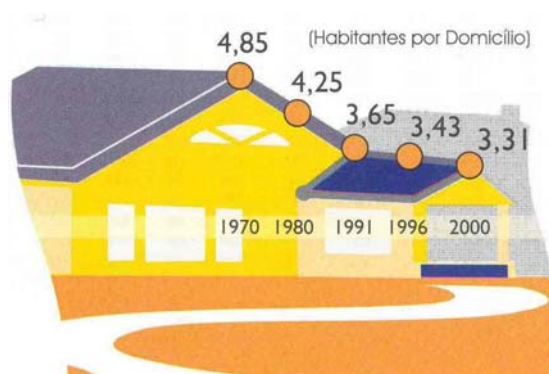
Obs.: Os círculos em branco referem-se ao posicionamento das moradias visitadas, tendo sido por nós acrescentados.

Em termos de concentração de renda, a mesma é nitidamente maior na região central da cidade (o Marco Zero localiza-se no Centro), reduzindo-se no sentido das periferias. Neste sentido, destacam-se alguns bairros: o bairro do Batel (acima de 20 Salários Mínimos/SM), seguido pelos bairros Bigorrrilho, Juvevê, Cabral e Jardim Social (de 15,01 a 20 SM); os bairros do Ahú, Centro Cívico, Alto da Glória, Alto da Rua XV, Cristo Rei, Jardim das Américas, Água Verde, Vila Izabel e Seminário vêm a seguir (entre 10,01 e 15 SM).

É justamente nestes bairros mais centrais que vive a maioria dos nossos entrevistados. Dentre as moradias pesquisadas, catorze delas localizam-se em bairros cujo rendimento médio varia de 5 a 10 salários-mínimos; nove delas em bairros cujo rendimento médio fica entre 10 e 15 salários mínimos; duas em bairros cujo rendimento médio está entre 15 e 20 salários-mínimos; e duas delas em bairros cujo rendimento médio fica entre 3 e 5 salários mínimos. Nas duas situações aqui explicitadas, as moradias encontravam-se em condomínios fechados, representando, assim, ilhas privilegiadas dentro de bairros de populações de menor poder aquisitivo.

Destaca-se o fato de que o número de habitantes por domicílio em Curitiba vem sofrendo um decréscimo, nas últimas décadas, alterando-se a média de 4,95 habitantes por domicílio, em 1970, para 3,31 habitantes por domicílio, em 2000. (IPPUC, 2004)

GRÁFICO 1 – HABITANTES POR DOMICÍLIO EM CURITIBA – 1970 a 2000



Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1970, 1980, 1991 E 2000 e Contagem Populacional 1996.
Elaboração: IPPUC/Banco de Dados.

A concentração é desigual, sendo menor nos bairros de maior concentração de renda e no Centro, cuja média não ultrapassa a 3 habitantes por domicílio, e maior nos bairros periféricos. Nestes, a média fica acima de 3,5 habitantes por domicílio.

Dentre os domicílios permanentes, a maior parte é composta de moradias próprias (74,92%, parte ainda em processo de aquisição). Seguem-se a locação (17,47%), e os imóveis cedidos (5,82%).

As pessoas que foram por nós pesquisadas, em sua maioria, possuem imóveis próprios e utilizam-se de automóveis particulares para a maior parte de sua locomoção, mas igualmente do sistema público de transporte, considerado referência no país. Nas situações em que os entrevistados moravam em locais mais distantes do centro, os filhos estudavam em escolas particulares, tendo acesso ao mesmo universo cultural dos demais entrevistados.

Os *shopping centers*⁶⁶ e espaços culturais diversos, como cinemas, teatros e salas de exposição, são de interesse da maioria adulta pesquisada, assim como as feiras livres, feiras de artesanato e mobiliário, sendo os parques utilizados com bastante frequência nos finais de semana. Evidencia-se, na cidade, uma grande diferença em termos de utilização dos *shopping centers*, conforme a sua localização, estilo e mesmo dia da semana. Aqueles cuja proximidade de ônibus que vêm de bairros mais distantes são ocupados, principalmente nos finais de semana, não apenas pelas camadas médias, como as pesquisadas, mas igualmente por pessoas de menor renda, sobretudo adolescentes e jovens advindos de camadas populares, que os transformam em um espaço para o

⁶⁶ Conforme Sarlo (2004, p. 16 a 18), o shopping corresponde a uma ordenação total sem deixar, no entanto, de dar a impressão de percurso livre. É todo futuro, pois constrói novos hábitos, vira ponto de referência e faz com que a cidade se acomode à sua presença. São cada vez mais extensos, dos quais nunca se precise sair, como são exemplos os "shoppings-spas-centros culturais de Los Angeles e, é claro, Lãs Vegas. São aldeias shoppings, museus-shoppings, bibliotecas e escolas-shoppings, hospitais-shoppings". Diferentemente das galerias do séc. XIX, nos shoppings não se poderá descobrir uma arqueologia do capitalismo, senão sua realização mais plena. Um elemento importante é apontado pela autora, já evidenciado por Augé (1992), o de que o shopping se adequa ao nomadismo contemporâneo, uma vez que sua lógica pode ser encontrada em qualquer local em que ele exista. "Depois de uma travessia por cidades desconhecidas, o shopping é um oásis onde tudo acontece exatamente como em casa [...] pode-se encontrar um repouso em espaços que são familiares", como afirma Sarlo (2004, p. 19).

encontro. De forma semelhante, a ocupação dos *shopping centers* mais afastados da região central se dá de forma mais diversa, em termos de renda.

Destaca-se, no bairro Centro Cívico, uma peculiaridade da cidade: o chamado “cachorródromo”. Ali, nos finais de tarde, principalmente em fins de semana, encontram-se as mais diversas raças e portes de cães, com seus donos comumente de camadas médias e acima. Muitos deles moram em locais distantes e levam seus animais dentro de seus automóveis. Outros saem a pé para passear, e é possível perceber, ali, não apenas os diferentes tipos de pessoas que habitam Curitiba, mas alguns dos hábitos e cuidados especiais com os animais de estimação comuns a essas diferentes pessoas, em sua maioria oriundas de camadas mais favorecidas. Os animais acabam propiciando o encontro e a possibilidade de aproximação. Trazemos o fato à baila não apenas pelo aspecto curioso, mas igualmente por termos encontrado animais de estimação, principalmente cães, em 50% das moradias visitadas.



Trazemos a imagem apenas a título de ilustração: o “cachorródromo”, espaço atrás do Museu Oscar Niemeyer, no Bairro Centro Cívico, junto ao Bosque Polonês, é o local de levar os cães nas tardes de sábado e domingo, funcionando como um parque onde, diferente dos demais, os cães ficam soltos. A diversidade de portes e raças forma um espetáculo à parte.

Outro ponto importante, na cidade, é a Feira de Artesanato do Largo da

Ordem, local onde se aglomeram milhares de pessoas todos os domingos, pela manhã e no horário de almoço. O local não é apenas um espaço de consumo, mas igualmente de passeio, e, nesse sentido, amplamente visitado.

A capital paranaense iniciou o Terceiro Milênio e o século XXI com uma população essencialmente urbana, equilibrada entre homens e mulheres. No entanto, por trás dos números que possam ser levantados, existem diferentes perfis, ou seja, várias facetas de uma população de diferentes origens, estilos de vida, comportamentos e hábitos (ADVB/Gazeta do Povo, 2001).

Adentrando mais especificamente no objeto de pesquisa, retomamos, a seguir, algumas características dos arranjos familiares pesquisados.

2.3 Os arranjos familiares pesquisados e o processo de entrevista

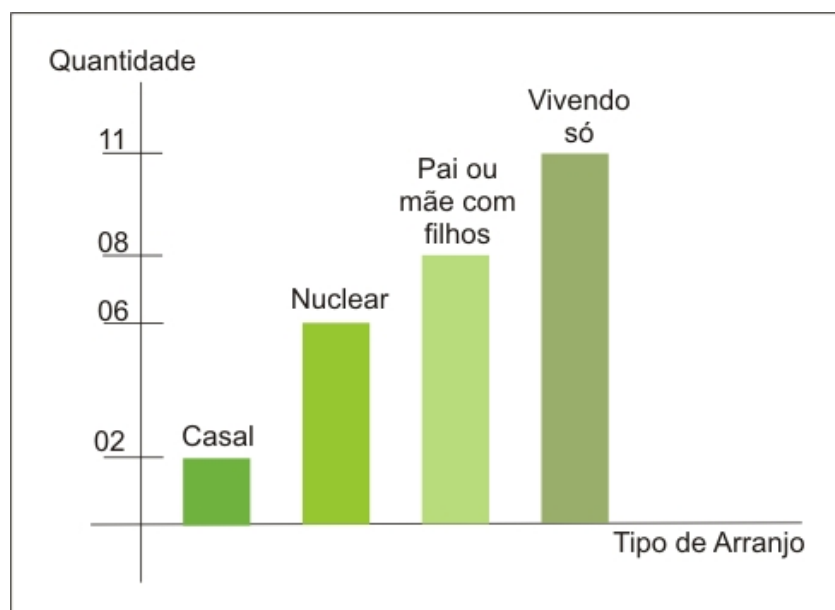
Considerando a necessidade de verificar se os elementos encontrados de forma esparsa na teoria tinham correspondência na vida real, e se os objetivos da pesquisa seriam viáveis, desenvolvemos quatro entrevistas iniciais com representantes das camadas médias moradoras em Curitiba, pessoas já conhecidas, que foram contatadas antecipadamente, por telefone, tendo sido marcados os horários possíveis a cada uma delas⁶⁷: uma, com uma mulher na faixa dos 40 anos morando sozinha em um apartamento de cerca de 60 metros quadrados, na área central, e as outras três com membros de uma mesma família, sendo os pais da carreira acadêmica, na faixa dos cinquenta anos e um dos filhos (que concordou em ser nosso informante) estudante universitário, na faixa dos 20 anos de idade, moradores em uma casa de cerca de 300 metros quadrados, em bairro central na cidade de Curitiba. As entrevistas aconteceram nas casas dos entrevistados, em espaços por eles escolhidos individualmente. A escolha das pessoas para a realização destas entrevistas iniciais foi feita considerando a idéia

⁶⁷ Para melhor entender as opiniões, acreditamos ser importante reconhecer que, no momento das entrevistas, os/as entrevistados/as de cada geração têm não apenas idades, mas experiências de vida diferentes, questões fortemente demarcadas por suas histórias em função da geração, condição socioeconômica e características culturais registradas no seu processo de criação e, posteriormente, em seu meio social.

de desenvolver um estudo abrangendo famílias nucleares e pessoas vivendo sós.

Dada a impossibilidade de estudar todos os tipos de arranjos familiares existentes, optamos por desenvolver nossa pesquisa em alguns arranjos diferenciados. Inicialmente, ao tipo de arranjo ainda predominante no Brasil, o da *composição nuclear*, ou seja, marido e mulher com ao menos um filho morando junto. Avançamos, em seguida, no sentido de pesquisar os arranjos que se tornam visíveis: o de *pais e mães que criam seus filhos sem o auxílio de um(a) parceiro(a)* e o grupo de *pessoas vivendo sós*, que forma, juntamente com as mães que criam seus filhos sozinhas, o grupo que mais cresce. Uma situação de recasamento foi analisada, sendo incluída, pela similaridade, no arranjo da *composição nuclear*. Dois casais complementaram a nossa pesquisa, sendo um deles heterossexual e outro homossexual.

GRÁFICO 2 – CARACTERIZAÇÃO DOS ARRANJOS FAMILIARES PESQUISADOS



A divisão em grupos domésticos distintos deve-se ao fato de que a organização/arranjo dos espaços se dá em função da organização social interna, e consideramos serem essas diferenças qualitativas importantes, ainda que os grupos (composições familiares) guardem entre si características de similaridade, que nos permitem compreendê-los enquanto um grupo maior.

Os resultados da pesquisa referem-se a um universo de 51 pessoas, distribuídas entre os diferentes agrupamentos. Trata-se de um número que atendeu aos propósitos do trabalho, permitindo desenvolver comparações, e compatível com as limitações de prazos para elaboração dos levantamentos, possibilitando, ainda, a obtenção de alguns índices quantitativos (sem intuito de serem passíveis de generalizações) importantes para agrupar ou separar os indivíduos pesquisados, que nos serviram de apoio às análises.

Considerando nossa opção metodológica, os critérios para a seleção dos informantes foram, basicamente, moradores de casas e apartamentos⁶⁸,

⁶⁸ Outras possibilidades foram discutidas, como Condomínios de Apartamentos, Condomínio de casas, especificamente, casas e apartamentos num mesmo bairro, entre outras, assim como o tempo de construção das moradias. Porém, estas questões ficaram em segundo plano em relação ao objetivo proposto, inclusive pela dificuldade de entrar nos espaços de pessoas desconhecidas e mesmo resistência, no caso de moradores vizinhos, não sendo decisivas ao objeto de estudo proposto.

iniciando com pessoas conhecidas, excluindo-se parentes ou amigos que encontrássemos com frequência maior do que quatro vezes ao ano; em seguida, pessoas indicadas por amigos próximos e parentes.

Isso acarretou situações em que a entrada nas casas aconteceu sem um conhecimento prévio entre a entrevistadora e as pessoas que seriam entrevistadas, apenas com um contato telefônico para a marcação de dia e horário para a entrevista, sendo que, na maioria destas situações, quem indicou o informante acompanhou a visita, cuja finalidade era o desenvolvimento da entrevista.

Nos dois domicílios visitados em que não houve acompanhamento e não havia conhecimento anterior, as conversas foram, inicialmente, um pouco constrangedoras para ambas as partes, desenvolvendo-se bem, no decorrer do processo. Como capturamos imagens, após as entrevistas, a estada em cada um dos domicílios se estendeu para além do tempo de duração das conversas, em geral num clima de maior descontração.

Muitas foram as formas como nos receberam: com disposição (e em muitos casos até alegria) para participar da pesquisa – o que aconteceu na maioria delas⁶⁹, com a oferta de algum petisco, ou mesmo um lanche mais elaborado⁷⁰, seja no início, em meio ou após o processo de entrevista, e isso nos permitiu conhecer um pouco mais sobre os modos de vida, em termos de alimentação e costumes à mesa. Em outras situações, dominou certa ansiedade no início da conversa, sem saber qual seria o rumo que a entrevista iria tomar.

Ao adentrarmos no setor íntimo, invadimos um universo desconhecido, velado, repleto de tabus, que não são revelados a estranhos ao grupo familiar,

⁶⁹ Vale salientar que, na fase em que estávamos para cessar a realização das entrevistas, recebemos telefonemas de pessoas que, ao saberem da pesquisa, ofereciam-se para participar, mas acabamos deixando de lado as possibilidades em função do prazo, que já ultrapassava a definição inicial.

⁷⁰ A cozinha de uma de nossas entrevistadas, mobiliada de uma forma simples, é um local agradável de ficar. Em uma peça antiga ela nos serviu um chá de hibisco, com doce de batata-doce, quiche de queijo, geléia feita em casa, por ela (à moda antiga). A mesa foi arrumada com cuidado, com a cerâmica e os talheres escolhidos a dedo (cerâmica comprada pelo casal, para uso diário e talher comprado quando ela ainda era noiva), pois considera importante sentir-se bem, no dia-a-dia, em sua vida comum. (Anotações do Diário de Campo, em 13/04/2005).

como comentam Veríssimo e Bittar (1999). Esse fato foi percebido em nosso processo de pesquisa, evidenciando a existência de áreas, nas moradias, de acesso exclusivo dos moradores, tendo sido essas portas ou acessos abertas aos poucos, e timidamente. Relativo e efêmero aprendizado sobre as normas da casa foi necessário para alcançar o que se objetivava.

Importante salientar nossa dificuldade em encontrar, junto ao grupo de nosso convívio e mesmo de convívio de nossos amigos e conhecidos, pais que criam seus filhos sem a presença de uma companheira⁷¹. Em contrapartida, mulheres que criam seus filhos sozinhas foram facilmente identificadas. Um casal homossexual participou da pesquisa, apresentando-se dessa forma. Não sendo o foco da nossa pesquisa, e não tendo perguntas específicas sobre o assunto, tecemos algumas considerações, que consideramos pertinentes, com base nos depoimentos.

As entrevistas realizadas com as mulheres foram, em geral, de maior duração, algumas passando até pela reconstituição de parte de suas histórias de vida, durando de 30 minutos até por volta de 1 hora e 30 minutos. Já com os representantes do sexo masculino, elas foram mais curtas, salvo exceções, durando em média de 15 a 30 minutos. As mulheres foram mais eloqüentes, em sua forma de expressar, mais detalhistas, mas menos objetivas, enveredando por outros caminhos, em vários momentos, dando depoimentos de suas vidas, em meio às questões da casa⁷².

Acreditamos que a diferença de tempo de duração, no entanto, não prejudicou o conteúdo das mesmas, pois os elementos básicos buscados foram encontrados. Porém, ao mesmo tempo, evidenciou disparidades marcantes entre os sexos, reforçando uma série de elementos que já são de senso comum, como o fato das mulheres serem mais ligadas à casa do que os homens, ou ligadas de

⁷¹ “Historicamente, o espaço do cuidado dos filhos, em nossa sociedade, tem sido destinado, principalmente, às mulheres. Porém, gradativamente, os efeitos da urbanização e da inserção das mulheres no mercado de trabalho têm implicado um grande impacto na cotidianidade das pessoas, consistindo em um destes efeitos a maior visibilidade de uma pluralidade de configurações familiares”. (ORLANDI, 2006, p. 144).

⁷² Uma entrevistada contou alguns detalhes da vida desenrolada na casa, com carinho e saudade, e com direito a emocionar-se, pelo que se desculpou. Isso me preencheu profundamente e fez com que eu me desse conta do risco e das possibilidades de uma pesquisa mais íntima e profunda. (Anotações do Diário de Campo).

uma forma diferente deles, serem mais prolixas e pacientes. Os homens, em geral, demonstraram ter menos tempo disponível para participar da pesquisa, e menos disposição para falar, sendo mais rápidos e objetivos em suas falas. As mulheres se apresentaram mais disponíveis, abertas para falar de suas trajetórias, tanto na casa quanto fora dela, sem tanta restrição de tempo, marcando as conversas para as tardes livres, ou os espaços livres, nas tardes menos comprometidas, diferente dos homens, que delimitaram previamente, em geral, o tempo disponível para a entrevista, definindo, em certo sentido, a possibilidade de sua duração, correspondendo, por vezes, a um ritmo mais acelerado, por parte da entrevistadora, ao apresentar as questões.

A realização das entrevistas ocorreu, em sua maioria, de agosto a dezembro de 2004, mas algumas só puderam ser realizadas em 2005 (entre março e junho), a pedido dos entrevistados, apesar do contato inicial ter sido estabelecido em 2004. A transcrição foi feita, na medida do possível, na sequência das entrevistas, a fim de verificar sua consistência em termos do que havia sido levantado e certificar que os elementos centrais haviam sido abordados. Em algumas situações, foi mantido ligado o gravador durante o momento de captura das imagens, sendo as informações adicionais, quando consideradas relevantes, contempladas na transcrição e análise.

Retomando a questão da transcrição, embora Thompson (1992) trabalhe a metodologia no campo da História (não sendo este o foco deste estudo), tratamos de seguir a sua orientação, quando nos alerta para questões para as quais devemos tomar especial cuidado, particularmente na transcrição (transformação em prosa) do que foi narrado, uma vez que a entonação, bem como os ritmos são perdidos, sendo ainda um risco, na tentativa de objetivação, ao recortar partes que vão mais ao encontro do buscado, de alterar o exposto.

Ainda, segundo o autor, cuidado similar precisa ser tomado para que as respostas não sejam as que "se quer", mas que sejam verdadeiras, espontâneas, o que nem sempre é tão fácil de fazer, considerada a necessidade de nos afastarmos de nosso objeto de estudo, desenvolvendo um "olhar de estranhamento", uma vez que poderíamos fazer parte do grupo estudado, estando dentro do campo que descrevo e, ainda mais, corríamos o risco de inferir sobre

algumas situações, no caso em que os entrevistados nos eram pessoas conhecidas, motivo de termos evitado entrevistar pessoas com quem tivéssemos contato mais habitual.

2.4 Perfil dos Entrevistados: sexo, idade e geração

Evidenciar o perfil dos entrevistados é o objetivo desta parte do trabalho. Chamamos atenção ao fato de que, além de abranger ambos os sexos, existem grandes diferenças etárias, mas que essas diferenças são propositais face aos objetivos propostos.

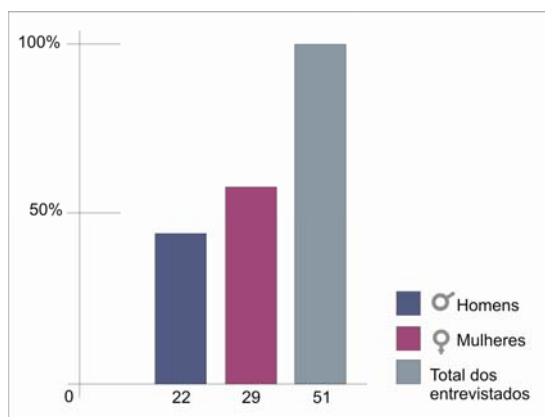
Para a realização das entrevistas, entramos em contato com cerca de 60 pessoas, mas algumas solicitaram que as entrevistas fossem feitas em seus locais de trabalho, não concordando em serem entrevistadas em suas casas, por razões não explicitadas, o que inviabilizou o seu desenvolvimento. Entrevistamos 53 delas, dos 13 aos 69 anos de idade, porém duas destas não se encaixavam no perfil pretendido: uma delas estava abaixo da faixa etária pretendida e a outra em uma condição diferente das que havíamos estabelecido, com um filho e neta adultos que passaram a viver em sua casa⁷³, questão percebida apenas no desenrolar da entrevista, sendo utilizado, para delinear a tese, o conteúdo de 51 delas.

Do total das entrevistas, 29 foram feitas com pessoas do sexo feminino e 22 do masculino. Um dos homens participantes, por viajar bastante, a trabalho, acabou respondendo às questões a partir do roteiro, pela *internet*, sendo a exceção em termos de método utilizado. Mantivemos seu depoimento, embora bem mais objetivo em relação aos demais e com menos elementos para análise, uma vez que se tratava de uma família nuclear na qual os outros moradores haviam participado de entrevistas, sendo que ele (o marido e pai) comentou que gostaria de expor algumas de suas opiniões, mesmo não podendo participar de entrevista. Vale salientar serem os espaços e objetos por ele citados por nós conhecidos, no processo de entrevista com os demais membros da família,

⁷³ Um estudo da natureza aqui proposta sobre filhos adultos que voltam a morar na casa de seus pais seria interessante, sendo uma possibilidade futura.

inclusive com imagens capturadas.

GRÁFICO 3 – NÚMERO DE ENTREVISTAS POR SEXO

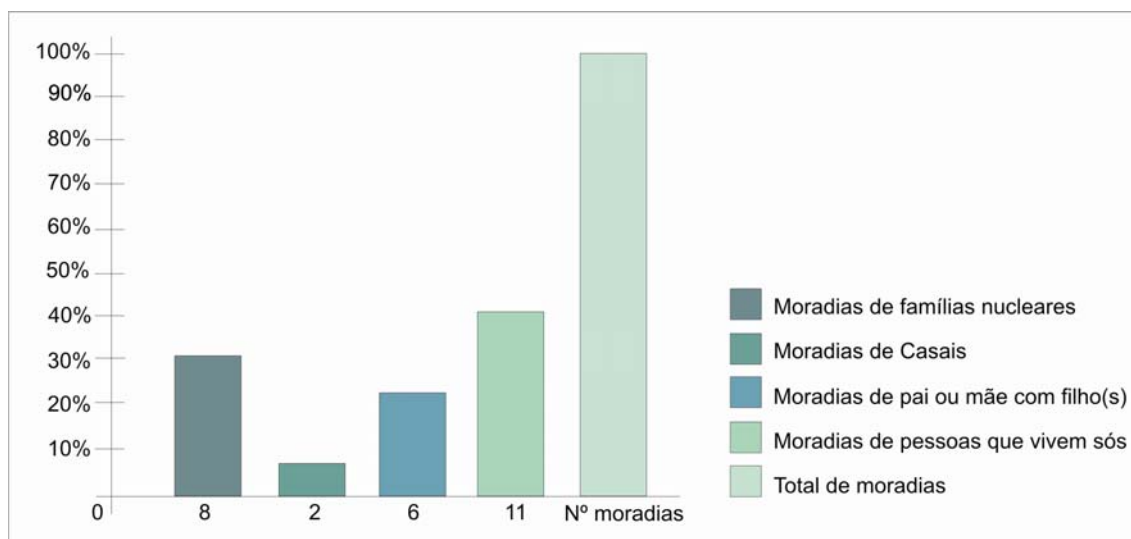


A razão para a diferença numérica entre os sexos não foi proposital, mas, antes, a impossibilidade de entrevistar alguns dos moradores do sexo masculino (ao todo, menos seis dentre as famílias pesquisadas), pela sua ausência, desinteresse ou falta de tempo, sendo este o motivo dado pela maioria dos rapazes, todos pertencentes à faixa etária de adolescentes e jovens dos 13 aos 24 anos, morando com seus pais. Chamamos a atenção ao fato que todas as mulheres concordaram em participar, não sendo entrevistadas apenas duas garotas, por estarem em intercâmbio fora do país.

A definição das pessoas a serem entrevistadas se deu com base na constituição familiar, uma vez que os arranjos familiares foram nosso ponto de partida para a escolha dos entrevistados, procurando compor as entrevistas garantindo ao menos quatro moradias para cada situação, dentre os tipos de arranjo familiares, sejam eles: *famílias nucleares (incluindo casamentos e recasamentos, dada a convergência em termos dos elementos para análise), pais ou mães que criam seus filhos sem a presença de um parceiro, casais e pessoas que vivem sós*. Essa divisão nos pareceu importante, ao evidenciar as alterações dos modos de vida, com reflexos na maneira de construir, arranjar e vivenciar o espaço privado doméstico. Procuramos, nas moradias com mais de uma pessoa, entrevistar todos os membros que se propuseram a participar, a fim de verificar diferenças etárias e geracionais. No caso das pessoas que vivem sós, procuramos abarcar uma grande faixa etária, entrevistando pessoas de 32 a 69 anos.

Em termos de grupos familiares, os domicílios visitados foram compostos da seguinte forma: 8 de famílias nucleares, considerados os recasamentos, 2 de casais (não como uma categoria à parte, mas para complementar a faixa etária que estava com menos subsídios, encaixando-se posteriormente, dadas as similaridades, no grupo de famílias nucleares); 6 domicílios com pais ou mães que criam seus filhos sozinhos; e 11 domicílios de pessoas que moram sozinhas, nas mais diversas fases da vida (pessoas solteiras, separadas e viúvas), o que nos permitiu desenvolver recortes específicos, dentro do arranjo “vivendo sós”.

GRÁFICO 4 – MORADIAS X ARRANJOS FAMILIARES



Sobre as idades dos indivíduos pesquisados, procuramos cobrir uma grande variação, visando obter elementos suficientes para nos permitir um estudo comparativo entre as diversas faixas etárias analisadas, correspondendo por vezes a gerações diferentes. Não podemos considerar apenas as idades como referências cronológicas importantes, mas igualmente os estilos de vida que definem fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, como nos diz Barros (2006). No intuito de perceber a trajetória, os simbolismos e os significados históricos, optamos por deixar as crianças de lado, pois, uma vez que elas têm pouca história, não faz sentido a sua inclusão. A escolha por analisar adolescentes a partir dos treze anos foi feita considerando ser, no entanto, uma

idade em que as pessoas se encontram em transição de valores e escolhas.

Conforme Motta (2004), o termo geração é polissêmico e polivalente, o que contribui para a sua imprecisão conceitual. No caso do nosso estudo, não é o caráter geracional em termos de uma mesma família que nos interessa, sequer exclusivamente a data de nascimento dos indivíduos, mas como aponta Motta (2004, p. 350), um “coletivo de indivíduos que vivem em uma determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência”.

Referimo-nos, ainda, a Rocha-Coutinho (2006, p. 98) que, indo ao encontro do apontado por Motta (2004), afirma podermos falar em geração, do ponto de vista psicológico, como a expressão de valores e padrões de comportamento relativos a um grupo etário em determinado período de tempo. Ressalta que esses valores e comportamentos fazem parte das identidades sociais e pessoais dos sujeitos envolvidos, não sendo, contudo, fixos, pois “sofrem alterações à medida que eles interagem com os novos valores e padrões de comportamento que vão surgindo ao longo do tempo”.

Assim são entendidas as categorias etárias, embora reconheçamos que os limites não são claros, servindo-nos deles como forma de orientar e possibilitar a análise.

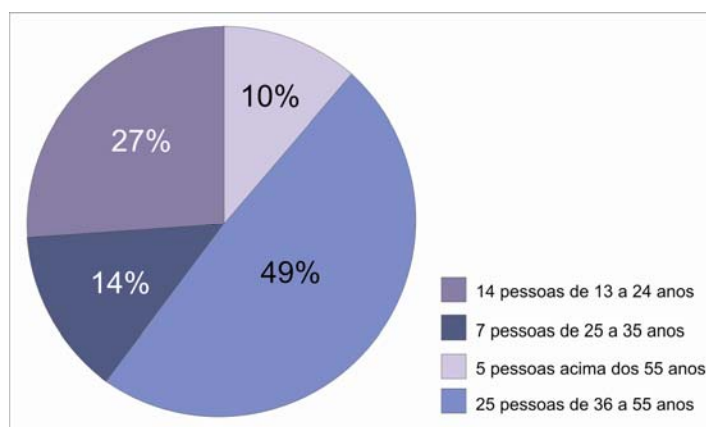
Trazemos, ainda, Sarlo (2004, p. 36) ao evidenciar duas das alterações significativas, em nossos dias. Uma delas diz respeito a certo desaparecimento da infância, “encurralada por uma adolescência precocíssima”. Realça a autora estender-se a primeira juventude até depois dos 30 anos. Dessa forma, um terço da vida se desenrola sob o rótulo da juventude, cuja vantagem aparente estaria na liberdade de trazer à baila as questões de sexualidade e ao mesmo tempo desvencilhar-se mais facilmente das obrigações adultas. Assim, como afirma a autora, a juventude traduz-se em um território onde se quer viver indefinidamente.

Também Motta (2004) enfatiza como os limites geracionais vêm diminuindo com o modelo de aceleração tecnológica vivenciado hoje, levando grupos etários próximos a vivências diferentes. Podemos afirmar, ainda, que essas possibilidades igualmente aproximam grupos etários diferentes, em termos de vivência. Valores culturais conferem significado às idades dos indivíduos

(ALVES, 2004). Segundo Barros (2006), a questão das gerações está intrinsecamente amarrada à questão das mudanças sociais, com as alterações nas relações entre pais e filhos na família.

Das 51 pessoas entrevistadas, 21 delas tinham até 35 anos de idade (sendo 14 delas até os 24 anos, morando com seus pais, e sete de 25 até 35 anos, morando por conta própria), e as 30 pessoas restantes, de 36 anos para cima, sendo 5 acima dos 55 anos, subdivisão feita apenas face a algumas particularidades encontradas. A faixa acima dos 55 anos representa, no grupo pesquisado, as pessoas mais idosas. Lembramos que idosa, no Brasil, é a pessoa acima dos 65 anos.

GRÁFICO 5 – FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS



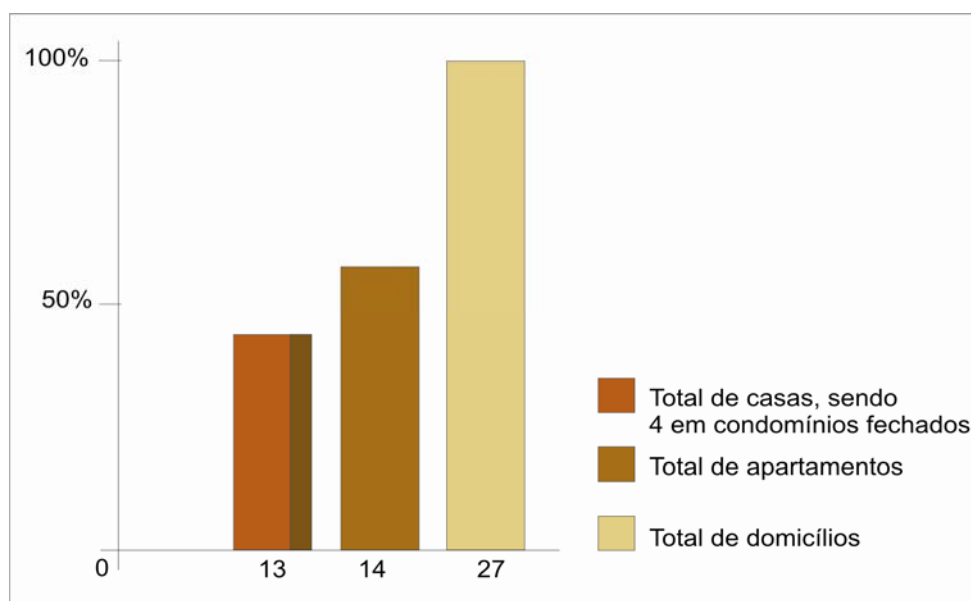
A substituição do nome dos indivíduos entrevistados foi utilizada para proteger a identidade real e facilitar o processo de escrita e análise, embora a maioria das pessoas entrevistadas não fizesse questão disso. Como foi possibilitado a escolher um nome fantasia, ou codinome, buscamos respeitar aqueles que os escolheram. Pensamos em nos utilizar de categorias geracionais, mas como tratamos de composições familiares distintas, preferimos manter apenas a divisão etária⁷⁴, denominando os grupos etários.

⁷⁴ Lenoir é citado por Motta (2004) para ressaltar que as categorias “velhice”, bem como “juventude” não são características substanciais que acontecem com a idade, mas categorias que têm como delimitação as relações, ou seja, a distribuição de poder e privilégios entre as classes e gerações. A questão afeta, marcadamente, as formas de vivenciar o espaço doméstico, motivo de darmos a ela visibilidade.

Importante salientar que uma base biológica (o corpo físico) define as etapas da vida, mas que os elementos somente podem ser compreendidos por meio dos fenômenos sociais e históricos, que por vezes os redefinem ou diferenciam (MANNHEIM, citado por MOTTA, 2004). Retomamos ainda Motta (2004), quando afirma que um mesmo contexto social não afeta, necessariamente, de forma igual, os membros de um mesmo grupo etário e vivências, servindo, por vezes, como elementos propulsores de caminhos sociais distintos, antagônicos até, e que cada momento histórico é presenciado por pessoas de várias gerações. Ainda que essas gerações sejam contemporâneas, no sentido de vivenciar acontecimentos comuns, não o são no sentido das experiências e trajetórias de vida.

No intuito de garantir a abrangência etária pretendida, foram visitadas 27 unidades domiciliares, sendo 13 casas (4 delas em condomínios fechados) e 14 apartamentos. O tamanho dos imóveis variou bastante, mas não identificamos diferenças marcantes no que buscamos em função disso, considerando, ainda, não haver uma correlação direta entre o tamanho dos imóveis e o número de pessoas que o utilizam cotidianamente (a título de exemplificação, encontramos um único morador em uma casa de 316 metros quadrados, considerados a garagem e varandas e, por outro lado, um apartamento de 150 metros quadrados de área total com cinco moradores). Diferenças mais significativas, em termos de hábitos e mesmo composição dos arranjos (espaços domésticos), foram encontradas entre pessoas que moram em casas, quando comparadas a moradores de apartamentos.

GRÁFICO 6 –NÚMERO DE CASAS E APARTAMENTOS ANALISADOS



Do total dos domicílios analisados, apenas 5 não eram de propriedade dos entrevistados⁷⁵, tendo sido entrevistadas pessoas cujo rendimento domiciliar, em geral, variava de 7 a 20 salários mínimos no momento das entrevistas. Chamamos a atenção ao fato de que o ciclo de vida em que viviam as famílias era, no entanto, diferente, tendo as demandas financeiras a ver com esse ciclo, questões evidenciadas durante as entrevistas. A título de exemplificação, o investimento de um casal entrevistado com dois filhos adolescentes estava voltado prioritariamente à educação dos mesmos, ao passo que a preocupação de um casal jovem, ainda sem filhos, estava em acabar de pagar e de mobiliar a moradia.

Segue um quadro contendo as informações mais pertinentes dos entrevistados, com o nome fantasia, idade, a formação e a profissão, o tipo de

⁷⁵ Em duas situações não encontramos a perspectiva das pessoas terem (ou voltarem a ter) suas casas próprias, mas em ambas os elementos pré-estabelecidos como definidores do grupo a ser pesquisado estavam presentes: os filhos (e eles mesmos) tiveram acesso à universidade, ou, se estudantes de ensino fundamental e médio, estudavam em escola particular e haviam desenvolvido um capital cultural comum, com acesso à *internet*, estudo de alguma língua além da materna, participação em atividades culturais, como cinema, exposições e, eventualmente, teatro, hábito de escutar músicas que variavam em torno da MPB, do Rock e da Música Clássica tocando, por vezes, algum instrumento.

moradia, sexo e composição familiar da qual cada um deles faz parte.

Chamamos atenção ao fato de que o tamanho do imóvel não corresponde ao local de moradia (mais próximo ou afastado do centro) nem mesmo da qualidade da construção, sendo uma referência ao espaço disponível, tão-somente.

Procuramos entrevistar pessoas de diferentes formações e profissões, inclusive engenheiros, *designers* e arquitetos, para avaliar seu entendimento sobre os arranjos espaciais. As profissões serão retomadas na análise, conforme especificidades, e apenas se consideradas relevantes à forma de análise.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

QUADRO 1 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS

NOME	IDADE	FORMAÇÃO	PROFISSÃO	TIPO DE MORADIA E TAMANHO	SEXO	COMPOSIÇÃO FAMILIAR
Edu	17		Estudante (2)	Ap De 71 a 100 m ²	M	Pai com filho
Oscar José	46	Arquitetura	Arquiteto	Casa De 71 a 100 m ²	M	Vivendo só
Ermínia Enrica da Luz	69	Biblioteconomia	Bibliotecária aposentada	Casa De 101 a 150 m ²	F	Vivendo só
Luiz Henrique	39	Prog.Visual	Gerente <i>Design</i>	Casa De 151 a 220 m ²	M	Nuclear
Carlos Alberto	49	Engenharia Civil	Eng./ Empresário	Ap De 151 a 220 m ²	M	Nuclear
Nani	17		Estudante (3)	Ap De 151 a 220 m ²	F	Nuclear
Artur Otávio	42	Mecân./ <i>Design</i>	Professor/Inventor	Casa De 151 a 220 m ²	M	Nuclear (Rec.)
Gabi	19		Estudante (3)	Casa De 151 a 220 m ²	F	Mãe com filhos
Maria Cecília	47	Secretariado	Func. Pública	Casa De 151 a 220 m ²	F	Mãe com filhos
Ivan Luís	47	Contábeis	Bancário/Contador	Ap De 71 a 100 m ²	M	Pai com filho
Pedro Afonso	54	Filosofia/Direito	Professor	Casa Acima de 221 m ²	M	Nuclear
Quitéria Maria de Souza	55	Belas Artes	Artista Plástica	Casa Até 70 m ²	F	Vivendo só
Luciana Maria	38	Prog. Visual	Prog. Visual	Casa De 151 a 220 m ²	F	Nuclear
Bruno Augusto	47	Engenharia Civil	Eng. Civil	Ap De 71 a 100 m ²	M	Vivendo só
Cati	18		Estudante (3)	Casa De 151 a 220 m ²	F	Nuclear (Rec.)
Ana Emília	43	Assist. Social	Estudante (4)/do lar	Casa De 151 a 220 m ²	F	Nuclear
Júlio César	43	Engenharia Civil	Engenheiro	Casa De 151 a 220 m ²	M	Nuclear
Débora	25	Psicologia	Psicóloga	Ap Até 70 m ²	F	Casal (nuclear)
Helô	17		Estudante (2)	Ap De 101 a 150 m ²	F	Mãe com filhos
Tatiana	27	Anal. Sistemas	Anal. Sistemas	Ap De 71 a 100 m ²	F	Casal (nuclear)
Ju	13		Estudante (1)	Ap De 151 a 220 m ²	F	Nuclear
Paulo Rogério	37	Informática	Bancário/An. Sist.	Ap De 71 a 100 m ²	M	Pai com filho
Isabela Luíza	52	Biologia	Professora	Casa Acima de 221 m ²	F	Nuclear
Carioca Gema da Silva	63	Pedagogia	Do Lar	Ap De 101 a 150 m ²	F	Vivendo só
Pâmela	34	História	Professora	Ap Até 70 m ²	F	Casal (nuclear)
Nelson Luís de Souza	56		Func. Púb. Aposentado	Casa De 151 a 220 m ²	M	Nuclear
Cadu	24		Estudante (3)/ Est.	Casa De 151 a 220 m ²	M	Nuclear
Fabiano	34	Administração/ <i>Design</i>	Func. Público (<i>Designer</i>)	Casa De 101 a 150 m ²	M	Acompanhante/c ompanheiro
Kiko	13		Estudante (1)	Ap De 101 a 150 m ²	M	Nuclear
João Luiz	47	Engenharia		Ap De 101 a 150 m ²	M	Nuclear
Jorge Alexandre	43	Informática	Anal. Sistemas	Casa Acima de 221 m ²	M	Vivendo só
Camila Mara	37	Assistente Social	Func. Pública (Projetos)	Ap Até 70 m ²	F	Vivendo só
Guilherme	33	Adm. Empresas	Informática	Ap De 71 a 100 m ²	M	Casal (nuclear)
Luana Sofia	52	Artes	Artes	Casa De 101 a 150 m ²	F	Nuclear
Carmem Silvia	46	Artes Plásticas	Professora	Casa De 151 a 220 m ²	F	Nuclear (Rec.)
Maria Júlia	49	Letras	Gerente de Orçamento	Casa De 151 a 220 m ²	F	Nuclear
Esquilo	32	Direção Teatro	Diretora de teatro	Ap Até 70 m ²	F	Vivendo só
José Corvina dos Reis	55	Contábeis	Contador	Casa De 151 a 220 m ²	M	Pai com filhos
Dani	20		Estudante (3)/ Est.	Casa De 151 a 220 m ²	M	Nuclear (Rec.)
Rick	23		Estudante (3)/ <i>Free lancer</i>	Casa De 151 a 220 m ²	M	Nuclear
Lena	20		Estudante (3)	Ap De 101 a 150 m ²	F	Nuclear
Cléo Sidarta	42	Letras Inglês	Professora	Ap De 71 a 100 m ²	F	Vivendo só
Luca	23		Estudante (3)/ Estagiário	Casa De 151 a 220 m ²	M	Mãe com filhos
Tábata Isis	48	Psicologia/Artes	Artesã	Ap De 101 a 150 m ²	F	Nuclear
Ana Margarete	45	Química	An. Sistemas	Ap De 101 a 150 m ²	F	Mãe com filhos
Rita Clara	37	Odontologia	Dentista	Ap De 71 a 100 m ²	F	Vivendo só
Laura Maura	45	Assist. Social	Func. Pública	Ap Até 70 m ²	F	Vivendo só
Semírades	31	Direito	Comerciante	Casa De 101 a 150 m ²	F	Mãe com filha
Guto	19		Estudante (3)	Ap De 151 a 220 m ²	M	Nuclear
Pati	22	Direito	Estudante (4)	Casa De 151 a 220 m ²	F	Nuclear
Tereza Cristina	47	Prog. Visual	Gerente de Programação Visual	Ap De 151 a 220 m ²	F	Nuclear

Ap - apartamento

Rec. - recasamento

Est. - Estagiário

Estudante (1) – Ensino Fundamental

Estudante (2) – Ensino Médio

Estudante (3) – Nível Superior

Estudante (4) – Pós-Graduação

Além da utilização das falas, da percepção dos silêncios, das observações dos espaços, as imagens foram utilizadas para informar, evidenciando o que era buscado.

2.5 Do uso de imagens

“A lente da máquina, ao capturar e fixar imagens, tem outro olhar, um enfoque que nos coloca na terceira margem do rio: revela coisas que até já foram vistas, mas que escapam do olho em sua dinâmica. De tempos pretéritos ou da atualidade, a fotografia excita o olhar atento, na medida em que mostra novidades em panoramas, nas minúcias desconhecidas e naquilo que já faz parte do senso comum do nosso campo visual. Nesse delineamento de cores pregadas no papel, há uma mística da visibilidade – deslocamento no poder de percepção. É por isso que o ato de ver nossa própria imagem numa fotografia sempre carrega surpresas”.

(RAMOS, 2004, p. 42)

Por fim, depois de descritas as fases mais pertinentes e o perfil dos entrevistados, e para reforçar a importância das imagens e da observação do real como forma de acesso às questões imateriais, recorreremos a Goffman (1985, p. 227 e 228), que, ao afirmar ser o papel das expressões transmitir impressões à respeito dos indivíduos, expõe ser necessário, para entender o imaterial, "confiar nas aparências", acrescentando que "paradoxalmente, quanto mais o indivíduo se interessa pela realidade inacessível à percepção, tanto mais tem de concentrar a atenção nas aparências". O real a ser capturado se “esconde”, assim, nas aparências.

Sobre a produção e a utilização de imagens, é indiscutível sua importância como parte constitutiva do processo de pesquisa, enquanto material que compõe a empreitada de análise e descrição, permitindo uma imersão e percepção de elementos que poderiam passar despercebidos, sendo o "argumento iconográfico", no dizer de Denis (2000, p. 15), tão significativo quanto o escrito: "São nas imagens que o leitor encontrará janelas que abrem para outras narrativas bem como pistas em direção a uma compreensão mais apurada". Reforçando o apresentado por meio de Goffman (1985), Denis (2000) apresenta o

caráter de descoberta de novas possibilidades de entendimento, de leituras diferenciadas propiciadas por meio do recurso imagético.

Faz-se importante ressaltar o fato de terem sido as fotografias capturadas a partir de um olhar – o da pesquisadora, em movimento de busca pelo “estranhamento”, procurando ver, ouvir e absorver de forma especial o que talvez lhe fosse familiar, a partir de sua experiência e com base em seus interesses, refletindo um instante. Segundo Koury (In: FELDMAN-BIANCO,e MOREIRA LEITE, 2001, p. 67): "A realidade da imagem na foto [...] remete a um espaço e um tempo específicos, ou especificamente fotográficos. Ao ato fotográfico propriamente dito: a um momento e um lugar 'que foi'".

Portanto, reproduzem uma visão possível, um recorte espaço-temporal específico, chamando-se atenção ao fato de que os arranjos espaciais reproduzidos podem ter sido totalmente diferentes, inclusive podem ter sofrido arrumação para o momento da entrevista, e vir a ser diferentes, após a pesquisa, pois eles próprios, enquanto reflexo das dinâmicas sociais, exigem e levam a mudanças, sendo igualmente importante nesse processo captar as permanências.

Conforme Alegre (In: FELDMAN-BIANCO,e MOREIRA LEITE, 2001, p 86):

Os materiais iconográficos freqüentemente nos dizem mais sobre o observador do que sobre o observado, apresentando, por isso, um duplo interesse: como informação sobre o objeto e como atitude social e psíquica em relação a ele.

Desse modo, não são imagens neutras, tiradas casualmente, mas documentos de um olhar sobre uma realidade que buscávamos compreender.

Recuperamos Barthes (1984, p. 97) quando fala dos sentimentos evocados ao entrarmos em contato com a fotografia, exemplificando com uma experiência própria de reencontro com a sua mãe, que havia falecido, nas fotografias. Momento em que sobressaem, na imagem, os objetos que ela tinha sobre sua cômoda, como uma caixa de pó-de-arroz de marfim, cujo ruído era peculiar a ele, um frasco de cristal bizotado, e uma cadeira que ele mantém perto de sua cama.

Bittencourt (In: FELDMAN-BIANCO,e MOREIRA LEITE, 2001, p. 199-200) reforça retratarem as imagens fotográficas "a história visual de uma

sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material”. Vale lembrar que ao leitor caberá, igualmente, constituir ou reconstituir um entendimento a partir de seu repertório, dos *habitus* que dele fazem parte, da sua história de vida na construção de certo entendimento.

Tomamos o cuidado de manter as coisas nos locais em que estavam, a não ser em situações em que os objetos nos eram trazidos à mão, sendo fotografados “deslocados”. Ao procurar o melhor enquadramento, atentamos ao fato de que tudo que estivesse no local “falaria”. Por conseguinte, fizemos as escolhas a partir daquilo que buscávamos, sem alterar o “cenário” que nos era mostrado.

As imagens por nós capturadas no processo de pesquisa são imagens comumente vazias no sentido da figura humana (ator social pesquisado), mas expõem a interferência das pessoas sobre os espaços, apontando os locais e os objetos preferidos, na casa, sendo a elucidação desse sentido (da escolha) uma forma de dar vida às imagens. Rial (In: KOURY, 1998) comenta sobre as imagens de objetos, algo que, ainda que contenha traços humanos, não é humano compondo, nesse sentido, imagens mais neutras do que as que expõem pessoas.

Guran (2000) afirma ser a utilização da fotografia eficaz na apresentação das conclusões da pesquisa, principalmente se houver uma articulação entre as duas linguagens, a escrita e a visual. Assim, uma completará e enriquecerá a outra, concatenando-se, dessa maneira, dois recursos distintos que só funcionam juntos se dialogando entre si. Por acreditarmos nisso é que a tomamos como instrumento de pesquisa.

Assim, buscamos potencializar o processo de pesquisa por meio do uso de imagens fotográficas, aliando-as às observações possíveis. Tal como aponta Rial (In: Koury, 1998), na ausência de nossos entrevistados, durante o processo de entrevista, sentimo-nos tentados a fotografar os espaços e os objetos “proibidos”⁷⁶, ou fotografar aleatoriamente, sem a presença de alguém

⁷⁶ A título de exemplificação, trazemos a questão de que a relação de uma de nossas entrevistadas com a sua cama que acompanhou a ela e ao marido até a sua viuvez – enquanto

“fiscalizando”. Contudo, não o fizemos por cuidado e respeito.

Os dados que surgiram das entrevistas foram cruzados com as imagens captadas⁷⁷ e com as observações/percepções de campo. Acreditamos, com isso, termos conseguido uma fonte rica para, com o apoio do quadro teórico, dar respostas às questões suscitadas pela pesquisa, refletindo sobre elas e analisando-as.

Temos a consciência de que, no desenvolvimento da pesquisa, invadimos o espaço da privacidade dos/as pesquisados/as. Porém, avançar no entendimento proposto é ultrapassar determinados limites, o que procuramos fazer, sempre, de forma autorizada.

testemunho da trajetória do casal – é tão íntima e profunda, que a entrevistada não nos permitiu fotografar o quarto ou a cama, para não correr o risco de ter a sua intimidade exposta.

⁷⁷ Hoje foi muito interessante a conversa ocorrida durante a pesquisa. Cada vez mais fica claro que o momento pós-entrevista é tão rico quanto a própria. Quando passeamos pela casa, capturando as imagens, e identificando os locais que foram citados, muitos elementos vêm à tona. Hoje, em especial, durante a conversa com uma entrevistada, ela se deu conta de uma série de coisas sobre a própria casa, e sobre a própria vida. (Anotações do Diário de Campo, em 17/10/2004).

Parte 2

*Qual é o lugar mais importante da sua casa?
Eu acho que essa é uma boa pergunta para
início de uma sessão de psicanálise. Porque
quando a gente revela qual é o lugar mais
importante da casa, a gente revela também o
lugar preferido da alma. Nas Minas Gerais
onde nasci o lugar mais importante era a
cozinha. Não era o mais chique e nem o mais
arrumado. Lugar chique e arrumado era a
sala de visitas, com bibelôs, retratos ovais nas
paredes, espelhos e tapetes no chão. Na sala
de visitas as crianças se comportavam bem,
era só sorrisos e todos usavam máscaras. Na
cozinha era diferente: a gente era a gente
mesmo, fogo, fome e alegria.
Rubem Alves⁷⁸*

⁷⁸ Extraído da internet <<http://www.rubemalves.com.br/cozinha.htm>> em 4 de dezembro de 2006 (Rubem Alves).

3 PAISAGEM DOMÉSTICA: A IMPORTÂNCIA DOS ARRANJOS ESPACIAIS DOMÉSTICOS EM DIFERENTES DISCURSOS

Discutir os arranjos espaciais domésticos, compreendidos como as áreas no interior das moradias delimitadas fisicamente por paredes⁷⁹, por móveis ou objetos em geral, inclusive tapetes, é o objetivo deste capítulo. Neste sentido, pretende-se focalizar como são vivenciados os espaços domésticos por representantes de camadas médias pertencentes a diferentes grupos familiares – considerando serem os espaços⁸⁰, além de construções físicas, constructos humanos – buscando evidenciar os significados implícitos nas formas de os arranjar e vivenciar. Os discursos aos quais nos referimos no título são tanto os dos entrevistados, como os de autores que estudam as questões aqui abordadas.

O capítulo está estruturado em cinco partes: a primeira trata das alterações na estrutura familiar, realçando a sua importância na construção e na utilização dos espaços domésticos. Numa segunda parte, analisam-se as diferenças entre os espaços de representação (universo de exposição dos símbolos) e os espaços de convívio (espaços de “lutas” de poder, de exposição das emoções, da vida em família). Na terceira parte, privilegia-se o espaço por excelência da intimidade, o quarto. Já a quarta parte aborda o setor de serviços e higiene, setor onde impera o fazer, a funcionalidade. Por fim, a questão dos espaços preferidos é analisada, sendo realçadas as preferências mais comuns aos grupos pesquisados, através do eixo que busca compreender as funções simbólicas, de uso e estéticas, como elementos definidores das escolhas.

Adiantamos desde já, porém, que a classificação por setores utilizada aqui busca possibilitar uma análise mais focada, mas que essa divisão é artificial, por conta dos múltiplos usos que se cruzam nos diversos setores ou áreas da casa. Tramontano (1998, p. 322), ao pensar o espaço da moradia, vai destacar não ser possível uma análise linear do ambiente doméstico, pois ainda que os cômodos sejam espaços onde funções se realizam, os mesmos atendem de

⁷⁹ Neste caso, as áreas são denominadas cômodos.

⁸⁰ Extensão limitada em uma, duas ou três dimensões (HOUAISS, 2001).

forma alternada ou simultânea a várias funções:

Se uma cozinha apenas servisse para cozinhar, como a cozinha-laboratório Moderna, então nem seria preciso preocupar-se com questões como a convivialidade que ela permitiria – ou não permitiria -, ou se seria possível comer também neste espaço, se receberiam visitantes nele, ou ainda se todas estas coisas estariam acontecendo em espaços contíguos, demandando-nos o estabelecimento de relações entre eles e a cozinha.

Abordamos, a seguir, a relação entre as alterações em processo junto aos arranjos familiares e seu vínculo com a forma de utilização dos espaços, nos interiores domésticos, iniciando a análise com base nas entrevistas.

3.1 Arranjos espaciais: mudanças na estrutura familiar e novos usos dos espaços.

A idéia desta parte do capítulo é compreender como as mudanças em curso, em termos familiares, se refletem no espaço doméstico, ressaltando como os espaços vão sendo reconceituados, por vezes, e, em outras, como se mantêm.

3.1.1 Entre a teoria e a prática: o entendimento do processo de mudanças na estrutura familiar

Além do número de membros que habitam uma mesma casa, suas relações, hierarquia (se pai ou mãe, filho ou agregado, mais novo ou mais velho, gerador de renda ou não), etc., são importantes recursos no entendimento das questões investigadas, sendo determinantes na conformação e utilização dos espaços e objetos, definindo possibilidades e restrições.

Como nos diz Woortmann (1982, p. 139), há uma relação estreita entre a casa, o grupo doméstico e a família, sendo a habitação a sua base material. Este é, por sua vez, "a organização econômica que permite a atualização e a reprodução da família". O autor reforça, ainda, que a casa não é apenas uma construção física, mas também um domínio social, econômico e ideológico e, assim entendida, participa na formação de seus moradores.

Embora em termos quantitativos a chamada família nuclear (unidade doméstica composta por pai, mãe e filhos) ainda seja o arranjo predominante no país, constatou-se uma tendência declinante neste padrão desde os anos 70, principalmente nas cidades. Tramontano (1998, p. 201) reforça serem a redução da taxa de fecundidade e o envelhecimento da população as causas diretas da diminuição de tamanho do grupo familiar em todo o mundo ocidentalizado. Porém, o que nos interessa, de forma mais direta, são as alterações sociais, em termos de arranjos familiares, que surgem como reflexo das modificações profundas que se deram sobretudo a partir da Segunda Grande Guerra.

Fatores como a liberação da mulher, marcadamente a partir das décadas de 1960 e 1970, com os movimentos feministas, e sua inserção na força de trabalho, estão fazendo com que a função de provedor seja cada vez mais assumida pelos dois membros do casal, quando não exclusivamente pela mulher, modificando as relações anteriores. Essas alterações têm reflexos diretos nos modos de vida em família, acentuando o número de divórcios e levando a situações em que homens e mulheres se vêem obrigados a dominar o universo que até então pertencia, em termos de responsabilização, ao sexo contrário. Há, aí, um forte aprendizado de homens e mulheres: estas, para dar conta das questões relacionadas ao provimento da família. Por outro lado, cada dia mais e mais homens encontram-se no papel de educar os filhos e dar conta das tarefas domésticas.

Os fatores apontados, aliados ao crescimento do número de mães solteiras e o celibato, ou mesmo o retardamento do primeiro casamento, conforme Tramontano (1998, p. 204), alteram os limites e os usos do espaço doméstico, sendo algumas das determinantes tanto da diminuição do número de pessoas por grupo doméstico como pelo aumento do número de grupos. Também deve ser considerado o envelhecimento da população, apontado anteriormente com conseqüente aumento do número de viúvos (predominantemente viúvas).

Dentre os divorciados, celibatários e viúvos, muitos têm optado por viver sozinhos. Segundo Bilac (1991, p. 74):

Alguns autores acreditam que as novas configurações familiares são vivenciadas como dimensão do individualismo que marca as sociedades capitalistas maduras.

Ao retomar a questão do individualismo que parece se acentuar em nossos dias, embora sem aprofundá-la, a autora demarca um viés histórico interferindo nesse processo de mudanças. Tendo pesquisado famílias de camadas médias da população urbana, Bilac (1991) nos chama a atenção ao fato de que não há uma homogeneidade e, sim, um caráter plural nos segmentos médios. Reforça haver claramente, ainda, uma mudança nas relações entre os membros das famílias de classe média, nos últimos 30 anos, com um conflito entre o papel hierárquico dos pais em relação ao papel individualista dos filhos, também com continuidades e rupturas, que irão refletir nos vários níveis da vida.

Voltando-se ao jogo de relações que se desenvolve no interior da casa, e que altera modelos relacionais existentes, Brandão (2002, p. 53) expõe não serem simples as hierarquias entre os membros da família, não apenas em termos de posse, filiação e idade, mas igualmente de afetos, ressaltando ser o lugar de cada um, dentro dessa estrutura, um lugar em movimento, uma vez que definido sempre em função de um jogo de relações.

O que a autora pontua é de fundamental importância para pensarmos sobre os espaços e objetos que, em última instância, refletem as hierarquias, os jogos, as relações de poder, um dinâmico e imbricado jogo de relações interpessoais que ajuda a conformar e definir as possibilidades. Reforçando o que Brandão (2002) e Woortmann (1982) nos apresentam, Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, p. 185) afirmam: "Uma das importantes funções das posses domésticas é prover o meio familiar, que pode refletir a ordem, o controle e a importância de seus habitantes".

De forma semelhante, Tramontano (2002) associa a autonomia dos membros pertencentes à família a mudanças nas formas de morar, o individualismo levando ao surgimento de novos formatos (ou modelos) familiares – com jovens vivendo sós, casais sem filhos (casados oficialmente ou não) vivendo juntos ou cada qual em sua casa, a mãe como chefe da casa (o arranjo que mais vem crescendo, nos últimos anos), o pai separado que fica com os filhos, os casais homossexuais, os "recasamentos" que constituem novas alianças, etc. Esquece o autor de mencionar o número crescente de "falsas" famílias nucleares, em que marido e mulher continuam a viver sob um mesmo teto ainda após a

decisão da separação, pela impossibilidade de manterem, individualmente, um padrão de vida similar.

Ainda que ocorrendo lentamente, as mudanças nos arranjos familiares alteram os modos de vida, com reflexos em todas as esferas sociais, inclusive e talvez de forma mais marcante, na privacidade do lar.

Sobre os reflexos das mudanças nas composições familiares no campo da habitação, Tramontano (1998, p. 209) afirma serem os mesmos de diversas ordens:

As separações multiplicam o número de grupos domésticos, diminuindo seu tamanho médio. [...] Além disso, processa-se uma alteração de papéis no seio destas famílias, devida, muitas vezes, à ausência do chefe – pai ou mãe – [...] e ainda à provável queda do nível de vida após a separação, o que costuma levar ao ingresso de um ou mais filhos no mercado de trabalho. Estes efeitos, ainda pouco estudados, terão certamente grande influência na organização deste grupo doméstico e, conseqüentemente, no agenciamento de seus espaços de habitar.

Situação encontrada em nossa pesquisa, as separações levam as pessoas (em geral os homens) a montarem novos espaços para viver, comumente emprestando móveis (por vezes imóveis) ou adquirindo coisas mais simples do que deixaram para suas ex-esposas, para dar conta da situação. Apenas em um dos casos analisados, o marido ficou não somente com os filhos, mas, igualmente, com toda a infra-estrutura que havia sido montada para a família.

Recorremos a Marcus (1995, p. 222), ao comentar sobre pessoas que se separam, modificando suas formas de viver:

O trauma do divórcio é uma crise que ocorre na vida de muitos de nós, e provoca freqüentemente um deslocamento profundo nas relações domiciliares. A casa pode ter sido compartilhada por muitos anos; padrões de território, privacidade, e personalização estabelecidos; e memórias do passado conservadas nos objetos, aposentos, mobílias e plantas.

A autora vai falar do quanto a casa é alterada, não apenas fisicamente. Aquele que fica, precisa lidar com ansiedade, a prática do dia-a-dia, com pouco ou nenhum compartilhamento de suas obrigações, mudando em geral seus

sentimentos em relação à casa. Aquele que sai, por outro lado, precisa restabelecer sua personalidade, longe dos filhos e das memórias da família. Nenhum dos dois mantém a mesma relação com a casa que tinha anteriormente.

Trazemos alguns depoimentos que evidenciam não só algumas das fragilidades oriundas das separações, mas, igualmente, as contradições frente às dificuldades vivenciadas, sobressaindo a sensação de prazer que tomou conta dos entrevistados por terem superado, com êxito, as situações consideradas difíceis e inusitadas. Os depoimentos são confirmações do que encontramos na teoria, em termos de aumento do número de “lares” frente às separações que se ampliam, e de formas diferenciadas de viver:

Quando eu separei, eu saí de casa com as minhas roupas e o violão. E os discos. Foi isso, daí, aos poucos, fui pegando aqui, botando ali, fui coletando coisas. (Bruno Augusto, 47, engenheiro civil, separado, mora só)

O entrevistado passou a morar em um apartamento da família, montando-o com coisas ganhas e adquirindo o que considerava essencial, sem qualquer preocupação aparente em ter espaço para receber os filhos, já adolescentes e/ou adultos. Outro entrevistado relata a mudança como algo inesperado, contando como foi estruturar o apartamento de um momento para o outro para morar com o filho:

Na realidade a gente... eu me separei e vim embora, né. Então você vem com uma mão na frente e a outra atrás, pelo menos comigo aconteceu assim, então agora é que eu estou arrumando as coisas, [mas] de qualquer jeito a gente vai se identificando, estou colocando coisas em um ambiente que eu mais ou menos gosto, para que eu me sinta bem, devagarinho vai. (Ivan Luís, 47, contador, separado, mora com o filho)

O apartamento do entrevistado cujo relato foi apresentado acima foi montado rapidamente e a compra do mobiliário foi feita na primeira loja encontrada; portanto, sem muito critério. A idéia central era atender às necessidades e interesses dos dois moradores, tanto que embora a mesa de jantar tivesse quatro cadeiras, apenas duas permaneciam no local, no momento da entrevista, sendo as demais utilizadas em outros ambientes. Importante ressaltar que o proprietário cedeu o quarto de casal ao filho adolescente,

considerando ter ele necessidades maiores que a sua.

A sensação de poder conquistar um local semelhante ao que vivia, quando casado, sobressai na fala a seguir, realçando o aspecto da identidade como essencial para sentir-se bem:

Acho que tem a minha cara. Aos poucos está ficando do jeito que eu curto, do jeito que eu gosto, do jeito que eu sempre quis ter a minha casa, do jeito que, quando eu me separei, deixei a casa da minha ex-esposa. Não que eu tenha montado o apartamento aqui em função de como era o apartamento lá: Não! O apartamento lá foi montado de uma forma que eu queria. Aí quando eu saí do apartamento da minha ex-esposa, que agora é dela, eu fui para a casa da minha mãe e fiquei um período lá porque eu achei necessário: pela minha mãe, pela parte financeira, que eu não estava bem... meu pai tinha recém-falecido, também, antes da minha separação [...] e fui pro apartamento da minha mãe, trabalhei com os móveis, deixei o apartamento legal, daí quando eu vi que toda essa parte dela também estava okay, eu falei: agora eu tenho condições de sair pro meu canto e ficar no meu canto, tranquilo, sem ficar pensando em nada e sem ficar esquentando a cabeça. Eu posso ocupar todo o meu tempo comigo e com o meu filho. (Paulo Rogério, 37, an. sistemas, separado, mora com o filho)

A alternativa de passar um tempo na casa da mãe parece ter ajudado não apenas no processo de amadurecimento da separação, mas como elemento emancipatório, no sentido econômico. Além disso, auxiliou a mãe em seu momento de viuvez.

Um dos entrevistados fala com orgulho da situação vivida:

Não é qualquer um que consegue dar conta da casa, você tem que trabalhar fora, você tem que cuidar da casa, você tem que ver a escola das crianças, ir em reunião. [quando fiquei com os filhos] um tinha oito e o outro dez, então eu participava das reuniões do colégio, via lição, né, com quem está, companhia, aonde vão e tal, então é muita coisa [...] mas o universo de preocupação que você tem com seus filhos, né... e eu agradeço a Deus de ter me iluminado, de ter conseguido chegar até hoje, sabe? E tudo bem. (José Corvina dos Reis, 55, contador, separado, mora com os filhos)

O depoimento do entrevistado evidencia a dificuldade em dar conta das tarefas que normalmente ficam ao encargo das mulheres, e ele valoriza muito isso, respeitando as mulheres em função dessa capacidade de darem conta de

coisas díspares e complexas.

Outra entrevistada, que havia se separado um ano antes de ser entrevistada, imaginou, a princípio, que precisaria “recuperar” o que o marido havia levado. No entanto, percebeu que poderia viver sem algumas coisas:

Tem algumas coisas que eu fiquei sem, com a separação, que o [ex-marido] acabou levando, e que a princípio achei que ia comprar outro para por no lugar, mas eu estou me virando bem sem e acho que não vou por no lugar. (Maria Cecília, 47, funcionária pública, separada, mora com os filhos)

A fala, a seguir, é um depoimento da filha sobre a alternativa de, mesmo estando separados, continuarem seus pais a viver sob o mesmo teto. Na seqüência, a entrevistada fala sobre a decisão de sair da casa dos pais, de passar a morar sozinha, mesmo em situação de celibato, evidenciando não ser essa a sua opção, mas uma situação que deseja que seja temporária, evidenciando o receio de permanecer só:

[Nos finais de semana] eu almoço junto ou com a minha mãe, o meu pai também: eles estão separados mas eles moram juntos... Foi assim, eu queria muito morar sozinha mas eu não queria gastar, né? Daí eu queria um local perto, porque a minha idéia era poder economizar para poder adquirir um imóvel. Não sozinha, mas com alguém, e aí eu defini algumas prioridades: teria que ser perto do meu trabalho, que fosse um lugar agradável... Foi bem importante, prá mim. Por um tempo, no começo foi difícil essa questão de “Ah, será que eu consigo morar sozinha?”. No começo eu me sentia muito [ela aumenta o tom da voz] sozinha, mas eu vi que era necessário, para eu amadurecer mesmo, e caminhar com as próprias pernas. [...] Até a experiência de morar sozinha, eu não quero viver sozinha, sabe, e daí até eu vejo aqui no prédio, essa senhora que é separada, daí esses dias morreu uma velhinha que morava sozinha aqui no apartamento [...] (Camila Mara, 37, assistente social, solteira, mora só)

Outro depoimento realça a importância do aspecto da liberdade contido na conquista de um espaço próprio e a certeza de ter um local próprio para onde voltar:

Foi um momento de libertação o momento que eu fui morar sozinha. Então, prá mim, eu posso fazer o que eu quiser, aqui, que ninguém vai ficar reclamando. [...] É o meu canto. (Tatiana, 27, analista de sistemas, mora com o marido)

Quem está acostumado com um modo de viver com bastante conforto, dificilmente abre mão disso, aguardando até o momento em que perceba poder mudar para ter o mesmo nível de conforto para concretizar isso:

Eu jamais mudaria se não tivesse onde botar minhas roupas. Se não tivesse uma cama boa também, eu não mudaria. Tenho alguns amigos que foram morar sozinhos que dizem: ah, joga um colchão no chão. Eu não consigo, tenho que ter minha caminha. Lugar para guardar minhas roupas é imprescindível, também. E eu tinha que ter um lugar para comer. (Rita Clara, 37, solteira, mora só)

Independente da mudança ter sido uma escolha livre ou motivada por uma eventualidade, a vida das pessoas entrevistadas e cujos depoimentos estão aqui apresentados alterou bastante a partir da mudança de moradia. A saída de um lugar considerado seu “lar”, a obrigatoriedade de assumir a direção da casa e, em algumas situações, as tarefas de cuidar dos filhos foi evidenciada:

Ah, mudou, mudou... eu acho que melhorou depois que eu passei a morar sozinha, né, que eu pude... eu acho que ela [a moradia] passou a representar o meu canto, né, a minha privacidade, eu morava com amigas, desde que eu vim prá cá [quando saiu da casa dos pais, no interior, e veio para Curitiba]. Eu morava em casa de estudante, morava em república e apartamento, com duas ou três pessoas, né? Eu sempre morava com os outros, não é que os outros viessem morar comigo... eu ia morar com os outros, então eu não me sentia na minha casa. (Laura Maura, 45, assistente social, solteira, mora só)⁸¹

Como consequência dessas alterações que se dão por conta da busca por uma moradia própria (da saída, por parte dos filhos, da casa de seus pais), seja só ou com um(a) parceiro(a) e por separações, recasamentos ou mesmo união entre pessoas do mesmo sexo, situações encontradas em nossa pesquisa – mas também pela dificuldade em encontrar e manter empregados domésticos, resultado da redução da capacidade econômica e mesmo das mudanças na estrutura legal para se ter um empregado doméstico, entre outras – o tamanho dos arranjos domiciliares vem diminuindo. Os “agregados” – considerados os indivíduos que geralmente têm alguma relação de parentesco, agregando-se a

⁸¹ A entrevistada comentou que passa a maior parte do dia fora de casa, mas que faz questão de voltar para casa na hora do almoço, sempre que possível, para renovar as energias.

um núcleo familiar por um determinado tempo – também vão assumindo espaços próprios, convergindo para modelos unipessoais.

A importância dos modelos unipessoais é realçada por Medeiros & Osório (2002, p. 09) quando comentam ter a heterogeneidade dos arranjos aumentado, descolando-se do padrão casal com filhos, o que corresponde a uma maior variedade de arranjos. No entanto, afirmam ter diminuído a heterogeneidade no que diz respeito ao tamanho dos arranjos. Esses elementos realçaram a importância de pesquisarmos, para além dos núcleos familiares, indivíduos que moram sozinhos.

Em matéria da Folha de São Paulo (2006), cujo título “Modelo ‘pai, mãe e filhos’ perde espaço”, Gois e Soares afirmam que, de 1995 a 2005, o perfil tradicional de família diminuiu de 57,6% para 50% do total, perdendo espaço para novas formas de arranjos familiares, destacando-se o crescimento da proporção de famílias com um único morador (10,4% do total), os casais sem filhos (15,2%), as mulheres solteiras com filhos (18,3%) e outras formas de arranjos (6,3%). Segundo a matéria, a maior expectativa de vida e a emancipação feminina – aumento da presença no mercado de trabalho a fim de conquistar a independência financeira, levando ao adiamento do projeto de ter filhos, fazendo com que o índice de fecundidade caia – são fatores que explicam essa mudança no cenário do país apontada pelo IBGE:

Isso significa que, pela primeira vez, esse modelo, apesar de continuar sendo o mais comum, já divide o mesmo espaço dos outros tipos de famílias, que, somadas, representam também 50% do total.

A emancipação feminina também ajuda a compreender por que passou de 20,2%, em 1995, a 28,5% em 2005, o percentual de mulheres entre o total de chefes de família. Mesmo entre mulheres que vivem com seus maridos houve aumento das que se tornaram chefes de família. Em 1995, do total de mulheres chefes de família, 3,5% viviam com seus maridos, mas em 2005 esse percentual aumentou para 18,6%. Já as mulheres chefes de família, em Curitiba (local da nossa pesquisa), representavam 30,3%, estando bem acima da média.

O estudo analisa a questão dos idosos que, tendo a sua expectativa de vida ampliada, também aumentam em número aqueles que moram sozinhos

ou com o cônjuge sem filhos. O documento evidencia, ainda, que essa inserção no trabalho não correspondeu a um alívio em relação aos afazeres domésticos, que, mesmo recebendo auxílio de seus companheiros, ainda são sobrecarregadas em relação a eles⁸², em termos das tarefas domésticas.

Podemos perceber que a dinâmica da casa e da estrutura da família alteram as nossas “seguranças”, e os padrões que nos serviam de referência têm sido alterados, conforme aponta Ariès (1981). Diferentes sociedades esboçam diferentes perfis, reorganizam, estabelecem novos contratos, sem pretender invalidar o que existe, embora, às vezes, “destruindo-o”. Ao buscar o novo, as sociedades são criativas, invertem ou estabelecem novos papéis, novos valores, redefinindo-se.

Camargo (2003, p. 96) resgata a questão da demanda por diferentes tipos de moradias, exercida por grupos domésticos variados:

A crescente diversificação tipológica dos grupos familiares passa a envolver uma solicitação por habitações, cujos tamanhos e organizações dos espaços apontam para as especificidades de cada arranjo familiar. A eventual cisão de um grupo familiar, por exemplo, acarreta a formação de dois outros grupos que, diferentes do original, requerem novos arranjos espaciais para a moradia.

Indo ao encontro do que Tramontano (2002) aponta, e adentrando nas questões que levaram a mudanças importantes, na casa, também Brandão (2002) menciona o fato da derrocada da família como instituição ser acompanhada por alterações no espaço doméstico, tendendo o morar contemporâneo cada vez mais ao morar individual, tornando as divisões internas cada vez menos necessárias.

3.1.2 Panorama das alterações nos usos dos espaços

Ao mesmo tempo em que mais atividades se desenvolvem fora de casa, paradoxalmente cada vez mais o espaço interno é invadido pelo externo, pelos

⁸² Ainda, segundo a reportagem; “Para o psicólogo social Bernardo Jablonski, professor da PUC-Rio e autor do livro ‘Até que a Vida nos Separe – A Crise do Casamento Contemporâneo’, as mulheres conquistaram o direito de trabalhar fora. A participação masculina nos afazeres domésticos, no entanto, nunca foi um pleito dos homens, o que faz com que a divisão das tarefas fique injusta. Na maioria das vezes, quando o homem faz alguma tarefa, Jablonski afirma que ele tende a encarar isso como uma ‘ajuda’”.

sistemas de comunicação.

A especialização das atividades, como os espaços para se fazer as refeições fora de casa ou mesmo para o cuidado das roupas, entre outros, e certa “publicização” da vida, carregam consigo um caráter de esvaziamento da importância do lar. Porém, ao mesmo tempo, embora por outros motivos, as mudanças parecem caminhar no sentido de preencher novamente a casa, na medida em que a violência aumenta, principalmente nas grandes cidades, e que as distâncias inviabilizam, por vezes, a utilização de espaços outros, como clubes, cinemas e praças, transformando-a em local de refúgio e lazer para diferentes camadas sociais⁸³.

Não são apenas as mudanças em termos de composições familiares que se refletem nos espaços domésticos. A inserção de novos objetos, sobretudo de tecnologia recentemente desenvolvida, ou objetos contemporâneos, marcadamente os voltados ao lazer e aos sistemas de comunicação domésticos, acaba por influenciar esses espaços, resultando em uma dinâmica diferenciada da até então existente.

Novos aparatos requerem espaços específicos que, se não sofrem adaptação desde sua incorporação, permanecem como soluções provisórias, influenciando os projetos dos interiores domésticos, em constante transformação. A título de exemplo, citamos os computadores pessoais e os *home-theaters*, cuja introdução acaba por modificar as atividades desenvolvidas nos interiores domésticos, os espaços e as relações entre os indivíduos, mudando hábitos no que diz respeito, inclusive, ao espaço da rua. Conforme apontado por Camargo (2003, p. 97):

A essas influências sociais e culturais metropolitanas, que levam às alterações dos modos de vida e do uso do espaço doméstico, relacionam-se, ultimamente, reflexões acerca de novas propostas tipológicas para o espaço de morar.

⁸³ TRAMONTANO (1998) comenta sobre a opção, por parte de número significativo de moradores das metrópoles, de habitar temporariamente espaços exíguos, com o mínimo de condições, como forma de dar conta das longas distâncias para viver a cotidianidade nos centros urbanos.

No caso da televisão, não apenas a possibilidade em termos de recursos financeiros e de espaço permitiram que estivesse em vários ambientes, mas o desenvolvimento do sistema a cabo, devido à diversidade de opções em termos de programação, acabou por possibilitar o seu uso individual, entre as camadas pesquisadas.

Como aponta Postman (1994):

As novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem.

Falar sobre o lugar da tecnologia nos interiores domésticos é o mesmo que falar do processo de interação entre os indivíduos e a tecnologia, em seu meio, de fazeres cotidianos alterados. Os hábitos de organização e higiene, herdados e em certa medida transformados, a maneira como limpamos nossa casa, cuidamos das roupas e das crianças, a maneira como escolhemos os produtos a serem consumidos, e como estruturamos a dinâmica da casa e da família, refletem o que somos, expondo parte de nossa intimidade, de nossa privacidade, ao mesmo tempo em que expõe a genialidade, a astúcia e o jogo de interesses daqueles que conduziram ao desenvolvimento de tecnologias para o lar, possibilitando, em alguma medida, a liberação para o lazer ou para o desenvolvimento de outras atividades, e mesmo encontrando novas formas para ele.

Junto com as tecnologias domésticas e a família, o espaço doméstico foi sendo alterado, no decorrer do tempo, sendo que o espaço ocioso não tem mais o mesmo lugar. Também as grandes peças, na casa, perdem sua importância, seja pelas condições financeiras exigidas para a sua manutenção, seja por representar um desafio à limpeza, ou outros motivos não evidenciados. De qualquer forma, outras são as necessidades e as formas de se estar ou não em casa.

Os espaços que vão sendo reconceituados refletem a constante transitoriedade das necessidades do habitar, assim como evitam espaços sem

uso. Níveis cada vez maiores de praticidade e funcionalidade são buscados, juntamente com mais conforto.

3.1.2.1 Descrição geral das moradias analisadas

Para fins de análise, agrupamos as casas e os apartamentos em função do seu dimensionamento, elegendo alguns parâmetros em função de algumas similaridades encontradas: moradias de até 70 m²; moradias de 71 a 100 m²; moradias de 101 a 150 m²; moradias de 151 a 220 m²; e, por fim, moradias com dimensões acima de 221 m².

Dentre as moradias de até 70 m² (incluindo a área comum), analisamos cinco apartamentos e apenas uma casa. Em todas as situações tratava-se de pessoas morando sozinhas. Variando de três (no caso da existência de uma área de serviço coletiva) a cinco peças, as características gerais, com base nos depoimentos dos entrevistados, era a ausência de locais específicos para o desenvolvimento de algumas atividades comuns às moradias, destacando-se receber pessoas, seja para uma visita ou mesmo hospedagem. Consideramos importante esclarecer que, nesta faixa de tamanho não estava incluída garagem. Apenas o apartamento, cuja área de serviço era comum aos moradores do prédio, tinha construção até 5 anos, sendo as demais construções de 5 a 15 anos, aproximadamente.

A maioria das moradias com dimensão de 71 a 100 m² pesquisadas era formada por apartamentos (cinco dentre as seis), sendo quatro com dois dormitórios, com o número de banheiros correspondente, e uma com três dormitórios, de construção mais antiga, com apenas um banheiro. A média encontrada foi de sete peças. Inclui-se nesta faixa uma casa, neste caso uma espécie de sobrado, em que a parte de baixo atende aos interesses comerciais do morador (escritório, ligado por uma escada de acesso à parte superior), sendo também utilizado para outras atividades, como parte essencial da vivência cotidiana, ficando na parte superior a “casa” propriamente dita. Sem divisórias, foi

construída propositadamente para ganhar espaço e dar a idéia de liberdade ao arquiteto que a projetou, construiu e nela habita.

Na faixa dimensional seguinte, abrangendo de 101 a 150 m², encontramos três casas e três apartamentos, todos com três quartos, sendo a dimensão em que se manteve praticamente igual o número de peças (incluídos os banheiros, como nas demais): dez. Mesmo com o dimensionamento maior, houve reclamação, em duas das situações em que as moradias atendiam a famílias, da falta de espaços específicos. Em uma delas, a falta de uma sala íntima para os cinco moradores e, em outra, a falta de um escritório ou local de estudo (neste caso, na situação em que uma mãe cria sua filha, tendo freqüentemente o namorado em sua casa).

Foi nas moradias com dimensões variando de 151 a 220 m² que encontramos a maior média de peças, correspondendo ao número de 12, o que parece apontar para uma relação entre as dimensões das moradias e o número de peças. Sendo seis casas e um apartamento, parece evidenciar que o tamanho maior das moradias, para as camadas médias, deixa de ser possível no caso dos apartamentos, cujo investimento necessário é comumente maior. O único apartamento encontrado, nesta faixa dimensional, diz respeito a um apartamento em edifício antigo, comprado e reformado em conformidade com as possibilidades e necessidades da família.

As demais moradias, com dois andares, à exceção de uma delas, além da garagem em pavimento distinto, em algumas situações eram aos olhos dos entrevistados, moradias confortáveis, com espaço para todos e para as atividades necessárias, o que não excluiu o pensamento em reformar e ajustar alguns dos espaços às novas necessidades. Um dos casos explanado dizia respeito a um entrevistado que queria transformar uma sala de jantar em sala de jogos, colocando mesas apropriadas, pois esse era o uso principal do espaço. Um segundo estava pensando em construir, sobre o seu quarto, um local para ser o dormitório, propriamente dito, liberando o espaço para as demais atividades ali desenvolvidas, sejam elas o convívio com amigos, jogos ou trabalho.

Quatro dentre as moradias encontravam-se em condomínios fechados, e isso representava um aspecto favorável para os entrevistados, de uma maneira geral. Somente em uma delas os entrevistados evidenciaram a proximidade física muito grande em relação às demais casas como um aspecto negativo, sendo a invasão de privacidade uma questão que ressaltou como decisiva para essa percepção. Foi também dentre as moradias desse tamanho que encontramos as oficinas de trabalho de dois dos moradores, ambos realizando serviços de manutenção, em suas casas, e criando elementos que consideram importantes.

Na faixa limítrofe analisada (acima de 221 m²), encontramos apenas duas moradias, correspondendo a pessoas com poder aquisitivo maior, dentro do que havíamos selecionado (próximo a 20 salários mínimos). Em ambas, o dimensionamento ultrapassou os 300 m², sendo as situações bastante distintas: uma moradia com um só morador e outra de uma família nuclear, à época das entrevistas composta pelo casal e dois filhos adultos. As duas casas apresentavam um acabamento mais esmerado, em relação à maioria das moradias visitadas, localizando-se uma delas em um dos bairros de maior poder aquisitivo, na cidade de Curitiba, e a outra em um Condomínio em bairro não tão central.

Lavabos foram encontrados apenas nas moradias com mais de 151m², sendo o maior diferencial em relação às demais faixas dimensionais, e churrasqueiras no corpo interno das moradias apenas nas duas moradias maiores e em uma moradia de aproximadamente 200m², sendo espaços de grande utilização, nas três situações, conforme depoimentos dos moradores. Em uma das moradias de maior dimensão encontramos, ainda, o espaço preparado para ser adega.

O tempo de construção média esteve por volta dos 10 anos, mas algumas das moradias tinham mais de 20 anos, ao passo que outras apenas dois anos. As diferenças, em termos de construção, foram marcadamente na redução das paredes; mas esse tipo de solução também foi encontrado em situações em que as moradias passaram por reformas.

Mais do que o tempo de construção, o tamanho das moradias foi elemento decisivo à idéia de conforto, que, segundo os entrevistados, parece estar associada ao espaço disponível.

3.1.2.2 Padrões de alterações nas moradias analisadas

Algumas mudanças recentes nos interiores domésticos são significativas. A questão da segurança e importância de acompanhar o desenvolvimento dos filhos é evidenciada por alguns entrevistados, em situações distintas. A título de exemplificação, trazemos o depoimento de um entrevistado, que expõe a sua forma de agir em relação às suas preocupações com os filhos, hoje adolescentes, desde a infância:

Os amigos deles vinham aqui. A casa era cheia de piá. Quando eles eram mais novos, a casa era cheia de piá, cheia de piá! No quarto deles e [no resto da casa]⁸⁴. (José Corvina dos Reis, 55, contador, separado, mora com os filhos)

A reconversão dos quartos enquanto espaços de convívio, na virada do século XX para o XXI, em detrimento da proposta que imperou, na década de 90, do quarto como um espaço para uso individual foi confirmada junto a uma das faixas pesquisadas, pois a maioria dos 14 entrevistados, dos 13 aos 24 anos, utiliza o espaço como local de estar com os amigos. Importante ressaltar que apenas quatro deles têm, hoje, computador em seus quartos, ao contrário do que era esperado no início da pesquisa, sendo que os demais compartilham o equipamento com o restante da família, em geral em local específico (escritório ou quarto de estudos) ou na sala de televisão, sendo esta uma estratégia para evitar maiores gastos e o isolamento dos filhos.

No processo de pesquisa, chamou a atenção o fato de que em duas moradias os computadores saíram dos quartos e ganharam espaços coletivos,

⁸⁴ Ele comenta que sempre preferiu que os amigos dos filhos viessem à sua casa, pois ele estava trabalhando ali, e acompanhava o andamento das coisas. Hoje, os filhos têm namoradas, e os meninos levam a casa quem eles quiserem, independente de terem namorada fixa ou de estar cada vez com uma pessoa. (Anotações do Diário de Campo).

para permitir o convívio familiar e levar a garotada a utilizar outros espaços da casa de forma mais homogênea, ou seja, a introdução dos computadores domésticos gerou tensões e essas tensões exigiram novas formas de pensar o próprio interior doméstico.

Em um dos casos citados, mudanças foram feitas para estimular o convívio entre mãe e filha:

A Helô mesmo não é acostumada, engraçado, a ficar mais tanto no quarto. Teve uma época que era [...] Agora que eu resolvi colocar o micro aqui [na sala], e não no quarto dela, porque senão ela fica a maior parte do tempo trancada no quarto. Então, daí, a gente não teria esse convívio, né, se colocasse no quarto dela.

(Ana Margarete, 45, analista de sistemas, separada, mora com os filhos)



Foto 1: O computador, transportado para a sala de estar.

A estratégia funcionou, confirmando o que diz Brandão (2000) quando discute o quanto seríamos diferentes, caso os quartos de banho viessem ao interior das casas como espaços do coletivo, no sentido de que os arranjos

diversos, produzidos pelas pessoas, também produzem “pessoas diferentes”, relações distintas.

O fato de o computador estar em um canto bem iluminado da sala tornou-se, ainda, um motivo de prazer para mãe e filha, que acompanham uma a outra, cada qual fazendo o que gosta ou precisa. O filho mais velho (de 24 anos), porém, trabalha com informática e não abre mão do seu quarto para usar o computador, sendo o espaço em que passa a maior parte do tempo quando está em casa, mesmo quando seus amigos ou namorada estão com ele. Neste caso, este é o espaço de convívio (não-familiar) por ele eleito, quando outras pessoas fora do universo familiar estão com ele, em sua casa. De qualquer forma, a televisão é mantida na sala, também como estratégia para estimular o convívio entre os três, com algum resultado positivo.

Frohlich et al. (2001) afirmam estar o computador pessoal rapidamente incorporando-se à vida das famílias, identificando conflitos no que diz respeito ao uso dos espaços nos interiores domésticos, uma vez que tendem a ser sobrecarregados com funções baseadas nas tecnologias ali disponibilizadas. O depoimento de uma entrevistada exemplifica essa incorporação:

Todos usam igualmente os espaços. Ainda mais agora que eu levei o computador para o meu espaço que era... era meu, e do meu marido a metade. Eu cedi a metade da minha prancheta, a pontinha pra ele. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

No escritório, a “chegada” do computador fez com que precisasse tirar uma espécie de cama que servia como sofá, estando esta na sala de jantar, agora. Ela comenta que o ateliê era um espaço praticamente seu, antes do computador.

Ao contrário da solução encontrada nas situações descritas anteriormente, mudando os espaços onde são inseridos, não apenas na sua forma, no arranjo, mas também no uso social, no compartilhamento, os pesquisadores sugerem a utilização de tecnologias móveis ou distribuídas como saída possível às tensões criadas. No entanto, são escolhas e definições que

interferem nas possibilidades de contato e convívio, e as soluções apontadas, embora fáceis, do ponto de vista prático, precisam ser ponderadas.

Interessante observar que, se por um lado os mais jovens têm seus quartos como espaços de isolamento e de liberdade cada vez mais cedo, por outro também parecem se importar em estar com os outros membros da família. Mais da metade deles comentaram ter ao menos mais um espaço que consideram importante, além de seus quartos, apontando ser a sala íntima ou ambiente equivalente de convívio da família esse segundo espaço preferido. É preciso levar em conta que mesmo esse espaço de convívio fica por várias horas, durante o dia, um espaço de uso individual ou dividido entre irmãos, em algumas das moradias analisadas, em que os pais ou um deles, ao menos, passa o dia fora, trabalhando.

No entanto, na maioria das situações em que um dos pais (pai ou mãe) assumiu a criação dos filhos, é comum o mesmo passar apenas um dos períodos do dia fora de casa, desenvolvendo dentro dela grande parte de seu trabalho, a fim de estar mais presente na vida dos filhos, e mesmo dar conta das tarefas domésticas, comumente feitas sem o auxílio diário de ajudante (denominação utilizada para fazer referência à empregada doméstica por alguns dos entrevistados).

Essa alternativa, de ter um adulto responsável, em casa, em um dos períodos do dia, foi encontrada em 4 das 8 moradias de famílias nucleares, e em 4 dentre as 6 moradias de pais ou mães que criam seus filhos sem a presença de um parceiro. Em duas situações, os pais que criam seus filhos trabalham com contabilidade, o que facilita a organização de uma agenda definindo horários de saída previamente. Em duas outras situações, as mães têm empregos cuja carga horária é de 6 horas diárias. As demais situações encontradas dizem respeito a trabalho com educação, com horários mais flexíveis, sendo apenas uma das situações por razão contingencial, seja ela o afastamento do trabalho, por algum tempo, em função de problemas de saúde. A aposentadoria também apareceu como um fator importante, possibilitando esse tipo de relação mais próxima entre

pais e filhos, situação evidenciada em duas moradias.

Essa questão apareceu de forma homogênea, nas diferentes faixas etárias e em ambos os sexos, apontando para a importância do caráter de convívio. Por mais que o desejo de autonomia e a busca por um espaço próprio sejam evidenciados, declara-se a importância do convívio, sendo que muitas das pessoas que vivem sós não estão nessa situação por uma escolha explícita, senão como contingência, desfecho de situações de vida, como a perda de alguém, o casamento dos filhos, a viuvez ou a separação. Alguns dos entrevistados falam da intenção de unir-se a alguém, e trazemos uma das falas sobre o assunto:

Sou solteira, moro sozinha, tenho o meu trabalho, tenho o meu carro, tenho os meus planos. E tenho muito desejo de ter um companheiro e ter filhos. [...] Até a experiência de morar sozinha, eu não quero viver sozinha, sabe [...] eu tenho vontade de morar em casa, num lugar espaçoso, de ter jardim, quintal, de ter mais espaço para lazer e não ser tão [um espaço apenas] funcional.
(Camila Mara, 37, assistente social, solteira, mora só)

As intenções explicitam o desejo de uma relação sólida e a percepção da necessidade futura por mais espaço, de uma moradia não apenas funcional, mas que permita o lazer, apontando para uma alternativa diferente da que hoje vive a entrevistada. Outras situações similares são evidenciadas, comumente, por pessoas que ainda não viveram uma relação de casamento.

É, em geral, em função das mudanças na estrutura da família e nos espaços, e de novas necessidades daí decorrentes, que paredes são derrubadas, em reformas, ou mesmo eliminadas já na fase de projeto, visando à ampliação e integração das áreas. Sem paredes, os espaços tornam-se mais abertos, pois se mesclam, permitindo outro tipo de vivência e aproximação, e determinando novas estratégias de demarcação de território entre aqueles que os dividem.

No caso das moradias de projetos atuais, a especialização das funções dos espaços cresce em passo acelerado e a junção entre os espaços de preparar alimentos e os de recepção já faz parte da solução, inclusive, de apartamentos, nos quais as mudanças acontecem em um ritmo mais lento do que no caso dos

projetos das casas, no universo de ofertas de imóveis dirigidos às camadas médias. Sobre a união de espaços, uma de nossas entrevistadas expõe:

Até gosto da sacada, embora eu tenha um pensamento de fechar [...] para deixar mais espaço. Tem uma pia que eu vou tirar, também. [...] eu tenho vontade de tirar esta porta [que liga a sala à sacada com churrasqueira] e deixar mais aberta ainda, a sala.
(Rita Clara, 37, solteira, mora só)

O espaço é um exemplo, dentre os visitados, no qual a proprietária pensa em fechar a sacada e juntar o espaço à sala, criando uma área maior para caber uma mesa de jantar maior e, assim, possibilitar mais conforto ao receber amigos e/ou parentes, ampliando o espaço interior para que inclua, ainda, a churrasqueira, aumentando seu espaço de convívio. A entrevistada saiu da casa de seus pais por ter condições de se manter sozinha e sentir a necessidade de mais espaço para si, no sentido apontado pela pesquisa de Certeau, Giard e Mayol (1996), na qual afirmam que “muitos jovens saem de casa ou por razões profissionais ou para encontrarem mais conforto nos imóveis mais novos”. Neste caso, não é o fato de ser um imóvel mais novo o fator preponderante, mas a necessidade de ampliar o espaço que lhe pertence, e, com isso, conquistar mais liberdade.

Embora os *flats*, *lofts* e construções alternativas sugiram mudanças nas formas de morar, oferecendo por vezes moradias sem paredes para que sejam colocadas posteriormente, conforme desejos e interesses do comprador, a realidade encontrada ainda é bastante diferente e bem mais convencional do que alguns dos projetos arquitetônicos mais recentes propõem.

Ainda assim, a derrocada das paredes⁸⁵ aparece como uma tendência visível, uma prática presente nas reformas ou, quando ainda não realizada, surge marcadamente nas intenções dos entrevistados.

Uma entrevistada, que veio do Rio de Janeiro quando seus três filhos eram

⁸⁵ Baudrillard (1968, p. 27), ao falar dos interiores modelo, afirma: “Os cômodos e a casa eles próprios ultrapassam a cesura [abertura] tradicional da parede que fazia da casa espaços-refúgios. Os cômodos abrem-se, tudo se comunica, fragmentam-se em ângulos, em zonas difusas [...] Liberalizam-se”.

adolescentes, e sempre teve a casa cheia, com sobrinhos e amigos dos filhos, e nessa época procurava um lugar para se refugiar, comentou que desde que a primeira filha casou os espaços foram se redefinindo, conforme as necessidades, até que ela ficou sozinha, com todo o espaço para si. Dessa forma, o quarto, que foi um dia seu refúgio, é um lugar que perdeu um pouco o sentido⁸⁶.

Paredes são derrubadas para a criação de áreas mais abertas e amplas de convívio e lazer, ou mesmo como um artifício para iluminar um ambiente com pouca luz e/ou ventilação, em situações em que as mesmas são consideradas desnecessárias.



Foto 2: Vão aberto entre a copa e a sala íntima: contato e iluminação. Da mesma forma, a porta que unia a cozinha à parte íntima foi abolida.

Uma expressão clara em que as paredes inexistem diz respeito justamente a um entrevistado arquiteto que, ao projetar sua casa, acerca de cinco anos, eliminou as paredes, mantendo-as, minimamente, para separar o lavatório e o banheiro, usando um conceito de privacidade minimalista. No banheiro, simples e de dimensões pequenas, detalhes no piso e na parede evidenciam os cuidados

⁸⁶ Comentários extraídos do Diário de Campo.

do arquiteto. A pia é localizada em espaço que antecede ao banheiro propriamente dito, permitindo o uso simultâneo por mais de uma pessoa.



Foto 3: O lavatório, separado do corpo da casa por uma parede, não tem porta. Esta se encontra somente na entrada do banheiro.

Para dar conta de criar a idéia dos ambientes, ele se utilizou de móveis e iluminação artificial, que resultaram em uma situação de mobilidade boa, no sentido de precisar pouca movimentação para ir de um a outro lugar, e um domínio visual da moradia, cujos aposentos são vistos praticamente de qualquer lugar em que se esteja:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

O que me liga muito nela [na casa], são os espaços abertos. Se não tivesse essas paredes, aqui [aponta as paredes que separam a área em que vive da escadaria, formando uma ante-sala, hoje utilizada para colocar alguns modelos das cadeiras que comercializa], que mais ou menos era obrigatório ter, porque tem a escada, eu adoraria que fosse tudo aberto! Só privar banheiro, e o resto... aberto! (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)



Foto 4: Sem divisórias, a moradia é ampliada e sua integração é total. Na foto vê-se, à esquerda, o armário onde ficam a aparelhagem de som e TV. Ao fundo, a cozinha.

O sentimento de liberdade e integração torna a sua moradia especial, para ele. De qualquer forma, considerando que ele mora sozinho, não podemos analisar, em termos de convivência nos espaços abertos senão os momentos em que recebe pessoas em casa, que, segundo sua fala, se assemelham às demais situações de convívio das quais participa, em moradias com paredes, sendo o local onde se encontra a cama o menos utilizado, nessas situações.



Foto 5: A copa, entre a “sala de estar” e a cozinha. A delimitação das áreas se dá pelos móveis, tapetes e iluminação⁸⁷.

Sobre as sobreposições mais comuns de funções, no caso de pessoas morando sozinhas, Tramontano (1998, p. 326), confirmando o que encontramos, avalia:

Funções sobrepostas correspondem a um modo de vida onde o espaço individual estende-se pela totalidade da unidade. É comum o apartamento de um único cômodo, não necessariamente pequeno, não necessariamente pobre, no qual se dorme, se cozinha, se recebe amigos.

⁸⁷ As janelas, em sua casa, são pequenas, em relação ao tamanho da casa, e o entrevistado reforça o prazer em abrir sua casa, pela manhã, para que entre luz e ar, elementos que considera importantes como parte da higienização da casa. No entanto, a meia-luz lhe é importante, sendo que, nos espaços fora de casa, ele sente-se incomodado com o excesso de luz, seja no exterior ou em ambientes internos. (Anotações do Diário de Campo, em 20/12/2004).

Independente da composição familiar, importante alertar que as moradias onde foram encontradas soluções mais decisivas, em termos de espaços mais abertos, são justamente as de construção mais recente (do final do séc. XX e início do século XXI), tanto no caso de casas quanto de apartamentos ou no caso de reformas, realizadas em casas e apartamentos mais antigos (com quinze anos ou mais de construção). As novas construções, assim, incorporam os hábitos mais recentes de vivenciar todos os espaços domésticos igualmente, ficando para as demais construções as adaptações possíveis para integrar e adaptar os ambientes.

Os vazios⁸⁸ são, assim, valorizados. Para além dos aspectos dessa valorização, quando se tem espaços mais abertos e integrados, as pessoas que ali vivem ficam em contato freqüente, o que, por um lado, parece interessante, correspondendo à necessidade humana de estar em contato - e esse “enxergar” reforça a casa como um espaço possível de ser controlado pelo olhar - mas por outro, reduz a privacidade e limita as possibilidades. Esta última questão transpareceu entre alguns dos entrevistados:

Eu estou tentando organizar, prá mim, um horário de descanso, no entardecer. Eles [os filhos] ficam um pouco no computador e é a hora que eu não tenho empregada e que não fica ninguém me cobrando nada. (Ana Emília, 43, assist. social, do lar, mora com o marido e os filhos)

Diferentemente da solução encontrada pela entrevistada, de isolar-se da família em determinado horário do dia, Marcus (1995, p. 136) apresenta a situação de um casal que entrevistou, que resolve, para morar junto e manter a individualidade, construir uma área separada, na casa dele, para a moça, detalhando como acontece a negociação feita, visando manter áreas de uso comum, e outras de uso individual:

⁸⁸ Conforme Baudrillard (1968, p. 67): “Em um cômodo onde há espaço, há um *quê* de *Natureza*: ‘isto respira’”. O autor evidencia ser essa uma respiração luxuosa, realçando que o espaço vazio acaba por valorizar o pouco que nele existir e o vazio calculado “personaliza” alguns objetos.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Compartilhar uma sala ou apartamento pode acrescentar peso a um relacionamento na medida em que cada pessoa tenta um espaço suficientemente pessoal em um ambiente que pode ser apenas marginalmente grande o suficiente para dois.

O que Marcus afirma sobre acrescentar peso não é no sentido de tornar o relacionamento mais consistente, mas, ao contrário, perder a leveza. Parece uma alternativa interessante a de se ter áreas de uso comum, mas igualmente espaços pertencentes a cada morador, onde cada qual pode arranjar à sua maneira, a partir de necessidades específicas e gostos distintos, espaços a princípio livres para a personalização.

Salvatori (1996, p. 217) nos indica a possibilidade de individualizar os espaços construídos (inclusive no sentido da *gestalt* da família), apontando serem as intervenções possíveis mecanismos que valorizam o espaço construído, enquanto possibilidade de expansão, ou mesmo de diferenciação: “A expansão das individualidades num apartamento, porém, é mais limitada, sendo bastante valorizada a possibilidade de intervenção pessoal no espaço”.

A vida social que se leva nos interiores domésticos (GOFFMAN, 1985) impele a reconhecer que as pessoas são, além de um grupo, indivíduos. Isso implica necessidade de locais e momentos para exercer essa individuação, certa independência ou deslocamento temporário do grupo familiar, de ser o que realmente se quer ser e, como tal, esses espaços e locais constituem-se em um meio simbólico indispensável, como apontam Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981). Um outro entrevistado fez um comentário a respeito:

As pessoas gostam disso, as pessoas precisam disso, ter seu espaço, ter sua hora prá si [...] ficar à vontade. (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)

Certeau, Giard e Mayol (1996) comentam ser a casa da gente um espaço da intimidade, local onde a autenticidade de cada um fica à mostra. Mas, no caso de arranjos familiares que incluem pais e filhos, independente das necessidades de individuação, a importância de se estabelecer controle sobre o que ocorre com os filhos sobressai, e a alternativa espacial de eliminar paredes

vai ao encontro dessa necessidade de “vigiar”. Essa necessidade tem correlação com o afastamento dos pais, durante parte significativa do dia, aliado à necessidade de, ainda assim, estarem a par do que ocorre com seus filhos:

Por mais que eu esteja aqui, eu estou escutando eles, então a gente está convivendo, ou se um está comendo, jantando, a gente acaba... essa área da casa realmente integra bastante.
(Tereza Cristina, 47, gerente de programação visual, mora com o marido e filhos)

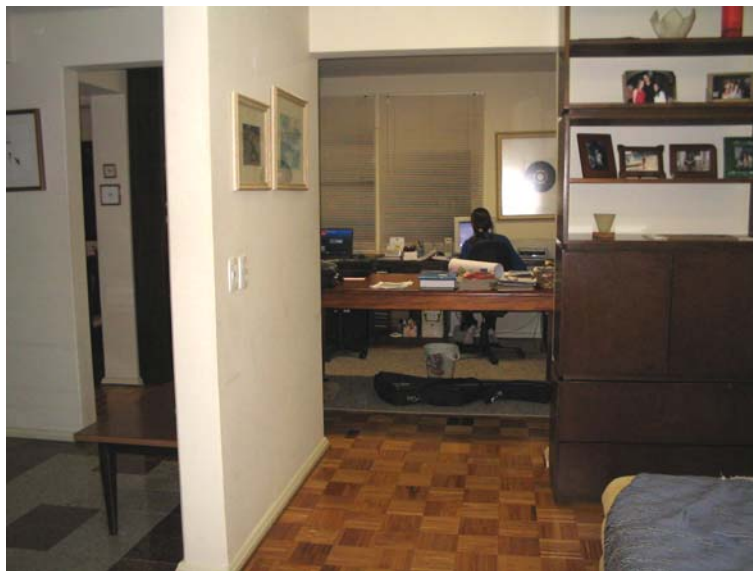


Foto 6: Do sofá da sala íntima, a mãe acompanha o movimento da casa. Portas foram retiradas, ampliando os espaços e mantendo-os interligados.

Mesmo percebendo-se só, em seu espaço preferido, a entrevistada está, ao mesmo tempo, acompanhando a dinâmica da casa. Do seu local preferido, na sala íntima – parte de uma peça mais ampla em que se encontra também a sala de visitas – percebe qualquer movimento que se dê não apenas na entrada da moradia (na foto, à esquerda, o *hall* do apartamento), mas igualmente dos quartos em relação às demais áreas, uma vez que o único corredor de acesso a esses ambientes fica à sua frente.



Foto 7: Detalhe da ligação, pela eliminação de portas e paredes, entre várias áreas da moradia.

Nesta foto (7), que mostra um detalhe da foto anterior (6, em que aparece parte da parede à esquerda, com o quadro) podemos ver, a partir do *hall*, o quanto a eliminação de paredes abriu visualmente os espaços. Nela aparecem parte da copa, parte do ambiente onde se encontram os computadores e impressoras, e parte do corredor de acesso aos quartos⁸⁹. Não colocar portas foi proposital, mantendo a idéia de uma maior dimensão e possibilitando maior comunicação e percepção da presença entre os moradores. Não sendo colocada parede divisória, entre alguns ambientes, tem-se outra forma de convívio:

Na verdade, você nunca está sozinha, na cozinha, nunca está sozinha, na sala, está todo mundo sempre convivendo e essa era a idéia de ter esse lugar assim, aberto. (Carmem Silvia, 46, artista plástica e prof. universitária, mora com o segundo marido e filhos)

⁸⁹ No chão, a presença do prato de alimentação da cadela de estimação, evidenciando o quanto ela convive com os moradores.



Foto 8: O projeto da casa foi feito propositadamente para manter as pessoas perto, umas das outras. Ao fundo, em plano um pouco acima das salas de jantar e de estar, a copa e a cozinha.

Essa idéia de não estar só parece prevalecer como algo positivo, dentre as pessoas que vivem em família, realçando a característica da sociabilidade humana. Nos projetos, os corredores e paredes vão sendo reduzidos, eliminados ou ganham outra função, dando lugar a espaços mais interligados e amplos, evitando o sentimento negativo que os ambientes reduzidos geram:

Eu não gosto de coisa apertadinha, fechadinha, tem que ser ampla. Por isso que eu pedi [o projeto] sem paredes, para o ambiente estar mais integrado. [...] E é assim. Como a casa é ampla, então as pessoas ficam aqui, ficam ali, então você está em contato. Geralmente, quando você está numa festa, fica aquele negócio... vai um para a cozinha, quer dizer: aquele meio que se isola, né. E aqui, um falou aqui [na cozinha], outro de lá já ouviu [na sala]. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)

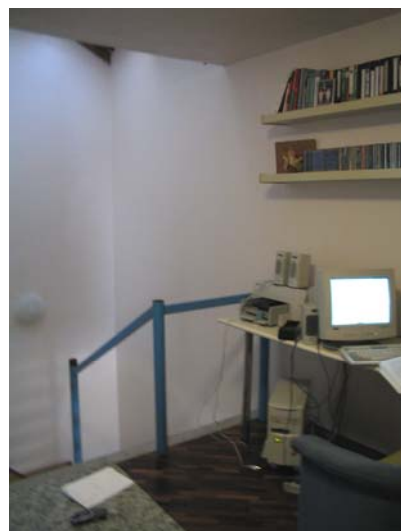
Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 9 e 10: Ligação entre a cozinha, a copa e as salas. Da cozinha, é possível enxergar outros ambientes da casa, e a escada de acesso ao piso superior. Janelões mantêm, ainda, o contato visual com o exterior.

Referindo-se a um espaço de passagem entre os quartos, no andar superior da casa, transformado em sala do computador, uma entrevistada que aprova a solução e tem esse espaço como preferido, em sua casa, comenta:

[...] porque dá para você falar com todo mundo que está lá embaixo. Dá para se comunicar aqui em cima. [...] não é tipo, não é o computador lá no canto do meu quarto. (Cati, 18, estudante, vive com a mãe, o padrasto e os irmãos)



Fotos 11 e 12: O escritório de uso coletivo, montado no espaço originalmente previsto para ser a sala íntima. Local de acesso aos quartos, liga-se ao andar térreo através da escada.

Curiosamente, e a despeito do sentimento positivo de estar em contato, ou seja, de modo ambivalente, a entrevistada acrescenta:

Aqui é no meio da casa. O que às vezes é ruim. (Cati, 18, estudante, vive com a mãe, o padrasto e os irmãos)

Essa ambivalência parece ir ao encontro da dupla necessidade de estar com os outros, mas alternativamente estar só, e as questões daí derivadas são difíceis de serem equacionadas.

Outro depoimento evidencia a questão da dificuldade de fazer as coisas nesses espaços abertos e de uso coletivo, nos horários em que a casa está movimentada:

Na verdade no horário do meio dia para uma e meia, assim, eu não gosto de fazer mesmo nada porque é uma hora movimentada, aqui. Daí depois da lição, eu assisto TV, jogo no computador, eu leio, toco piano [...] Eu gosto de ficar aqui na sala [quando estou só] porque quando tem muita gente em casa não dá para usar muito. Se alguém está vendo TV, não dá para tocar piano ou vice-versa. (Kiko, 13, estudante, mora com os pais e a irmã)

Espaços abertos ou fechados são opções e, como tudo o mais, os elementos que importam ao grupo precisam ser colocados na balança, para uma avaliação mais significativa e uma solução mais adequada. Foi assim, discutindo

em família e ponderando as escolhas individuais, que um casal entrevistado resolveu o projeto de sua casa onde habita com os três filhos dela, fazendo os quartos dos garotos no andar superior, com paredes de gesso para que, no futuro, quando cada um tomar seu caminho, ainda que não haja pressa, nesse sentido, as paredes sejam derrubadas e fique um salão amplo, para receber os eventuais netos, e mesmo amigos e familiares, sendo o quarto do casal no andar térreo. É a presença do pensamento no futuro, antecipando soluções.

A eliminação de algumas paredes divisórias para estimular o convívio e tornar mais amplos os espaços, nas soluções no presente, leva-nos a crer que o mesmo tipo de solução possa ser adotado para outros espaços, conforme as modificações na família e as necessidades de seus membros. As mudanças em curso parecem apontar para a construção de paredes temporárias, permitindo maior flexibilização de espaços e mesmo adaptação às diferentes situações, sejam elas planejadas ou inesperadas, e alguns imóveis começam a utilizar esse tipo de solução não apenas técnica, mas igualmente com forte apelo baseado nas transformações sociais.

Compreender como se dá a relação público/privado, no ambiente doméstico, é fundamental para o planejamento da cultura material voltada a esse espaço.

3.2 O público e o privado, na casa: espaços de representação e espaços de convívio

A área mais “nobre” das moradias compreende as salas de estar e jantar (por vezes tendo ainda como adendo um banheiro social, ou um lavabo, e um *hall*), espaços, por excelência, de representação. É uma área em geral mais organizada que as demais áreas das moradias, de utilização restrita e com uma decoração mais aprimorada.

Coelho Netto (1999, p. 78), ao abordar a questão dos espaços pouco utilizados, nas moradias, comenta serem esses espaços quadros que o morador

quase nunca vê, mas que conserva para os outros verem. Ressalta não ser a vida um teatro, ao menos não sempre, e que o ver precisa ser substituído pelo viver: “o espaço estático deve ser dinamizado”, vivido e percorrido. Outros espaços, na casa, são planejados e arranjados para um tipo especial de convívio, seja em família ou com amigos mais íntimos. Esses espaços abrangem a cozinha, a copa (muitas vezes dentro da cozinha) e a sala íntima (a sala de estar acaba fazendo as vezes desta, quando a sala íntima não existe em separado), espaços comumente afastados dos olhares dos visitantes ocasionais, representando áreas intermediárias entre os locais de intimidade (banheiros e quartos) e os de receber visitas. É sobre esses dois grupos de espaços que trata este bloco de texto. As áreas de serviço, bem como a área íntima, são tratadas em separado, por terem outras especificidades.

3.2.1 Espaços de representação

As salas de estar e de jantar são os espaços de recepção, nas moradias, mas embora tenham elementos em comum, sendo habitualmente em um mesmo cômodo, no sentido de não haver paredes dividindo os ambientes, algumas especificidades tornam importante a manutenção da descrição e análise em separado.

3.2.1.1 Salas de estar

Ainda que os espaços de recepção estejam passando por transformações, é possível considerar válida a descrição feita por Camargo (2003, p. 83):

Da observação das salas dos apartamentos, verifica-se que, de forma unânime, e independentemente da tipologia do grupo familiar que os ocupa, que a sala é “arrumada” para ser vista por estranhos ao ambiente doméstico, e é o cômodo do apartamento ao qual se atribui a responsabilidade de transmitir aos visitantes a “melhor” imagem da moradia.

Camargo (2003) relata ter encontrado, em seu estudo sobre apartamentos na cidade de São Paulo, um mobiliário mais aprimorado na sala de estar, com adornos ostentosos, aparelhos de som e TV mais luxuosos, maiores e mais potentes, partes de um cenário preparado para o desenrolar das relações sociais, que vai refletir tanto o nível social como o econômico e cultural dos moradores. Esse elemento tem ligação com o que Bourdieu (1979) aponta em relação às capacidades distintivas dos grupos.

Em nossa pesquisa, encontramos alguma diferenciação, em termos do exposto, em relação à sala de estar, espaço por excelência da espacialização dos símbolos (LEITE, 2000; BAXTER, 1998; SUBIRATS, 1989), local onde os elementos simbólicos se sobressaem, mediando relações.

Camargo (2003) reforça a função simbólica da sala de visitas. Ao entender a moradia como o espaço de relação entre as pessoas e as coisas, comenta ser justamente a sala de visitas o local mais público desta, por se desenvolverem, nela, as relações com indivíduos pertencentes a grupos diversos, tornando-se o local de exposição de seus valores. Em nossa pesquisa, também a sala de jantar emergiu como representativa desses valores, e a presença de objetos especiais e móveis de família sobressaíram nesse cômodo, em relação aos demais, como lembranças trazidas de viagens, representando a capacidade de conhecer outros lugares, objetos recebidos de herança ou feitos pelos próprios moradores, demonstrando habilidade ou bom gosto, instrumentos musicais, que representam certa erudição, etc., sendo retomados na sequência⁹⁰.

Diversos entrevistados têm espaços separados para recepção, e quando possível também um lavabo. Embora a maioria afirme optar por uma casa com pleno uso, e o hábito de receber esteja cada vez mais em desuso, no sentido da formalidade, não são apenas as casas mais antigas que mantêm um ou mais cômodos para esse fim, mas similarmemente as de construção mais recente, sendo a situação encontrada em nove casas e dois apartamentos, dentre as 27 moradias visitadas, revelando a necessidade de se manter um espaço alternativo,

⁹⁰ Os depoimentos e imagens que balizam esta afirmação encontram-se na sequência.

preferencialmente longe dos olhares da intimidade e com a possibilidade de permanecerem arrumados para recepção. As fotografias, a seguir, evidenciam essa situação.



Fotos 13 e 14: Algumas dentre as salas de visita encontradas. Destacam-se por sua pouca utilização, nas moradias, e um cuidado estético diferenciado.

Alguns dos entrevistados, quando pensam em projetar novos espaços de moradia, programam ter um local para recepção, sendo por vezes ressaltado ser um problema a falta de um ambiente para esse fim.

As salas de estar são comumente montadas para que as pessoas estejam lado a lado ou, quando de frente umas às outras, ligeiramente inclinadas ou mais afastadas. Nunca mais estar face a face. A “retirada do olhar”, preconizada por Baudrillard (1968, p. 51), parece se estabelecer nesses espaços de recepção.

Uma das entrevistadas comenta o quanto é desagradável não ter um espaço para visitas. Suas filhas trazem a sua casa colegas de faculdade, por vezes por pouco tempo, para uma troca de roupa, e nessas situações a família expõe-se, de pijama, esparramada no sofá, no local de convívio da família. A sensação de invasão toma conta dos moradores, sensação que talvez seja compartilhada com certo desconforto por quem adentrou esses espaços pessoais, em horário de intimidade familiar.

Poder-se-ia pensar, de imediato, em duas saídas para esta situação: alterar o arranjo dos cômodos, criando uma área na qual os moradores fiquem mais protegidos, ainda que abrindo mão de espaço, ou buscar alterar costumes e hábitos sociais, dentro da casa, o que é bem menos provável, considerando que as normas existem não só no âmbito familiar, mas igualmente nos grupos de convívio, nem sempre sendo convergentes e, ainda, que há um “embate” entre as gerações, que têm necessidades e hábitos distintos, mas compartilham de espaços comuns. A tradução dessa questão, sobre a necessidade de se adaptar ao que funciona para a família, nos é dada por uma entrevistada:

Ou a casa está arrumada ou ela está sempre bagunçada. Porque... Não tem a sala separada. Mas quem que vem na minha casa? Não tem visita de cerimônia. [...] Quando a gente projetou, eu imaginei que aquela salinha lá de cima onde está o computador, seria nossa sala de TV. [...] Porque lá não tem muita incidência de luz, e ficaria bom prá ver TV e tal e aqui [na sala] seria um ambiente mais social, assim, mais arrumadinho. Mas não deu certo. Não funcionou assim, então acho que você tem que respeitar a maneira como as pessoas são, dentro da casa, né? (Carmem Silvia, 46, artista plástica e prof. universitária, mora com o segundo marido e filhos)

Muitos dos entrevistados, não tendo alternativa, abrem mão de ter um espaço “social”, principalmente nos apartamentos, cujas dimensões mais exíguas impossibilitam divisões que criem espaços mais especializados, prescindindo dos mesmos e mantendo afastadas as “visitas” formais⁹¹. A espacialização dos símbolos se mantém, mas a arrumação pretendida (ou esperada) para um ambiente de recepção nem sempre é possível. Assim, evita-se visitas formais, ou seja, restringe-se o acesso ao âmbito dos familiares e amigos mais íntimos.

Para além desses elementos, sobre os quais estávamos atentos e buscávamos entendimento, alguns dos entrevistados levantaram a idéia de que as salas de estar, comumente o espaço mais amplo da moradia, com janelas

⁹¹ Seja por questões de segurança ou outras, ligadas a mudanças de hábitos, em nossos dias, Salvatori (1996, p. 89) destaca: “A moradia pode aparecer como um refúgio privado, onde não se recebe mais ninguém, a não ser os muito íntimos, ou aqueles que compartilham das mesmas concepções morais”.

proporcionais à sua dimensão, adquirem uma “aura” em determinada hora do dia, em geral ao entardecer, quando modifica a luz e, com ela, a visão que se tem do ambiente:

*Depois das seis, eu ligo para ele [o filho] da rua e eu falo: Olha, deixa a casa gostosa. Aí ele sabe o que é: acender os abajures. Eu detesto chegar em casa e estar com luz grande acesa, estar tudo escuro, sabe, eu acho assim baixo astral. **A casa, é como se fosse um cenário** [grifo nosso], eu acho [...] (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)*

Baudrillard (1968, p. 29), ao falar sobre a importância da iluminação, afirma:

Mesmo quando [a iluminação] não clareia mais o círculo da família, mesmo dispersa e reduzida, é ela ainda o signo de uma intimidade privilegiada, coloca um valor singular sobre as coisas, cria sombras, inventa presenças.

Localizamos em Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981) a afirmação de que a importância da casa tem ligação com o fato de que ela provê um espaço para ação e interação no qual alguém pode desenvolver, manter e mudar sua identidade. Depois das seis, a entrevistada entra em uma fase diferente do seu dia, pedindo ao filho que modifique a “aura” da casa para que ela encontre um ambiente agradável, acolhedor, um abrigo.

Retomamos Guattari (1992) para quem o alcance dos espaços construídos vai além das suas estruturas visíveis ou funcionais, sendo máquinas portadoras de universos incorporais que adquirem significado em contextos culturais nos quais têm valor. Para a entrevistada e seus familiares, há uma compreensão do que significa deixar a casa gostosa, elemento que pode não fazer sentido para outras pessoas.

Mas também há, no mesmo ambiente, uma luz externa, natural, que torna a sala especial, para a entrevistada, em outras horas do dia:

O sol bate naquele prédio e reflete aqui, então faz sombras maravilhosas aqui dentro. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)

Outros entrevistados falaram de uma sensação similar à noite, após o jantar, quando os problemas do dia-a-dia já ficaram para trás e é possível estar, de fato, mergulhado no ambiente no qual se finaliza o dia:

Eu acho que a luz que ela tem, eu gosto muito da luz que ela tem [...] tanto de dia como de noite, mais à noite, a parede é amarela, não sei, dá um ar mais assim... E eu sou da noite, eu gosto muito da noite, acho que essa sala especialmente de noite fica mais bonita. (Tereza Cristina, 47, gerente de programação visual, mora com o marido e filhos)

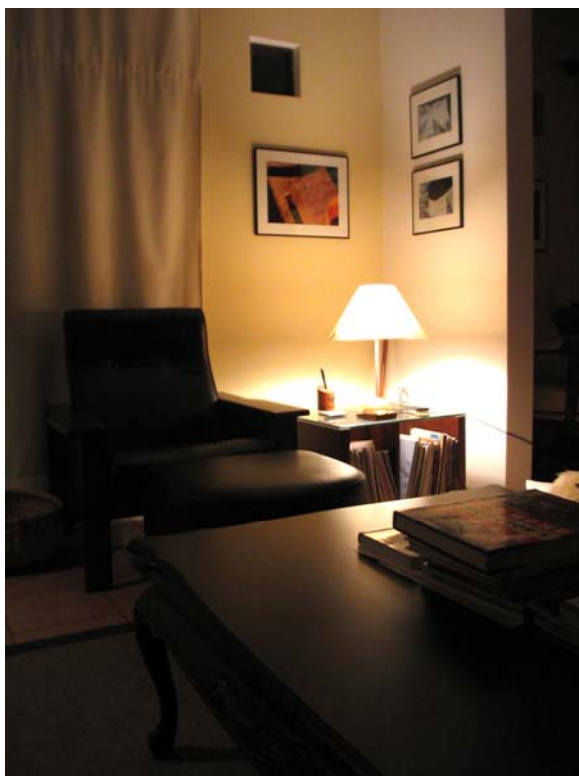


Foto 15: Sala de estar arranjada com objetos especiais, que encanta a moradora mais à noite, por certa “aura” mágica que a iluminação cria. Ela referiu-se a uma sensação de paz, de tranquilidade.

Outro entrevistado depõe sobre a importância da luz:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

*Eu gosto da... gosto da meia-luz, mas eu gosto da não-luz, gosto do escurinho, assim... gosto, com prazer, de ficar quietinho, ali, num canto, pitando um charutinho, tomando chimarrão, essas coisas assim... **gosto disso!** [o entrevistado aumenta o tom da voz] Então não é uma prioridade esse excesso de luz, assim. Não vou atrás da luz, assim... que nem um inseto! (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)*



Fotos 16 e 17: Ambientes da moradia do entrevistado iluminados da forma como ele prefere. No detalhe, a iluminação farta se dá pela proximidade com a fonte de luz.

A sala de visitas permanece como um local meio intocável, mágico, de arrumação. Local de ligação com o exterior, mais do que os demais ambientes. O território, por excelência, privilegiado para a espacialização dos símbolos (LEITE, 2000), dentro da moradia, independente do tamanho ou complexidade do grupo que a ela tem acesso.

Indo ao encontro do que afirma Leite (2000) sobre as memórias cristalizadas nos objetos, acumulando-se neles experiências ligadas a pessoas e lugares, por vezes laços de pertença, encontramos inúmeras salas que remontam à história de cada uma das famílias pesquisadas, por meio dos objetos ali

depositados: questões de memória, de resgate de uma historicidade familiar e mesmo étnica, ligadas à posse de objetos de família, expondo elementos que denunciam suas escolhas, suas viagens, os momentos especiais; noções de aconchego e de privacidade.

Resgatamos a memória contida nos objetos, a título de exemplificação, considerando que os objetos serão tratados em separado, por meio de um dos depoimentos:

Cada detalhe tem uma história, que é alguma coisa das viagens que eu fiz, ou são coisas que eu tenho, que vieram da minha mãe. Ou são quadros da minha irmã ou do meu irmão. Cada detalhe tem uma questão afetiva, eu acho que é importante, isso. As cadeiras foram as últimas coisas que eu trouxe para cá. As cadeiras eram da minha mãe, daí eu mesma lixei e coloquei o selador novo, e mandei recapar. [...] Eu conservo essas coisas que foram feitas por ela, as coisas de crochê, o tapete da cozinha.
(Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)





Fotos 18 e 19: Nas fotos, exemplos de objetos de memória, trazidos de várias partes do mundo e outros herdados, expostos nos ambientes de estar.

As fotografias, os móveis, objetos de partes diversas do mundo ou do país, ou a presença apenas de objetos locais, presentes, heranças, denunciam caminhos percorridos, a trajetória dos moradores. Também questões estéticas podem ser avaliadas, pois a presença de móveis antigos e/ou de *design* arrojado, e de peças de artesanato ou obras de arte e a forma de os arranjar demarcam um gosto diferenciado, desenvolvido em situações diversas. Esse todo, conforme Leite (2000), possibilita a cada um de nós reconstituir o seu referencial de memórias e sentimentos.

A sala expõe, assim, o “espírito” da família (ou do morador), um pouco do que ela é (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996). Como aponta uma das entrevistadas, objetos peculiares como a cristaleira desenhada pelo avô, tornam o ambiente especial, mesmo nas situações em que são colocados propositadamente nos espaços destinados às visitas, à recepção, à exposição, por ser também um espaço de maior importância para os moradores:

A cristaleira era da casa da minha avó, lembra o aconchego que eu tinha na casa dela. (Tereza Cristina, 47, gerente de programação visual, mora com o marido e filhos)

A possibilidade do sentimento de aconchego ser rememorado quando se está na sala, evidencia a sua importância. Não é uma questão estética, muito menos funcional, o que não quer dizer que a cristaleira esteja ali mesmo, sendo feia ou não, servindo para nada. Não é essa a afirmação, mas, antes, que seu valor para sua dona está ligado à sua infância, à idéia de aconchego que, desenvolvida junto à avó, carrega pela vida afora, a memória definindo a importância do objeto como elemento simbólico, no sentido apontado por Baudrillard (1986).

Quando presentes, os *halls* e os lavabos exibem uma decoração privilegiada em relação aos outros espaços da moradia, evidenciando a idéia de serem parte do espaço “público”, por conseguinte para ser mostrado, com elementos distintivos (BOURDIEU, 1979). Exemplificamos com o depoimento a seguir:

Esse lavabo, faz um ano mais ou menos que eu, na realidade, mexi. Eu moro há quatro, e o lavabo ficou fechado durante uns dois anos, três anos, só no reboco. Falei: eu não vou comprar nada, porque depois eu vou ficar olhando aquele negócio, e pensando “Não era isso que eu queria!”. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)



Foto 20: Lavabo, montado três anos após a mudança, para ser feito do jeito ideal: iluminação especial, ligação com o ambiente externo, pequeno jardim internamente.

Não apenas as questões pessoais interferem nas escolhas, mas igualmente um repertório cultural afeta o gosto. Lembramos Ono (2004) quando apresenta, em seu estudo, as predileções por determinados tipos de acabamento de móveis, de acordo com classes sociais distintas. Trazemos um depoimento que expõe essa questão:

Uma vez eu queria um armário para colocar o telefone, sabe aquela coisa, assim, de dona-de-casa: aí, preciso de um lugar para colocar o telefone. [...] E eu detesto fio aparecendo [...] Então me incomodava aparecer lista telefônica, porque ficava aquela coisa feia, né, então eu queria um armarinho para telefone. Aí me deu um “teco”, um dia fui para Santa Felicidade e comprei, então, em promoção, de alto brilho. Sabe aquele móvel de alto brilho assim bem bonito, que destaca? Meu marido começou a espernear, sapatear na minha cabeça: ele é bonitinho, mas o que deu na tua cabeça comprar em alto brilho, desse? Aí não sei por que eu estava sozinha em casa, [...] eu fiz uma pasta e pinteí, agora fica com a minha cara, e ficou com a cara da casa. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)



Foto 21: Modificada, a peça passou a fazer parte da “*gestalt*” da família. Deixando de ter o uso original – ou seja, manter o aparelho de telefone à mão e as listas telefônicas em local específico – compõe, junto com outros objetos, parte dos ambientes de recepção e convívio.

A entrevistada encontrou uma alternativa para “driblar” a aparência do acabamento, e possibilitar ao móvel continuar em local de recepção, uma vez que passou a ter “a cara da casa”. Muitos outros depoimentos revelaram a importância simbólica das coisas, e essa dimensão é retomada no capítulo dos objetos preferidos, evidenciando as preferências.

Uma questão importante de ser observada, nos espaços destinados à recepção, é a existência mais freqüente desses espaços públicos afastados, na medida do possível, do corpo central da casa vivida cotidianamente, tanto nas moradias antigas quanto nas de construção mais recente, tendência mantida ao longo das últimas décadas e confirmada em nossa pesquisa. Sobre isso, Salvatori (1996, p. 238) comenta:

De fato, à medida que as moradias crescem de tamanho, existe a tendência de separar mais estes espaços “sociais” dos espaços “íntimos”, como são chamados, ou seja, voltar a ter espaços especializados para recepção.

Como apresentado anteriormente, assim como o citado por Salvatori (1996), também podemos fazer um paralelo entre a dimensão das moradias e a

tendência de aproximar ou separar os espaços mais públicos ou privados, nas habitações em que desenvolvemos nossa pesquisa.

Em linhas gerais, moradias maiores permitem essa separação, e cômodos diferenciados para a função de receber foram encontrados em doze das vinte e sete moradias, sendo apenas duas, dentre elas, apartamentos. Comumente esses espaços são pouco utilizados, no dia-a-dia, senão como passagem.

Nas demais moradias, encontramos apenas um ambiente de estar, simultaneamente de recepção e convívio, e aí a presença de aparelho de som, DVD e TV é grande.

É possível perceber que, quanto maior a casa, mais espaços de utilização temporária existem, como as salas de estar ou mesmo as salas de jantar. Mas novos espaços de recepção vão ganhando força: os espaços de churrasqueiras que passam a ser utilizados como copas; cozinhas com balcões divisórios e copa ao lado, por vezes com banquetas para que as visitas ali permaneçam enquanto o dono da casa prepara a refeição a ser servida, ou possibilitando às “visitas” oferecer ajuda, são alguns dos exemplos.

3.2.1.2 Salas de jantar

A existência de dois ambientes para as refeições (sala de jantar e copa) ultrapassa o número de ambientes para estar, aparecendo em mais da metade das moradias. Isto aponta, talvez, para uma idéia de que receber bem liga-se aos rituais de comensalidade, incluindo-se, nesses rituais, mesas mais espaçosas e robustas do que as encontradas nas copas – e cadeiras de melhor qualidade em termos de materiais e conforto –, ajudando a compor os espaços de representação, mostrando a preocupação com o grupo com o qual a pessoa ou família convive.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 22, 23, 24, 25 e 26: Salas de jantar, comumente mais elaboradas e confortáveis do que as copas, e, à despeito disso, com bem menos uso.

Nas moradias de todas as salas aqui apresentadas, existia um espaço

correspondente à copa. Pode-se perceber, pelas fotografias, a colocação de toalhas ou centros de mesa em todas elas, vasos ou peças de cristal e a existência de lustre central, evidenciados em algumas das fotos. Comumente, objetos de decoração encontram-se nas paredes, constituindo um todo que torna o espaço reconhecidamente “social”. A madeira sobressai na escolha das cadeiras, e divide com o vidro a escolha dos tampos das mesas, com pés em mármore ou mesmo madeira.

Retomando o fato de existir uma sala de jantar em mais da metade dos domicílios visitados, uma das explicações possíveis talvez seja o fato do ambiente da copa utilizado diariamente ser bastante “íntimo”, sujeito aos odores resultantes do preparo das refeições, ou seja, parte de uma área que se restringe ao grupo familiar, em geral como parte do espaço da cozinha, ou próxima a esta, situação encontrada em oito das quatorze residências com mais de um ambiente para as refeições.

A sala de jantar não é utilizada, no dia-a-dia, em nenhuma das moradias pesquisadas, mas apenas em dias especiais, festivos:

A sala de jantar é a peça que menos se usa, ela é usada como passagem, mas não se usa para refeições, não sei porque. Ah, não, só quando são muitas pessoas que daí eu tenho que fazer duas ou três mesas, né? Então, faz uma mesa, e normalmente quem fica ali são as pessoas mais velhas, a moçada vem direto para cá, sabe? Pode até ficar em pé! Ali [na sala de jantar] ficam meus irmãos, as irmãs do [marido], o meu pai.... as pessoas mais velhas ficam ali, é uma coisa muito engraçada. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

Tendo a função primordial de “receber”, assim como a sala de estar, a sala de jantar é um espaço que permaneceu inalterado, nas últimas décadas, não sendo motivo de atualizações, de inovações, a não ser em termos estéticos (materiais, forma, acabamento), sendo que a maioria dos entrevistados tem os móveis desse local há bastante tempo. As salas de jantar permanecem a maior parte do tempo arrumadas, sendo espaços de

demonstrar uma diferenciação (BOURDIEU, 1979), certa “exposição”⁹².

Os espaços realmente utilizados para as refeições no cotidiano são, antes, espaços de convívio, ou espaços improvisados, e como tal serão retomados adiante.

3.2.2 Espaços de convívio: a sala íntima e a copa

Diferentemente dos espaços de recepção, os espaços de convívio, basicamente as salas íntimas e copas, por vezes a cozinha, principalmente quando tem uma mesa com cadeiras, são espaços que abrigam a idéia de estar à vontade. É sobre essa idéia que trata este item, procurando apresentar as possibilidades de uso que emergiram nas entrevistas.

3.2.2.1 Sala íntima

Realçamos a existência de espaços que não são públicos – no sentido de acesso às pessoas exteriores ao grupo familiar – nem privados, relacionando-se aos espaços de uso individual, mas compartilhados prioritariamente pelos moradores e por aqueles que têm relação muito próxima com eles, espaços nos quais as relações entre os membros são expostas. São os espaços de convívio, tal como descrito por Salvatori (1996, p. 236):

Os espaços de convivência ou relacionais, principalmente e “sala de bagunça”, ou “sala da TV”, aparecem como espaços intermediários entre as áreas privadas (os quartos e banheiros) e as áreas públicas da moradia [...] reproduzindo a dicotomia do espaço interno/privado com o espaço externo/público, mas tendem a ser uma área mais privativa da família.

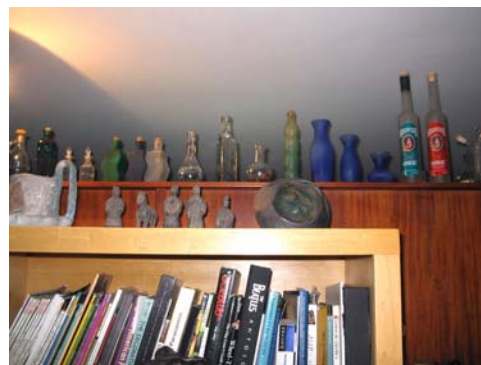
⁹² Conforme Camargo (2003, p. 86): Peça constante em 100% dos apartamentos visitados [em sua pesquisa], a mesa de jantar já não reúne as famílias para as refeições noturnas, ou simplesmente para alguns momentos de convivência no final do dia. Na maioria das famílias e – principalmente – para os que moram sós, as refeições são tomadas na cozinha, ou nos quartos, ao mesmo tempo em que se assiste a um programa de televisão, ouve-se música, em horários dispersos ao longo do dia. A mesa de jantar, assim como os sofás, cadeiras e tapetes, permanece na sala, aguardando as visitas.

Nesses espaços de caráter mais funcional e íntimo, ligados a atividades cotidianas, evidenciando as questões de ordem prática e social – o uso e o encontro – desenrolam-se as relações familiares. Salvatori (1996, p. 238) comenta:

Ter uma sala “íntima” significa reconhecer a especificidade de relação entre os pais, entre pais e filhos, além da especificidade da infância, em si.

Para manter a especificidade sobre a qual Salvatori comenta, a solução encontrada por uma das entrevistadas para acompanhar os filhos, enquanto cresciam, foi trabalhar no escritório montado em meio à sala, com divisórias que não vão até o teto, de onde podia escutar e compartilhar o que ocorria, e se deslocar sempre que havia necessidade, para resolver alguma situação⁹³:

Sabe, eu achava tão gostoso eu trabalhando ali [ela aponta o espaço do escritório] e eles [os filhos] aqui [na sala] assistindo televisão, daí eles pediam para fazer alguma coisa e eu levantava e fazia, sabe, eu curtia isso. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)



Fotos 27 e 28: Na foto maior, aparece parte do escritório. Na menor, um detalhe do lado da sala onde se vê a divisória, com a coleção de garrafas da dona da casa.

⁹³ “Não separo a mãe e a dona de casa da escritora. Sou uma mulher casada, tenho filhos, casa e escrevo. Tudo junto. Por isso o escritório é a minha vida. Se montasse um escritório, ficaria pateta lá dentro, não teria o que fazer. O movimento do cotidiano é mais importante. A vida está pulsando ali. Vejo criação literária e vida pessoal como um tecido único. Não separo. O livro faz parte da casa, da comida, da experiência, da maternidade, do cotidiano”. O depoimento de Adélia Prado (In: CHIODETTO, 2002, p. 22) não reflete um pensamento universal, mas pessoal. No entanto, muitas pessoas preferem essa forma de viver enquanto outras não conseguem se perceber enquanto profissionais, e mesmo se concentrar, se não estiverem em espaços específicos.

Não é apenas na infância que o elo entre pais e filhos é importante, mas por toda a vida e, de uma forma mais direta definindo os arranjos das moradias, no período em que os filhos residem com os pais, pois todos recebem influências sobre as ações uns dos outros. Após a partida dos filhos, comumente os espaços são rearranjados, transformados, modificando por vezes em importância para quem fica.

Entre as famílias pesquisadas, é bastante comum existir apenas uma sala de estar. Porém, em certa medida, isso causa desconforto, e uma dificuldade em equilibrar o desejo de estar à vontade com a intenção de ter um ambiente preparado para receber. A respeito disso, uma entrevistada se exprime da seguinte forma:

Como a casa é pequena, isso é uma coisa que eu sinto, sabe, eu sinto falta de espaço. Não ter um espaço a mais para poder ficar sem tirar a liberdade do outro, entendeu? Você vem para a sala daí a casa toda fica ocupada, ainda mais que a sala é bem no centro. Então, esse tipo de coisa, eu sinto falta de ter uma casa maior. [...] Por exemplo, você está de pijama, daí chega alguém [...]. Então fica assim: você sai correndo porque está de pijama, aquela coisa toda. Então eu gostaria que tivesse, mas, enfim, não tem um espaço. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)

Essa restrição acaba por limitar as possibilidades em termos de convívio com grupos, levando, por vezes, ao afastamento dos amigos, como no depoimento a seguir:

Se for convidar uma amiga, vamos supor se o marido está em casa, eu não posso convidar uma amiga, entendeu? Coisas assim que você tira... ele sabe que eu já não convido porque tira a liberdade. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)

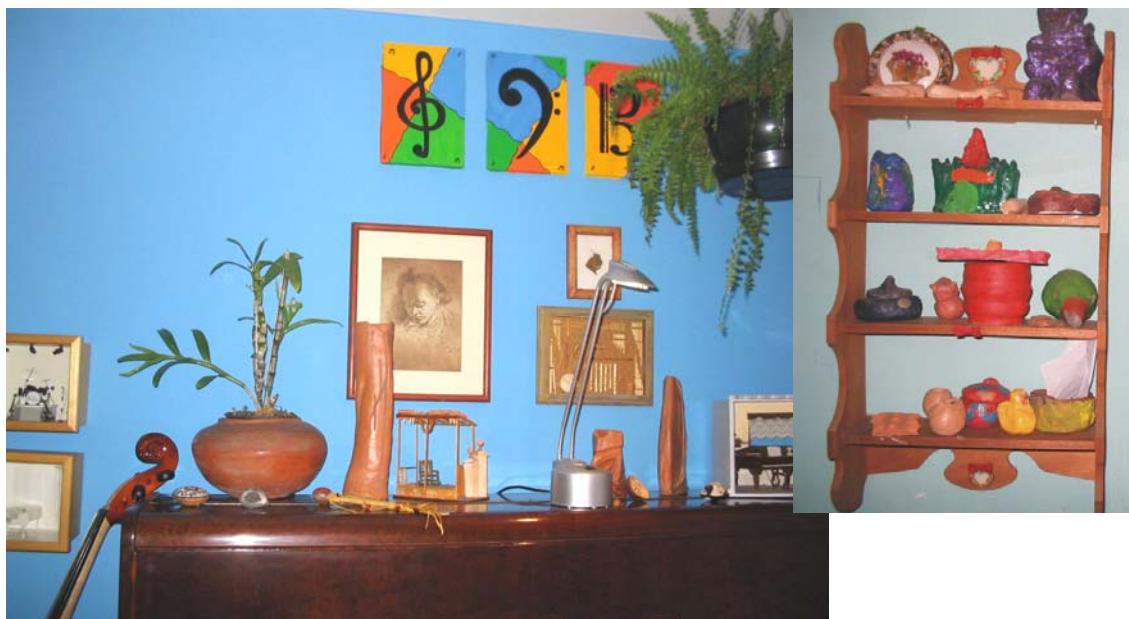
Na situação descrita, a única sala da moradia, sala íntima e de estar, é elemento central na definição das possibilidades de receber. O local reflete bem a idéia de moradia da família, expondo sua trajetória de vida e as escolhas não apenas do casal, mas igualmente dos filhos.



Foto 29: A fotografia ressalta a televisão, em local de destaque, mas chama a atenção para os instrumentos e aparelhagem de som, no mesmo espaço de uso comum a toda a família.

Um olhar rápido sobre o ambiente expõe o gosto pela música, a importância da televisão – disposta de forma a impedir reflexos –, o valor dado às coisas feitas pelos membros da família, expostas nas paredes e prateleiras, ou mesmo sobre o piano, que deixa de ser apenas um instrumento, servindo igualmente como suporte para a colocação de uma série de objetos⁹⁴.

⁹⁴ Localizamos em Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 76), uma descrição semelhante a algumas que poderíamos fazer: “O apartamento não tem o aspecto muito alegre, mas é curiosamente valorizado por duas séries de objetos que o invadem de modo quase fantástico. Maurice é um colecionador que alimenta duas paixões na vida: a música e os modelos em miniatura. Seu apartamento se parece com um poema de Prévert: tem um baixo, uma flauta transversa, uma flauta reta, um bandolim, um violino, um metrônomo, um piano antigo [...] e há centenas de miniaturas de automóveis, dezenas de aviões, locomotivas [...] O piano serve de ponte entre os dois sistemas de objetos: instrumento musical, serve como prateleira elegante para as miniaturas mais bonitas. [...] Como todos os verdadeiros colecionadores, Maurice tem uma arte incomparável da ordem e das hierarquias secretas, incompreensíveis para um profano”.



Fotos 30 e 31: À esquerda, instrumentos musicais e peças em barro ou quadros feitos pelos moradores. Na foto à direita, detalhe de algumas peças em cerâmica feitas pelos filhos, que são mantidas em armário para esse fim, no escritório montado dentro da sala.

Os quadros feitos pelos filhos do casal, as peças em barro e montagens em miniatura de espaços específicos feitos pela dona da casa e a organização dos espaços de forma a “acolher” os vários instrumentos musicais e o aparelho de som, tão importante ao marido, evidenciam a importância de cada membro no interior da moradia⁹⁵.

3.2.2.2 A copa

Falando em espaços de convívio, interessante percebermos, a partir de nossa pesquisa, que a copa não é imprescindível ao convívio e mesmo desempenho das atividades, como se poderia pensar, e que, por vezes, inexistente um espaço específico para as refeições. Essa situação é encontrada em quatro

⁹⁵ Trazemos a título de exemplificação, um desabafo de um entrevistado. A casa do casal tem o investimento na escolha dos objetos e móveis centrado na esposa. [O marido] afirma gostar muito de madeira e comenta que o casal não gosta do estilo mais moderno, optando sempre por uma mobília mais tradicional. Sua casa é cheia de pequenos objetos, e ele gostaria de não ter tantas coisas. Preza os espaços que não estejam entulhados. (Anotações do Diário de Campo em 25/06/2005). Outro entrevistado teceu um comentário similar, em situação em que os arranjos dos locais da casa eram bastante próximos.

das moradias de pessoas vivendo sós, que encontram maneiras alternativas para o consumo das mesmas, como a utilização de bandejas, banquetas ou mesas auxiliares desmontáveis, o que permite consumir a refeição em lugares diversos: na cama, no sofá, numa cadeira qualquer, com o apoio de uma banquetta ou até mesmo no chão. Esse tipo de situação foi explicitada especialmente nas moradias com áreas menores, sendo estratégia utilizada mesmo entre moradores de casas mais amplas, quando fazem seus lanches individualmente, em espaços alternativos àqueles projetados e compostos para as refeições, comumente no quarto ou em frente à TV, onde quer que ela esteja.

A suposta funcionalidade das copas é transferida para meios alternativos, sem que a relação da refeição como um momento importante seja perdida. Mas é sobretudo entre as pessoas que moram sozinhas que encontramos os maiores exemplos disso.

O local no qual um entrevistado consome suas refeições é diferenciado: utiliza-se de meia parede com tampo e banquetas, que divide a sala da cozinha, como uma solução de derrubar paredes para criar ambientes mais integrados.



Foto 32: A divisão entre a cozinha e a sala do apartamento em que mora um engenheiro civil, sozinho, é feita através de meia parede com um balcão em madeira, que serve de apoio ao consumo de refeições. Ao fundo vê-se as persianas da cozinha e, à esquerda, a porta de acesso à área de serviço.

Uma de nossas entrevistadas, que optou por ter os espaços mais livres de mobília, tem uma mesa de armar na copa/cozinha, da qual pode ver a área “nobre” do apartamento, quando faz suas refeições, através de uma abertura por ela projetada, no meio do armário que divide a sala da cozinha. Nas situações em que recebe mais de uma pessoa, prepara de modo prático o que for servir, para que as pessoas possam sentir-se à vontade e ter algum conforto. Costuma convidar para ir a sua casa apenas pessoas com quem tem intimidade.

Tendo uma copa-cozinha para as refeições do dia-a-dia, uma das entrevistadas, que mora sozinha, somente utiliza a sala de jantar nos dias em que a família se reúne:

Quer dizer quando eu estou sozinha, eu almoço na cozinha, mas quando estão todos, aí a gente almoça na sala. (Ermínia Enrica da Luz, 69, aposentada, viúva, mora só)



Foto 33: A copa, em um canto, na cozinha, é a opção para o uso cotidiano e individual. Mesmo na companhia de algum dos filhos, é aí que serve as refeições, no dia-a-dia.

Recentemente, Ermínia E. Luz, viúva, 69 anos, morando só, abriu um vão, uma espécie de passa-pratos entre a cozinha e a sala íntima, transformando a copa, no espaço da cozinha, em um espaço mais apropriado e, ao mesmo tempo, permitindo maior iluminação à sala em que passa a maior parte do seu

tempo livre.

Outro entrevistado, que mora sozinho, também utiliza a copa, neste caso na área central do piso térreo, com maior frequência para as refeições. A copa fica próxima à churrasqueira e à cozinha, mas dela ele enxerga, ainda, a sala íntima e as árvores ao fundo da casa:

Eu como aqui. Aqui, na copa, mesmo. Porque aqui é tudo aberto, [...] porque aqui é bem integrado com a parte externa, né? Então eu gosto, geralmente bate um solzinho, aqui. Aí eu arrumo a mesa, e como nos finais de semana você tem mais tempo, né, então eu faço café devagar, arrumo a mesa, coloco talher, coloco tudo o que eu preciso e fico aqui. Daqui você já enxerga a televisão, daí coloca alguma coisa, ou de repente lê o jornal, alguma coisa. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)



Foto 34: Da copa pode-se ver os demais ambientes do andar térreo e a parte exterior. O sol que adentra o espaço, bem como a possibilidade de assistir dali à televisão, são definidores da opção do entrevistado de 43 anos, solteiro, que mora sozinho, em usá-la para o consumo de suas refeições.

Importante chamar a atenção ao fato de que a iluminação e a visualização de espaços (no caso do entrevistado a ligação com o ambiente natural) parecem ser uma tônica importante aos arranjos da casa, elementos

definidores, entre os entrevistados, da noção de aconchego, conforto e bem estar, diferentemente da funcionalidade percebida, nas falas, sobre os espaços das cozinhas ou áreas de serviço.

Em linhas gerais, nas situações em que existe um ambiente único para as refeições, localizado fora da cozinha, situação que diz respeito principalmente a das salas únicas para estar com visitas ou em família, verifica-se um mobiliário mais requintado do que o encontrado nas copas-cozinhas, aproximando-se aos encontrados nas salas de jantar nas moradias em que existem em separado, embora comumente menores que elas. São espaços de convívio mas, simultaneamente, de exposição, merecendo uma preocupação estética diferenciada em relação aos demais ambientes, no mesmo sentido apontado por Camargo (2003) sobre a sala de estar.



Fotos 35 e 36: Solução bastante comum, em nossos dias, as fotos exemplificam os casos em que há apenas um ambiente para o consumo das refeições, sendo que normalmente os mesmos são mais decorados e com mobílias um pouco mais sofisticadas do que as encontradas nas copas/cozinhas.

Apenas duas de nossas entrevistadas que têm salas de jantar separadas afirmaram utilizar a copa-cozinha em detrimento da sala, mesmo

quando vários amigos estão presentes. A primeira delas por sentir mais aconchego nela, como se fosse uma coisa natural. Os amigos chegam e lá se instalam, ainda que ela não cozinhe, reforçando um tipo de atração que a peça exerce:

Olha, meus amigos, quando vêm aqui, ficam todos amontoados na cozinha. Diretamente sentados no chão. Eu preciso de uma cozinha maior, porque fica todo mundo lá, aqui [na sala] ninguém fica, geralmente. [...] Dentro da cozinha, que é minúscula, sentados no chão, encostados na geladeira... Todo mundo gosta da cozinha. (Semírades, 31, comerciante, separada, vive com a filha e, eventualmente, o namorado)

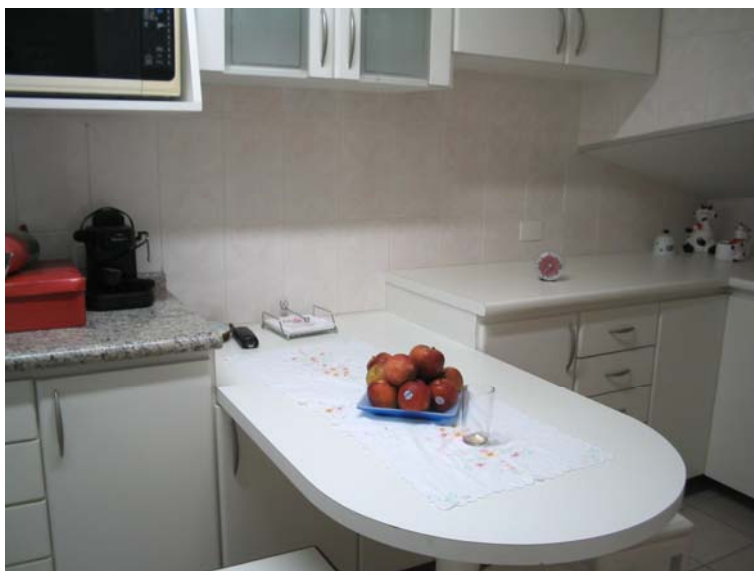


Foto 37: A copa/cozinha de uma entrevistada. Mesmo não sendo muito grande, é o local preferido para os encontros.

Evidencia-se existir, na moradia, tanto uma sala de visitas quanto um local coberto, onde se encontra a churrasqueira, para receber amigos.

No segundo caso, a família já viveu em várias moradias, mas a dona da casa reforça ter acontecido algo diferente das situações anteriores, na casa em que hoje habita:

Nessa casa aconteceu uma coisa engraçada, nas outras casas a gente nunca ficava na cozinha. Eu adoro cozinhar, adoro

cozinhar, mas eu não ficava tanto na cozinha. Então jamais comia na cozinha [...] ai que coisa chata ficar na cozinha, comer na cozinha. Mas quando nós viemos para cá, aconteceu o seguinte: a cozinha é o cômodo mais iluminado. Então tanto que você viu que hoje eu arrumei uma mesa na cozinha e eu tenho uma na sala, aqui. Porque aqui [na sala] é escuro, é umbroso, ninguém quer ficar aqui. Então quando as pessoas vem, elas já dizem: vamos para a cozinha! Todo mundo vai e senta naquela cozinha. É uma coisa incrível [...] já tive quatorze na cozinha tomando café da manhã, já tive uns vinte fazendo pão de noite, comendo pão numa noite de inverno, sabe. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)



Foto 38: A copa/cozinha que desbancou a sala de jantar. Neste caso, o aconchego, a amplitude e a iluminação farta foram os motivos da escolha. Além do mais, da porta e da janela pode-se ver os animais, que são importantes para os moradores.

A entrevistada teve uma surpresa ao mudar-se para a casa em que hoje mora – pois até então, nas casas em que morou antes, a cozinha era apenas um espaço destinado ao preparo de alimentos – ao percebê-lo como espaço de convívio, como local de união da família e amigos, o local por excelência “iluminado”.

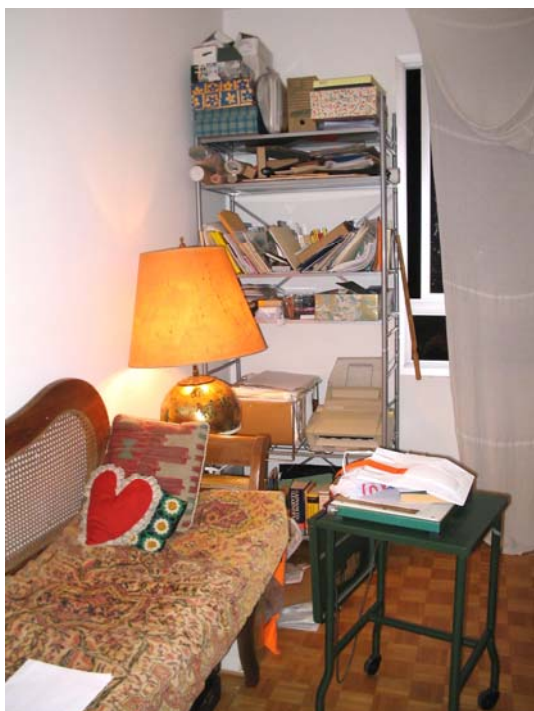
Questões ambientais definiram a utilização maior da cozinha. A importância da mesma está atrelada ao sentido de “lar”, de reunião. O casal escolhe, junto, cada um dos utensílios que vai adquirir como algo importante, para tornar os momentos das refeições em algo bem especial, simbolizando o

aconchego, o acolhimento e a união. A sala de jantar, escura e bastante decorada, raramente é utilizada, senão como local de passagem, expondo a descendência da família por meio dos objetos ali colocados, resgatando a sua história.

Uma outra entrevistada, de 32 anos, vivendo só em seu apartamento, não tem um local para refeições, utiliza-se de uma mesa desmontável, individual. Isso recai, porém, em deixar de fazer uma coisa que ela gosta, ou seja, receber amigos para uma refeição preparada por ela mesma:

Então eu tive que fazer uma escolha, que era assim... a minha casa não é mais um lugar onde eu possa receber amigos para fazer uma janta, porque daí não tem mesa. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)⁹⁶

⁹⁶ Na sala, móveis antigos, estão colocados de uma forma despojada, criando um cenário especial: é ali que a entrevistada passa a maior parte do seu tempo. É o espaço onde trabalha, cria, ensaia, encena. Embora tendo dimensões pequenas, o espaço é composto por vários cantos, cada qual para coisas diferentes. Ela comenta que seu computador já esteve no quarto, mas que as atividades se confundem, e os espaços assim perdem valor. Um guarda-roupa antigo “esconde” a televisão, pois Esquilo considera que a mesma não deve ser o centro das atenções. Nesta peça fica, também, a secretária eletrônica e outros objetos. Uma mesa de altura um pouco acima do padrão, colocada temporariamente, perto de uma prateleira para livros maiores, auxilia a confecção de roupas.



Fotos 39 e 40: Na primeira foto, a mesinha individual utilizada para as refeições. Na segunda, a mesa de apoio ao desenvolvimento das atividades da entrevistada, que é uma espécie de bancada que fica sobre a pequena geladeira, na cozinha, para aumentar a área de trabalho e que, por motivos circunstanciais precisou ser retirada do local, atendendo a funções diferentes.

Na única sala do apartamento ficam a televisão, o aparelho de som e o computador, sendo este o espaço no qual os elementos de comunicação se encontram, preferencialmente escondidos, camuflados em portas de armários, servindo como apoio para o desenvolvimento do trabalho e entretenimento. Os computadores são os objetos que “ascendem” à sala, mas não pela necessidade de exposição. Mesmo na sala, os computadores não têm o mesmo significado que os aparelhos de televisão, entre pessoas pertencentes a camadas inferiores⁹⁷, mas sim um aspecto de funcionamento da dinâmica familiar.

Camargo (2003) afirma ter encontrado, em sua pesquisa, graus diferenciados de incorporação de avanços tecnológicos no ambiente doméstico

⁹⁷ Heye (1980), ao mostrar a importância que assume o aparelho de televisão, enquanto objeto físico, entre os moradores de uma favela, realça que o mesmo representa o maior investimento financeiro dos moradores, sendo posicionado não necessariamente de forma a possibilitar a melhor imagem, mas, antes, de modo a se destacar para quem entre na casa ou passe à sua frente.

interno, entre os diferentes espaços de um mesmo apartamento⁹⁸.

O que Camargo pontua foi encontrado em diversas situações, junto aos entrevistados, tratando-se sobretudo de pessoas de diferentes gerações, a quem os aparatos tecnológicos têm valores diferenciados.

Ao lado do sofá, de madeira e palha, uma luminária trazida da Europa, pelos avós ou bisavós, permite uma luminosidade ímpar, sendo um objeto artístico, uma peça assinada por um artista inglês. Do mesmo artista, a entrevistada guarda uma outra peça que herdou: a base da primeira luminária feita pelo mesmo artista. Esses objetos são pequenos depoimentos que ela carrega consigo. Sua história de vida, mais recente ou longínqua, esboçada nos artefatos.

O chão da sala, de tacos, tem também um detalhe. Em sua colocação, a entrevistada pediu que fossem recortadas algumas peças, para que, no quadrado onde ficaram os buracos (ao todo em número de sete), fossem colocadas pastilhas, de diferentes tons, por ela escolhidas. Discretas, as peças são raramente percebidas, mas têm um significado para quem as escolheu e fixou. No canto perto da janela, sobre a mesa, o computador evidencia a área de trabalho, bem iluminada para os trabalhos diurnos⁹⁹.

A função da pequena mesa, que hoje ocupa um canto na sala, é servir como apoio ao desenvolvimento do seu trabalho¹⁰⁰. Segundo Baudrillard (1968) mais do que no gosto, o sentido atual da decoração reside, antes de tudo, em resolver um problema, pôr em ação um espaço.

⁹⁸ Conforme Camargo (2003, p. 101): “Se no dormitório de um adolescente o acúmulo de novos aparelhos tecnológicos – computador conectado à internet, impressora, aparelho de som, televisão, videocassete -, atribui contemporaneidade ao cômodo, no mesmo apartamento, a sala decorada pela mãe, desprovida de qualquer indício de novas tecnologias, com a provável exceção de um telefone com secretária eletrônica, poderia ser a mesma sala encontrada em um apartamento dos anos 60. Sob o ponto de vista do uso, enquanto no quarto do adolescente a profusão de eletroeletrônicos resulta em uma sobreposição de funções, as quais podem variar do repouso às refeições, passando pelo estudo, pelo lazer e pelo convívio com amigos, é possível que a sala permaneça vazia e ociosa, esperando por um eventual visitante”.

⁹⁹ Parágrafo extraído do Diário de Campo.

¹⁰⁰ Baudrillard (1968, p. 23) comenta haver uma mudança no estilo dos objetos mobiliários à medida que mudam as relações do indivíduo na família e na sociedade: “As coisas dobram-se, desdobram-se, são afastadas, entram em cena no momento exigido. Claro, estas inovações não têm nada de uma livre improvisação: na maior parte do tempo essa maior mobilidade, comutabilidade e conveniência são somente o resultado de uma adaptação forçada à falta de espaço. É a pobreza que inventa”.

A não existência de espaço para receber modifica hábitos da entrevistada, retém desejos, acabando por modificar as relações.

Outro estudo que aborda a questão da multiplicidade de funções nas moradias, feito por Grossi e Rial (2000), aborda as soluções encontradas por parisienses que, não tendo outra alternativa senão habitar espaços exíguos, transformam-nos ao longo do dia. Assim, a moradia, versátil, assume funções como local de dormir, de trabalhar, de preparar e consumir alimentos e mesmo como local de receber, conforme um móvel é montado ou desmontado, afastado, aproximado. Como afirmam as autoras (Grossi e Rial, 2000, p. 30): “e assim eles são *móveis* [grifo das autoras], isto é, podem ser deslocados, abertos e fechados dependendo da necessidade do morador. Os corredores tornam-se “salas de visitas” improvisadas quando a reunião se dá entre vizinhos, e as portas de várias moradias são mantidas abertas, no período de duração do evento¹⁰¹. Coelho Netto (1999) questiona como é possível, na prática, medir esses espaços humanos, reduzidos, que não podem descer abaixo de certos limites sob o risco de tornarem-se inumanos? São espaços físicos, mas sociais, e se há limites físicos a partir dos quais as atividades tornam-se difíceis ou impossíveis, há igualmente a questão de serem espaços de vivências, cujos limites necessários nem sempre são condizentes com os padrões físicos minimamente aceitos.

Deixando de lado a discussão de espaços exíguos e retomando mais especificamente para os espaços abertos, para um dos casais entrevistados, a copa, no centro da casa, sem divisória para a sala íntima, é o centro “nervoso” e ambiente eleito para a maior parte das atividades e para todas as refeições. A mesa da cozinha é usada esporadicamente ou como apoio; e a sala de jantar só é utilizada quando tem muita gente, e ainda assim está em fase de “desmonte”, para que o espaço se transforme em uma área de relaxamento e meditação, ou seja, uma área voltada aos moradores, mais do que aos visitantes.

O espaço sem divisórias, no qual ficam a sala íntima e a copa, é o espaço de maior uso por todos os moradores, por razões de ordem prática, mas

¹⁰¹ Conforme Santos (2002), o movimento que as pessoas fazem sobre o espaço e os objetos, alterando-os, não é feito como realidade física, mas social, ou seja, objetos/espaços sociais através dos quais a sociedade procura oferecer ou impor um novo valor.

igualmente simbólicas:

Aqui é o centro. A ligação entre todas as partes da casa é aqui. É passagem, também. Então, é prático. Daqui eu vejo a cozinha, eu estou perto da entrada, eu estou no caminho para os quartos. Lá em cima, a gente usa pouco, porque basicamente é só prá dormir. A gente come aqui, assiste tv aqui, quando é inverno, a lareira é aqui. Fica tudo aqui. Então, o centro nervoso é aqui. (Luciana Maria, 38, programadora visual, mora com o marido e filho)



Foto 41: Ao fundo, a copa. Em primeiro plano, o sofá da sala íntima. O conjunto, segundo a entrevistada, forma o centro nervoso da casa, local onde as coisas acontecem.

Para a entrevistada, é esse o espaço de união da família, em que os vínculos são fortalecidos. Mesmo tendo um espaço preferido, a entrevistada comenta:

Procuró refletir o meu estilo nela [na casa], a minha visão é muito unilateral, muito particular, mas é uma tentativa de que ela reflita o que eu sou, ou o que eu imagino que seja, ou o que eu gostaria que fosse, pelo menos assim... eu nunca quis ter uma casa

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

luxuosa, por exemplo, isso não me chama a atenção de jeito nenhum, mas eu sempre quis uma casa que tivesse coisas naturais, por exemplo, materiais naturais, coisas manuais, e eu acho que isso reflete o que eu sou, de estar sempre manufaturando alguma coisa, fazendo, isso é exercer uma atividade criativa nesse sentido de lazer na vida, mesmo. E eu faço bastante coisa prá casa, também, e acho que isso reflete, eu espero. (Luciana Maria, 38, programadora visual, mora com o marido e filho)



Fotos 42, 43 e 44: Os trabalhos manuais, assim como os elementos naturais, refletem a imagem da moradora. No terraço, as plantas que a entrevistada plantou. Na foto em que aparece a escada, no alto, peça em *patchwork* feita por ela. Na foto à direita, elementos que resgatam sua cultura oriental formam a entrada da casa.

Já outro entrevistado tem a copa como um de seus locais preferidos, não apenas por razões meramente funcionais, mas a praticidade que afirma ter o canto alemão une-se ao fato de avistar a Serra do Mar, do “seu” lugar à mesa.

Aliás, o espaço tem forte apelo simbólico para todos os membros da família, por conter móveis de herança de grande significado para os moradores:

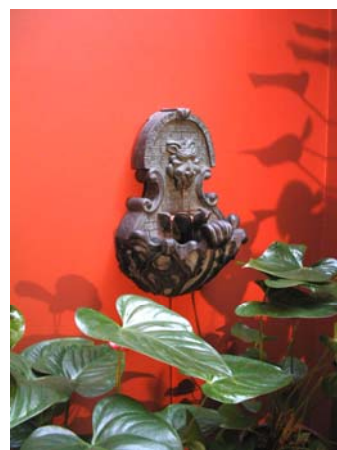
Na copa eu acho que a família inteira se enxerga, porque a casa da vó da [esposa] era muito parecida. [...] então isso tudo traz lembranças, né, de muitos anos atrás, e era um espaço que todo sábado a gente estava lá [...] a gente acabou, por sorte, ficando com a copa que era dela. A gente modificou a decoração, mas o canto alemão, as prateleiras em cima, grande parte dos canecos de chope etc. eram dela, então a lembrança boa está aí, né.
(Carlos Alberto, 49, empresário da const. civil, mora com esposa e filhos)



Foto 45: A copa alemã, reproduzindo a casa em que a entrevistada foi criada, com os móveis originais, herdados da avó.

O espaço da copa¹⁰², assim, evoca lembranças felizes aos moradores, sentimentos em relação a pessoas e espaços que povoaram suas vidas pelo convívio entre diferentes gerações, representando, em certa medida, a *gestalt* da família que permanece, conforme Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981), com elementos que perduram para além de um único espaço ou geração.

Três outros entrevistados, pertencentes a uma mesma família, utilizam a mesa da cozinha para o café da manhã, e a espaçosa churrasqueira, voltada ao jardim, mas isolada da parte de serviço e circulação, nas demais refeições. Conforto e funcionalidade, além de privacidade – considerando que a churrasqueira fica separada das demais áreas –, e forte ligação com o exterior, valorizam o ambiente. A preferência evidenciada por todos os entrevistados ressaltou razões funcionais, como a iluminação privilegiada, resgatou a importância da paisagem natural, mas igualmente abordou razões simbólicas, pois o canto alemão foi um dos poucos móveis que permaneceu, quando houve a mudança para a “casa nova”.



Fotos 46 e 47: A copa, ligada à parte externa da casa, onde fica a maioria das plantas (também presentes no interior), é o local preferido para os encontros.

¹⁰² Os aspectos simbólicos se renovam continuamente, no uso cotidiano que é dado ao espaço da copa, formado pelos objetos especiais. Não é apenas na sala de jantar que a origem da família (alemã) se impõe, mas a descendência do casal se reflete em vários outros espaços, sobretudo nos de uso coletivo.

Já a sala de jantar só é utilizada em dias de festa, quando o número de pessoas excede as possibilidades da churrasqueira, ou há muita diferença em termos geracionais, ocasionando certa separação, conforme comentário da entrevistada, anteriormente citado. Nesses casos, a sala de jantar, mais escura, “pesada”, “comportada”, abriga os mais velhos, ficando o ambiente mais descontraído da churrasqueira para os mais jovens.



Foto 48: A sala de jantar, de pouquíssimo uso, apenas quando há muita gente, na casa. Ainda, nessas situações, o uso é feito apenas pelos mais velhos.

Outra entrevistada, com seus filhos, utiliza a mesa existente na cozinha, na maioria das vezes, e a sala eventualmente, quando recebe visitas ou em datas especiais. A praticidade da mesa, na cozinha, abre espaço, somente em dias especiais, à expressividade simbólica da sala de jantar.

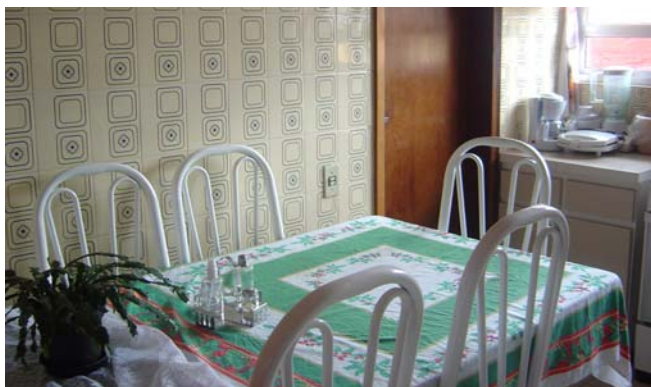


Foto 49 e 50: À esquerda, a copa/cozinha, utilizada no dia-a-dia. À direita, a sala de jantar, para os dias especiais.

No caso explicitado por meio das fotografias, a copa tem o mesmo número de cadeiras da sala, apesar da moradia ter apenas três moradores. Isso nos leva a crer que a utilização da cozinha ocorre mesmo na presença de pessoas mais íntimas, se não for uma ocasião especial. Chamamos atenção ao fato de que a maior diferença é justamente na simplicidade da mesa e cadeiras existentes na cozinha, em relação a um gosto e qualidade diferenciados, na sala de jantar.

Sobressai certa praticidade nesses ambientes para refeições, inseridos nas cozinhas, em função da proximidade do local de preparo de alimentos. Por outro lado, o fato de ser o espaço simultaneamente do preparo e do consumo das refeições impossibilita uma arrumação mais aprimorada, que seria mais condizente com os momentos de recepção.

De qualquer forma, em muitas das casas em que a copa existe, é ela o espaço eleito para a reunião dos moradores, local onde os membros desenvolvem juntos alguma das refeições do dia (em geral o almoço e, mais raramente, o lanche da tarde), comumente preparada por uma ajudante no caso de famílias com mais de três pessoas, sendo o local e momento em que se encontra a família toda, como na fala a seguir:

A gente almoça os quatro, sempre, que é uma coisa que eu faço questão de manter, esse horário de almoço. Mesmo que ele seja assim, corrido [...] Mas eu faço questão que, pelo menos esses quinze ou vinte minutos ou meia hora que a gente tenha, porque é o nosso momento mais completo. Depois, cada um vai para a sua atividade. No final da tarde, cada um tem o seu horário, enfim.

Então esse horário de almoço é muito especial. (Maria Júlia, 49, gerente de orçamento, mora com o marido e filhos)

No entanto, as outras refeições cada membro da família as consome no espaço que preferir, mais comumente na copa, ou nos quartos. A sala de jantar raramente é utilizada, uma vez que no andar superior da edícula, próximo à churrasqueira, foram colocadas mesas para receber amigos e parentes, nos dias festivos.

A sala permanece o local onde os símbolos distintivos se expõem, e os móveis de família demarcam uma historicidade, assim como os objetos de decoração ali expostos são depoimentos das viagens realizadas. Já a edícula volta-se mais a uma praticidade e convívio, garantindo proximidade àqueles que a utilizam.

Um dos entrevistados, que cria os dois filhos sozinho, também utiliza para as refeições a mesa que fica na cozinha. Raramente a sala de jantar, que é eventualmente utilizada para jogar baralho, quando amigos e parentes ali se reúnem, sendo um espaço mais voltado ao lazer. Em função do desvio constante do uso, já pensou em substituir a mesa de jantar por uma mesa de sinuca, adaptando o espaço ao gosto e necessidades suas e de seus filhos. As alterações feitas na casa seguem as necessidades dos meninos. Em cada fase, procura-se adaptar às novas demandas, estando os filhos sempre em primeiro lugar, em termos de preocupação em relação ao *habitat*.

A dificuldade para manter empregados e mesmo a liberdade da opção por não ter ajudantes nos momentos em que se recebe visitas leva, também, ao desenvolvimento de uma intimidade em que amigos acompanham os moradores para tirar uma mesa, lavar a louça, etc. Receber pessoas em casa significa dispendar não apenas economicamente falando, mas igualmente em termos de tempo e esforço físico, tanto para preparar o encontro como para acomodar as coisas após o seu término, e a forma de receber também vem sofrendo alterações.

Embora pareça haver uma migração cada vez maior para os espaços de

convívio, os mesmos vão se tornando, simultaneamente, espaços também de representação, e nem sempre a identificação de limites é possível, como no exemplo da casa sem paredes, em que o conceito de arrumação se refere sempre ao todo, pois, de qualquer ponto da moradia, pode-se avistar os demais, ou, ainda, outros exemplos, em que vão possibilitam uma proximidade entre as pessoas, permitindo o desenrolar de um diálogo, mesmo que uma não enxergue às outras.

3.3 O quarto: entre a intimidade e o convívio¹⁰³

O quarto é um local que escapa às classificações anteriores, ficando entre a intimidade, no sentido da liberdade e da possibilidade de certo isolamento, e o convívio, seja pelo compartilhamento do cômodo com mais alguém ou pelas atividades múltiplas que ali se desenrolam. Camargo (2003, p. 90-91) acredita serem os quartos os locais nos quais podem ser dispensadas as formalidades típicas das áreas sociais, dando-se “vazão à ‘sinceridade’ do uso e às particularidades comportamentais de cada usuário”. Os objetos ali dispostos e expostos, a organização e o uso que a ele se atribui são sinais da relação do usuário com esse espaço, gerando os cômodos mais personalizados da moradia. É possível discordar em parte do que a autora apresenta, em algumas situações distintas, como nos quartos de casal, muitas vezes arranjados por um dos cônjuges, em geral a esposa, o que acaba por modificar a hegemonia deste como espaço de maior personalização dos seus habitantes.

Salvatori (1996, p. 60) comenta que “espaços de base física não estão dissociados de espaços de base social, podendo constituir territórios onde se exercem identidades individuais e sociais”. No próprio ambiente do quarto, revelam-se valores da família e individuais, mas igualmente valores do grupo ao qual o indivíduo pertence e de sua historicidade. No entanto, em linhas gerais, os valores pessoais sobressaem em relação aos grupais. Conforme a idade do seu

¹⁰³ Sendo o quarto o espaço escolhido por parte significativa dos adolescentes e jovens, será retomado enquanto tal na parte específica sobre arranjos preferidos.

morador, pesam elementos mais voltados a um ou outro aspecto, compondo um todo que permite reconhecer algo sobre os modos de vida da pessoa.

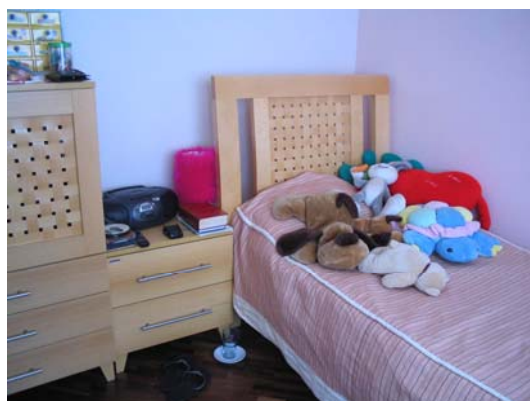
Excluindo-se as moradias habitadas por uma única pessoa, foi nos quartos que conseguimos perceber mais facilmente a expressão das identidades individuais. Conforme Camargo (2003, p. 90-91):

Cômodos dos apartamentos analisados onde se verifica a maior sobreposição de funções, os quartos não funcionam apenas como dormitórios, mas sim, servem às mais variadas atividades, não necessariamente relacionadas ao sono e ao repouso. [...] Altera-se, assim, por algumas horas do dia, a finalidade original desse cômodo, dando-se lugar a outras atividades domésticas, como o lazer, principalmente ligado aos aparelhos eletro-eletrônicos, o estudo, o trabalho ou – roubando a função da sala – o recebimento e o convívio com visitas e amigos.

O que Camargo (2003) afirma foi confirmado para determinadas situações e faixas etárias. Para os adolescentes, o quarto é mesmo o local preferido para receber visitas. É o espaço das confidências, de falar baixinho e ao mesmo tempo gargalhar, de adentrar a madrugada em longas e sigilosas conversas, e espalhar objetos que demarcam a fase em que estão, um espaço de certa funcionalidade, mas de muita exposição de símbolos, sendo que muitos desses símbolos se repetem, com diferenças marcantes entre meninos e meninas.

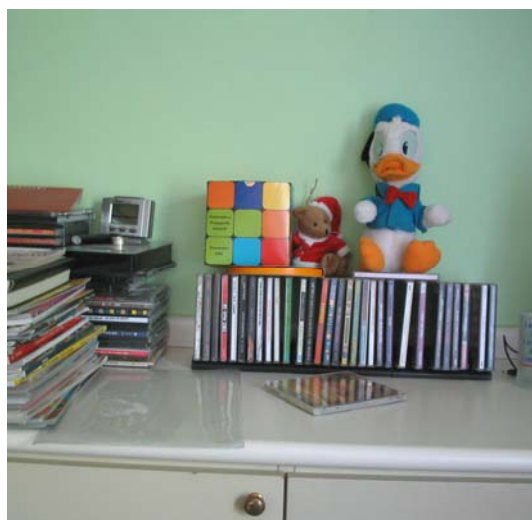
As formas do adolescente e do jovem estarem em seus quartos, no território que é de seu domínio, hoje, migra para um espaço de convívio e lazer, um espaço de “receber” amigos, de conversa, diversão, tarefas, espaço também do estudo em grupo, do compartilhamento e não mais de isolamento. A área íntima abre-se, em alguma medida. Vira “sala de visita”, vira “espaço de TV”, ou ainda “sala íntima”, privilegiando os mais diferentes momentos. Espaço que talvez possa ser preparado para os diversos olhares dos visitantes, que os adentram de forma muito mais livre e informal do que era costume há uma década ou duas atrás.

Mesmo assim, a realidade dos quartos visitados, a perpetuação de uma *gestalt* da casa e da família se sobrepondo aos gostos individuais predomina. No caso, o quarto adolescente mantém um *continuum* com a casa, sem, no entanto, deixar de representar as mudanças marcantes da fase da vida em que estão seus ocupantes, ficando em uma relação harmônica e equilibrada com os demais ambientes da moradia. Talvez isso reflita as relações que se estabelecem entre pais e filhos, nas quais a maioria dos pais ainda define parte dos arranjos, embora já com a participação efetiva dos filhos¹⁰⁴.



¹⁰⁴ Estes dois últimos parágrafos foram baseados em Guimarães (2005).

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 51 a 58: As primeiras quatro fotos deste conjunto representam quartos de garotas de 13 a 17 anos. No caso dos garotos, no conjunto das quatro últimas fotos, a faixa varia dos 13 aos 21 anos.

Interessante observar que, mesmo com as alterações sociais profundas que ocorreram nos quartos, são espaços que se mantêm generificados: as garotas mantêm em relação à sua estética, a característica de reforçar o romantismo, a leveza, por meio dos tons em rosa, do uso de almofadas e bichos de pelúcia, remetendo a elementos que são característicos da infância, assim como pequenos objetos de decoração, como forma de marcar a identidade. O

pertencimento é reforçado nos painéis fotográficos, uma constante nos quartos de adolescentes, quando se fala em garotas.

Nos quartos dos garotos, outros são os objetos que se destacam: placas, garrafas, coleções de latas e CDs, gibis e revistas, eventualmente admitindo-se algum “brinquedo” ou bicho de pelúcia, conforme denunciam as fotos. De qualquer forma, garotos e garotas demarcam seus territórios pessoais com o que lhes é importante. Todavia, ainda há uma distinção estilística marcante nas escolhas, embora os quartos tendam a algum tipo de homogeneização, no sentido não tanto dos objetos de decoração ali colocados, mas, certamente, das tecnologias¹⁰⁵.

Vale evidenciar que os pais não têm necessidade de transformar os quartos em microcosmos que refletem a sua identidade, pois a moradia toda cumpre esse papel. A definição que toma conta dos espaços comuns da casa, e comumente dos quartos dos donos, não se aplica (ao menos não fortemente) na maioria dos quartos de adolescentes e jovens. Embora predomine uma hierarquia, os espaços dos quartos se mantêm como ilhas de possibilidades frente às necessidades individuais dos adolescentes e jovens.

Um dos entrevistados destaca alguns objetos, em seu quarto, como seus CDs e uma prancha de *surf* que ganhou em um concurso, e que pretende utilizar como prateleira, tão logo providencie sua fixação. O surf, para ele, não é um esporte que pratica, mas um símbolo de juventude. Pôsteres estão no chão, encostados na parede, aguardando que sejam definidos os locais para sua fixação. Ele afirma gostar de seu quarto, em geral, e acredita que condiz com seu estilo de vida, como as demais peças da casa. Alguns depoimentos mais assertivos encontram-se no item espaços preferidos, mais à frente.

¹⁰⁵ Retomamos a idéia de Bourdieu (In: ORTIZ, 2003, p. 71), ao afirmar não ser possível que todos os membros de uma mesma classe tenham tido as mesmas experiências. No entanto, certamente têm chances maiores do que membros de outras classes de ter se defrontado, seja como ator ou testemunha, com as situações mais comuns ao grupo de pertença.



Foto 59: A prancha, símbolo de uma fase específica da vida, mais do que um objeto de uso.

Diferentemente dos adolescentes, que têm sua escolha bem definida, os adultos definem os papéis funcionais para cada uma das áreas da moradia. Nesse sentido, o quarto é local de repouso e leitura, contendo comumente a cama, mesa de cabeceira, armários, luminárias, etc. Algumas vezes, por necessidade, transforma-se em espaço de trabalho, mas salvo algumas exceções, tem uma função central, seja ela o repouso para o qual é utilizado e que é, na maioria das vezes, respeitado. Diferentes pessoas compõem seus espaços privativos de forma diferente, e mesmo existindo alguns elementos de homogeneização, as diferenças estilísticas são marcantes.



Fotos 60 a 63: Quartos de casais, com uma decoração mais sóbria e quantidades menores de objetos de decoração. Destacam-se os tons amadeirados e formas retas.

Interessante observar que os ambientes, nos quais as pessoas afirmam fazer suas leituras antes de dormir, não são munidos de luminárias apropriadas, sequer os livros encontram-se expostos¹⁰⁶.

Ariano Suassuna (In: CHIODETTO, 2002, p. 38) afirma, sobre seu espaço de trabalho:

Quando me fecho no gabinete, ninguém me aperreia. Consegui impor esse respeito pelo meu trabalho. Outro dia um de meus netos

¹⁰⁶ Comentários de entrevistados sobre a cama encontram-se no decorrer da parte analítica da tese, sendo o objeto evidenciado por diferentes razões.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

começou a chorar enquanto eu escrevia. Não havia mais ninguém em casa, então o peguei no colo e fiquei brincando com ele. Foi bom. Percebi que aquela invasão da realidade era mais bonita que a ficção que eu tentava escrever.

Um dos entrevistados aponta ser o escritório, no qual trabalha, o espaço que considera personalizado, conforme apresentado anteriormente, e não o quarto:

Tem outros lugares da casa que eu gosto, mas o meu escritório, aqui, é o meu... a minha identidade profissional e pessoal também, né! Então a bagunça, que eu não consigo me organizar direito, ela faz parte também das coisas que eu tenho aqui! (Pedro Afonso, 54, professor universitário, mora com esposa e filhos)



Foto 64: Espaço considerado o mais personalizado, para o entrevistado, o escritório onde trabalha a maior parte do tempo é a sua identidade, onde ele se enxerga de forma mais completa.

Vale a pena trazer a questão de que invasão ou respeito, bagunça ou arrumação fazem parte da forma como o indivíduo se relaciona com o seu espaço:

Ao mesmo tempo que preciso de concentração e solidão, preciso de uma certa desorganização física, um desarranjo que tem no meu escritório. Só trabalho em meio a pilhas e pilhas de livros. [...] Quanto mais avanço num romance maior vai sendo o caos que se instala no escritório. Vira uma caverna impenetrável, uma bolha isolada do

modo. Entro lá como um soldado que vai para a trincheira. Não permito que ninguém entre e ninguém limpe. Peço que respeitem meu caos. É um lugar sagrado para o escritor.

As palavras acima, proferidas pela romancista Patrícia Melo (In: CHIODETTO, 2002, p. 57) traduzem uma forma de construção, articulada à desconstrução, à necessidade de deixar instaurar-se o caos. Faz parte de suas necessidades e de sua identidade.

A questão da identidade – no sentido demonstrado por Hall (2003), como um preenchimento do ser a partir do nosso exterior, pelas formas por meio das quais nós imaginamos ser vistos por outros – sobressai, na fala do entrevistado, como elemento que expõe quem ele é, mostrando suas escolhas, as formas de se organizar para o trabalho cotidiano.

Marcus (1995) realça a importância de se ter algum espaço próprio, na casa, como fundamental para equilibrar relações entre o casal ou a família, seja um quarto ou um espaço de trabalho, garantindo privacidade e assegurando à pessoa espaço para expressar sua identidade na forma como o ordena e compõe.

Para as pessoas que vivem sós, os espaços têm, por vezes, um outro sentido, em relação à personalização, uma vez que ela se expande por todos os cômodos. Certeau, Giard e Mayol (1996) comentam que o mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante. É possível afirmar que cada espaço utilizado serve como elemento para conhecermos um pouco quem o habita.

A sobreposição de funções nos cômodos é bastante comum, sobretudo nas moradias cujos espaços são mais reduzidos e com mais moradores, ou seja, em que há uma área menor a ser utilizada pelos membros, individualmente, como no estudo de Grossi e Rial (2000). Nele, abordam o efêmero que faz parte dos modos de vida na contemporaneidade, quando os móveis transformam os ambientes, conforme as necessidades que se impõem, ao longo do dia, não existindo espaço para a permanência, o que faz com que seus moradores não consigam usar simultaneamente todos os móveis. A versatilidade do uso do espaço é o que caracteriza os apartamentos de uma única peça pesquisados

pelas autoras, sendo os móveis realmente “móveis”, no sentido de serem deslocados, abertos ou fechados, conforme as necessidades do morador.

Historicamente, a própria casa já representou o espaço de trabalho e de habitar, simultaneamente. Quando, sendo uma oficina, “os membros comiam juntos à mesma mesa, trabalhavam nas mesmas salas, dormiam no mesmo salão comum, convertido à noite em dormitório”, como nos apresenta Mumford (1998, p. 307), mas modificou-se, com as transformações sociais, culturais e econômicas que ocorreram.

Apresentamos um depoimento que demonstra a transformação do espaço de estar em local de trabalho, para resguardar o quarto às funções de descanso e relaxamento:

Eu transportei meu lugar de trabalho para a sala. No início, quando eu estava morando aqui, meu lugar de trabalho era no quarto de dormir, e eu fui percebendo, assim, que aquilo me incomodava muito, não combinava, a coisa de você trabalhar no lugar onde você vai descansar. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)



Fotos 65 e 66: A sala, transformada em local de trabalho, visando preservar o quarto enquanto espaço de descanso. Na segunda foto, o quarto/cenário, local que permite o repouso.

No caso citado, a sala deixa de ser um local de recepção para ser o espaço da criação, do trabalho. Por outro lado, evidencia-se a construção de um cenário, no quarto, preparado às “operações” que ali se desenvolvem: o biombo não é utilizado como divisória, mas, antes, como elemento decorativo.

Tramontano (1998) evidencia a existência da moradia dentro da moradia, termo que se adequa ao quarto, que assumindo diversas funções, ao ser esvaziado de sua função principal, torna-se um espaço mais importante, principalmente para adolescentes e idosos, que o fazem o centro de suas vidas, no dia-a-dia¹⁰⁷.

Existe, porém, uma outra categoria de espaços considerados secundários e muitas vezes marginais, na visão dos moradores, mas igualmente essenciais à vida cotidiana. É desta categoria de espaços que tratamos a seguir.

3.4 O setor de serviços e higiene: locais de bagunça e arrumação

As áreas de serviço, cozinhas e banheiros são os locais onde se desenrolam as funções essenciais à limpeza e manutenção da saúde e higiene. Porém, são reconhecidas como áreas menos nobres, na moradia, uma vez que, por muito tempo, ocuparam os fundos da casa, de acesso restrito. Conforme Veríssimo e Bittar (1999, p. 107):

No Brasil, só “pelos fundos” se percebem as relações familiares intrínsecas, seus hábitos alimentares – daí a arraigada tradição de “só entrar pela cozinha quem é de casa” e, portanto, poder observar aquilo que já conhece.

3.4.1 Cozinha: de espaço de serviço, nos fundos da casa, a espaço de convívio – um modelo em construção

A cozinha nos foi apresentada, pela maioria das pessoas entrevistadas,

¹⁰⁷ Tramontano (1998, p. 338) comenta sobre o projeto da Modernidade, afetando, através da especialização dos cômodos, o espaço da casa: “Defendendo a idéia de ‘uma pessoa por cômodo’, os bem-intencionados Modernos transformaram de vez o sono em um assunto de foro íntimo, associando-o a um espaço individual. Não havia por que não colocar aí os seus pertences pessoais, resultando no quarto como conhecido atualmente”.

como um espaço de sociabilidade, de recepção, de prazer, mas local também de memória, ressaltando as questões relativas às experiências ali vivenciadas, como o tempo rememorado, por uma entrevistada, de quando seus filhos, pequenos, acompanhavam-na no preparo de alimentos. Outra característica se sobressaiu, em algumas das cozinhas visitadas, relativa à funcionalidade e mesmo às mudanças que vêm ocorrendo nesse espaço.

Camargo (2003), ao referir-se aos apartamentos que visitou, comenta sobre a utilização racional da cozinha em relação ao seu espaço, com uma tendência a otimizar a circulação e a estocagem, diferente do acúmulo desproporcional de móveis e objetos que encontrou em outras peças das moradias visitadas. Mesmo em espaços menores, a presença de eletrodomésticos torna-se marcante, mas comumente estão colocados em locais específicos, evidenciando uma ordem estabelecida.

Encontramos, em nosso processo de pesquisa, a situação descrita por Camargo (2003). Por um lado, nos apartamentos, uma tendência a aproveitar ao máximo as áreas, para manter os elementos mais significativos e importantes para o funcionamento da cozinha, com decorrente homogeneização estética e um aparato similar para as atividades ali desenvolvidas. Por outro lado, em algumas casas, áreas específicas de estocagem, com uma quantidade maior de armários, ampliam a quantidade de pratos, copos e travessas da família, feitos de materiais e formatos diversos, para diferentes ocasiões, expondo as diferenças e permitindo uma personalização desses ambientes. Não se quer com isso afirmar que não seja possível a personalização em espaços exíguos, mas há uma diferença marcante no nível dessa personalização, quando os espaços disponíveis são menores.



Interessante perceber que, em uma situação em que o apartamento é plenamente ocupado pelos cinco moradores, todos os vãos são aproveitados. Nos caixilhos das portas, prateleiras expõem objetos ou guardam livros, deixando as portas de serem apenas locais de passagem, mas assumindo igualmente a função de armário.

Foto 67: Local de passagem, mas também de “decoração”, a passagem dos ambientes de estar à cozinha mantêm a mesma linguagem visual e aproveitamento de espaço do restante da moradia.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Uma tendência apareceu nas cozinhas visitadas, em que havia espaço suficiente para espalhar os utensílios de uso diário: deixar à vista e à mão objetos úteis, inclusive as panelas, mas não simplesmente soltos em um local qualquer, mas em prateleiras ou armários sem portas.



Fotos 68, 69 e 70: As imagens demonstram o posicionamento fácil e à mão de instrumentos utilizados para o preparo das refeições.

Ao mesmo tempo em que aumenta a praticidade, segundo os entrevistados, retoma a casa colonial e a casa rural brasileiras, em que impera considerável despojamento e liberdade, com seus inúmeros artefatos à mostra e à mão.

Salvatori (1996, p. 241) identifica, entre seus interlocutores de camadas médias e altas portoalegrenses, ser esta a primeira dependência a ser estruturada, na casa:

As áreas destinadas para cozinhas, na média dos apartamentos, necessitam certa engenhosidade para comportar o número de equipamentos utilizados atualmente e permitir o pleno desenvolvimento das funções. Como são fundamentais para o funcionamento da moradia, uma vez que um dos principais eixos de sociabilidade doméstica são os rituais de comensalidade, podem ser, ao contrário, uma das primeiras dependências a ser arranjada, antes mesmo que os espaços de recepção, recebendo móveis sob medida e equipamentos mais modernos. (SALVATORI, 1996, p. 241).

Vários dos nossos entrevistados expressaram sua preocupação ao projetar seus espaços de cozinha, tornando-os práticos, funcionais e agradáveis, para os finais de tarde ou de semana, ou mesmo no dia-a-dia, nos momentos em que se arriscam (ou mesmo se empenham) na cozinha:

A primeira coisa foi escolher o carpete e colocar os meus móveis dentro. Então era assim. Um mar de caixa. A primeira vista o apartamento só tinha um colchão no chão e as caixas todas, o que eu trouxe de móveis, e daí a segunda etapa foi comprar as coisas de cozinha. A primeira coisa que eu comprei foram a geladeira, o fogão e a máquina de lavar roupa, que eu jurei para mim mesma que ia ser a primeira coisa que eu ia ter e daí eu montei a cozinha. (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)

O depoimento ressalta a importância dos cuidados com a higiene e a alimentação, do pensamento prático colocado em ação quando priorizou os espaços a serem mobiliados, no apartamento que havia adquirido, empenhando-se em deixar a cozinha a mais prática possível:

A primeira coisa que ficou pronta foram a cozinha e a lavanderia, era a primeira preocupação que eu tinha. A cozinha e a lavanderia ficando prontas e armários... quer dizer, o prático estando funcional! (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 71 e 72: Cozinha e área de serviço, a funcionalidade essencial para permitir a mudança para a casa nova.

Para a entrevistada, não somente as questões funcionais direcionaram o projeto, mas um tratamento especial foi dado à cozinha:

Uma outra coisa que eu queria muito assim... e que a gente deu um trato bem gostoso era a cozinha, uma cozinha que coubesse todo mundo, uma mesa em que, inclusive quando você estivesse fazendo refeições ou então quando você estivesse preparando, as pessoas pudessem circular por ali. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

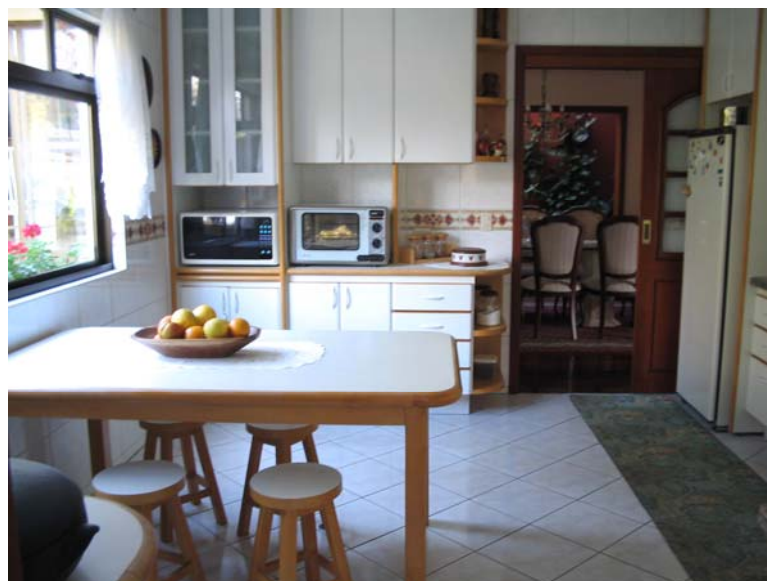


Foto 73: A ampla copa/cozinha, permitindo a circulação e garantindo o contato com o exterior, através dos janelões.

Além da praticidade, espaço de circulação para os moradores é elemento importante, possibilitando o preparo das refeições em família.

É na cozinha que uma das entrevistadas, que tem um local preferido para cada situação, gosta de criar momentos e refeições especiais em dias comuns:

Às vezes [...] vou fazer um almoço bem diferente, não importa se é segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Adoro a minha cozinha. É outro espaço da minha casa que eu gosto muito. Às vezes eu leio o jornal de Domingo, por exemplo, de manhã, eu adoro ler na cozinha [...] o café da manhã também é algo que eu adoro na cozinha. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)



Foto 74: Da mesa instalada na cozinha, pode-se ver o jardim.

A vista da janela da copa-cozinha de sua casa é privilegiada. O céu, o jardim, suas plantas e os pássaros são vistos dali, mas a integração à natureza também está presente em outras cozinhas, seja pelo apelo à vista especial, ou colocação de plantas na parte externa da janela, transformando a paisagem, da janela, em algo diferenciado. Outro entrevistado projetou sua cozinha como um espaço especial:

Se eu faço um churrasco, aí tem gente na casa inteira, se espalham. Inclusive tem muita gente que fica na cozinha, né? Geralmente o que acontece, quando tem festa? Todo mundo

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

começa a trabalhar. Então eu fiz uma cozinha grande, porque enquanto um aqui está fazendo algo, outro está lá no fogão, cozinhando, inclusive geralmente as pessoas deixam o fogão do lado da pia, eu não fiz isso. Eu disse: Não, eu quero longe da pia. Então, enquanto um fica lá, outro fica aqui [na pia], aí outro fica cortando, na bancada, de um lado. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)



Foto 75: A cozinha, espaço amplo, de fácil circulação e no qual várias pessoas podem ficar, simultaneamente, auxiliando uns aos outros.

Foi na cozinha que aconteceram as maiores transformações, fator facilmente percebido na história da casa brasileira, mas sobremaneira no mundo ocidental, após a Segunda Guerra Mundial. Estudos foram desenvolvidos na época visando poupar tempo e facilitar as tarefas às mulheres, por meio de uma racionalização na Administração do Lar, com o desenvolvimento de aparatos para facilitar o dia-a-dia, desenvolvimento que coincide com a dificuldade em conseguir manter auxiliares que continuassem fazendo esse trabalho, como tinha sido até então, entre várias culturas e nos meios mais abastados.

Outras alterações em curso, de cunho social, apareceram nas entrevistas: desponta o “homem na cozinha” como uma realidade entre vários deles, com utilização acentuada quando moram sem a presença de uma companheira, com ou sem filhos.

Um depoimento evidencia as transformações em termos de integração da cozinha aos demais ambientes, coincidente com mudanças significativas nos modos de vida, e necessidades advindas desses modos:

Quando eu projetei a casa, eu queria que da pia eu conseguisse enxergar a televisão, então ela foi colocada num lugar [que permitisse isso] ou se eu estivesse lavando louça, eu podia enxergar lá fora, as árvores. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)



Fotos 76 e 77: A pia, colocada estrategicamente, de modo a possibilitar a seu usuário enxergar a TV, na sala íntima, e o exterior.

A idéia de entretenimento, bem como de uma vista/paisagem agradável, é importante para muitas pessoas que levam às suas cozinhas aparelhos de som e TV, por vezes “camuflados”, dentro de armários ou longe da vista de visitas.

Quando possível, a cozinha vem sendo projetada de forma a ter ligação com outros espaços internos e com a paisagem exterior. Mas há um sentido no fazer, no envolvimento pessoal nas definições e mesmo execução que torna os espaços e objetos algo ainda mais especial: o sentido do investimento pessoal, de tempo, trabalho e carinho depositados para tornar os espaços mais agradáveis:

Sabe os armários, fui eu que desenhei, pintei as panelas de cerâmica. Cerâmica, pedra e ferro, praticamente eu só uso elas. Fica uma delícia, né. E adoro cozinhar em panela de cerâmica.

(Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)



Foto 78: Armários desenhados pela entrevistada e os utensílios que lhe são importantes ficam sempre à mão. A partir de uma observação mais atenta, é possível perceber que as janelas são mais baixas do que o padrão adotado na maioria dos apartamentos, sendo aproveitado até mesmo o canto para a colocação de vidro. As floreiras externas existem apenas em seu apartamento, mas, segundo a entrevistada, não houve reclamação por parte dos vizinhos.

Os materiais “antigos” são recuperados, não apenas como uma maneira de ter elementos naturais para o cozimento, mas como uma forma de resgate de um fazer à moda antiga, reconhecidamente mais saudável, em nossos dias. A

janela, bem mais baixa que o normal, permite uma visão diferente do entorno e, ao mesmo tempo, o alcance dos objetos que estão no armário superior.

Em termos da casa brasileira, de espaço nos fundos da casa, ou como um adendo dela, a cozinha ganhou o espaço interno, alterado em função da dona da casa passar a utilizá-la de forma mais direta, e não apenas por intermédio de escravas mais especializadas a quem destinava o comando, no período colonial, período em que a cozinha era compreendida como uma área menos importante, local sujo, esfumaçado.

Nos anos mais recentes, a transformação dos estilos de vida parece ter recuperado, ou mesmo desenvolvido, o hábito de cozinhar por prazer, entre homens e mulheres, e cozinhar passa a ser um atributo importante, mesmo fora do contexto dos cuidados com a família. Cerca de um terço dos indivíduos entrevistados (sobressaindo os que vivem sozinhos) utiliza os restaurantes a quilo, *fast-foods*, etc., em seu dia-a-dia, e gosta de cozinhar nos finais de tarde ou semana, para si, seus familiares e/ou amigos. O depoimento, a seguir, diz respeito a uma representante de família nuclear que tem uma ajudante, no dia-a-dia, mas que se responsabiliza pessoalmente pelo preparo da refeição a ser consumida pela família, à noite:

Dependendo, eu vou para a cozinha fazer comida para eles, que é o que eu gosto. Adoro tomar uma cerveja, aí eu vou para a cozinha, abro uma cerveja e fico fazendo comida [...] Adoro, é o meu momento zen, também. Então chega de tardezinha assim, sabe, às vezes, aí que vontade de comer tal coisa, daí abro assim uma latinha de cerveja, vou fazer as coisas ...adoro. [...] Então a cozinha é um lugar que eu gosto muito de ficar, eu adoro fazer comida para a garotada, fazer assim... adoro oferecer alguma coisa.[...] A cozinha é uma coisa muito gostosa. Sempre que estou fazendo algo, comigo sempre tem alguém conversando.
(Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)

A preparação das refeições, hoje, nas moradias, começa a deixar de ser uma atividade solitária e de responsabilidade exclusiva da mulher, passando para uma esfera de convívio e compartilhamento:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Quando a gente está em casa, a gente procura ficar junto, né. Então, quando o [filho] vai lanchar, ele me chama e a gente fica na cozinha conversando. (Maria Cecília, 47, funcionária pública, separada, mora com os filhos)



Fotos 79 e 80: A cozinha, local de preparo das refeições. Na copa, dentro do mesmo espaço, a mesa em que o filho permanece, conversando com a mãe.

O depoimento do filho reforça o apresentado pela entrevistada:

Eu gosto de conviver ali, na cozinha, de ver minha mãe, eu gosto bastante de ver minha mãe fazendo comida, eu acho que tem toda a parte de carinho, é legal... então eu fico ali com ela, conversando com ela enquanto ela faz as coisas na cozinha. (Luca, 23, estudante, mora com a mãe e a irmã)

O carinho percebido pelo filho torna importante a refeição feita em casa, ainda que ele fique apenas observando o preparo, sendo este o momento de dialogar, de ambos se colocarem a par da vida de um e do outro.

Observamos estar sendo assumida essa tarefa de preparo de refeições, ainda, por vários homens:

Olha, com a cozinha eu tenho uma relação muito íntima. E prazerosa. (José Corvina dos Reis, 55, contador, separado, mora com os filhos)



Foto 81: A cozinha, local em que o entrevistado sente-se à vontade.

A namorada comentou, após a entrevista, que ele adora cozinhar para bastante gente, e pratos difíceis de serem feitos, como cural, feijoada, arroz carreteiro, e que ele faz todo o serviço de casa.

Outro entrevistado¹⁰⁸ também vai para cozinha para cuidar de si e dos convidados:

Então prá cozinhar, mesmo, seria mais de tardezinha ou de noite. Eu gosto de cozinhar. Não tenho lá grandes [habilidades]...mas sai alguma coisa boa. De vez em quando. Quando tem, por exemplo, alguma visita, alguma coisa assim, que vem algum amigo, ou vem algum familiar, assim, aí você faz alguma coisa mais caprichada. Mas no dia-a-dia, alguma coisa mais simples, um grelhadinho, uma salada. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)

¹⁰⁸ Nos dias úteis, embora trabalhe longe de casa, procura almoçar no próprio local de trabalho e ir até sua casa, para descansar e quebrar o ritmo do trabalho. (Anotações do Diário de Campo).



Foto 82: Mesmo sem grandes habilidades, o entrevistado se arrisca a ir para a cozinha, comumente à tardinha ou quando recebe amigos e/ou familiares.

Embora as cozinhas estejam se ampliando, ao incorporarem, quando possível, a copa ou sala (íntima, de jantar ou estar), ainda há muita deficiência nesse campo, e muitos desses espaços são considerados de tamanho insuficiente.

3.4.2 Ainda predominam os espaços exíguos na maioria dos banheiros, áreas de serviço e cozinhas

Apesar das mudanças valorativas, a falta de espaço, relacionada à falta de conforto e redução das possibilidades, ainda é fator preponderante na insatisfação das pessoas.

Grossi e Rial (2000) recuperam Debarre e Eleb (1995), realçando a instalação da cozinha moderna, pequena e bem equipada, voltada a reduzir o trabalho e a racionalizar o uso dos armários como alternativa para dar conta dos espaços exíguos das moradias de camadas populares, na cidade de Paris. As autoras reforçam que essas premissas arquitetônicas se difundiram bem mais tarde entre as habitações da maior parte das classes sociais, sendo utilizadas, nos anos 1970, pelos moradores de um nível cultural elevado, que não as perceberam

como alternativa dirigida às camadas populares, mas, antes, como signos da modernidade.

Algumas considerações sobre os motivos que levaram aos espaços exíguos são feitas por Tramontano (1998, p. 280):

A redução de áreas do espaço doméstico é um fenômeno relativamente recente. Com todos os esforços pós-Segunda Guerra Mundial, o que se viu, nos países que receberam o grosso da ajuda norte-americana para a reconstrução, foi um ligeiro aumento [do tamanho] das habitações menores e a acentuada diminuição das maiores.

Tramontano (1998, p. 280) afirma não fugir o Brasil à regra. Exemplifica como recentemente as mudanças nos modos de vida alteraram os imóveis ofertados:

Muitos dos apartamentos de um ou dois quartos, outrora reservados às carteiras menos recheadas, viram sua área aumentar por deverem abrigar, com frequência cada vez maior, *singles*, casais sem filhos ou com um único filho, de poder aquisitivo alto, que preferem não ter muito trabalho com a casa mas que querem, por exemplo, poder receber amigos em salas amplas. Em muitos destes casos, a sala e a cozinha fundiram-se em um único cômodo, um pouco maior do que as antigas salas de estar, o que terminou por influenciar os hábitos culinários dos moradores, desencorajando-os, por exemplo, a prepararem frituras e pratos de longo cozimento.

Para uma das entrevistadas, que gosta bastante de cozinhar, a cozinha poderia ter um significado especial¹⁰⁹. Mas assim como o banheiro, em função dos espaços exíguos, acaba tendo uma importância mais funcional:

¹⁰⁹ Na cozinha e área de serviço foi colocada uma bancada, uma espécie de mesa de madeira com quatro pés, removível, sobre a lavadora de roupas e o frigobar, ampliando a área de trabalho. São soluções simples, mas bastante criativas, como uma estante de metal, com portas, e de pequena profundidade, tipicamente utilizada em escritórios, onde guarda seus utensílios de cozinha. Seus utensílios não estão simplesmente depositados, mas colocados, um a um, cada qual no seu lugar. Para o espaço atrás da porta, a entrevistada desenhou um armário, de pequena profundidade, que foi confeccionado em madeira e pintado dando a impressão de um metal “rústico”, com pinceladas soltas. Neste armário, são guardados os utensílios de limpeza, à exceção de baldes ou peças maiores. No banheiro, de dimensões pequenas, um jogo de espelhos e pequenos objetos dão um tom informal ao espaço, cuidadosamente preenchido.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

A cozinha eu gosto, e gostaria que ela fosse maior. Eu gosto de cozinhar e ali eu acho que é tudo muito improvisado, não tem espaço. O banheiro é a mesma coisa: eu gosto de tomar banho, passar cremelho, ficar horas no banheiro, mas ali também é muito pequenininho, então chega uma hora em que a gente tem a sensação de claustrofobia, né? Então ele é mais funcional, mesmo. Cozinha e banheiro se tornaram lugares mais funcionais, mesmo. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)



Fotos 83 e 84: Espaços exíguos, a cozinha, que tem como extensão o local para cuidados com a roupa e a casa, bem como o banheiro, impedem o desenvolvimento de algumas funções da forma como a entrevistada considera ideal.

Embora de dimensões pequenas, um jogo de espelhos e pequenos objetos dão um tom informal ao banheiro, cuidadosamente preenchido, assim como a cozinha. A idéia apresentada pela entrevistada vai ao encontro da noção apontada por Arendt (2001), de nos habituarmos com as novas coisas que nos são ofertadas.

Retomando a idéia dos espaços, que dão a sensação de claustrofobia, ela atinge as várias faixas etárias, encontrando-se em diversas áreas e situações – sobressaindo as de higiene, arrumação e preparo de alimentos – desvalorizando esses espaços que, para seus moradores, deveriam ser, em geral, maiores. Essa falta de espaço desagrada tanto, que chega a ser um dos motivos para mudança

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

de moradia:

Eu acho que ela [a cozinha] não me serve, ela devia ser um pouco maior, você está vendo, não cabe nem uma mesinha. (Laura Maura, 45, assistente social, solteira, mora só)

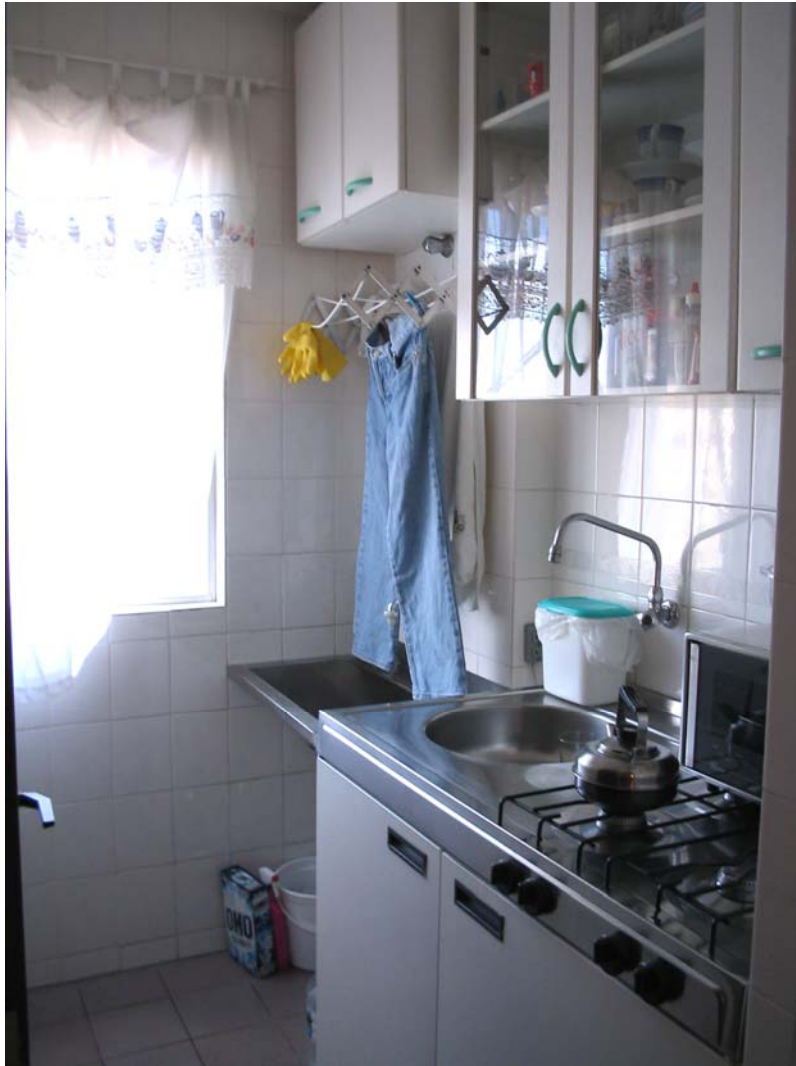


Foto 85: A cozinha, com a área de serviço, um dos motivos principais da intenção de mudar para um apartamento maior.

Obviamente, as noções de tamanho têm como referência os espaços que são conhecidos de cada um de nós. São sempre referências ao universo ao qual temos acesso.

Fora a questão da falta de espaço, a forma da área de serviço é a de um corredor, sendo o ambiente escuro e frio, o que perturba os moradores da casa.

Diferentemente de parte considerável das áreas de serviço encontradas,

grande parte dos banheiros expõe os moradores, por meio dos objetos ali depositados. São objetos de decoração, cremes, perfumes, que “denunciam” seus habitantes. Embora comumente pequenos, são transformados em local de grande identidade e exposição das moradoras. Um dos banheiros das moradias visitadas teve seu uso alterado após as modificações feitas:

O banheiro, acho ele bonitinho, acho ele aconchegante, pequenininho, agradável, acho que tem algumas coisas, gosto das fotos que tem ali. (Pâmela, 34, professora, mora com a companheira)

Depois que eu arrumei o banheiro, eu fico mais tempo, assim, tomando banho, tranqüila. (Débora, 25, psicóloga, mora com a companheira)



Fotos 86 e 87: O banheiro, embora não seja espaçoso, tornou-se um dos locais preferidos após a colocação de elementos que identificam as moradoras.

Não registramos as fotos descritas pela entrevistada para não entrar em sua intimidade. Salientamos que não houve impedimento por parte das entrevistadas, mas que uma vez que elas apareciam na intimidade, optamos por

evitar a exposição¹¹⁰.

Por intermédio de Schapochnik (1998) ressaltamos serem as oposições entre o formal e o informal, a solenidade e a privacidade, elementos que repercutem nas estratégias da aparência e na conformação e decoração dos ambientes. Essas oposições tornam-se visíveis na situação acima descrita.

Falando sobre os banheiros, espaços até pouco tempo, por excelência, individualizados nas residências, Tramontano (1998, p. 345) questiona:

Uma vez que as relações com o corpo tornam-se menos pudicas, ou se esta realização pode ser prazerosa quando acompanhada por leitura ou ouvir música, pode-se achar que este espaço, tradicionalmente classificado entre os tais de curta permanência, transforme-se mais em um espaço de relaxamento, de entretenimento, etc? Se, neste caso, a resposta for sim, então este espaço com certeza mereceria melhor tratamento do que o tem recebido. Talvez janelas, quem sabe vista para o exterior, luz e ventilação naturais,... Música e livros já são comuns. O próximo passo? Talvez receber imagens externas da televisão.

O que o autor aponta vai ao encontro do que depõem alguns dos entrevistados. Porém, dois dentre eles talvez sejam os que mais se aproximam do que aponta Tramontano. Seus espaços de banheiro deixam de ser basicamente funcionais, mas transformam-se em espaços onde o prazer é buscado, parecendo locais de recepção, com uma estética que se adequa ao gosto de seus usuários: espaçosos, com decoração refinada, banheiras de hidromassagem e, no caso de um deles, previsão de colocação de música ambiente, com as instalações já feitas, e vastas janelas, ligando-o ao exterior, em meio à paisagem de árvores e pássaros:

¹¹⁰ Rial (In: KOURY, 1998) comenta que o respeito excessivo ao que se considera o código do outro pode reservar surpresas. A autora recorda como se sentiu ridícula, em um dia de finados, em que ia produzir imagens do cemitério da Lagoa, movendo-se solenemente, evitando ser percebida. Imaginava que deveria se comportar dessa maneira, até que encontrou uma pessoa conhecida e, ao pedir para fotografá-la, ela não apenas acenou positivamente como fez uma pose de modelo sobre o túmulo do seu pai, levando a pesquisadora a repensar o dia de finados. Suas precauções respeitadas eram inúteis. Talvez as nossas também tenham sido, mas foi a atitude que decidimos tomar, no momento da captura das imagens.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

E aqui tem muito passarinho. Tem gambá, tem tucano, tem muito bicho. Eles batem nas janelas, porque no banheiro eu tenho janela espelhada, por fora. Eles ficam no parapeito, ali, todos os passarinhos. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)



Foto 88: O amplo banheiro, com janelões voltados ao exterior, permite grande integração com a paisagem.

A utilização de tons ocre e terra evidencia a intenção em adequar o banheiro à paisagem. Protegido por uma película que impede enxergar, de fora, o ambiente interno, o morador fica à vontade, enquanto aprecia a natureza, relaxa, escuta música, tudo em um ambiente especialmente projetado para essa fruição¹¹¹. A luminosidade do dia, aliada à possibilidade da visão do entardecer natural, em local protegido, valorizam ainda mais o local. Em meio à mata, mas fora dela.

¹¹¹ Tramontano (1998), p. 346 vai reforçar a questão das mudanças em relação aos cuidados de si: “O cuidado consigo mesmo e a busca de relaxamento trazem a reboque, de novo, a questão do culto ao corpo: o banho, seja de chuveiro ou na banheira, vem associado ao prazer, à saúde, à sensualidade, dizem os publicitários através de suas campanhas”.

Sobre a questão de como o exterior “invade” o interior, ou como as vidraças mediam a relação entre o homem e seu entorno, Baudrillard (1968, p. 49) afirma não serem as “casas de vidro” modernas abertas para o exterior, mas é o mundo exterior, a “paisagem ao contrário” que transparece na intimidade, graças ao vidro, atuando como um elemento de ambiência.

De forma similar, outro depoimento aponta a importância da paisagem na sensação de conforto no banheiro:

Tem a vista, ali, você toma banho olhando as árvores. (Dani, 20, estudante, mora com a mãe, o padrasto e os irmãos)



Foto 89: Embora simples, a solução agrada aos moradores, possibilitando o descanso mental ao tomar banho, enquanto apreciam a paisagem ao redor.

Percebe-se já os reflexos da valorização dos cuidados com o corpo e com a mente nas relações das pessoas com os banheiros, que aos poucos transformam-se em espaços de prazer. O banheiro clama por um novo estatuto, onde não se permita apenas estar só ou, por outra, onde haja espaço para ficar à vontade, relaxar, arrumar-se, mas igualmente compartilhar, se for esse o interesse de quem o utiliza.

Relativa coerência formal, e por vezes predileção, invade o espaço dos banheiros¹¹², considerados, em geral, muito apertados, mas, fora isso, solucionados de forma aprimorada para as funções às quais se destina, mesmo nos casos em que são entregues ao proprietário de forma padronizada. A penetração estilística, ou seja, o conjunto de tendências e características formais, as maneiras de arranjar o espaço, as características estéticas, etc., adotado pelos donos da casa, bem como a forma de vivenciar o espaço doméstico compõem, em certa medida, a *gestalt* da família, evidenciando o espírito dos moradores, aquilo que se destaca como elemento que se repete, suas características predominantes, extensivos aos ambientes como os banheiros e, por vezes, áreas de serviço.

3.4.3 Área de serviço, um espaço ainda necessário

As áreas de serviço não foram apontadas, em nossa pesquisa, como locais importantes, sendo mostradas, em geral, como o ambiente que se mantém ainda mal solucionado, na casa, conforme comentado quando falamos sobre os espaços exíguos. Local do qual não se tem orgulho, talvez pela herança histórica na qual, simbolicamente, esse fazer era avaliado como algo “menor”, mantido por muito tempo ao encargo dos escravos, depois deixado como tarefa de responsabilidade das mulheres, que antes apenas as gerenciavam, dentre as camadas mais abastadas.

Durante as entrevistas, esses ambientes foram, em geral, mostrados de forma mais rápida que os demais ambientes, como locais de bagunça, de desarrumação, apertados, por vezes escuros. No entanto, são as áreas de serviço – esses espaços reduzidos, que muitas vezes se restringem a apenas um canto,

¹¹² Como pontua Salvatori (1996, p. 241): “A preocupação com o total arranjo da moradia, e com o traçado de uma certa unidade estilística entre os seus diferentes ambientes, parece estender os espaços de representação aos espaços mais privativos e áreas de serviço. Toda a moradia pode ser exposta aos olhares públicos, pois há investimentos proporcionais em cada uma das suas dependências. Como parece improvável que a exibição destes espaços, como banheiros e áreas de serviço, seja um fato regular, podemos considerar a hipótese de que há uma penetração estilística em todos os aspectos da vida cotidiana que leva à ordenação do mundo privado à feição do público”.

nas cozinhas – que servem de apoio às tarefas de limpeza da casa e da roupa.

Embora as tecnologias estejam facilitando grande parte das tarefas domésticas que, sendo estas padrões socialmente desenvolvidos, acabam por tomar um grande tempo que poderia ser utilizado para outras coisas, a participação dos homens e crianças, embora ascendente, ainda é restrita, e algumas tarefas se mantêm como um peso para a maioria das entrevistadas. Os cuidados com as roupas ainda se mantêm no final da lista, em termos de preferência das tarefas domésticas, não somente entre os homens, que raramente a assumem, mas igualmente entre as mulheres. Sempre que possível, utiliza-se o serviço de lavanderias ou de auxiliares, como apresentamos a seguir.

Limpeza e arrumação parecem ser importantes para a maioria dos entrevistados, nas variadas faixas etárias, mas sempre que possível ao menos parte da tarefa é deixada por conta de uma ajudante:

Agora passar roupa não é muito comigo, eu deixo para a diarista... aí ela faz o que tem que fazer, e eu sempre deixo um tempinho para ela poder passar, né? (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)

O mesmo que constatamos em nossa pesquisa foi observado por Salvatori (1996, p. 225), que comenta ocuparem as áreas destinadas à limpeza as fachadas menos valorizadas, mais escuras e sem vista. Além disso, o autor afirma não serem muito confortáveis funcionalmente, sendo, muitas vezes, pequenas demais. O depoimento de uma de nossas entrevistadas mostra a problemática instaurada quando a área de serviço não é adequada, comentando seu descontentamento com esse espaço¹¹³, ainda que seja utilizado mais pela auxiliar:

¹¹³ Ao referir-se às mudanças drásticas no setor de serviço, nas casas brasileiras nas últimas décadas, Veríssimo e Bittar (1999, p. 123) embasam o que os entrevistados apontam: “Não encontramos mais o cheiro de terra molhada, a sombra das grandes árvores, mas o constante asseio industrial [...] sem ventilação adequada e sem a presença do sol, eficaz agente saneador e branqueador de nossas roupas, agora substituído por agentes químicos. [...] A mão-de-obra é a máquina de lavar e secar, agora também mais acessíveis pois são nacionais e compradas a prazo, contratando-se uma passadeira diarista para executar o trabalho mais penoso, na mesma área abafada – sob as roupas penduradas em varais de alumínio, embuchados nos tetos rebaixados, numa versão atualizada da relação escravocrata”.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Ela é muito pequena. E comprida, muito comprida. O prédio é antigo, então não tem lugar para a máquina de lavar roupa, sabe? Então a minha máquina de lavar roupas está no quarto da empregada. Daí [a roupa] não seca e agora no inverno, um frio de fazer dó. É a parte problemática [no apartamento]. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)

Camargo (2003, p. 94) chama a atenção ao fato de que mesmo com a grande automatização ocorrida nas décadas de 80 e 90, em relação aos espaços de serviço doméstico, essas áreas ainda não se mostraram dispensáveis a certas funções, como lavagem de roupas e estocagem de materiais de limpeza.

Em apenas uma das moradias visitadas não encontramos área de serviço no apartamento, e sim uma área coletiva:

Lá em cima tem uma lavanderia. É uma graça, é uma lavanderia coletiva, tem quatro máquinas de lavar e tem um terraço enorme cheio de varais. (Camila Mara, 37, assistente social, solteira, mora só)



Foto 90: Solução diferenciada, a área de serviço coletiva é uma alternativa para minimizar o problema da falta de espaço.

Interessante perceber que o fato da área ser coletiva, o que talvez ainda cause algum tipo de constrangimento a alguém é, por outro lado, motivo de conhecer pessoas e desenvolver laços com a vizinhança, tornando-se um espaço de sociabilidade e troca:

A parte de serviço, é assim: às vezes, durante a semana, geralmente durante a semana, um dia eu subo para lavar a roupa e daí é um barato, que daí tem a vizinha daqui, que é uma senhora separada, que tem filhos grandes, ela é até esteticista [...] aí tem assim: homens solteiros, mulheres solteiras, mulheres com criança, mulheres casadas, com crianças, é um barato, assim. E você encontra alternadamente as pessoas. A hora que você vai por para lavar você encontra uma, depois a hora que você vai pegar a roupa para estender você encontra outra, é uma coisa muito legal. Desde o começo quando eu entrei aqui, falei: meu Deus do céu, lavar roupa lá vai ser um horror, né. [...] Você vai lá, se está tudo cheio, os varais, se não tem lugar fora ou está frio assim que nem hoje, as pessoas recolhem a roupa, colocam os grampinhos assim, dobram, colocam lá. [...] Prá mim foi uma feliz surpresa essa questão da lavanderia, do espaço comum. (Camila Mara, 37, assistente social, solteira, mora só)

O fato de as pessoas cuidarem das roupas, umas das outras, retirando-as do varal e deixando-as dobradas, quando precisam do espaço que estão ocupando, evidencia certa aprendizagem ou desenvolvimento de valores mais voltados ao compartilhamento. Valores que, via de regra, não se encontram entre os membros de uma mesma família, cuja carga de cuidados com a roupa comumente recai sobre uma mesma e única pessoa, seja ela a empregada, diarista, mãe ou pai.

Os *flats* – que são uma opção de moradia que se encontra entre um apartamento comumente pequeno e um hotel, por terem quarto, sala e cozinha mobiliados, mas não terem área de serviço, oferecendo os mesmos um esquema similar ao oferecido por hotéis, por vezes oferecendo espaços para o desenvolvimento de atividades esportivas e lazer, e mais recentemente incorporando espaços para reuniões. Lançados há mais de uma década por meio de folhetos de anúncios e jornais, não foram, no entanto, encontrados junto aos entrevistados, sendo uma tendência que parece ainda não ter sido consolidada nos imóveis para moradias definitivas de camadas médias, mesmo para as pessoas que moram sozinhas. Encontramos apenas a disponibilização de espaços para os cuidados com a roupa, em situações muito específicas de espaços bem reduzidos. A limpeza da roupa parece ser ainda questão de foro íntimo, para a maioria das pessoas, sendo que, muitas delas, não se sentem à

vontade para expor essa “intimidade”.

Se as áreas de serviço permanecem, existe um espaço que está em extinção, nas moradias das camadas médias: o quarto de empregada. Quando ainda existe, é cada vez mais reformado e transformado em depósito, escritório, ou um quarto a mais, para algum membro da família ou visita. Por vezes torna-se, ainda, quarto de costura. Em algumas moradias, esses espaços foram eliminados como tal, passando a ampliar algum outro espaço considerado menor.

Os banheiros dirigidos às auxiliares, no entanto, vêm sendo mantidos, para resguardar um espaço no qual a empregada, em geral diarista, possa se arrumar e deixar os seus pertences, sem invadir os espaços íntimos dos moradores. Mas, diferentes dos espaços de outrora, quando muitos tinham empregadas que dormiam no serviço, esses espaços são, por vezes, utilizados também pelos membros da família, para situações diversas, como espaço para guardar calçados, depósito de malas e de caixas contendo objetos de pouco uso, etc.

Várias e diferentes são as situações, mas a grande constatação é que, de fato, o serviço das diaristas está em expansão, entre as camadas médias pesquisadas, enquanto a empregada doméstica mensalista – seja por questões econômicas, legais, ou mesmo questões relativas à certa invasão de privacidade – vem reduzindo seu campo de trabalho e, muitas vezes, tornando-se diarista para garantir seu rendimento.

A manutenção de uma empregada mensalista foi encontrada em duas casas, apenas, entre pessoas de poder aquisitivo mais alto e com áreas de limpeza e arrumação independentes do corpo da casa, em geral próximas à cozinha, passando a empregada a maior parte do tempo entre a área de serviço e a cozinha, com horário definido para arrumação de cada um dos ambientes, em função da circulação das pessoas nos vários momentos do dia.

3.4.4 Empregadas domésticas: prós e contras na balança

A questão da dependência de serviçais, ou empregados domésticos, foi avaliada por parte significativa dos entrevistados como rompendo com a privacidade, sendo uma situação incômoda, um “mal necessário”.

A própria função de empregada doméstica, "domesticada", tem uma história de grande complexidade. Da servidão típica do Brasil da escravidão, mas com certas regalias e aproximação aos "patrões", ao padrão enquanto categoria profissional, com deveres e direitos, há um grande percurso, especialmente no caso brasileiro¹¹⁴.

A maioria dos entrevistados tem auxiliares semanais (diaristas) e, nesses dias, prefere ficar fora de casa, para não atrapalhar nem ser atrapalhado. Porém, também encontramos posturas diversas desta, em que as pessoas preferem ficar por perto, orientando o que deve ser feito:

Eu não deixo por conta dela, eu procuro ficar em casa, né: ah, vamos fazer isso daqui, vamos começar por aqui, porque se não ela não sabe nem por onde começar, nem por onde acabar, então eu faço o planejamento. (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)

Inúmeros são os depoimentos que demonstram as opiniões divergentes sobre o assunto, mas a preferência ainda é por sair de casa ou isolar-se em algum cômodo, para não atrapalhar nem ser atrapalhado pela empregada:

Eu procuro não ficar em casa [...] mas empregada ideal é aquela invisível, que quando você vê já arrumou tudo. Não gosto de ninguém, assim, estranho, dentro da minha casa. (Semírades, 31, comerciante, separada, vive com a filha e, eventualmente, o namorado)

Uma situação também encontrada refere-se às pessoas se isolarem, e aproveitarem o dia da auxiliar para fazerem outras coisas que não têm relação com os serviços da casa, considerando, nessas situações, estarem as auxiliares

¹¹⁴ A obra de Gilberto Freyre dá boas pistas sobre a construção desse papel.

há bastante tempo em suas casas, sendo desnecessário acompanhar o serviço. Com o passar do tempo, a confiança de que tudo vai ser feito a contento modifica a situação:

No início eu ficava muito junto, mas ela já está comigo há mais de 10 anos. Então ela já está tão acostumada a fazer as coisas que não precisa nem indicar. Geralmente quando ela está fazendo alguma coisa eu já vou fazendo outra, vou fazendo uma costura. Quinta-feira é o dia que eu não marco nada, porque é o dia da diarista, eu fico em casa o dia inteiro. Então se eu tenho alguma costurinha para fazer, vou abrir a máquina ou qualquer [outra] coisa eu faço nesse dia. E ela fica fazendo as coisas [da casa].
(Ermínia Enrica da Luz, 69, aposentada, viúva, mora só)

Contudo, para quem precisa dar conta da casa, sem uma auxiliar, já não é um grande e solitário drama, pois os outros moradores são levados a participar da limpeza e arrumação da casa:

Aquela história: limpa banheiro, limpa... eu não tenho empregada nem diarista, então eu faço tudo. Me divido com os homens, que só tem homens aqui, né? Então eles me ajudam um tanto, coisa da cota [de cada um]. Então eu sou, sou obrigada a fazer. Alguma coisa me é prazeroso fazer, não acho tão ruim assim, ou melhor... e outra coisa daí eu ligo no automático e não vou pensando e vou fazendo porque faz parte da vida e tem coisa que tem que fazer.
(Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

Trazemos uma manifestação bastante interessante, na qual o morador demonstra estar preparando uma planilha, para que a casa seja arrumada e limpa conforme seus interesses:

Inclusive eu estou fazendo um planejamento de limpeza para a casa, e como a casa é muito grande e ela é meio distraída, escapa algumas coisas. Não é que ela é distraída, é que ela começa a limpar um negócio aqui, daí ela vê outro negócio ali, daí já desvia do assunto, né? Então eu estava inclusive fazendo um planejamento de limpeza da casa. Olha, isso daqui é o que você tem que fazer todos os dias. Tem até uma planilha assim, então todos os dias o que você tem que fazer. Chega, abre as janelas, faz isso, faz isso numa determinada seqüência, inclusive para ela economizar o tempo, porque ela só trabalha quatro horas, de manhã. Ela tem que otimizar. Agora, eu não fujo quando, por exemplo, ela está fazendo as coisas dela, na realidade eu fico na

minha onde eu gostaria, mas fico olhando o que ela... o que ela está fazendo. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)

Embora sendo uma das exceções, que parece não se incomodar com a presença da empregada, no universo pesquisado, acreditamos ser importante trazer depoimentos como o dele, para demonstrar que há uma tendência forte de redução e simplificação das rotinas de limpeza da casa. Cada indivíduo busca a melhor maneira dentro do seu nível de exigência e contando com o auxílio daqueles com os quais pode contar, sejam empregadas, diaristas ou familiares. Essa idéia de planejamento remonta aos tempos iniciais do feminismo, em que manuais procuravam racionalizar as atividades, liberando um pouco as mulheres da lida cotidiana.

3.4.5 Terraços, varandas, sacadas, lareiras

Também os terraços, sacadas e varandas surgem como locais de importância para as pessoas acima dos 25 anos, dividindo a preferência com algum outro espaço, de forma especial para moradores de apartamentos, os quais, muitas vezes, definiram a aquisição de suas moradias em função da existência deles. Trazemos alguns comentários sobre esse assunto:

Eu tenho uma adoração pela sacada, que agora está uma bagunça [...] mas eu acho o local mais legal, desde que eu me mudei, assim, tenho vontade de botar um banquinho, ali, uma arvorezinha, passar horas lendo, ali, sabe? [...] Mas a gente acaba passando mais tempo nos quartos, mesmo. No computador, no quarto do computador, e no quarto da televisão, que ali tem a cama, coisa e tal. (Tatiana, 27, analista de sistemas, mora com o marido)



Foto 91: A sacada, utilizada como depósito, a despeito de todo o interesse que se tem em utilizá-la melhor.

A intenção de uso não confere com a própria utilização (e isso se repete com as moradias que têm banheiras de hidromassagem, que permanecem, ao longo dos anos, praticamente sem uso).

No entanto, em uma cidade onde o inverno é rigoroso, e o clima é ameno apenas em uma parte do ano, a questão climática acaba sendo restritiva à utilização da sacada:

No verão eu gosto muito da varanda, eu boto uma rede ali, o arzinho fresco, né, mas só no verão, também, porque em Curitiba o tempo normalmente não é quente, não é agradável. (Carlos Alberto, 49, empresário da const. civil, mora com esposa e filhos)

Outra entrevistada comenta:

Gostamos de vez em quando de tomar um vinho na sacada do meu quarto, que é um lugar que a gente curte! (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

Afirmando também gostar da sacada, na qual tem uma churrasqueira, uma entrevistada confirma seu interesse em fechar a sacada com vidro, para

ganhar mais espaço de utilização interna, reforma comum em muitos dos imóveis em Curitiba, em função do frio em grande parte do ano.

As sacadas e lareiras parecem ser portadoras de uma espécie de fetiche:

Eu adoro lareira, né, foi uma coisa que me prendeu de comprar [...] eu fiquei empolgada quando eu vi a lareira, porque no Rio não tem, né, tem churrasqueira, mas lareira não. [...] Então eu vi a lareira em Campos do Jordão, que a minha família morou lá muitos anos. Então isso aí também foi uma das razões pela qual eu comprei o apartamento. (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)



Foto 92: A imagem foi tirada de forma a manter a privacidade da entrevistada, que solicitou que alguns detalhes fossem preservados. De qualquer forma, documenta a sala de estar, local em que se encontra a lareira.

A entrevista foi extremamente rica, quase um depoimento de vida. Entretanto, não foi possível capturar o universo visual, senão de longe, apenas na sala de estar, e com luz insuficiente para viabilizar uma imagem nítida. Sua sala é

um espaço cheio de detalhes ricos, que demonstram um pouco do que ela é. Sobre a mesa rústica de centro, maçãs gigantes em cerâmica alegam o ambiente. Os tons de paredes, os quadros cuidadosamente colocados, peças do mobiliário antigas, e outras mais novas compõem a sala de quem um dia estudou decoração, chegando a ajudar pessoas conhecidas a compor seus ambientes. Em cada canto da sala, peças especiais, artesanato rico de lugares diversos por onde passou, mas que não puderam ser registrados em separado¹¹⁵.

Mudando os móveis de lugar, assim como os objetos, quando acha que é hora de mudança, ela mantém, entre os objetos da sala, almofadas que fez há muito tempo, os objetos preferidos, apresentados mais à frente, quadros ganhos do marido, cada qual contando um pouco de suas histórias. Um armário triangular próximo à porta evita olhares indesejáveis de quem esteja no corredor (ela mora no térreo, local de passagem) para seu apartamento, a sala de jantar, rústica e aconchegante, assim como o jogo de estar, peças de decoração, anjos, sóis e estrelas, dos quais gosta muito (tem muitos anjos nos quartos, nas paredes, na porta de entrada, pelo lado de dentro) e um sino de vento.

Para alguns dos proprietários, cujos apartamentos não têm sacada e/ou lareira, ambas aparecem como um desejo para uma moradia futura, significando uma ligação com o espaço exterior, mesmo no caso de apartamentos com janelas amplas e bem iluminados e ensolarados:

O que não tem aqui é uma lareira, mesmo. Para Curitiba precisava ter uma. [...] eu tenho uma estufa que dá para instalar, mas como a casa não é minha, eu não posso quebrar parede, então... (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

Eu adoraria um apartamento com um terracinho... adoraria! (Laura Maura, 45, assistente social, solteira, mora só)

3.5 Arranjos espaciais preferidos: as escolhas dos entrevistados

Após entrarmos nos diferentes arranjos domésticos, buscando

¹¹⁵ Notas do Diário de Campo.

compreender a forma como são utilizados e valorizados, e as mudanças que vêm se processando, procuramos entender, de forma mais direta, quais os espaços preferidos pelos entrevistados, nas situações em que as escolhas foram evidenciadas.

3.5.1 O quarto: quase uma unanimidade entre os mais novos

Sobre a questão do espaço preferido, na casa, ela é fortemente diferenciada pela faixa etária dos entrevistados. Dos 14 representantes da faixa que vai dos 13 aos 24 anos, apenas um deles não citou o quarto como local preferido, justificando sua escolha por uma questão de falta de espaço e equipamento para o desenvolvimento de atividades que lhe são importantes, em seu quarto, como a utilização da internet e tocar guitarra, atividades que desenvolve simultaneamente, baixando da internet as músicas e partituras para estudar e se desenvolver no campo da música.

Embora importante, e a despeito do que suspeitávamos, nem sempre o computador é definidor do espaço preferido, para a faixa mais nova, que escolhe em geral o quarto, pelo prazer de estar em seu território, destacando a posse e o domínio:

Meu quarto. [...] E nem sinto tanta falta assim do computador [que fica no escritório], é mais meu irmão que usa. Se eu tivesse que escolher um dos dois, escolheria o meu quarto, com certeza. Tudo no meu quarto eu gosto, não tem uma coisa que eu não goste. (Gabi, 19, estudante, mora com a mãe e o irmão)



Foto 93: Identidade é a palavra que exprime o sentimento da entrevistada em relação ao seu quarto. Tudo que ali está colocado revela e fala muito sobre ela.

O quarto da entrevistada expressa sua expansividade, sua adolescência, seus interesses e gostos, sendo, nesse sentido, um espelho do momento pelo qual está passando: bichos de pelúcia, telefone, um pufe bem grande compõem o quarto. Mas há forte influência da mãe para manter os ambientes, na casa, dentro de uma coerência estética em relação aos demais espaços da casa. Não sendo um “reino” do individual, é um espaço que expressa identidade:

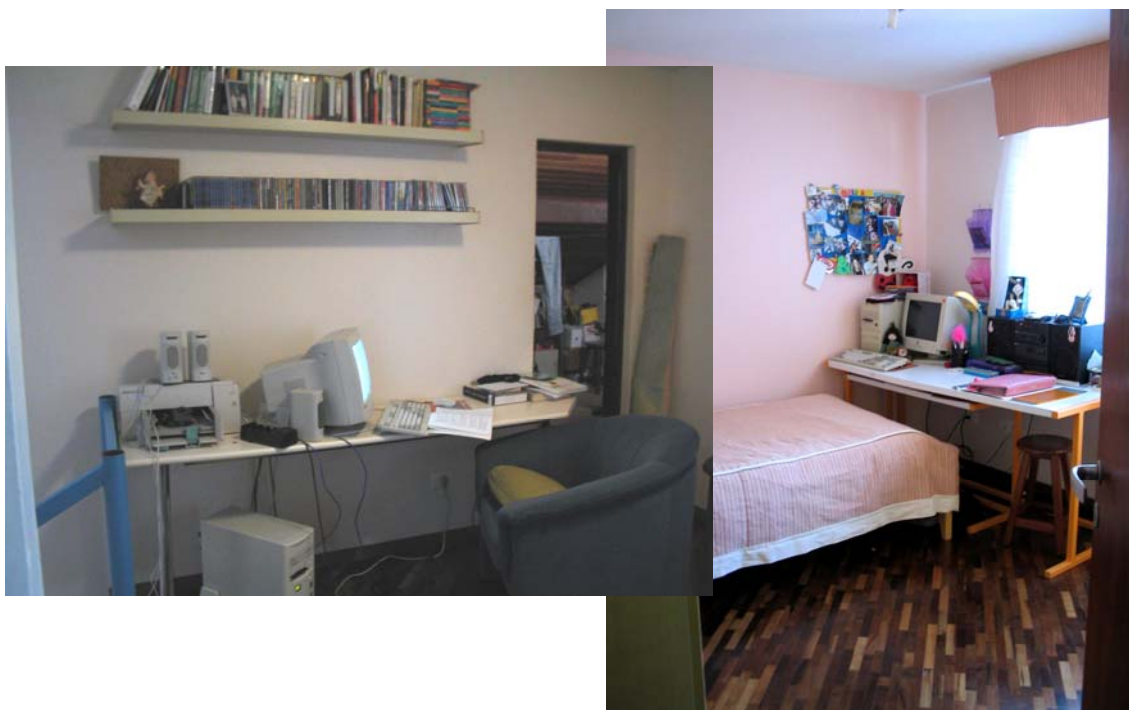
Eu gosto das coisas mais [...] chamativas, assim, sabe, eu gosto de cores. [aqui tem] mais o ladinho da mãe né. Se eu pudesse pintar todas as paredes do meu quarto de colorido, eu pintava, mas como, né, a mãe não ia gostar muito... Se eu pudesse colocar uma parede amarela, alaranjada, aqui, eu colocava (risos). Se tivesse uma coisa mais colorida, ia ficar uma coisa mais com a minha cara. (Gabi, 19, estudante, mora com a mãe e o irmão)

Já uma outra entrevistada fica dividida entre dois espaços, o quarto e a

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

salinha do computador, em termos de preferência. O projeto da casa previa uma sala íntima que acabou se tornando a sala do computador (ou de estudos), compartilhada com os irmãos:

O quarto e o [espaço onde fica o] computador. Eu gosto porque é confortável, e eu sou viciada em internet, e eu tenho um monte de trabalhos da faculdade para fazer, sempre. Sempre no computador. Pesquisa. E eu faço tudo aqui [ela mostra o espaço enquanto fala]. Eu gosto dessa mesa, eu gosto bastante. Porque às vezes tem trabalho, tem um monte de livros e eu ponho tudo aqui. (Cati, 18, estudante, vive com a mãe, o padrasto e os irmãos)



Fotos 94 e 95: O escritório e o quarto da entrevistada. No quarto, um computador sem uso. No escritório, o espaço em que passa grande parte de seu tempo.

Por um lado, entre os motivos de ela gostar do espaço está o fato justamente de não ficar isolada dos demais membros da casa, e poder se espalhar. Contudo, ela revela que isso tem um lado ruim, de barulho em vários momentos, da mãe chamá-la a qualquer tempo, quando está fazendo seus trabalhos ou conversando virtualmente com amigos.

Outro jovem também prefere o quarto por ter, ali, tudo o que considera importante:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

O meu próprio quarto, eu acho que é o meu lugar preferido. Porque tem tudo o que eu quero. O que eu preciso, acho que aqui eu me sinto melhor. (Rick, 23, estudante, mora com os pais e irmão)



Fotos 96 e 97: O quarto, evidenciando a TV e o aparelho de som. Na segunda foto, a prancheta, a escrivaninha e o computador.

Sentir-se melhor tem a ver com sua demanda, que parece ser atendida com as coisas que compõem o quarto, bastante amplo: mesa, computador, aparelho de som e prancheta, armários e enfeites que foi acumulando ao longo da vida. Bem iluminado e arejado, é um ambiente no qual se sente bem, tanto para o trabalho (como *free-lancer* e trabalhos da faculdade), quanto para o lazer. A prancheta expõe o que faz, mas a estética do quarto é bastante condizente com os demais espaços, ainda que ele tenha participado da escolha dos elementos que o compõem.

No entanto, como afirma Santos (2002), as alterações espaciais não são dependentes exclusivamente do surgimento de novos objetos, mas de novas formas de ação que acabam por modificar o lugar, e nisso as funções do quarto se ampliam, uma vez que o acesso no sentido de ir e vir aos quartos dos adolescentes vem crescendo.

O motivo que leva outro jovem a passar a maior parte do tempo em que fica em casa, no quarto, é explicitado pelas mesmas razões:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

É no quarto, noventa por cento. Eventualmente eu assisto a algum filme, na sala, [...] na maioria das vezes eu fico no quarto, porque eu tenho tudo. Tudo que eu preciso está aqui em volta.
(Cadu, 24, estudante, mora com os pais e a irmã)



Foto 98: Vista do quarto, em que muitos objetos de coleção e importância estão à mostra. À direita, o computador, um dos motivos que mantêm o entrevistado a maior parte do tempo no local.

O quarto do entrevistado é um retrato das coisas que lhes são importantes: fotos em família e da namorada, objetos trazidos de viagens pelos seus pais, ou comprados por ele, cada grupo de coisas arrumado em local específico, equipamentos computacionais voltados ao *design* gráfico. Uma iluminação específica para facilitar a visualização da tela foi providenciada, deixando o quarto escuro mesmo durante o dia. Esses elementos, juntos, evidenciam várias de suas facetas, sejam elas a de trabalho, o apego à família e à namorada, o gosto pelo ambiente mais escuro, talvez reflexo também de sua timidez. O quarto foge aos padrões encontrados nos quartos de rapazes, por

conter um número expressivo de objetos de decoração. Além dos objetos que marcam as viagens em família ou do casal, o entrevistado coleciona corujas, que ficam sobre uma prateleira, e máscaras, dispostas na parede.

Pode-se perceber que predomina pouca iluminação, preferência do entrevistado, contrastando com a quantidade exarcebada de luz que entra pela porta de acesso ao corredor externo da casa. Destaca-se, na montagem em 180°, parte de uma foto que ele tirou de sua namorada.

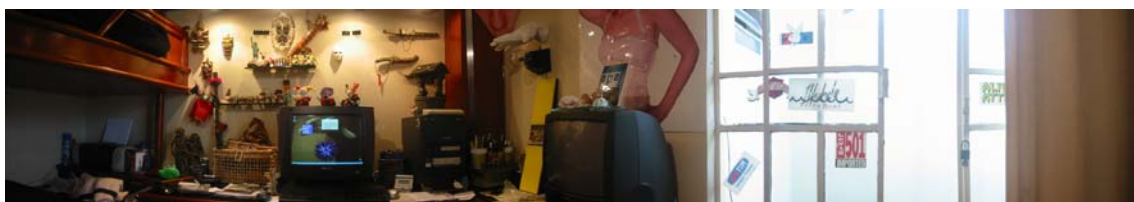


Foto 99: Vista do quarto em 180°, montagem feita e cedida pelo entrevistado.

Os motivos que levam outra entrevistada a preferir seu quarto talvez tenham a ver com a idéia de ter tudo o que precisa ali, assim como os outros dois, mas, ao mesmo tempo, poder se espalhar, se “esparramar”:

Eu acho que eu gosto de me espalhar, para poder organizar tudo, então eu espalho tudo. Eu não posso fazer isso em outro lugar, eu tenho que estar num lugar meu, daí eu fecho a porta e fico horas lá dentro, arrumando e organizando. (Lena, 20, estudante, mora com os pais e irmãos)



Fotos 100 e 101: O quarto da entrevistada representa o lugar no qual pode se “espalhar” e ficar à vontade.

Não há como “carregar” o que precisa ser espalhado, há necessidade de se ter um espaço onde isso seja possível. Não apenas o sentimento de liberdade permeia as falas dos adolescentes e jovens apresentados, mas a idéia de se ter, num mesmo local, tudo de que precisam. Eles parecem reproduzir, em seus quartos, a casa dentro da casa, criando um microcosmo que, sendo seu, nem por isso deixa de combinar com os demais, visto que as definições são comumente compartilhadas.

No quarto da garota, alguns padrões são parcialmente rompidos. O mobiliário é feito em tons amadeirados e um sapo verde fixa-se à janela. Não há a quantidade de fotos e bibelôs comumente encontrada em quartos de garotas, e

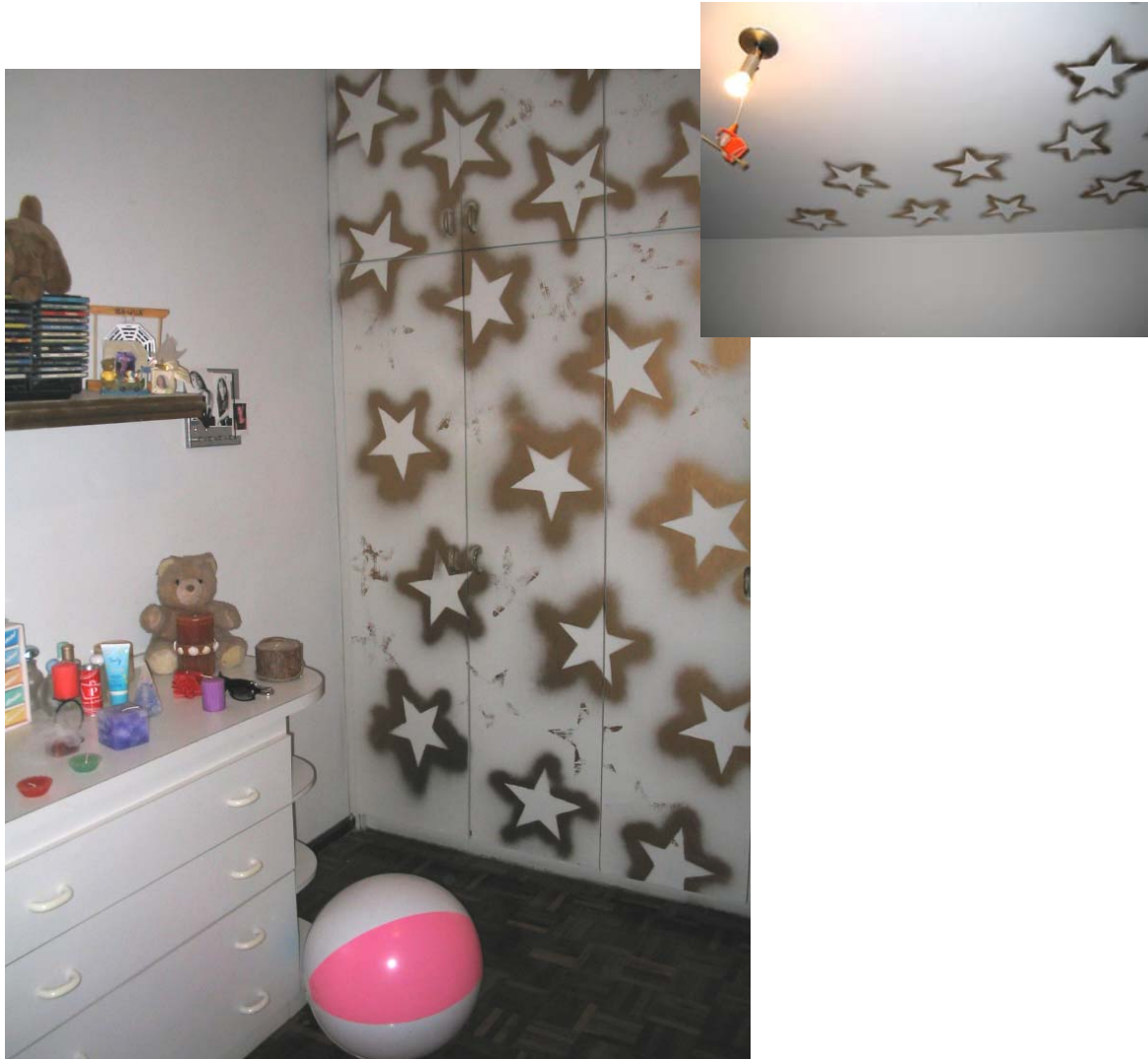
destaca-se apenas um bicho de pelúcia, diferente dos demais quartos de garotas visitados. No entanto, o *voile* da cortina é em tom rosa bem mais suave do que a existente no quarto da irmã, assim como a colcha e o quadro, na parede, é de uma bailarina, temática bastante feminina. A mala, sempre em meio do caminho, permanece no chão, pois as viagens apressadas fazem parte de sua profissão. Embora existam sobre o balcão porta-retratos, são em pequeno número e contemplam fotografias em família. A chave do carro, o estojo de CDs e os óculos escuros denunciam certa autonomia da jovem.

Outro entrevistado apresenta motivos diferentes dos demais para escolher seu quarto. No caso, são as lembranças felizes que tornam o quarto um espaço especial, tendo a ver, por conseguinte, com a memória:

Ele traz muita felicidade, muito boas lembranças [...] Às vezes eu toco um CD, alguma coisa assim, que me reflete um período legal, bom para a minha vida, então eu gosto das memórias que essas coisas na casa me trazem. Isso seria o máximo que eu chego, assim, de apego material. (Luca, 23, estudante, mora com a mãe e a irmã)

Independente deste último, o motivo explicitado para a preferência, na maioria dos depoimentos, é o fato de terem domínio sobre o espaço, de poderem fazer o que tiverem vontade, de bagunçar ou arrumar à sua maneira, o que não acontece com os demais espaços da casa, quando a maioria no máximo opina sobre as idéias de seus pais. Uma das adolescentes deixa isso bastante claro, como razão de sua preferência:

Meu quarto, porque a minha mãe sempre deixou a gente fazer o que a gente queria no quarto. E eu sempre coloco tudo o que eu quero, assim. Mudo de mês em mês. (Helô, 17, estudante, mora com a mãe e o irmão)

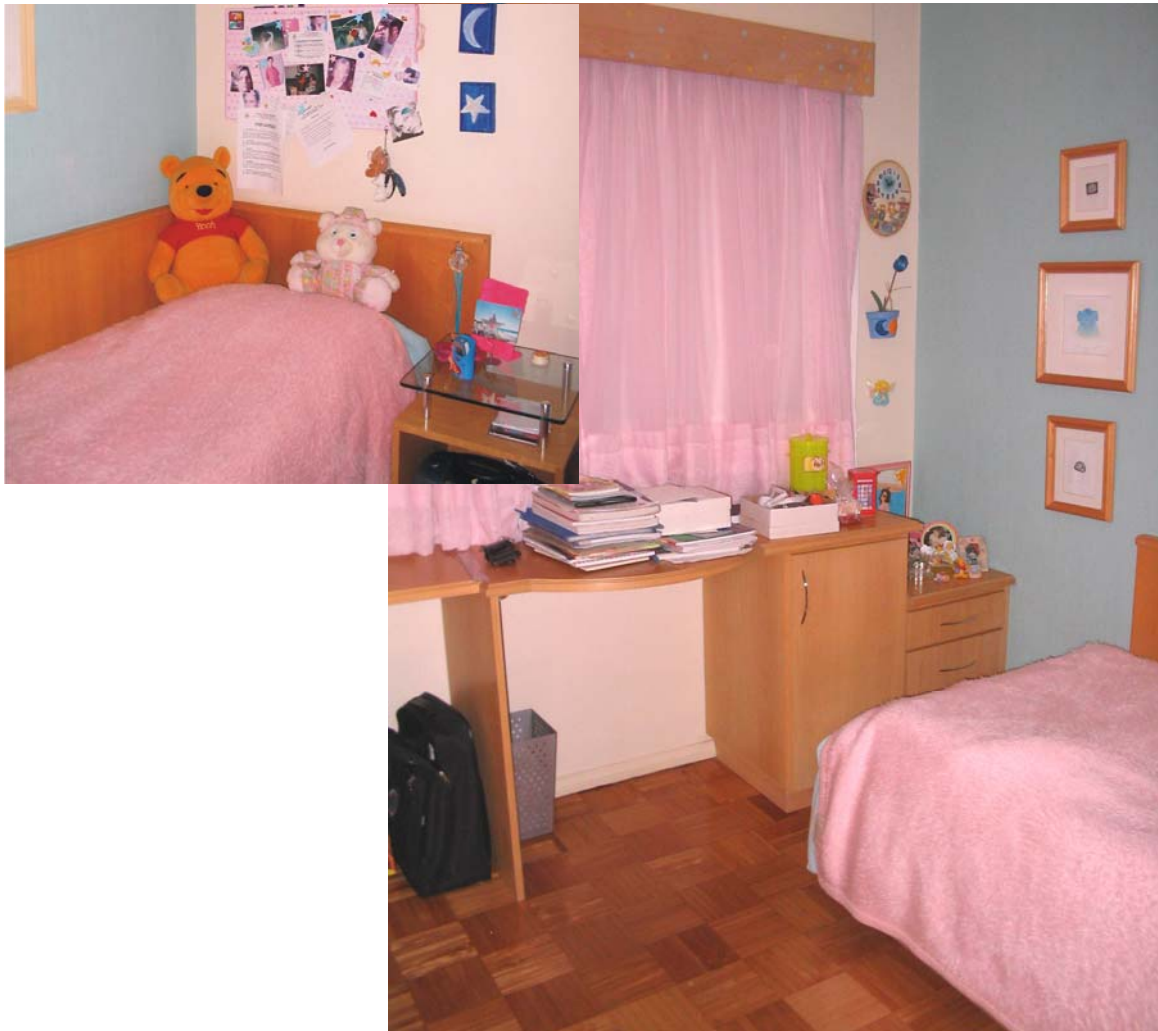


Fotos 102 e 103: O quarto da adolescente entrevistada. Na foto menor, detalhe da parede pintada por ela, da mesma forma que o armário.

O quarto vai acompanhando as suas próprias mudanças, sofrendo atualização periódica em razão da forma “camaleônica” como ela vive, reflexo da adolescência e da liberdade para interferir no seu espaço pessoal. Espaço e indivíduo espelhando-se, dinamicamente. Uma adolescente comenta o valor de seu quarto, para ela:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Não tem uma coisa assim que eu goste mais, eu gosto de meu quarto inteiro [...] eu adoro ficar deitada na minha cama. (Ju, 13, estudante, mora com os pais e os irmãos)



Fotos 104 e 105: Fotos de partes do quarto de uma adolescente entrevistada, um estereótipo de quartos de meninas adolescentes.

No quarto, os tons de rosa sobressaem juntamente com elementos característicos da idéia de “ser adolescente do sexo feminino”: fotografias e imagens de galãs e amigos, bichos de pelúcia, flores, enfeites com luas e estrelas – estes colocados tanto na parede quanto no bandô da cortina – bibelôs (ursinhos), porta-retratos e figura de anjo da guarda. No entanto, há uma evidente interferência da mãe que, além de auxiliar a filha na definição do mobiliário,

negociou com ela a colocação, nas paredes de seu quarto, de quadros de uma artista paranaense que desenha pequenas peças de vestuário feminino e imagens de gnomos/crianças/seres da floresta, entre outros. A mãe coleciona gravuras, por gostar bastante, e a colocação delas nas paredes faz parte da *gestalt* da casa.

Assim como no caso anteriormente apresentado, o que encontramos de fato nos espaços dos adolescentes foi uma liberdade de arranjar o quarto bastante “compartilhada”, pois em linhas gerais o arranjo desses espaços passa por uma negociação junto aos pais, principalmente as mães, e comumente o quarto não se distancia, em termos estéticos, do restante da casa (a *gestalt* da família se estende pelos espaços “pessoais”). Conforme Guimarães (2005):

Na realidade dos quartos, a perpetuação de uma “*gestalt*” da casa e da família se sobrepondo aos gostos individuais predomina. Assim, o quarto adolescente mantém um *continuum* com a casa, mais do que representa as mudanças marcantes da fase da vida em que estão, ficando em uma relação harmônica e equilibrada com os demais ambientes da casa, talvez refletindo, ainda, as relações que se estabelecem entre pais e filhos, nas quais a maioria dos pais ainda define grande parte dos arranjos, embora já com alguma participação dos filhos.

Aparentemente não há distâncias marcantes nem mesmo em termos de arrumação, entre as salas e os quartos dos adolescentes ou jovens, feita a ressalva de que os entrevistados haviam sido avisados previamente da visita.

Surgem como elementos importantes nos seus quartos, determinados elementos de comunicação: aparelhos de som, telefones, televisores e *videogames* se destacam dentre eles, sendo os aparelhos de som presença unânime. Os telefones sobressaem de forma bastante marcante no quarto das meninas e os *videogames* nos quartos dos meninos, reforçando uma idéia, bastante utilizada na mídia, das diferenças entre os sexos em relação às opções estéticas e práticas sociais. É preciso considerar que, também, as escolhas têm relação com a forma como as sociabilidades foram se estabelecendo; a criação, muitas vezes, voltada para condutas diferenciadas.

Queremos crer que, hoje, diferentemente do que vivenciou uma geração

atrás, outras são as cores, outras são as formas do adolescente e do jovem estarem em casa, no território que é de seu domínio. Um espaço de convívio e lazer, um espaço de “receber” amigos, de conversa, diversão, trabalhos, espaço também do estudo em grupo, do compartilhamento e não mais de isolamento. A área íntima abre-se, em alguma medida, vira “sala de visita”, vira “espaço de TV”, ou, ainda, “sala íntima”, privilegiando os mais diferentes momentos. Espaço que talvez possa ser preparado para os diversos olhares dos visitantes, que o adentram de forma muito mais livre e informal do que era costume há uma década ou duas atrás¹¹⁶.

Igualmente, entre os entrevistados dos 25 aos 35 anos, a idéia de conforto, no quarto, sobressai, e a cama é um local de lazer, para muitos, que passam parte significativa de seu tempo livre lendo ou assistindo TV, alguns inclusive, lanchando nesse mesmo espaço.

Sobre utilizar o quarto como espaço de fazer de tudo, trazemos um dos depoimentos:

A gente passa bastante tempo no quarto, tipo a gente assiste televisão, e fica conversando bastante, aí come no quarto, também. (Tatiana, 27, analista de sistemas, mora com o marido)



Foto 106: O quarto do jovem casal, utilizado para o repouso, lazer e consumo de alimentos.

¹¹⁶ Este parágrafo foi extraído de um artigo nosso publicado em CD Rom, cujos subsídios utilizados foram extraídos da tese. Encontra-se, nas referências, em Guimarães (2005).

Fundamental expor que esse mesmo casal adquiriu uma sala de jantar, mas que ainda não desenvolveu o hábito de utilizá-la:

A gente ficou tipo três anos comendo na cama, assim, e a gente não criou o hábito, ainda [de usar a mesa] a gente chega e coloca as coisas, ali, só, não criou o hábito. (Tatiana, 27, analista de sistemas, mora com o marido)

A cama é, assim sendo, multifuncional: local de leitura, de descanso, de assistir à televisão, mas também de consumir a alimentação. A mesa da sala de jantar serve como móvel de apoio para “largar” as coisas quando se chega a casa.

A exceção, nesta faixa, é uma das entrevistadas que já tem uma filha de seis anos. Para ela, a sala íntima e a sala de visitas são os locais preferidos para ficar ao lado da filha, seguidos da cozinha, como espaço preferido de convívio com o grupo de amigos; e do jardim, onde brinca com o cachorro. As preferências de seu namorado, que passa mais da metade da semana na casa dela, são coincidentes.

Mas a utilização do quarto como espaço de lazer não é prerrogativa de uma faixa específica, nem de quem não tem outras opções: o uso se distribui igualmente pelas faixas, apenas tendo uma concentração maior nas faixas que cobrem dos 13 aos 35 anos.

Trazemos o depoimento de um dos representantes da faixa etária acima dos 35 anos, sobre os motivos da escolha do quarto, que são semelhantes aos de vários dos entrevistados que preferem a sala íntima, seja a possibilidade de ficar à vontade, a “produção” de uma postura mais solta, de descanso e lazer, simbolizando liberdade:

Na minha cama... fora dormir. [...] Eu encosto as costas na parede, ponho almofada, e fico ali, tomando chimarrão na cama. Eu saio dali tipo 9 horas, assim, né? E quando eu quero ler alguma coisa, eu ponho o livro no chão e deito de bruço na cama. Então a cama é um lugar, assim, para leitura, é um lugar que eu me sinto bem. Para assistir TV, também ali. Só para jantar, para comer, aí, sim [ele vai para outro ambiente, sofá ou mesa] ou depois de almoçar, eu encosto ali [na cama] e fico vendo tv. A cama é mais lânguida, assim, mais atirada, mais à vontade.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Leitura, não fazer nada... é diferente. (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)



Foto 107: Mesmo tendo uma cadeira, próximo à cama, é na cama que o entrevistado gosta de ler, “esparramado”, e mesmo para assistir TV.

A postura mais solta fica evidenciada mesmo na fotografia, em que uma bolsa, calçados e roupas por guardar são mantidas expostas. Vale lembrar que não existem paredes, na casa desse arquiteto, e que a TV fica no ambiente da sala, próximo ao ambiente do quarto, o que parece fundir os dois ambientes, em termos de conforto e função. A forma de ser do entrevistado irradia-se por todo o espaço da moradia. Praticidade e conforto (perceba-se a presença de uma estufa, próxima à cama) são palavras de ordem, mas uma estética de atualização e bom gosto estão nitidamente presentes em cada detalhe da sua moradia.

Interessante perceber como o móvel de dormir assume outras funções, ainda que existam móveis específicos para os demais fins.

Outra entrevistada evidencia a valorização do quarto trazendo a idéia de atualização tecnológica amarrada a conforto, exposta pela colocação de um

aparelho de televisão e de um aparelho de ar-condicionado nele:

Adoro o meu quarto. Tanto é que tem até televisão no meu quarto, aliás, é o segundo lugar da casa que tem ar condicionado. É para ser um lugar bem aconchegante, tanto no frio quanto no calor, a minha cama é deliciosa, ela é assim... maior do que o tamanho padrão, a gente gosta de ver televisão na cama, gosta de comer na cama. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)



Foto 108: O quarto, local onde o conforto é buscado com grande utilização por parte do casal, inclusive para o consumo de petiscos.

Fora as questões tecnológicas evidenciadas como importantes na valorização do quarto, comer enquanto assiste a algum filme é uma atividade feita não apenas pelos entrevistados mais jovens, citados anteriormente, mas também pelo casal de meia idade, no conforto do espaço de grandes dimensões e que permite controlar a temperatura, fugindo ao frio (o inverno em Curitiba é rigoroso) ou ao calor intenso. Similarmente, ter uma cama maior, representando mais espaço para descansar e relaxar, é fundamental ao casal. Chamamos atenção ao

fato de que o quarto fotografado poderia ter saído de uma revista, demonstrando não apenas um diferencial, em termos de gosto, mas igualmente uma arrumação cuidadosa. A colcha e as capas dos travesseiros, em algodão, denotam um cuidado por materiais naturais. Na prateleira, sobre a televisão, estão dispostos frascos de perfume que demonstram o padrão de vida do casal (visíveis, na imagem, somente com grande aproximação).

Espaço e controle de temperatura são questões que valorizam o ambiente dos quartos, e a questão da cama, mais ampla do que os padrões instituídos pelo mercado, foi citada por vários dentre os entrevistados como elemento que torna o quarto especial.

Também a idéia do quarto como local preferido para leitura é recorrente, por motivos variados: aconchego, conforto ou iluminação, ou seja, razões simbólicas e funcionais:

“[O quarto] Tem um bom tamanho, é bem ventilado, bem iluminado [...] adoro ler na cama, e às vezes assistir televisão”.

(Laura Maura, 45, assistente social, solteira, mora só)

“Gosto de ler na cama, por exemplo, antes de dormir. Então é um horário especial, prá mim, que eu curto ficar ali naquele cantinho”.

(Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)

“Depende da hora. Bom, tem horas, assim, que eu gosto de estar no quarto. Depois das oito e meia, nove horas, eu gosto de ir pro quarto, porque é lá que eu mais leio”. (Carmem Silvia, 46, artista plástica

e prof. universitária, mora com o segundo marido e filhos)

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 109 a 112: Nas duas fotos de cima, o quarto amplo de uma entrevistada (o primeiro dos três depoimentos) visto a partir de dois ângulos diferentes. Na terceira foto, o “cantinho” de uma entrevistada. Na última foto, o quarto do casal, local preferido para o repouso e a leitura da entrevistada.

Encontramos camas a rés do chão em apenas duas situações. Em ambas, as moradoras, vivendo sozinhas, mantêm camas de casal.

Evidenciamos ter a valorização dos quartos relação direta com o uso pretendido, ligado a razões funcionais, ou afetas ao uso. Os quartos de adultos de diversas idades, cujas imagens são aqui apresentadas, refletem diferentes gostos e estilos, bem como evidenciam diferenças em termos de possibilidades financeiras. Independente de qual seja a possibilidade econômica, a idéia de

conforto está permeada, também, pelo bem-estar em relação à estética desses ambientes: a forma e as cores, as texturas, o tipo de mobília, a iluminação, os objetos neles colocados, os espaços cheios e os espaços vazios, como alternativa ou possibilidade.

Os espaços mais utilizados acabam por traduzir-se, via de regra, em espaços com mais aparatos tecnológicos, sobretudo de comunicação e/ou mesmo mobiliário mais confortável, em termos ergonômicos, ou seja, nas relações entre ele (mobiliário) e as pessoas, objetivando segurança e eficiência na interação. Comumente, são lugares cuja iluminação e ventilação correspondem aos interesses daqueles que os elegem, nem sempre regida pela funcionalidade ou ergonomia, mas dentro da noção do que lhe seja agradável.

Salientamos que tanto nos casos em que os filhos moram com um dos pais, como com ambos, é comum encontrarmos um quarto para cada um dos filhos, eventualmente com banheiro só para si. Exceção encontramos em duas situações, em que o espaço não permitia (situação em que dois dos filhos dividiam um mesmo espaço, e um terceiro tinha um quarto só para si) a cada filho ter seu próprio quarto.

A preocupação com os filhos chega ao ponto de um dos pais entrevistados, que cria seu filho adolescente, ceder sua suíte para ele, para que possa receber os amigos e se “espalhar”, ficando com o quarto de solteiro para si¹¹⁷. Em uma outra situação, em que sobra espaço, na casa, o filho de nove anos ganhou uma cama de casal, para poder ficar mais à vontade e ter mais espaço, evidenciando a preocupação, por parte dos pais, em oferecer o máximo em termos de conforto e espaço para o seu desenvolvimento.

A importância dos quartos privados – apontada por Habermas (1984)

¹¹⁷ Em seu cotidiano, acorda cedo, prepara o café e, após o filho ir para a escola, arruma o apartamento. Passa a manhã em casa e, quando possível, prepara o almoço. Como trabalha com Representações Comerciais, aproveita a manhã para preparar sua agenda de trabalho, sempre à tarde, até mais ou menos 17 horas. Depois de pegar o filho na escola, almoçam juntos e inicia seu trabalho externo. A moradia é, para ele, a coisa mais importante, o lugar no qual quer estar sempre, passando a maior parte do tempo no apartamento. Acredita que, em termos de espaço, o apartamento cumpre a função básica de conforto necessário, mas falta-lhe o jardim. (Anotações do Diário de Campo)

como elemento que transforma o espaço da casa em algo mais habitável aos membros, individualmente, com a valorização do isolamento de cada membro da família, certamente tem ganhos e perdas. O indivíduo ganha em privacidade e na possibilidade de expor algo sobre si, mas a família perde em contato, com a redução do convívio em momentos que, antes, eram compartilhados e menos definidos. Juntamente com a questão da liberdade, indicada por Baudrillard (1968), quando comenta a respeito dos interiores “modernos” – em que uma nova moral passa a definir os comportamentos, fazendo com que as “funções culturalizadas” se sobreponham às viscerais – tornam-se nítidos nos interiores visitados e fotografados, e mesmo nas falas dos entrevistados.

3.5.2 Um lugar para cada coisa: variações etárias

Na faixa etária que engloba pessoas dos 25 aos 35 anos, e principalmente a partir dela, os espaços preferidos já não são os de isolamento, mas há um equilíbrio, e surge um espaço preferido para cada situação: de descanso, de divertimento e lazer, de convívio – os dois últimos em geral coincidentes; as áreas onde se desenvolvem as atividades de higiene e limpeza, ou arrumação; as de preparo e consumo da alimentação; e, finalmente, as de trabalho.

Uma entrevistada evidencia uma ordem para as suas preferências:

Assim, digamos, em escala: o quarto, a cozinha, porque se instituiu mais ou menos que é o meu território, sou eu que preparo as refeições, e tal, né, então... gosto especialmente da cozinha quando estou cozinhando [...] e o escritório, na verdade eu queria que ele fosse maior, me dá uma certa claustrofobia, ele é muito estreitinho. [...] E na sala também, mais por causa do som, curto um pouco. (Pâmela, 34, professora, mora com a companheira)

Embora, a partir dos 25 anos de idade a idéia de mais de um espaço preferido tome forma, é no grupo acima dos 35 anos que ela parece se consolidar de forma mais efetiva:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Gosto dos três espaços: a sala, por ser o ponto central da casa, onde todos se encontram; meu quarto, pela privacidade e sossego; o escritório, pelo trabalho. (João Luiz, 47, eng., mora com a esposa e filhos)

Uma objetividade cerca a sua fala, para quem a casa é o espaço mais importante da vida, espaço de estar em família. O lugar para onde retornar, sempre, considerando que seu trabalho exige viagens semanais.

Outra entrevistada também tem um espaço preferido para cada atividade e horário, e expôs isso com facilidade, declarando, no entanto, uma preferência:

É esse canto aqui [...]. Que tem a televisão, o sofá. Eu leio muito nesse sofá, por causa da claridade. À noite eu leio muito [...] na minha cama. Eu adoro ler na cama. Daí, assistir televisão é sentada na cadeira do papai. Então estudar e ler livro, eu estudo onde eu estou agora [no sofá]. Eu acho que, na verdade, não tem nenhum canto que eu não goste, que eu não queira estar, porque apesar do apartamento ser pequeno, eu acho que eu criei uma atmosfera que eu gosto de todos os lugares dele. [...] Então tem o momento em que eu estou na cozinha, ou então na área de serviço, lidando com a roupa, ou com a máquina de lavar roupa. É uma dinâmica que eu tenho na minha casa [...] É assim que eu vejo! (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)



Foto 113: A sala, no apartamento de um quarto, é o espaço mais utilizado para leitura, lazer e estudo.

A entrevistada tem a casa toda como importante, evidenciando, em sua fala, ora razões práticas ora simbólicas. Destas, sobressai a “atmosfera” que declarou ter criado em todos os espaços, que se refere à *gestalt*, ou seja, à forma como se expõe, demonstrando, em sua mobília e objetos, pela escolha da luz, etc., um pouco do que é. Um outro depoimento evidencia a questão de vários espaços preferidos:

O espaço que eu gosto, [...] eu gosto do espaço da cozinha e da churrasqueira... mas eu também gosto da sala. Na verdade são

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

quatro: o meu escritório, a cozinha, a churrasqueira e a sala. Quer dizer aonde você trabalha e aonde você conversa, come, são esses espaços. (Pedro Afonso, 54, professor universitário, mora com esposa e filhos)



Fotos 114 a 117: Nas fotos menores, o escritório, a cozinha e a churrasqueira. Na foto maior, a sala íntima: espaços que dividem a preferência do entrevistado.

A cozinha é o local preferido de uma outra entrevistada, e o motivo para tal é ter se empenhado nela, fazendo vários dos objetos que a compõem, deixando-a “acolhedora” e tendo identidade grande com ela. Ela pontua a questão da seguinte forma:

É o espaço que eu mais gosto, que eu mais me identifico, apesar de não gostar de cozinhar. [...] Às vezes eu vou lavar a louça, daí eu fico olhando as prateleiras. (Débora, 25, psicóloga, mora com a companheira)

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 118, 119 e 120: A cozinha, com a máquina de lavar roupas ao fundo, e a porta de entrada dela (de correr). Na foto maior, as prateleiras que chamam a atenção da entrevistada.

Um outro entrevistado tem a sacada, onde freqüentemente prende uma rede, como o segundo local de sua preferência, seguido da sala, afirmando utilizar igualmente os dois. Entre a rede e o sofá, ele passa as suas horas de lazer, divididas com o filho que mora com ele:

Eu montei toda a aparelhagem para ficar tranqüilo, deitado aqui no sofá. Quando um está aqui, sentado, o outro está na rede, quando um está na rede, o outro está deitado, aqui. Ou então está deitado um no colo do outro. (Paulo Rogério, 37, an. sistemas, separado, mora com o filho)



Foto 121: Sala em que pai e filho passam a maior parte do tempo livre, em casa. Ao fundo, a sacada onde é fixada a rede.

Pai e filho aproveitam os momentos de final da tarde e noite para estarem juntos. A escolha sobre o que assistir é compartilhada e, quando não há acordo, cada um escolhe uma vez.

Um casal entrevistado tem como seu local preferido a sala de TV, peça que foi alterada, em relação ao projeto inicial, sendo ampliada e recebendo uma janela em vidro temperado, que permite a seus usuários entrar em contato com o ambiente externo, sobretudo a rua¹¹⁸.

¹¹⁸ Trazemos, a título de exemplificação, um desabafo de um entrevistado. A casa do casal tem o investimento na escolha dos objetos e móveis centrado na esposa. [O marido] afirma gostar muito de madeira e comenta que o casal não gosta do estilo mais moderno, optando sempre por uma mobília mais tradicional. Sua casa é cheia de pequenos objetos, e ele gostaria de não ter tantas coisas. Preza os espaços que não estejam entulhados. (Anotações do Diário de Campo em 25/06/2005).



Fotos 122 e 123: No segundo piso, o espaço da tv que foi ampliado, tornando-se o preferido do casal.

O segundo local preferido pelo marido (parte do mesmo casal aqui evidenciado) é a churrasqueira, que é também utilizada para as refeições, no dia-a-dia, localizando-se entre a cozinha e a sala de jantar, ambas as peças com mesas para refeições. Considerando que a churrasqueira foi ressaltada como importante em função da aparelhagem de som, acabamos por fotografar apenas o canto em que o mesmo se encontrava, evidenciando a organização dos CDs e, simultaneamente, indicando a presença de enfeites e bibelôs no mesmo espaço.

Evidencia-se ainda, pelas imagens, o gosto pela madeira e por uma mobília mais tradicional, aspectos citados pelo entrevistado.



Foto 124: Segundo local preferido do entrevistado, o espaço da churrasqueira foi transformado em copa e, nele, foram colocados móveis e objetos de interesse do casal, como o aparelho de som e os CDs, e móvel de estilo.

Quando a pessoa mora só, se expõe mais facilmente de forma equilibrada nos espaços que ocupa, evidenciando não apenas suas possibilidades econômicas, mas igualmente suas ambições sociais, e um olhar atento em cada um dos cômodos pode nos ajudar a construir uma idéia de quem seja, suas preferências e vivências:

Eu sou muito sentimentalista, então são coisas que, para mim, tem um valor emocional muito grande, mas eu acho assim, é difícil de falar também que eu tenho um canto preferido, porque eu gosto da casa inteira. (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)

De fato, em cada peça da casa se encontra a moradora, exposta, em diversas de suas facetas, em suas memórias e afetos; em suas crenças, sua trajetória, na história de sua família. Seus valores e suas preferências estão à vista.

Além dos espaços individualizados, existem certas preferências por locais, por vezes coletivos, em situações em que se está só. A seguir, tratamos de

evidenciar os espaços preferidos quando os moradores se encontram sozinhos ou procuram ficar sozinhos.

3.5.3 Espaço preferido quando se está sozinho

O ser humano é gregário. Precisa estar em contato com outras pessoas, viver em sociedade, mas necessita, igualmente, de alguns momentos para si. Isso se reflete amplamente nas formas de vivenciar os espaços, sejam públicos ou privados, porém, de maneira mais perceptível, no espaço doméstico, negociando tempos, espaços e equipamentos.

Com base em nossa pesquisa e conforme alguns depoimentos, podemos afirmar que cada área da moradia é utilizada distintamente, nos diferentes momentos do dia, em função das atividades dos moradores, mas que nem sempre a negociação possível agrada a todos os membros. Além dessa utilização diferenciada, ao longo do dia, nos diversos espaços e para as diferentes faixas etárias, também é diversa em dias comuns ou festivos, em dias de trabalho ou descanso, para as várias funções que ali se desenvolvem, e que, por vezes, se sobrepõem. Os usos e as preferências se dão face às necessidades, possibilidades e restrições relacionadas ao tamanho dos imóveis, à sua distribuição, ao seu arranjo, ao trânsito das pessoas e de forma especial à necessidade e possibilidade de acompanhar o desenvolvimento dos filhos.

Um dos elementos evidenciados refere-se justamente aos momentos em que as pessoas estão sozinhas, em suas casas, havendo uma tendência a usarem espaços comumente não utilizados na presença dos demais moradores. Metade dos entrevistados que moram com mais alguém se mantém fiel ao local eleito como preferido, independente de estar sozinho ou não; a outra metade, porém, opta por espaços não coincidentes com aqueles nos quais mais gostam de estar. Assim é para uma das entrevistadas, cuja utilização se modifica, quando está só, demonstrando ficar dividida entre gostar de estar acompanhada e necessitar de um tempo só para si:

Eu fico na sala [que é um lugar em que] normalmente ficaria menos. [...] gosto muito de ficar acompanhada, mas também gosto muito de ficar sozinha, de vez em quando, é uma coisa que me dá prazer, também. E eu acho que [...] pela questão da música, eu coloco a música que eu quero, assim... acho que pelo espaço, de maior espaço mesmo, e eu me espalho mais [...] daí por exemplo se eu tenho que estudar, eu não sento no sofá, eu sento no chão, e leio no chão. Então, o que eu gosto muito aqui da sala, também: a paisagem, ficar olhando, né? É uma coisa que eu gosto, na madrugada, ficar olhando aí as luzes e tudo o mais. Então acho que uma das coisas, também, da sala, que eu gosto bastante, é de ficar na janela olhando lá fora. A cidade. [...] me fascina, assim, as luzes e as milhares de pessoas que estão em cada gavetinha [...] imaginar que são milhares de vidas, e de neuras, e de coisas boas, e a paz, esse movimento que você não ouve nada, não vê nada, as pessoas que não aparecem, mas as coisas que borbulham. (Pâmela, 34, professora, mora com a companheira)



Foto 125: A sala, espaço para se “espalhar”, escutar música e entrar em contato com o exterior.

Razões práticas sobressaem em sua escolha, mas a entrevistada parece encontrar também certa magia, na sala, à noite. A magia de sentir-se em contato com pessoas que desconhece, cuja existência é evidenciada por meio das luzes acesas. Numa relação simbólica de certa cumplicidade invisível, que reforça a sua preferência pela sala, quando está só.

De forma semelhante, outra entrevistada comenta sobre a utilização da

cozinha, que tem uma janela ampla em todo o seu comprimento:

Eu gosto mais para falar no telefone, assim. Às vezes à noite eu gosto de ficar parada ali no balcão e ficar olhando pela janela. [...] Eu gosto de ficar olhando o prédio dos estudantes que tem ali, fico observando os que ficam na janela, também. (Nani, 17, estudante, mora com os pais e o irmão)



Foto 126: Local preferido para ficar observando o exterior, ao cair da tarde, e mesmo falar ao telefone, a cozinha destaca-se como um ponto alto, para diversos moradores do apartamento.

As pessoas que vivem “o lado de fora” de seus espaços domésticos quando escurece, assim como ela mesma o faz, interessam-lhe de uma maneira particular. Isso vai ao encontro do que aborda Brandão (2002), quando afirma existir um encontro especial, entre casas e homens, no que diz respeito ao atendimento das necessidades humanas, um encontro entre matéria e subjetividade.

Outros dois entrevistados destacam ficar em espaços pouco utilizados em outras situações:

Quando eu estou mais sozinho, em casa, às vezes eu deito nesse sofá [na sala de estar, um pouco isolada do restante da casa], que eu não costumo, assim... que não é habitual [ficar]. (Luca, 23, estudante, mora com a mãe e a irmã)

Se eu estou sozinha, eu gosto muito de ficar aqui, na sala [de jantar] café da manhã, eu adoro tomar café da manhã sozinha, porque quase ninguém gosta de tomar café aqui. Eu amo, sabe? (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)



Foto 127: A sala de jantar, espaço preferido da entrevistada, quando está só.

Parece que o fato de determinados espaços não serem utilizados pela maioria dos membros da família, num determinado momento, deixa-o mais atraente, apontando para a necessidade de certo afastamento dos locais comumente utilizados e aproximação com os demais espaços. Igualmente interessante é observar a postura de alguns entrevistados do sexo masculino, para quem estar sozinho significa lazer, fazer apenas o que têm vontade:

Ou eu vou pro computador, prá espairar um pouco, prá jogar um pouquinho... um joguinho, uma coisa assim... se pegar um livro prá ler, venho prá sala, ou assisto uma televisão, ou então uma oficina. (Luiz Henrique, 39, gerente de Design, mora com esposa e filho)

Um dos entrevistados tem como preferido um espaço que confunde trabalho e lazer, para onde se desloca, quando está sozinho:

Eu gosto da casa como um todo, mas eu gosto bastante da oficina. [...] Eu acho que essa questão da personalidade relativamente introvertida é que faz com que você não se importe de ficar trabalhando horas e horas sozinho. Não me incomoda, até gosto de ficar fazendo coisas assim. [...] Ali eu gosto de trabalhar até como hobby. Às vezes vira meio uma neurose, assim. (Artur Otávio, 42, prof. universitário, mora com a segunda esposa e os filhos dela)

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 128 a 130: Vistas da oficina/refúgio do entrevistado.

Mas a sua escolha, além das razões funcionais e em termos da personalidade, tem a ver com a impossibilidade de fazer uma das coisas de que mais gosta, ouvir música:

Antigamente existia uma coisa que era assim: eu sempre gostei muito de som, de música. E ouvir música com uma qualidade que o dinheiro consiga comprar. [...] então, eu sempre tive alguma coisa de som. E ultimamente esse negócio degenerou, essa coisa acabou, porque a gente cedeu espaço pros jovens que foram crescendo e daí ficam escutando, querem também escutar música. Daí vira uma coisa meio bagunçada esse negócio de som, então os CDs não são mais organizados, você procura uma coisa, está num lugar, de repente está em outro, você vai mexer lá e alguém trocou um cabo, a caixa alguém desliga, o mobiliário não é adequado, então, antigamente eu diria assim “a sala é um lugar que eu poderia ficar lá algum tempo para escutar música”. E eu pretendo que isso volte, um dia. Daí, acho que seria uma tendência de ficar à noite, por exemplo, não tem ninguém em casa, então eu posso escutar música e eu faria isso na sala. Hoje não consigo fazer por causa dessas circunstâncias. (Artur Otávio, 42, prof. universitário, mora com a segunda esposa e os filhos dela)

Diferente da maioria dos homens, várias mulheres comentaram sobre o quanto gostam de ficar recolhidas em seus quartos, quando estão sozinhas, comumente em um canto. Como declara Bachelard (1989, p. 146):

[...] o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local próximo de minha imobilidade. [...] A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer, uma imobilidade.

Mas é interessante como a idéia de estar em ligação com o exterior – ainda que pela visão possível através da cortina – também permeia as escolhas, sendo esse canto, nesse sentido, um pouco diverso do esconderijo preconizado por Bachelard:

De vez em quando eu preciso me isolar, porque a casa não é tão grande, então eu sento no meu quarto [...] tem um cantinho no meu quarto que eu mesma criei, ali, com uma poltroninha. Fiz uma luz, sabe, que eu preciso, mas é um lugar que eu enxergo a rua [...] É de isolamento. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)



Foto 131: O canto criado pela entrevistada, em seu quarto, para os momentos em que busca o isolamento.

Outra entrevistada expõe utilizar um local que normalmente não utiliza, quando o marido e o filho estão em casa:

Quando eu estou sozinha, acho que eu fico mais recolhida, fico mais lá em cima. Mais no quarto. (Luciana Maria, 38, programadora visual, mora com o marido e filho)

A preferência por alguns espaços está ligada à idéia de respeito e à possibilidade de refúgio, necessidade por vezes oculta quando se vive em família:

O meu escritório ou o meu quarto [...] porque são os lugares onde as outras pessoas respeitam mais o seu espaço, nessa [questão] de buscar refúgio. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Foto 132: Escritório/refúgio, em ligação com o exterior, mas protegida pelo acordo de respeitar os espaços de trabalho e concentração.

A necessidade de estar só, em alguns momentos da vida, transparece nas falas, às vezes de forma direta, mas nem sempre. Uma entrevistada se deu conta, durante a entrevista, de ter um espaço especial de recolhimento:

O banheiro é um espaço engraçado, porque eu uso mais quando não tem ninguém em casa, porque é o horário assim que eu posso colocar uma música gostosa no meu quarto e fazer uma hidromassagem, por exemplo, com sais na água, porque ninguém vai me incomodar, ponho o telefone na secretária eletrônica e... É o espaço da solidão, a minha banheira. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)



Foto 133: Na banheira, a entrevistada aproveita seus momentos de solidão.

Homens e mulheres também destacaram ser a sala íntima um local onde gostam de estar sós, em frente à TV, mas em geral os homens reforçaram o aspecto relacionado ao conforto e à praticidade, nesses ambientes:

Na sala, porque tem uma TV maior, um sofá confortável, a cozinha está perto se precisar comer alguma coisa. Eu gosto do meu quarto quando, às vezes, tem alguém assistindo alguma coisa que eu não goste e tal, daí eu tenho mais liberdade lá. Se eu estou sozinho eu fico na sala, mesmo. Tem as coisas mais próximas. (Dani, 20, estudante, mora com a mãe, o padrasto e os irmãos)



Fotos 134 e 135: A sala, local mais apazível, na visão do entrevistado.

As mulheres, por outro lado, ressaltaram a possibilidade de relaxarem nesse ambiente de estar íntimo, quando estão sós, o que nem sempre é possível com a casa em movimento, e com as tarefas que assumem, constantemente, de “cuidar” para que os demais fiquem bem.

Uma das entrevistadas confessa gostar de estar sozinha, também, no espaço que é eleito pelos membros da casa como o espaço preferido de convívio:

Eu adoro ficar aqui sentada nessa mesa, e especificamente nesse lugar [churrasqueira]. Porque eu vejo todos os meus vasilhos e

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

todas as minhas flores. Inclusive os passarinhos cantando e brincando. [...] Nos dias de frio, porque ela é super ensolarada, e no verão porque o sol está lá fora e aqui está super fresquinho.

(Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)



Foto 136: Local de onde a entrevistada enxerga as coisas de que mais gosta e onde passa os momentos mais alegres, em família ou com amigos.

As questões de calor e frio, assim como iluminação, aparecem em várias falas, sendo importantes para a idéia de bem-estar das pessoas entrevistadas:

A luz, a iluminação é uma coisa que... iluminação é uma coisa assim fantástica, porque a gente vai, assim, individualizando ambientes só com a luz, né, individualiza um ambientezinho ali, aqui tem outro, então eu acho que essa seqüência, assim, de ambientes individualizados e gostosinhos, assim [...] isso dá uma reação boa, nas pessoas. (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)



Foto 137: Exemplo de um dos ambientes, na casa do entrevistado, demarcado pela iluminação suave.

Conforme apresentado, as entrevistas evidenciam ser o quarto o espaço preferido para os mais jovens, enquanto espaços pessoais e de convívio com amigos. Entre os adultos, a preferência recai sobre aqueles espaços que permitem o convívio com os outros membros da família, aqueles que têm uma atmosfera aconchegante (geralmente com farta iluminação diurna e luz suave à noite), certa praticidade e conforto para permitir uma postura mais solta.

Sendo também espaços de passagem, são valorizados pelo fato das pessoas poderem acompanhar o ritmo de suas casas, em relação aos demais moradores. No entanto, mesmo as pessoas que vivem sozinhas parecem ter esse tipo de interesse, de visualizar a maior parte da casa, e assim vivenciá-la mais, em termos espaciais.

Sobressaem as camas como “locais/objetos” que valorizam os quartos, servindo muitas vezes como o espaço que, tendo atmosfera aconchegante, serve ainda como espaço de lazer, diversão e consumo de alimentos.

Por mais que as salas íntimas sejam os locais preferidos para os adultos, em suas casas, e as “camas” locais onde podem se sentir à vontade, destaca-se ainda uma relação positiva em relação aos espaços para o

desenvolvimento das atividades profissionais.

A título de exemplificação, citamos o fato das pessoas que mexem com arte preferirem seus ateliês, ou espaços que funcionam como ateliês, e os pesquisadores seus escritórios (como os profissionais liberais) ou bibliotecas; assim, parece que as escolhas estão fortemente imbricadas aos projetos de vida, em que a profissão parece ser parte importante. A prancheta, na casa do arquiteto, projetista ou *designer*, tem um grande valor, assim como o escritório, na casa do professor e do contador (cientista contábil), e o computador, no caso dos estudantes. São razões práticas, mas também simbólicas, em termos de uma valorização de suas profissões, sendo que os elementos aí encontrados reforçam uma identidade.

Uma artista plástica e professora, ressalta:

Dentro de casa posso dizer que é o ateliê [o espaço preferido], posso dizer que é. [...] À noite todos aqui [na sala]. Mas é no atelier e aqui [na sala] ou lá fora, mesmo. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)



Foto 138: O ateliê da artista, local preferido, no interior da casa, embora ela prefira o exterior, seus jardins, animais e plantas.

A atmosfera solta, encontrada no ateliê da artista/professora, denota um tipo de organização muito peculiar que acolhe objetos amalhados e que lhe são especiais, mesmo tomando parte do espaço livre: plantas, pequenos objetos, recortes, bilhetes, mas igualmente instrumentos de trabalho, como livros, tesouras, canetas, etc.

A entrevistada evidencia certa insatisfação em relação ao uso da sala, mas acompanha a família, ainda assim. Ela destaca, no entanto, que o espaço exterior é o de que mais gosta, na moradia como um todo: seus jardins, seus bichos de estimação e suas plantas.



Fotos 139 e 140: O jardim dos fundos e da frente da casa, opção número um da entrevistada.

De forma diferente da utilização da entrevistada em relação ao seu ateliê, predomina uma relação “objetiva” com o escritório, que utiliza a parte térrea da casa de um dos entrevistados. A praticidade no uso também é explorada em sua fala:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Gosto [de estar no escritório] porque é objetiva a relação com aquele... com aquela mesa, é objetiva: sentar para fazer alguma coisa objetiva, assim. Telefonar para alguém, atender clientes, coisa de trabalho, escrever algum e-mail para trabalho e atender telefone, ou receber alguém. Para trabalho! (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)



Foto 141: O escritório, visto da escadaria de acesso ao apartamento. Ao fundo, a porta de entrada de ambos, escritório e moradia.

Por mais que o escritório tenha o mesmo cuidado estilístico e aparente conforto encontrado no restante de sua moradia, a relação com esse espaço é menos íntima e agradável, mais voltada ao campo das obrigações.

A despeito das mudanças nos estilos de vida, as “zonas” da casa continuam a existir, de forma delimitada ou não. O quarto continua o local de descanso, mas ganha *status* de local para receber. O escritório ou similar é local de trabalho, mas também de lazer, para alguns entrevistados, em termos de jogos disponibilizados no computador, utilizados em alguns momentos do dia. A sala íntima representa convívio familiar e lazer, sendo muitas vezes o local onde as refeições rápidas são consumidas; já as salas de estar e jantar permanecem como o local privilegiado para a exposição de alguns dos símbolos, locais de recepção,

ainda que com pouco uso.

3.5.4 Arranjos: influências exógenas, soluções diferenciadas.

Sobre as identidades expressadas por meio dos espaços arranjados pelos objetos, alguns elementos podem ser por nós pontuados: a experiência de habitar em outro país (e mesmo outro Estado) parece ficar arraigada na vida das pessoas. Santos (2002, p. 339) afirma ser “cada lugar, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”.

Quanto maior o tempo em que se esteve fora, maiores os valores absorvidos desse segundo local, ou mesmo vários. Nas moradias analisadas, essa diferenciação é facilmente visível, não apenas em relação à *gestalt* que demarca essas moradias, levando o morador a uma identificação forte com ela, mas igualmente pelo tipo de soluções “importadas” desses lugares e adaptadas às realidades. Giddens (2002) sustenta que, mesmo em contextos locais, ao forjar as auto-identidades, os indivíduos recebem influências sociais que são globais.

Em alguns ambientes, encontramos certa “importação” de soluções para a casa, visando maior racionalidade e aproveitamento, ou seja, soluções voltadas a razões práticas¹¹⁹, mas igualmente simbólicas. A TV de uma de nossas entrevistadas permanece dentro do armário, sendo desocultada apenas quando sua usuária quer, reinventando a função de um guarda-roupa. A entrevistada afirma estarem algumas das soluções adotadas em seu apartamento ligadas à sua vivência no exterior:

Estão. De alguma forma estão. Às vezes é na forma de você ocupar as coisas. Por exemplo, eu, desde que cheguei aqui, eu imediatamente finquei a televisão dentro do armário, com a porta fechada, isso provavelmente é alguma coisa que eu vi lá fora e

¹¹⁹ Encontramos em Saramago (2000, p. 270) uma citação que consideramos relevante: “Dizem os entendidos que viajar é importantíssimo para a formação do espírito, no entanto não é preciso ser-se uma luminária do intelecto para perceber que os espíritos, por muito viajados que sejam, precisam de voltar de vez em quando a casa, porque só nela é que conseguem ganhar e conservar uma idéia passavelmente satisfatória acerca de si mesmos”. O autor evidencia a importância de voltar à casa no processo de (re)construção da identidade.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

que achei bom, né, que a televisão não fique no centro das atenções... por exemplo, a ocupação desse armário, que na verdade é um roupeiro, para por outras coisas, né, ali estão os CDs, estão os discos, o telefone, lista telefônica, fotografias, sapatos. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)

A televisão não domina a cena, apenas é um instrumento que pode ser resgatado quando há interesse. Para ela, o valor imputado aos objetos é diferenciado: objetos que têm história estão hierarquicamente acima dos outros, e a estética é sempre elemento presente em suas opções, mas, de qualquer maneira, essa forma de uso foi vivenciada fora do país de origem, sendo adotada.

Contudo, não são somente as formas de ocupar o espaço e arranjar as coisas, em sua casa, que foram incorporadas:

Esse armário eu inventei... assim, para colocar essas coisas de limpeza. [...] Num lugar atrás da porta, que é perdido... [...] E essa idéia eu copieei lá da Alemanha, eu trouxe essa idéia junto. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)

Um mesmo tipo de solução foi encontrada em duas moradias de descendentes de alemães com passagem pela Alemanha: a colocação de armários sob o teto, em corredores e passagens, aproveitando espaços normalmente ociosos. A improvisação não é encarada como algo provisório, mas como uma solução, uma maneira nova de traduzir a organização de um ambiente, uma recriação. Em algumas situações, os nichos recriam sótãos.



Fotos 142 e 143: À esquerda, logo no hall de entrada do apartamento, a entrevistada instalou um armário para as coisas que, antigamente, eram colocadas nos sótãos da casa, como materiais de manutenção (tintas, lixas, pregos, etc.) e outros objetos de pouco uso. Na foto à direita, o armário instalado no corredor que liga a parte social à íntima buscou resolver o problema da falta de espaço para guardar os enfeites de datas festivas, como Páscoa e Natal.

Interessante perceber como a história de cada um se reflete nos espaços pessoais. A entrevistada viveu vários anos de sua vida na Europa, e estará voltando para lá em breve, e as soluções que lá encontrou, para seu espaço “exíguo”, são soluções de espaços vistos em sua trajetória de vida. Para ela, tão importante quanto sua trajetória vivida, é sua história mesmo antes de ela existir, que mantém por meio dos seus móveis herdados ou ganhos¹²⁰.

De forma similar, elementos característicos de uma estética inglesa foram incorporados à moradia de uma das entrevistadas que morou alguns anos na Inglaterra, por meio de alguns elementos que foram apreendidos:

¹²⁰ Anotações do Diário de Campo.



Eu acho que a cor da parede, é um papel de parede que eu conhecia lá, e eu acho que essa cor ficou meio inconsciente e que eu consegui reproduzir. Então eu acho que eu tenho na minha personalidade muito da Inglaterra, né! E isso é uma coisa que eu trago comigo, eu adorava viver naquele país. Eu sei, eu tenho consciência de que a minha casa tem um pouco dessa coisa da Inglaterra, nos detalhes, nos livros, a disposição de tudo, e isso é uma coisa muito louca, né! (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)

Fotos 144: À esquerda, logo no hall de entrada do apartamento, a entrevistada instalou um armário para as coisas que, antigamente, eram colocadas nos sótãos da casa, como materiais de manutenção (tintas, lixas, pregos, etc.) e outros objetos de pouco uso.

Mesmo para indivíduos que não tiveram a experiência de morar em outra região ou país, as viagens¹²¹ parecem colaborar no sentido de construir uma atmosfera híbrida. Porém, nesses casos geralmente por meio de objetos

¹²¹ Como afirma Salvatori (1996, p. 262): “A possibilidade de informação e a realização de viagens internacionais oportunizariam a atualização destas identidades, através da incorporação de hábitos, artefatos e estilos de comportamento sintonizados com os movimentos de mudança social global. O espaço circundante é apropriado segundo os requisitos desta natureza múltipla”.

trazidos dos lugares, mais fortemente elementos decorativos e menos soluções sobre o morar.

Além das formas apresentadas de transposição de elementos de uma cultura a outra, é senso comum que as atividades modificam-se, em função dos novos aparatos tecnológicos, primeiramente nos “centros”, para depois disseminarem-se na “periferia”. Embora Tramontano (1998) e outros autores abordem o aumento do trabalho nas moradias com a implantação dos sistemas de comunicação virtual, não foi esse *homeworker* que despontou, em nossa pesquisa, sendo que nessa situação identificamos apenas um rapaz que trabalha com criação de *web sites*.

Ao contrário, pessoas que já trabalhavam em casa, mesmo antes da era do trabalho virtual, em atividades diversas, como pesquisa, preparo de aulas, desenvolvimento de trabalhos artísticos, pareceres, orçamentos ou mesmo contabilidade, é que sobressaíram, utilizando-se dos “novos” sistemas para atualizar a relação com o seu trabalho, principalmente agilizando a troca de informações e serviços. E, nesse caso, os espaços necessários para essas tarefas variam, sendo que, em geral, as pessoas que trabalham costumeiramente em casa já tem uma área específica para isso, comumente um escritório ou ateliê.

Várias são as considerações que resultam do processo de transferência e/ou absorção de elementos culturais, cada qual voltada a questões ora mais práticas, como no caso das idéias adaptadas da Alemanha, ora mais simbólicas, como nos casos em que os elementos são apenas expostos, demonstrando relativo *status*, ou, ainda, marcadamente estéticas, como no depoimento sobre a parede “copiada” da Inglaterra.

3.5.5 “Verde que te quero verde”: a importância das plantas e dos jardins

Um outro elemento que se destacou, em nossa investigação, foi a necessidade de algum tipo de elemento natural, nas moradias, muitas vezes sanada com plantas em vasos ou jardineiras, no caso dos apartamentos. Por

vezes, essas plantas são fortemente carregadas de carga simbólica:

São plantas que algumas eram da minha mãe, eu falo muito da minha mãe por que a minha mãe já faleceu, não é? Então muitas coisas vieram prá mim, ela me ajudou a montar a casa com muitas coisas, e as plantas são assim. Eu acho que uma casa sem plantas é uma casa sem vida. É interessante que, se eu entro numa casa que não tem plantas, eu sinto falta. (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)

Se a gente tirar uma folhagem, falta alguma coisa. Não tem... Não tem vida para mim, sabe? Então às vezes a gente vai em algum lugar e a primeira coisa que eu falo é: “Você viu que não tinha uma planta, que estranho?” e ela [a filha] fala: “Estranha é você aí, cheia de planta”. Mas não é flor, é folhagem. Flores não resolveriam. (Ana Margarete, 45, analista de sistemas, separada, mora com os filhos)

Acho legal ter plantas vivas, em casa. Vaso de flores naturais, acho que deixa um astral legal, na casa. (Laura Maura, 45, assistente social, solteira, mora só)



Fotos 145 e 146: À esquerda, o escritório transformado no “jardim” da entrevistada. Sendo uma sacada que foi fechada com vidros; o local é propício ao desenvolvimento das plantas. Na segunda foto, as plantas que povoam o apartamento de outra entrevistada. Para ela, flores não resolvem, mas sim as folhagens.

Para algumas entrevistadas, as limitações dos espaços dos apartamentos ou sobrados tornam inacessível a realização dos desejos:

[vontade...] dessa coisa de plantar, alguma coisa que não seja em vaso, sabe, seja na terra, mesmo. (Débora, 25, psicóloga, mora com a companheira)

Eu queria um quintal que desse para plantar árvores de frutas. (Ana Emília, 43, assist. social, do lar, mora com o marido e os filhos)

O gramado que a entrevistada tem, nos fundos do sobrado, parece não dar conta dos desejos contidos. Por outro lado, para seu marido o local é importante, e ele afirma utilizar o local para brincar com o cachorro, quando não chega muito tarde, a casa, assim como vários outros entrevistados que dispõem de jardim, ainda que de pequenas dimensões. Cada qual enxerga os espaços com os referenciais e desejos que tem.



Foto 147: O pequeno gramado, nos fundos da moradia. Percepções diferentes fazem com que seja um local agradável ou insuficiente.

Sem as limitações de espaço e com a possibilidade de plantar, são as árvores ou jardins com folhagens e flores, por vezes hortas, além das plantas em vasos, que sanam as necessidades do verde dos moradores das casas, como se o contato com esse “verde” fosse responsável por repor a energia, por relaxar:

O lugar onde estão as minhas folhagens, ou as minhas flores, ou o meu jardim... ah, eu diria que é o lugar preferido quando eu quero sair do stress e aliviar minhas tensões, fazer uma coisa legal. Mas aí eu tenho dentro de casa também, as minhas plantas... é algo que eu gosto de mexer a hora que eu quero um refúgio. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)



Foto 148: Uma dentre as várias plantas espalhadas pela casa, sempre cuidadas pelos donos, que as mudam de local, quando necessário, trocam a terra, colocam vitamina, etc. Ao fundo, com parede vermelha, aparece o jardim de inverno.

O “verde” parece imprescindível às pessoas, sendo que, muitas delas, nos fins de semana, buscam os parques para fazer passeios e caminhadas, ou mexem em suas hortas e jardins, quando existem.

As plantas foram apontadas como importantes para nove mulheres, oito delas acima dos 35 anos, e apenas um dos homens, que mora em uma casa. Segue outro depoimento interessante, a esse respeito:

Adoro planta. Adoro planta e passarinho. Os bichos que eu mais gosto são passarinhos. Eu adoro bicho, mas eu não quero compromisso com bichos. Até as minhas plantas, sabe, aquele cacto ali? Eu adoro cacto [...] mas não é a mesma coisa que lá fora, né? (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)

Sobre a importância das qualidades espaciais da casa, um entrevistado afirma:

Um dos itens, para mim, da escolha do terreno era onde tinha mais mato, então, por exemplo, esta parte verde aqui, é um bosque cadastrado na prefeitura, e não posso tirar, mas eu escolhi justamente por causa do mato, porque o verde é uma coisa importante, acalma, e eu gosto muito de natureza. Então, final de semana eu estou sempre fora da casa, fazendo jardim, ou fazendo minha horta, minha irmã sempre vem para cá e diz

assim: mas quando é que você vai cortar, fica esse mato horrível?
Eu digo: “Não, é esse mato mesmo que eu quero”. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)

Essas visões de um entorno ambientalmente agradável e natural, em algumas situações, como a aqui descritas, podem ser escolhidas. No entanto, em inúmeras outras situações, especialmente nos apartamentos, faz-se necessário “fazer às vezes de”, fabricar o entorno possível, criando uma atmosfera que agrade os moradores.

3.5.6 Nem objeto, nem gente: os animais domésticos, uma categoria em ascensão

A importância dos animais domésticos entre nossos entrevistados nos surpreendeu. Dentro do processo de pesquisa, as perguntas estavam mais voltadas às vivências, na casa, e aos objetos considerados mais importantes. No entanto, ao evidenciar o dia-a-dia, nas moradias, os animais foram mencionados por cerca de um terço dos entrevistados como importantes. Algumas vezes foram citados quando perguntávamos sobre os objetos preferidos: “O cachorro não conta, né?”, perguntou um entrevistado de 13 anos.

Mesmo quando falávamos dos objetos mais significativos, os animais de estimação vinham à tona como de grande estima. Isso ocorreu em diferentes faixas etárias, e com indivíduos de ambos os sexos. O convívio com os animais representa uma alternativa em termos de companhia e lazer:

Eu posso ficar horas brincando com ela [a cadela], se eu consigo [no sentido de ter tempo] ficar em casa, eu gosto... ela agita a casa. (Lena, 20, estudante, mora com os pais e irmãos)

No depoimento acima, o aspecto de energia, de traquinagem, parece decisivo. A presença dos animais parece animar a vida das pessoas e os espaços em que se encontram. O depoimento a seguir evidencia a responsabilidade da entrevistada em relação à sua gata:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Essa bichinha, aqui [a gata]... a minha preocupação é tipo assim: ela é minha responsabilidade. (Tatiana, 27, analista de sistemas, mora com o marido)

Outra entrevistada denuncia, por meio de sua fala, que o cachorro da família é mais um “morador”. Destaca-se certa “humanidade” nos pequenos animais, quando fortemente integrados às vivências na casa, compartilhada pelos membros da família, como no caso em que os filhos adolescentes e jovens fizeram um bilhetinho de aniversário à mãe, com a “assinatura” inclusive do cachorro:

E daí eles fizeram bilhetinho do [filho], da [filha] da [outra filha] e do cachorro. Como se fosse ele que tivesse escrito. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)



Fotos 149, 150 e 151: Os animais encontrados comumente são animais de raça, bem tratados e com grande contato com o moradores. No caso das casas, dependendo do porte ficam na parte externa, mas no caso dos apartamentos, sendo de pequeno porte, convivem com os moradores por todo o espaço da moradia, subindo e descendo dos sofás e poltronas para “ganhare o colo” dos moradores. As fotos são apenas exemplos de alguns animais encontrados.

Nas palavras de Baudrillard (1968, p. 97): “[...] os animais caseiros constituem uma espécie intermediária entre os seres e os objetos” e, como tal, tem seu valor realçado.

A importância dos animais destacou-se de tal forma que, em uma ocasião, o cachorro chegou a ser chamado de “filho”, quando a entrevistada discorria sobre como era retornar à casa, nos finais de tarde:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Eu volto, brinco com o meu filho [o cachorro]. Lá fora, geralmente, quando não está chovendo. (Semírades, 31, comerciante, separada, vive com a filha e, eventualmente, o namorado)

O namorado, que passa vários dias por semana na casa dela, também dá atenção ao cachorro. A forma como se expressa dá a idéia da importância do animal em seu cotidiano:

A primeira coisa que eu faço é chegar e brincar com o [cachorro]. Eu chego e fico com ele lá fora uma meia hora, cinquenta minutos, até ele cansar de brincar, daí eu subo assistir TV. A gente sobe [o animal o acompanha]. (Fabiano, 34, designer, solteiro, divide-se entre as casas da mãe e da namorada)

Percebe-se, a partir dos depoimentos, que a vivência com os animais também está ligada ao lazer e ao prazer. Alguns afirmaram que os animais, inclusive, dormem em seus quartos, mas que respeitam e não fazem barulho ou sujeira. Exemplificamos com a fala a seguir:

Ele dorme no meu quarto, no pé da cama, a gente vai dormir juntos. Não faz um barulho dentro de casa. Ronca, só. (Semírades, 31, comerciante, separada, vive com a filha e, eventualmente, o namorado)

Na situação exposta a seguir, a moradora colocou em um mesmo patamar de importância pessoas e bichos, quando perguntada o que levaria, se fosse preciso sair de casa às pressas, em situação emergencial:

Os cachorros, os bichos, as crianças e o marido, eu ia levar. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

Para dar uma idéia mais próxima de como esses animais domésticos são categorizados, trazemos a fala de um entrevistado que, ao ser perguntado se morava sozinho, respondeu:

Moro sozinho. Tenho um gato. Está em algum lugar por aí. Daqui a pouco ele aparece. Vem alguém, ele some. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)

De forma similar, os elementos a seguir evidenciam a importância de poder observar seu jardim, mas não apenas pelas plantas que ali estão, já evidenciadas anteriormente:

Eu vejo todos os meus vasilhinhos e todas as minhas flores. Inclusive os passarinhos, cantando e brincando. Os cachorros, antes, que agora não tem, né. Morreram. Mas aqui é um lugar que a gente gosta. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

Acabamos abrindo espaço aos comentários sobre os animais por estarem os mesmos presentes inclusive no momento de desenvolvimento de várias das entrevistas, estando no sofá, no chão, no colo do(a) entrevistado(a), por vezes cão e gato ao mesmo tempo, disputando o colo, outras vezes no exterior das moradias (no caso das casas). Referimo-nos, nesse caso, sobretudo aos animais de maior porte que, mesmo estando “fora”, fizeram-se presentes, aparecendo como um som de fundo em algumas entrevistas, por vezes limitando nossa visita à parte externa.

Elementos vivos assumem grande importância nos espaços das moradias, no dia-a-dia das pessoas. São uma forma de distração, ou uma maneira de levar aos espaços – principalmente dos apartamentos – um pouco da vida natural para além da humana. Em geral, é nas ruas, nos centros engarrafados, ou em prédios, no ambiente urbano, o local onde as pessoas passam boa parte de seu tempo, e o contato com plantas e animais parece restabelecer a energia e o equilíbrio. Não é uma necessidade comum a todos, mas uma realidade apontada por muitos.

Importante perceber que, nas faixas etárias mais novas, esse atributo dos espaços em relação aos elementos naturais (plantas e animais) nem sempre é valorizado. Um de nossos entrevistados, que mora em uma casa em local um pouco afastado, assumindo ter um estilo bastante urbano, não tem uma ligação especial com espaços naturais. Ele declarou que, por ele, moraria certamente em um apartamento mais no centro da cidade, onde tarefas, como cuidar do jardim ou dos animais, seriam extintas. Contraditoriamente, comenta ser a paisagem da janela do banheiro, vista do espaço do box quando toma banho, um elemento que torna o local especial, ou seja, um diferencial.

São vivências diferentes, conformando diferentes indivíduos, com

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

necessidades distintas e se não é possível encontrar soluções que agradem a todos, é necessário respeitar as diferenças.

4 O MUNDO DOS OBJETOS

Os espaços preferidos assumem importância a partir dos objetos ali depositados. Sejam móveis, plantas, aparelhos eletroeletrônicos, peças de decoração, enfim, uma infinidade de elementos que preenchem e dão vida às paredes, vãos, portas e janelas compondo, juntamente com o entorno, a “paisagem” doméstica. Espaços são, assim, definidos também por sua relação com os objetos.

Quando iniciamos nossa pesquisa, acreditávamos encontrar nos espaços preferidos pelas pessoas os seus objetos de maior estima. No entanto, isso não se configurou da forma como imaginávamos, e muitos dos objetos preferidos, ao contrário de ficarem expostos, ficam reservados, guardados, pelo seu caráter de afetividade pessoal, por serem importantes “apenas” ao seu portador e àqueles cujos sentimentos estão mediados por meio desses objetos, tendo valor simbólico.

Analisar o que se esconde sob as escolhas dos entrevistados a respeito de seus objetos preferidos nos interiores domésticos, compreendendo como se dá a relação entre os artefatos (tecnologia) e as pessoas (sociedade) é o objetivo deste capítulo. Pretendemos identificar quais são esses objetos, e como eles se tornam importantes para os entrevistados, considerando serem os objetos, mais do que elementos com existência física, elementos relacionais, que encarnam valores culturais.

Para além da aparência ou dos aspectos físicos, evidentemente elementos essenciais para se pensar o *design*, o que nos interessa são os significados implícitos nas escolhas, ou seja, compreender como as pessoas se apropriam da linguagem dos criadores dos objetos (projetistas e *designers*) dando significados – ou mesmo usos – esperados ou distintos daqueles para os quais foram inicialmente concebidos. Retomando Denis (1998), o *design* é o processo de investir os objetos de significados, significados esses que não são fixos ou permanentes.

Referimo-nos, aqui, a objetos que se encontram nos interiores domésticos, e não especificamente objetos voltados às tarefas domésticas – cuja

importância, em geral, é eminentemente prática –, embora também eles tenham sido considerados, quando ressaltados como importantes pelos entrevistados.

Assim, procuramos encontrar, a partir dos discursos, os significados contidos nas escolhas. A escolha de cada objeto está permeada por razões pessoais e/ou coletivas, sendo a identificação de elementos comuns (ou similaridades) em relação aos objetos escolhidos, a tarefa principal a que nos propomos.

Vale evidenciar que os objetos adquirem importância em uma teia de relações, não tendo vida própria fora do grupo social no qual se inserem. Branzi (1993) afirma estar a força da sociedade contemporânea enraizada na necessidade da distinção, um valor de cunho simbólico, de onde surge, igualmente, a “força” do *design*. Os objetos externalizados como preferidos, assim, nos permitem conhecer e penetrar em um mundo pessoal, mas igualmente relacional, no sentido de que a sua importância, via de regra, tem ligações com outras pessoas ou grupos.

Conforme Roche (2000), as relações físicas ou humanas geradas por meio dos objetos têm um aspecto material e instrumental, mas precisam ser compreendidos com base nos fatos sociais. São depoimentos de formas de vida, dos fenômenos, dos avanços e, por vezes, retrocessos. É no mundo social que o objeto se faz presente, nas relações que permite ou impede, nas facilidades ou dificuldades que traz, no dia-a-dia, mas também na forma como é pensado para levar à vida futura, conduzir a mudanças, ou responder a elas.

Estruturamos o capítulo em cinco partes: uma primeira que descreve e analisa situações em que os objetos funcionais dirigidos ao lazer e à comunicação são elementos definidores das escolhas; na segunda, sobressaem, nas escolhas: as questões relativas à construção de identidades pessoais e grupais; na terceira, destacam-se as questões afetas à memória contida nos objetos; na quarta parte, a relação com os objetos é definida pelo conforto e pela praticidade, tornando-os especiais; e, na quinta e última parte, é abordada a questão em que a aparência é decisiva para a identidade pessoal e/ou familiar.

Ao construirmos este texto, guardávamos a intenção de categorizar os

objetos escolhidos em funções que, a princípio, considerávamos bem distintas: as funções simbólicas, as funções práticas e as funções estéticas. No entanto, essa separação mostrou-se infértil e insuficiente para a análise pretendida, dadas as sobreposições encontradas, o que fragmentaria o entendimento de alguns elementos, reduzindo as possibilidades analíticas.

Assim, optamos por uma análise que leva em conta a complexidade inserida nas preferências, permitindo, por vezes, o entrelaçamento e mesmo sobreposição de vários elementos, resgatados a partir de um único objeto, fazendo ao leitor um convite e um desafio: o de compreender, por meio da visão do todo¹²² e aceitar que os elementos analíticos ou mesmo subcapítulos não são estanques.

Mais do que o pertencimento a um ou outro tipo de arranjo familiar (família nuclear, casais, pais ou mães que criam seus filhos e pessoas vivendo sós), os objetos preferidos emergiram fortemente imbricados às faixas etárias e interesses afetos às mesmas, tornando-se o viés geracional a categoria sociológica analítica central. Uma leitura, a partir das diferenças entre os sexos, também mostrou-se possível, sendo esta categoria utilizada perifericamente, em função dos elementos realçados por meio do processo de pesquisa.

4.1 Lazer e comunicação: objetos funcionais em questão

Lazer e comunicação parecem ser as palavras de ordem entre as pessoas mais jovens. Os adolescentes e jovens dos 13 aos 24 anos têm, comumente, entre seus objetos preferidos o computador, elemento de entretenimento e comunicação, sendo o mesmo citado com maior ênfase entre os garotos.

A utilização dos computadores pessoais nos foi apresentada, pelos entrevistados, como estando centrada na comunicação com amigos e colegas e

¹²² A visão do todo, a qual nos referimos, aqui, diz respeito a uma reflexão no sentido apontado por Ramos (2004), a partir da cultura material, neste caso, os objetos, em sua dimensão de experiência socialmente engendrada.

no desenvolvimento de trabalhos escolares, sendo amplamente utilizado para o lazer. Nesta faixa, foram evidenciadas, principalmente, as atividades de comunicação, pelo uso de sistemas, como o *Messenger* ou similar, *orkut*, baixar músicas e jogar em grupo, através da rede internet.

Giddens (1991) reflete sobre as alterações profundas que ocorrem no período Pós-Revolução Industrial, que modifica a noção de espaço e tempo, incentivando relações entre ausentes. O sistema de comunicação através da rede parece ser, em nossos dias, o depoimento principal dessa relação possível entre os ausentes.

Fora a evidente função prática, o mesmo representa uma forma de pertencimento grupal, em termos de amplo acesso restrito às camadas mais abastadas, evidenciando a questão simbólica; ou seja, um elemento “distintivo” no sentido disseminado por Bourdieu. Isso não quer dizer que pessoas de menor poder aquisitivo não o utilizem, mas, antes, que o processo é diferenciado, pois equipamentos de melhor qualidade (acesso mais rápido e melhor qualidade de som e imagem) e disponíveis em parte significativa do tempo, são recursos mais comuns a indivíduos de camadas médias e acima.

No capítulo anterior, foi apontada a emergência do acréscimo do computador nos interiores domésticos, por vezes dentro dos dormitórios, noutras em locais de uso coletivo, conforme a percepção e necessidades dos grupos que o utilizam e das relações familiares, elementos que levam os “desenvolvedores” de produtos a repensar a sua estética, seu tamanho, e assim por diante, em função dos usos possíveis e necessidades ou oportunidades que se apresentam.

Alguns projetos de cozinhas, por exemplo, já adequam sistemas de computador, inclusive com sistemas inteligentes interligados aos eletrodomésticos. Esse tipo de equipamento possivelmente atingirá, em um primeiro momento, apenas às elites, para somente mais tarde “descerem” às de poder aquisitivo imediatamente inferior e, assim por diante, até chegar ao limite de sua possibilidade de disseminação, em termos de mercado.

As alterações no ambiente familiar, pela incorporação do computador,

foram evidenciadas quando a maioria dos entrevistados mais jovens afirmou ficar bastante tempo utilizando-o, esteja ele no quarto ou em outro local, demonstrando o quanto esses jovens, ao se entreterem com a nova ferramenta, abandonam, ao menos parcialmente, parte das ações que costumavam fazer, seja escrever à mão, utilizando a linguagem aprendida, praticar esportes ou falar ao telefone, para citar apenas algumas das atividades. Os textos escritos à mão são substituídos pelos textos e pesquisas feitos nos computadores, pelos e-mails e comentários em *orkuts*, que, muitas vezes, expondo descrições pormenorizadas, transformam a vida das pessoas em “livros abertos”. A importância das tecnologias de comunicação, nos lares, acaba fazendo com que alguns espaços da casa sejam subutilizados e outros superutilizados, e que novas “linguagens” sejam desenvolvidas, adaptando as já existentes às necessidades emergentes.

A importância do computador na faixa mais nova é realçada por alguns entrevistados, representando o mesmo um instrumento de trabalho e lazer:

O meu computador é muito importante, até porque é trabalho, é lazer. Eu passo muito tempo na frente dele. (Cadu, 24, estudante, mora com os pais e a irmã)

É com ele que eu trabalho, é com ele que eu estudo. (Rick, 23, estudante, mora com os pais e irmão)

Eu gostaria de ter um computador no meu quarto. Só para mim, com as minhas coisas, sem ninguém mexer. (Gabi, 19, estudante, mora com a mãe e o irmão)

Para além da perceptível importância, a necessidade de exclusividade de um equipamento, expressa na última fala, leva-nos a refletir sobre a questão da posse, do domínio sobre o objeto, garantindo ao mesmo tempo autonomia e privacidade em relação às atividades desenvolvidas por meio dele.

A despeito dos comentários como o acima, expondo a preferência por um equipamento de uso individual e exclusivo, o equipamento individualizado não foi encontrado na maioria das moradias visitadas, e, sim, equipamentos de uso coletivo, por vezes mais de um equipamento em um mesmo ambiente, para atender a todo o grupo familiar. No entanto, como afirmou um de nossos

entrevistados, arquiteto, a maioria dos projetos destinados às camadas mais abastadas prevê a utilização de aparelhos de som, televisão e computadores individuais de última geração, demonstrando que as preocupações e formas de uso atingem diferentemente indivíduos de camadas diferentes.

Como afirma Latour (2000), nunca estamos diante de objetos ou relações sociais, mas de cadeias de associações de humanos e não-humanos, numa espécie híbrida, e os elementos que permitem essas associações exigem, por assim dizer, condições materiais e sociais que permitam e estimulem o seu uso. Ligamo-nos a outras pessoas não apenas quando estamos nos comunicando diretamente com elas, mas quando utilizamos, por exemplo, um *software* para o desenvolvimento de tarefas técnicas ou gerenciais, entrando em contato com as pessoas cujo envolvimento resultou naquela ferramenta que, aliás, dependeu do desenvolvimento de todo o sistema, o qual possibilitou que ela fosse gerada, e assim por diante.

Por razões funcionais, seja para o trabalho ou mesmo lazer, evidenciada a praticidade de sua utilização, o uso do computador avança em todas as faixas etárias, ainda que seu uso seja menos intenso dentre os mais velhos, e mesmo diferenciado, em função dos ritmos, habilidades e disposição para aprender a lidar com o novo, não figurando, para esta faixa, entre os objetos de maior significado, dentre as possibilidades do universo material que compõe o ambiente doméstico. As tensões aparecem, e a negociação está sempre em pauta, para que todos os membros possam se utilizar dele, seja como ferramenta de comunicação, trabalho ou lazer, garantindo a inserção em um grupo, essencial a algumas faixas estudadas.

Além disso, parece não haver (talvez possamos dizer “ainda”) uma dependência tão direta destes do computador, quando se trata dos interiores domésticos, mas representam os mesmos mais uma alternativa de lazer, embora a sua utilização para desenvolver atividades de trabalho também seja freqüente, por necessidade e facilidade:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

O computador, que é um negócio que eu gosto e todo mundo aqui usa, né? [Para] lazer nos fins de semana etc. Mas geralmente eu tenho um pouco de mania de trazer serviço para casa, que não é uma coisa boa, mas a circunstância obriga. (Carlos Alberto, 49, empresário da const. civil, mora com esposa e filhos)

Jogo um pouquinho de paciência [no computador], é mais para ocupar o tempo, mas de noite eu nem mexo mais. É só de manhã quando eu fico esperando o almoço. Não tenho o que fazer, brinco um pouquinho e às vezes ali por cinco horas, quatro horas, depois que leio o jornal, está tudo certo, brinco mais um pouquinho. (Nelson Luís de Souza, 56, funcionário público aposentado, mora com a esposa e filhos)

Eu trabalho, fico aí no computador, daí chega uma hora que você cansa de trabalhar, você vai brincar um pouco. Eu também sou filho de Deus, então tem uns joguinhos ali no computador, de internet, que eu gosto de jogar, também. (José Corvina dos Reis, 55, contador, separado, mora com os filhos)

Eu vou dizer que atualmente, em função até da atividade, o computador está sendo uma ferramenta muito importante. Mas não é algo assim que eu curta ficar lá navegando ou... não. É como um objeto de trabalho. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

Um dos entrevistados, arquiteto, afirma utilizar o computador para alguns serviços essenciais, mas prefere desenvolver seus projetos na prancheta, à moda antiga:

Eu tenho a prancheta lá [próxima ao armário onde são guardadas as roupas, pertences, etc., perto da sacada], adoro prancheta! Odeio CAD... CAD é prá fazer projeto executivo, prá criar tem que ser o grafite. Adoro grafite, adoro apagar [...] lá [no escritório] está muito comprometido, o sentar lá com agilidade. Escrever alguma coisa no computador, prá trabalho. (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)

Da forma como encontramos nos espaços das moradias visitadas, não podemos evidenciar a importância dos computadores a partir de uma variação estética, considerando-se a homogeneidade entre os mesmos e até certa simplicidade em relação aos equipamentos disponíveis no mercado e acessíveis às camadas médias à época de realização das entrevistas. Realçamos que esse elemento sequer foi citado por qualquer entrevistado.



Fotos 152 e 153: Computadores encontrados em alguns dos quartos de adolescentes nas moradias pesquisadas.

Similarmente ao computador, e em especial para os rapazes dos 13 aos 24 anos, embora não exclusivamente, os videogames¹²³, ou os jogos coletivos, por meio da internet, representam uma fonte de entretenimento e prazer, bem como um elemento distintivo no sentido de marcar uma possibilidade do consumo, uma vez que não é acessível ainda a camadas menos privilegiadas, na cidade e país em que desenvolvemos a pesquisa. Comumente é utilizado no dia-a-dia, pelos indivíduos pesquisados, dentro dos limites de tempo disponíveis e/ou autorizados, e nos finais de semana por mais tempo, por vezes atravessando a madrugada, no caso dos mais velhos que jogam em rede:

Além de ser ferramenta de trabalho, é lazer. Combino com meus amigos jogos de rede, basicamente isso. (Cadu, 24, estudante, mora com os pais e a irmã)

Sendo ainda uma forma de desafio à ação e à imaginação, talvez sejam estes os elementos-chave do sucesso do videogame desde a mais tenra idade,

¹²³ Carnaval de peripécias sem relato, próprio de uma época em que a própria experiência do relato tende a desaparecer, o videogame propõe a ilusão de que as ações um dia poderão alterar o infinito periódico que a máquina tem inscrito. “Como no *zapping* televisivo, também aqui existe algo dessa combinação de velocidade e desvanecimento, que poderia ser o signo de uma época”, afirma Sarlo (2004, p. 52).

perpetuando-se até a idade adulta e reorientados e estimulados ainda mais com os jogos para computador. Brandão (2002) evidencia tornarem-se as próprias máquinas territórios para o desenrolar de situações, realçando terem sido as "masculinas" salas de fliperamas transferidas para um aparelho de videogame acoplado à televisão. Tecnologia e sociedade vão se modificando, moldando ambos os sistemas uns aos outros.

Vale trazer um dos depoimentos que evidencia a importância do videogame a partir de uma perspectiva diferenciada, como resgate de sua história, inclusive sobre a idéia de investimento pessoal; desse modo, de caráter fortemente simbólico, realçando as questões de memória embutidas nos objetos, conforme McCracken (2003).

Meu videogame. Eu tenho memórias, me associo, lembro de muita coisa, assim, dá essa sensação gostosa, e eu vou carregar ela mesmo depois de me desfazer dele. Eu tenho mais, eu acho, mais apego com o meu próprio videogame, porque eu mexi muito nele, sabe? Eu alterei as coisas dele, eu comprei outras coisas, mexi ...então, investi trabalho meu. Ele cresceu comigo, então se eu perdesse ele eu sei que, assim, sabe... eu ia ter que fazer tudo isso de novo, né, mas é mais o sentimento pelo trabalho perdido do que pelo objeto em si. [...] A vida inteira eu brinquei com videogame, eu sempre gostei assim de entrar num lugar e “viajar”, sabe? Ir para outros lugares, me envolver no jogo e tal. Sempre gostei dos jogos de imaginação, assim. (Luca, 23, estudante, mora com a mãe e a irmã)



Foto 154: Videogame. Para seu dono, não tem valor como objeto, em si, mas sim por todo o tempo nele investido.

Além das questões evidenciadas, permitir “viajar”, ou seja, ir ao encontro do desejo de deslocar-se no tempo e no espaço, são elementos que ajudam a compreender um interesse comum aos adolescentes. Transportar-se, por um tempo, para o jogo, assumindo uma identidade temporária, talvez uma “máscara” (no sentido de Goffmann), que permite encarar o desafio e a liberdade. Vários dentre os adolescentes vivenciam esse mesmo tipo de experiência, de “deslocamento”, experiência similar às possíveis em Parques de Diversão e em outros locais de lazer, como os cinemas, que nos “deslocam”.

Assim, não são os livros a preferência em termos de “dar asas à imaginação” dentre os adolescentes e jovens pesquisados, mas, antes, elementos de entretenimento, cujo retorno é mais rápido do que a leitura, o que, pelos depoimentos dos mais jovens, acaba por assumir o seu lugar, no sentido de permitir imaginar e ousar.

O computador e o videogame são importantes à questão de pertencimento, pois saber jogar e comunicar-se pelo computador são garantias de inserção em um universo comum à faixa etária dos mais jovens, que a eles têm acesso, um elemento distintivo, como Bourdieu (1979) buscou evidenciar, realçando que esses mecanismos de diferenciação dos grupos sociais não se esgotam, mas, antes, são buscados continuamente novos gostos socialmente diferenciadores.

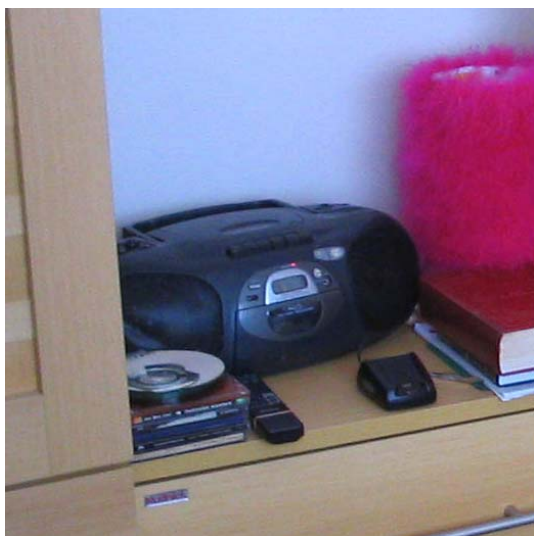
Vale evidenciar que os aparelhos de televisão e os aparelhos de som, incluindo os CDs e os discos de vinil (dentre os mais velhos) foram citados como importantes para ambos os sexos. Porém, na faixa dos 13 aos 24 anos, entre garotas e rapazes, o aparelho de som destacou-se logo a seguir ao computador como objeto preferido, comumente aparelhos simples, colocados nos quartos:

Eu durmo escutando música, eu acordo escutando música, o mesmo CD duas semanas, assim. Tudo o que eu faço é escutando música. (Cati, 18, estudante, vive com a mãe, o padrasto e os irmãos)

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Eu gosto do meu som, eu adoro o meu som, acho que eu não vivo sem o meu som, no quarto. (Ju, 13, estudante, mora com os pais e os irmãos)

O som, né! Que é importante também, apesar de não ser muito potente, mas é importante ali, o sonzinho. (Rick, 23, estudante, mora com os pais e irmão)



Fotos 155 e 156: Nas fotos, aparelhos de som nos quartos de adolescentes e jovens, comumente simples, denominados “Três em Um”.

Escutar música é uma das atividades de lazer comuns aos vários membros das famílias entrevistadas, nas mais variadas faixas etárias. Dentre adolescentes e jovens, representam forte mecanismo de pertencimento, sendo a possibilidade de conhecer as músicas do grupo ao qual pertencem sua função principal. Foi na faixa dos adultos dos 35 aos 54 anos que encontramos aparelhos de som com forte apelo em relação à qualidade do som produzido:

Música, computador, o tempo [livre] é dividido assim. A televisão é mais no final da noite com um filme, mas é mais ouvir uma música, um disco, [...] ficar tranquilo, deitado aqui, no sofá. A TV é uma briga. Às vezes vai por par ou ímpar para ver qual canal que vamos assistir, ou é uma hora cada um, quando estamos juntos. (Paulo Rogério, 37, an. sistemas, separado, mora com o filho)



Fotos 157 e 158: Aparelhos de som sofisticados, de qualidade profissional, uma das opções centrais de lazer de alguns dos entrevistados que, nesta situação, têm um bom aparelho para reproduzir discos de vinil.

Na fala do entrevistado, que cria o filho adolescente, as tecnologias de comunicação intermediam o lazer e o convívio da família. Para os adultos acima dos 50 anos, de ambos os sexos, a escolha desses aparelhos tem a ver não apenas com sua inserção social, no sentido dos grupos de convívio, mas igualmente a sua história de vida, e a escolha por um aparelho, em geral, está ligada à facilidade de acesso à música.

Elemento que sobressai é a dificuldade de lidar com equipamentos sofisticados, levando por vezes à busca por aparelhos antigos e de domínio de quem os utiliza:

O som, mas tem até vários sons aqui, em cada quarto tem um, no escritório tem um, na churrasqueira tem outro, mas eu só sei apertar o básico. O som é uma coisa que a gente gosta muito.
(Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

Eu queria comprar um novo mas não teve jeito, não tem mais, daí minha mãe disse: quer, leve para você [o que pertencia ao pai]. É mais cômodo, daí de vez em quando eu gosto de escutar vinil, eu ainda sou daqueles caras que gosta de escutar música de velho, mesmo, então é mais ou menos assim: as minhas coisas, eu não gosto de coisa agitada. A música mesmo é para ficar meditando

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

contigo. (Nelson Luís de Souza, 56, funcionário público aposentado, mora com a esposa e filhos)



Fotos 159 e 160: O aparelho antigo (no detalhe da foto) e o novo permanecem lado a lado, mas o entrevistado tem sua escolha definida.

Vale evidenciar que as colunas (em estilo grego) e a banqueta que apóiam o som foram improvisadas depois que o cachorrinho da família fez xixi nas caixas de som, para que as mesmas não se deteriorassem. Seu uso anterior não nos foi evidenciado. Nas paredes, quadros pintados por pessoas da família, denotando respeito e admiração por seus membros.

Por motivos diferentes, dois dos últimos entrevistados, um com menos de quarenta anos e outro com mais de cinquenta, têm o som como algo realmente importante, investindo neles tempo e, por vezes, recursos financeiros. A importância do aparelho de som antigo, para o último entrevistado apresentado, reside em ser um objeto cujo acesso tecnológico é fácil, de forte apelo prático/funcional, mas igualmente por ter ficado como herança de seu pai, tendo, assim, um aspecto simbólico envolvido na escolha. Um aparelho que lhe permite escutar música da forma antiga e ao mesmo tempo lembrar de quem ama e se foi.

Mesmo tendo ao lado do aparelho antigo um aparelho tecnologicamente atualizado, o entrevistado deixa-o para situações específicas. Quando quer escutar CD, comumente chama o filho pela dificuldade em lidar com algumas das possibilidades oferecidas pelo aparelho. Na maior parte do tempo, o mesmo fica

como um elemento de “admiração”, no sentido apontado por RIAL (1993) sobre objetos de tecnologia recente ganhos por pessoas mais velhas que não são usados, mas assumem posição de destaque para serem admirados, símbolos de uma cultura de cujo desenvolvimento não participaram. Conforme Santos (2002), não sendo parte da historicidade, os objetos precisam de uma tradução, e o filho do entrevistado, que cresceu apertando botões, assume o papel de “tradutor”, nesse caso.

Com isso, podemos afirmar que objetos novos afetam os sistemas sociais, mas não modificam, necessariamente, e sequer da mesma maneira, a todas as pessoas que têm acesso a eles. O significado de um objeto, cuja idéia central é a sua utilização prática é diferente do significado adquirido quando esse mesmo objeto é utilizado como elemento de forte apelo estético ou como demonstração da possibilidade de “ter”.

Da mesma forma, duas outras entrevistadas avaliam a questão da necessidade ou não de substituição das tecnologias de comunicação por mais recentes, explicitando os motivos de sua decisão:

Eu troquei o meu microondas porque o meu tinha vinte anos, ele morreu. Por isso foi trocado. Não tem essa coisa, assim, de ficar olhando um fogão novo e ficar babando naquilo. Eu prefiro um vestido (risos). (Carmem Silvia, 46, artista plástica e prof. universitária, mora com o segundo marido e filhos)

Tanto o rádio quanto a televisão, você pode ver que são muito simples e eu não tenho intenção de mudar. O meu vídeo, que era dos meus pais, é aquele que tem botão de liga e desliga [risos]. Não é nenhum blá blá blá dessas coisas caras não, então são coisas que eu nunca me desfaria, eu acho [...] eu sou muito sentimentalista, então são coisas que prá mim tem um valor emocional muito grande. (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)

O valor emocional se destaca nesta última fala. É através de questões de apego a uma historicidade, aliadas à praticidade dos objetos com os quais já tem facilidade em lidar, que podemos compreender sua escolha. Santos (2002) afirma que a reprodução do uso de objetos obedece a condições sociais,

realçando que algumas pessoas optam por adotar as novidades rapidamente, enquanto outras permanecem com modelos anteriores.

Diferente do que aponta a entrevistada, mas de forma similar ao que encontramos em vários dos depoimentos, Margolin (1998) ressalta estar a qualidade do produto comumente acima daquilo que o usuário pode aproveitar, mas, ainda assim, o consumo ocorre pelo que o produto representa, transformando-o em uma declaração simbólica mais do que em um objeto cujo espectro de funcionalidade será explorado. Também Baxter (1998) afirma serem os objetos que possuímos parte de um mosaico que ajuda a formar a imagem visual que projetamos nos outros.

A fala de alguns entrevistados adultos resume a idéia central que perpassa a importância dos aparelhos elétrico/eletrônicos, mais especificamente aparelhos de som, no espaço doméstico, seja por razões estéticas, pela qualidade do som, ou mesmo pelo que simboliza:

Eu queria ter um aparelho de som bem, bem bonito, bem bom. O que eu tenho é muito pequenininho, esse aí ...eu acho o som muito acanhado, né. Queria assim uma coisa bem possante, até profissional. Eu acho bonito. (Quitéria Maria de Souza, 55, artista-plástica, separada, mora só)

Acho que, de uma forma geral, os eletrônicos. TV, vídeo, som, é o que mais me chama atenção. (Guilherme, 33, analista, mora com a esposa)

Eu estou sem som, aqui na sala, eu fiquei só com o portatilzinho, então eu tenho que ficar carregando, quando eu vou pro quarto, eu levo pro quarto, quando eu estou indo para a sala, levo para a sala... (Maria Cecília, 47, funcionária pública, separada, mora com os filhos)

Vale lembrar que, no caso do primeiro dentre os três depoimentos anteriormente citados, a entrevistada optou por uma forma simples de viver, destacando, no entanto, um elemento com forte apelo estético, por achar bonito.

A escolha por um *home-theater*, no depoimento a seguir, é feita pela união entre o que se deseja em relação aos aspectos de qualidade de som e imagem, não somente em função da sofisticação, mas igualmente considerando o potencial de consumo:

Eu gostaria de ter um som, na verdade hoje não é mais som, é alguma coisa de multimeios, né, que você pudesse escutar música, ver shows, assistir filmes, com uma qualidade que o nosso dinheiro conseguisse comprar. (Artur Otávio, 42, prof. universitário, mora com a segunda esposa e os filhos dela)

Na mesma medida em que para alguns entrevistados manter os objetos antigos que funcionam bem e são fáceis de utilizar é importante, a atualização tecnológica é de extrema importância para outros entrevistados, que, tendo acesso a ela, não gostariam de abrir mão da possibilidade de adquirir as novas tecnologias ofertadas. Um entrevistado retoma a questão de uma forma mais detalhada, visto que já na construção previu os espaços e instalações:

O sistema de som ainda não está funcionando, mas tem todo o cabeamento. Tem aqui [na sala íntima], tem na sala, tem na cozinha, tem nos banheiros, lá em cima, e eu vou colocar as caixinhas. Aqui [na sala íntima] eu vou fazer um mini home-theater, inclusive esse cabeamento aqui está ligado com o home-theater principal que vai estar lá na sala, aqui vai ser um home-theater com televisão, lá vai ser um home-theater com tela, com projetor, e eu comprei um sonzinho também para ligar... inclusive quando eu assisto a televisão, eu ligo o som junto, que daí ele já dá um sonzão, assim. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)

A importância da música é realçada na vida das pessoas entrevistadas, fazendo com que as mesmas queiram ter (ou mesmo tenham) aparelhos de som distribuídos pela moradia toda. Também os aparelhos de DVD, assim como aparelhos de televisão com telas maiores (de plasma, a “coqueluche” na época das entrevistas), apareceram com certa importância, mas como desejo (à época das entrevistas, os aparelhos de DVD ainda não eram acessíveis à maioria das pessoas no grupo estudado) para prover o acesso a lançamentos mais recentes disponibilizados pelas locadoras ou mesmo acesso à melhor qualidade de som e imagem:

DVD, que é uma necessidade, né, não tem mais VHS para comprar. (Débora, 25, psicóloga, mora com a companheira)

O DVD prá assistir filmes que estão sendo lançados, clássicos, que não tem em fita. (Laura Maura, 45, assistente social, solteira, mora só)

Eu quero uma televisão maior com DVD, assim, para poder assistir um bom filme, com certeza um DVD. (Tereza Cristina, 47, gerente de programação visual, mora com o marido e filhos)

Como afirma Baudrillard (1968), vivemos no ritmo dos objetos, e as necessidades vão sendo criadas a partir de novas tecnologias desenvolvidas, ou mesmo novas tecnologias surgem a partir da percepção de novas necessidades, sociedade e mercado interagindo e influenciando-se, reciprocamente.

Dentre os objetos preferidos, aqueles que têm relação com as tecnologias de comunicação e de lazer parecem determinar, em alguma medida, a forma dos indivíduos vivenciarem parte de suas experiências, estejam eles inseridos em um ambiente de convívio ou isolados na maior parte do tempo que passam em suas casas, por vezes em um dormitório, no caso de muitos dos adolescentes e jovens. Nesse sentido, onde quer que estejam colocados, acentuam as características pessoais, independentemente de serem mais voltadas ao coletivo ou a uma valorização da possibilidade de estar só.

Consideramos necessário reforçar que esses objetos, por vezes, são colocados propositadamente em um determinado lugar, de forma a permitir o contato, quando desejado, ou impedi-lo, se for esta a escolha. Exemplos descritos anteriormente são os computadores que, colocados em local diferente do quarto, fazem com que os adolescentes e jovens os acompanhem, migrando do seu quarto para esse espaço. Ou seja, o artefato precede ao espaço, em termos de definição do uso e, nesse caso, permite o contato com o restante da família, levando ao convívio.

Salientamos que isso não ocorre premeditadamente em todas as situações, pois muitas vezes a utilização dos objetos é coletiva, como no caso de vários dentre os aparelhos de televisão e computadores em muitas das moradias em que desenvolvemos nossa pesquisa:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

À noite [ficamos] todos aqui [na sala de estar], porque tem televisão, que infelizmente acaba centralizando. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)



Fotos 161 e 162: Sala de estar de uma entrevistada, que, embora gostando do espaço, lamenta o efeito centralizador da televisão.

De qualquer forma, aparelhos de som, de televisão, videogames e computadores, nos quartos individuais ou de casais, acabam por encerrar seus habitantes em grande parte do seu tempo livre no local em que foram colocados, mas, simultânea e contraditoriamente, abrem espaço hoje, mais do que em períodos anteriores, ao contato com muitos outros indivíduos e situações, através de ambientes virtuais.

Cabe realçar que os objetos citados anteriormente como elementos que encerram seus usuários em espaços demarcados são encontrados mais comumente. Todavia, equipamentos de oficinas que permitem o desenvolvimento de consertos e mesmo criação de peças e protótipos de produtos parecem ter a mesma função exercida pelos computadores e videogames, no sentido de que os mesmos “enclausuram”, permitindo criar, montar e desmontar, arriscar-se, “viajar” nas idéias, obter satisfação.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 163, 164 e 165: Oficinas de dois entrevistados, ambas em local abaixo do nível da rua e separadas do restante da moradia.

O resultado do trabalho nas oficinas visitadas não apenas permite extravasar e fazer pequenos consertos, mas conformar novos objetos, comumente funcionais, por vezes marcadamente estéticos, que se tornam especiais, ou seja, o investimento pessoal é de grande valor, exigindo certo isolamento e atenção.

Ao recuperar Moles (1971), Santos (2002) reforça que cada novo objeto, quando se insere na paisagem, renova o sistema de relações no local onde são inseridos, redefinindo o meio que os acolhe. Isso corresponde a uma interferência de mão dupla no sistema tecnologia-sociedade, pois, ao redefinir o meio que o acolhe, o sistema é também modificado pelo contexto em que são inseridas as tecnologias que dele fazem parte. Essa modificação se dá com base na sua aceitação, rejeição ou mesmo uso, dentro das formas previstas ou inovadoras.

Parecendo ocupar, no lazer, espaço similar ao videogame – substituindo-o ao menos parte do tempo – os instrumentos musicais também apareceram como objetos importantes junto a alguns entrevistados, como dois garotos e uma garota na faixa mais nova, e dois representantes na faixa dos 40 anos. O local em que os mesmos se encontram, em geral privilegiado, evidencia, para além do aspecto de estudo e lazer envolvidos, a importância do apelo estético e importância dos mesmos para seus usuários/possuidores.



Fotos 166, 167 e 168: Alguns dos instrumentos encontrados em locais de circulação ou bem à vista, realçando a importância de seu caráter estético.

Os instrumentos musicais, em seu aspecto utilitário, exigem concentração para a sua prática, por vezes incomodando aos demais moradores, ao impossibilitar o desenvolvimento de tarefas, como assistir à televisão ou mesmo estudar, ao mesmo tempo em que o treino através do instrumento acontece, ou seja, gerando tensões a serem resolvidas no ambiente familiar. Alguns depoimentos ressaltam o aspecto de desconforto decorrente da prática de um instrumento:

Seria importante um lugar onde eu pudesse tocar bateria e ninguém me incomodasse. Que eu pudesse ter um mini estúdio, assim, que eu pudesse fazer o barulho que eu quisesse, a hora que eu quisesse, e não incomodar ninguém. Inclusive eu estou vendendo minha bateria acústica pra comprar uma eletrônica, que dá pra tocar com fone de ouvido, daí ela não tem som, né, é só uma borrachinha, porque não adianta eu me divertir e incomodar os outros, né? (Guilherme, 33, analista, mora com a esposa)

Agora está sendo mais tranquilo, mas quando a minha irmã estava aqui [ela se encontrava morando fora do país, no momento da entrevista] era complicado, porque eu até tinha que planejar todos os meus horários de acordo com os dela, porque ela não gostava quando eu tocava piano. (Kiko, 13, estudante, mora com os pais e a irmã)

Se um quer tocar piano, outro quer assistir televisão, outro quer escutar música, enfim [compromete]. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)

Tensões surgem e negociações se fazem necessárias nas situações anteriormente evidenciadas. O aprendizado é importante, mas exige a prática. Por outro lado, o som atravessa o espaço, marcando o território.

Embora comumente se encontrem em ambientes de uso coletivo, a prática de tocar um instrumento é, via de regra, individual. Pessoas que desenvolvem seu lado artístico, utilizando-se de instrumentos, têm neles uma fonte de prazer e lazer. É o próprio objeto, neste caso instrumento musical, que exige concentração, desenvolvendo ou reforçando, em seu usuário, esse tipo de habilidade.

4.2 Identidade pessoal x identidade grupal

Discorrendo ainda sobre as questões de entretenimento e lazer, mas abandonando a idéia de objetos funcionais, no sentido de terem mecanismos de tecnologia complexa como elementos de interação, vários entrevistados descreveram seu gosto por livros, muitos como o entretenimento preferido, sobressaindo pessoas acima dos 24 anos e com uma concentração maior acima dos 40 anos, mais dentre mulheres do que homens. Resgatamos algumas das falas:

O que eu gosto bastante é de livros, assim, de autores específicos. (Pati, 22, estudante, mora com os pais e irmão)

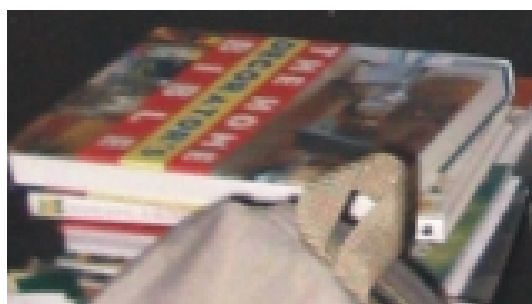
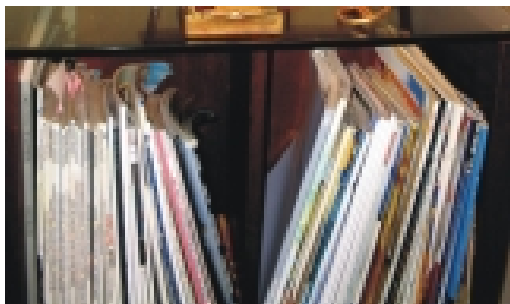
E uma coisa que eu gosto muito, também, são meus livros. Sempre gostei de livros, tenho o maior carinho. Sempre tentei passar isso para os meus filhos, até para que tratem sempre com muito zelo o livro, seja ele velho ou novo, deles ou não. (Maria Júlia, 49, gerente de orçamento, mora com o marido e filhos)



Fotos 169 e 170: Estantes encontradas em quartos de uma jovem e de uma adolescente, que têm a leitura como uma das fontes importantes de lazer. Destacam-se romances de autores estrangeiros, como Richard Bach e Robin Cook, e livros de moda, no caso da adolescente apaixonada por *design* de moda.

Algumas pessoas desenvolvem o hábito de emprestar livros em bibliotecas, mas, dentre as pessoas entrevistadas, o “consumo” no sentido da posse, da coleção, do ter, foi predominante¹²⁴:

Fissura por livro, posse do livro... posse! Posso não lê-lo, mas tê-lo! Mas não tem, assim, essa coisa de posse de não tirar dali... [mas] sim no sentido de estar disponível. Eu posso não abrir, assim, mas eu sei que ele está lá, que é importante... deixa lá, uma hora eu pego! (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)



Fotos 171 e 172: Na sala do arquiteto, predominam livros de decoração, arquitetura e fotografias, uma de suas paixões.

De forma contrária, uma entrevistada, que no armário existente para guardar o *portfolio* tem apenas livros que documentam sua trajetória, depõe:

¹²⁴ A idéia de que a leitura em papel, e com ela o consumo de livros, seria abandonada com o aumento da utilização do computador, não se concretizou. Grande parte das pessoas, ainda que se utilize de ferramentas computacionais, prefere o papel quando o assunto é leitura. O tipo de acesso econômico que se tem aos livros é similar ao que se tem aos sistemas computacionais, visto que os mesmos atingem as camadas médias e acima, que têm poder de compra, de consumo, na maioria dos casos.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Eu guardo tudo na memória. Até o livro, né, leio já está lido
(Quitéria Maria de Souza, 55, artista-plástica, separada, mora só)

A presença de romances, livros de poesia e de ficção foi identificada principalmente entre as mulheres, sendo importantes na compreensão do gosto, denunciando suas escolhas e representando um elemento distintivo de grupo. Principalmente nas situações em que existem filhos adolescentes, além dos romances e livros de ficção, dicionários e enciclopédias se destacaram.

No entanto, a maioria dos livros encontrados dizem respeito às profissões dos habitantes dos locais em que eles se encontravam, ou seja, dizem respeito à identidade individual, facilmente perceptível a partir de uma observação rápida no ambiente em que se encontram.



Montagem de Fotos 173: Conjunto de fotos realçando inúmeras situações encontradas nos espaços visitados para a guarda de livros. Comumente eles são mantidos em prateleiras abertas, mas também recorre-se ao uso de armários com portas.

Estantes, prateleiras, mesas e armários são exemplos de móveis que recebem objetos. Comumente feitos em madeira, variam mais de tamanho do que de forma, adaptam-se aos locais disponíveis, embora atendam a uma mesma função. Em locais em que adolescentes e jovens estão presentes, os livros permanecem em escritórios ou espaços de uso coletivo ou dentro do quarto de cada um dos usuários, sobretudo aqueles livros que pertencem aos usuários desses espaços. Não podemos deixar de citar, porém, que em várias moradias eles estão presentes em múltiplos espaços simultaneamente e, nesses casos, buscam a facilidade de acesso ou evidenciar o gosto do morador.

Grandes bibliotecas destacaram-se apenas em 10% das moradias, mas a presença de ao menos um armário específico para guardar os livros foi evidenciada em quase todas. No caso da entrevistada que morou na Inglaterra, sendo professora de literatura inglesa, destacam-se livros que a auxiliam na profissão, mas igualmente livros de turismo de países da Europa e livros exóticos.

Na casa de uma colecionadora de objetos, encontramos livros em diversas peças da casa, evidenciando serem os mesmos especiais aos moradores. Logo na entrada, uma mesinha expõe livros de turismo da Europa, livros de *patchwork*, um *hobby* da moradora, e *design*, dizendo respeito à atividade profissional do casal, expondo certa variedade de gosto e interesses. No lavabo, próximo ao vaso sanitário, localiza-se, no chão, um cesto com inúmeros livros e revistas, que podem assumir a função decorativa ou instrutiva.

Livros de “I Ching” e tarô foram encontrados em cerca de 20% das moradias, realçando a importância de aspectos místicos e conformando, juntamente com altares, santos, anjos e espaços para meditação, a idéia de que as questões de ordem espiritual estão presentes.

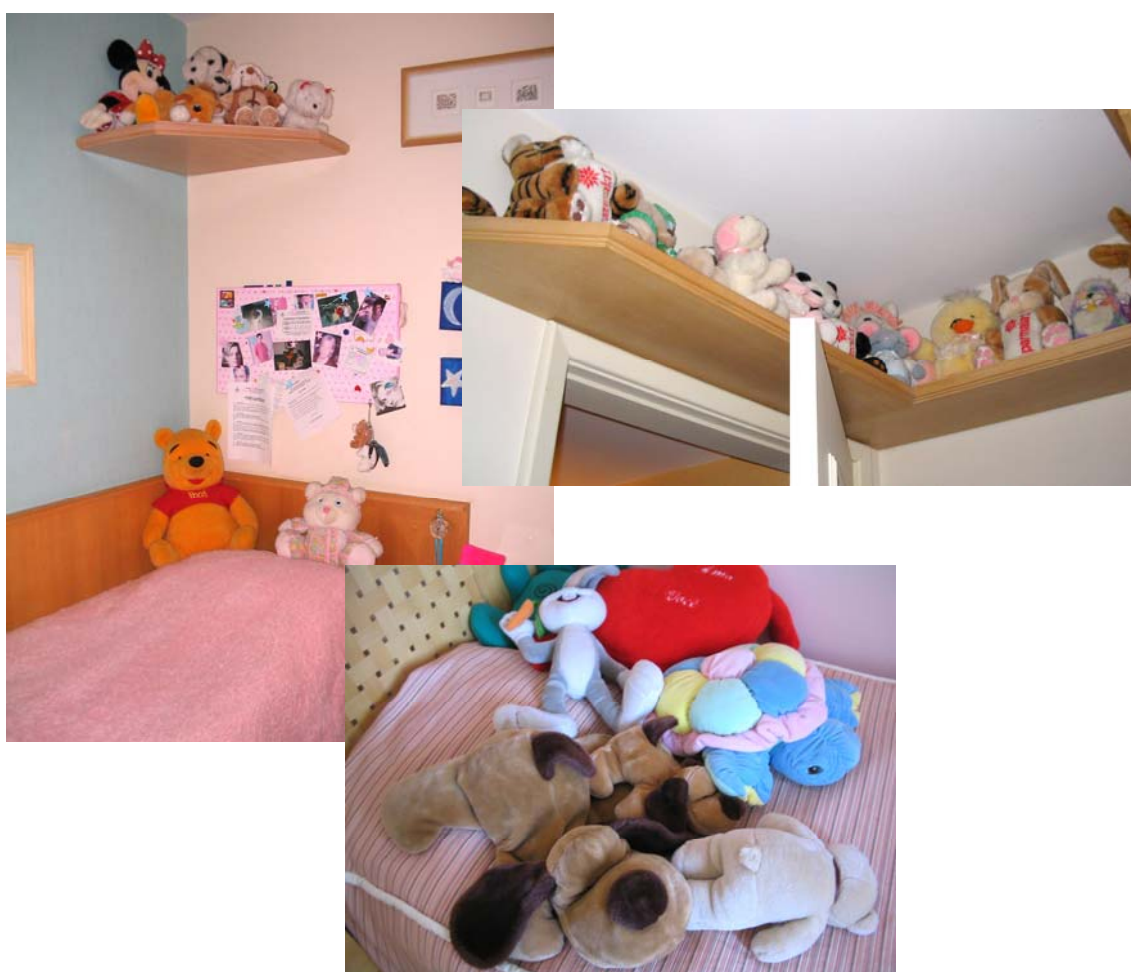
Os livros comunicam sobre interesses de seus usuários, sobre hábitos, e cada tipo de literatura encontrado tem uma pessoa correspondente, por vezes compartilhado por mais de um morador.

Diferentemente dos livros, cujo interesse atinge a pessoas das mais

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

variadas faixas etárias e de ambos os sexos, os bichos de pelúcia, existentes em vários dos quartos de garotas, e mais raramente no dos rapazes – realçados pelo caráter estético e afetivo – foram ressaltados como objetos importantes apenas pelas meninas, sendo um elemento comum à maioria dos quartos visitados, uma espécie de “marca” do quarto das adolescentes e jovens:

Eu gosto dos meus bichinhos de pelúcia, eu tenho uma prateleira cheia. (Ju, 13, estudante, mora com os pais e os irmãos)



Fotos 174, 175 e 176: Os bichos de pelúcia foram encontrados em todos os quartos de adolescentes do sexo feminino e de algumas jovens. Os tons suaves encontrados na mobília e ornamentos, comumente contrastando com o colorido de alguns dos enfeites de pelúcia, foi também elemento que sobressaiu na pesquisa.

Coloridos, expressivos, e com aspecto infantil, os mesmos vão ao encontro de algumas das características culturalmente assumidas como

femininas, como a docilidade, a leveza e a afetividade¹²⁵. Exceção foi uma jovem que declarou não se interessar por bichos de pelúcia, afirmando gostar de coisas suaves, delicadas e “femininas”¹²⁶:

Eu na verdade nunca gostei muito deles. Eles [a família] implicavam comigo porque a gente foi para a Disney né, aí claro que só eu que não curtia as coisas, que não era porque a mãe adora... eu acho bonitinho, não é uma coisa assim que você adora, né. (Pati, 22, estudante, mora com os pais e irmão)



Foto 177: Na prateleira no quarto de uma jovem, os bichos de pelúcia são mantidos para não romper com a ordem familiar, estão em local pouco visível, sem cuidados especiais.

As tradicionais caixinhas de música, antigamente feitas em madeira, depois em metal abrindo espaço, nas últimas décadas, para a produção em plástico simulando esses materiais, parecem ter desaparecido. Encontramos apenas uma delas, no escritório de uma entrevistada¹²⁷ que nos chamou atenção a um detalhe especial: o fato de haver duas meninas se beijando sobre ela.

¹²⁵ Não encontramos bonecas, elementos que tempos atrás confirmavam a presença de menina na moradia. Talvez isso tenha ocorrido por tratar-se de quartos de adolescentes e jovens, uma vez que os bichos de pelúcia não demarcam socialmente a infância, como acontece com as bonecas. Quando a garota chega a uma determinada idade (ou fase), livra-se das bonecas e de elementos que considera infantis. Ficam os bichos de pelúcia, que até crescem em quantidade.

¹²⁶ Seu quarto foi planejado juntamente com a mãe. Tendo uma janela grande, é fartamente iluminado e os móveis claros ampliam a sensação de amplidão. Dentre seus objetos preferidos estão suas pulseiras, correntes e anéis, perfumes e maquiagem, sendo que uma parte grande dessas coisas fica sobre a penteadeira. Tem paixão pela sua coleção de miniaturas de perfumes e os livros são talvez seu maior tesouro. Nas paredes, telas pintadas por ela mesma dão um colorido suave ao ambiente, em tom rosado. (Anotações do Diário de Campo, em 17/03/2005).

¹²⁷ Psicóloga, de 25 anos, a entrevistada é uma pessoa ativa, certamente criativa, adora alterar objetos e colocar cores fortes nas coisas e paredes. Os objetos mais importantes, para ela, são as pequeninas coisas que em geral altera, recicla, mas igualmente alguns móveis. Sendo bastante caseira, coloca seu jeito em tudo, identificando-se com esses espaços demarcados. (Anotações do Diário de Campo).



Foto 178: Na prateleira do escritório, chama a atenção, mais do que a caixa de música, as duas figuras femininas que dela fazem parte e que se movimentam. À direita da caixa de música, uma gata repousa em sua poltrona.

Na sua casa, encontramos, na geladeira, inúmeras figuras femininas destacando a escolha das moradoras: é o *kitsch* instaurado. Da mesma forma, alguns objetos são cobertos com imagens que reforçam a mesma temática: imagens de sol e de aventura se mesclam à imagem de seios nus¹²⁸.

Figuras femininas se estendem por toda a moradia, seja nos quadros ou nos bibelôs, representando uma postura não apenas de quem assume suas escolhas, mas, igualmente, de quem milita, defendendo sua causa e lutando para evitar discriminações.



¹²⁸ Podemos recuperar Moles (1971) quando afirma ser o *kitsch sexual* formado por objetos, como velas de apartamentos, “guardando um resíduo microscópico de emoções eróticas capazes de dar um pouco de cor à vida cotidiana”.



Fotos 179 e 180: Na foto menor, uma galinha e uma macaca, enfeites evidenciando animais fêmeas. Na maior, a evidência de imagens que lembram o universo feminino.

Os acessórios e perfumes, apesar de repetidamente encontrados nos quartos e banheiros das garotas e mulheres entrevistadas, foram evidenciados apenas por uma entrevistada (dentre as desta faixa etária) que mantém, no quarto, os bichos de pelúcia, assim como os retratos, apenas para não ir contra a vontade dos familiares:

Minha coleção de perfumes. Todas essas caixinhas tem miniaturas. Cada viagem, a gente está trazendo uma. É a única coisa que eu coleciono, mesmo. Uma coisa que eu vou ter, se um dia puder, é um espaço privilegiado em que apareçam todas. (Pati, 22, estudante, mora com os pais e irmão)



Foto 181: Coleção de frascos de perfume: o elemento estético comanda as preferências.

É a aparência dos frascos definidora para a escolha, pois as embalagens são utilizadas como enfeites. A entrevistada afirmou que alguns dos perfumes não são do seu gosto, mas, sim, os frascos, havendo uma resignificação. Não são quaisquer frascos que ela coleciona, mas frascos cuja estética lhe agrada, sendo possível perceber um alto padrão de consumo por trás das escolhas. São objetos de luxo, mas também ligados à memória, pois trazidos (ou ganhos) de diferentes locais, sendo recordações de espaços e tempos definidos.

Por motivos diferentes, duas representantes, com idade próxima a 35 anos, têm, em seus banheiros, muitos frascos de cosméticos e perfumarias. Uma delas afirma:

Gosto das minhas coisas, assim, dos perfumes. (Semírades, 31, comerciante, separada, vive com a filha e, eventualmente, o namorado)



Foto 182: Frascos de produtos de beleza disputam espaço no banheiro da suíte.

Da mesma forma que bichos de pelúcia e frascos de perfumes, parecem fazer parte, no grupo pesquisado, do imaginário das representantes do sexo feminino, as armas se destacam entre os rapazes, muitos dos quais cresceram brincando de *bang-bang* ou polícia e ladrão, mas em nenhuma das situações as armas encontradas foram mantidas por razões práticas ou funcionais:

Essas [armas] eu ganhei da minha namorada. São três: são duas facas e uma miniatura de espada. Só enfeite. Eu brinco de vez em quando com uma espingardinha de chumbo que eu tenho, só quando eu vou para a chácara da minha namorada. (Cadu, 24, estudante, mora com os pais e a irmã)

A coleção de armas brancas, que foi mais por causa do “Kung fu”, e o movimento, assim. E eu gostei, achei legal e comecei a comprar um monte, e agora o quarto está decorado com elas. (Luca, 23, estudante, mora com a mãe e a irmã)





Fotos 183 e 184: Nas paredes dos quartos de jovens, armas brancas e réplicas testemunham o poderio masculino. Em um dos casos, o entrevistado praticou um tipo de luta oriental. Em outro, as armas foram dadas pela namorada.

Por mais que os objetos estejam ligados ao imaginário do masculino como a força, o poder, a batalha, em ambas as situações aparecem como elementos de decoração, somente. Talvez possamos afirmar, com base em nossa pesquisa, que objetos, como os bichos de pelúcia, os perfumes e as armas, sirvam como afirmação de uma femininidade (no caso dos primeiros) e de uma masculinidade (no caso das armas), forjadas por diferentes discursos, como os televisivos, o cinema, os desenhos animados e as campanhas publicitárias.

A questão estética relacionada aos cuidados com o corpo vem assumindo mais e mais importância em nossos dias. Assim, não apenas a forma de vestir-se, mas a utilização de artifícios que permitam moldar-se às exigências da moda acabam por interferir nos modos de vivenciar o cotidiano. Maquiagem, perfumes e acessórios, embora sendo objetos dos quais se pode prescindir, no sentido da sobrevivência biológica, quando considerados importantes como elemento cultural exprimem preocupação com a aparência, com o próprio corpo, com a moda, respondendo a uma série de elementos que dizem respeito aos grupos de convívio, sendo, via de regra, uma preocupação individual em igualar-se aos “modelos”, no sentido apontado por Bourdieu (1979).



Fotos 185 a 187: Produtos voltados à beleza, encontrados em alguns dos banheiros. No detalhe, ressaltamos a utilização de objetos de cozinha na organização dos produtos de beleza, situação incomum e, portanto, curiosa.

Recuperamos Lipovetsky (1989) ao abordar as necessidades pessoais, acreditando terem os sujeitos autonomia para escolher a partir de seus gostos, hábitos e personalidade, e a investir em si a partir dessas características próprias, e não segundo as dos outros. Ressaltamos que o mesmo autor sugere só gostarmos dos estilos que estão na moda, na medida em que eles nos permitem qualificar-nos socialmente. Mas os dados encontrados caminham mais no sentido reforçado por Bourdieu, de haver elementos direcionadores dos gostos e estilo de vida que se baseiam nos grupos aos quais os indivíduos estão relacionados. Acreditamos, no entanto, haver uma parcela de escolha individual, pois, caso contrário, não surgiriam grupos novos, ao qual correspondem hábitos, atitudes e objetos diferenciados e diferenciadores.

4.3 O fenômeno das Coleções

Também identificamos um fator de sociabilidade por detrás da coleção que, conforme Baudrillard (1968, p. 111), difere conceitualmente de acumulação:

ter um determinado objeto em local de destaque é compreendido como uma preferência, um gosto de seu possuidor, referindo-se à escolha e à reunião de similares, ao passo que a acumulação refere-se ao amontoamento, armazenamento.

Moles (1972, p. 137) afirma que uma coleção existe a partir de três elementos: “É uma série infinita de objetos reunidos para um fim não funcional mas de estética sociológica, no sentido de um *socius* das coisas e não de seres humanos. Uma coleção é uma *instituição* na população dos objetos, pois ela tem uma estrutura, geralmente linear, da série muitas vezes realizada na base da raridade dos objetos sucessivos”.

Muitas das coleções¹²⁹ (referimo-nos, aqui, a coleções de objetos cotidianos, e não de obras de arte, automóveis etc.) vão sendo iniciadas e ampliadas como parte de um processo de presentear. Isso foi encontrado na situação dos frascos de perfume, apresentados entre os objetos preferidos, mas evidenciados enquanto Coleção, pela entrevistada, o que significa que o todo, conforme Moles (1972), é superior ao valor de cada uma das peças, individualmente. Também encontramos o fenômeno das coleções dentre pessoas que gostam de peças antigas, de determinada temática no campo da arte ou artesanato, para citar alguns exemplos, sendo esse valor individual. Ou seja, através da corrente relacional ocorre a incrementação de um tipo de consumo: o consumo conspícuo, no sentido de dedutível, que leva as pessoas a adquirir para o outro algum elemento que faça parte de uma coleção, como evidenciado nas duas coleções de armas brancas. Porém, a paixão pela coleção é um processo que diz respeito, basicamente e na maioria das situações, àquele que a mantém.

Sarlo (2004, p. 27) afirma existir um “coleccionador às avessas”, referindo-se ao indivíduo que, ao consumir, tem consciência de que o que foi adquirido desvaloriza-se a partir do ato da compra. Uma vez adquiridas, as

¹²⁹ A idéia de principiar uma coleção resulta muitas vezes do acaso ou da aproximação de alguns elementos que, próximos, dão a idéia de serem parte de um conjunto. Se a totalidade das peças for finita, pequena em relação aos meios do colecionador, ele vai tentar completá-la, reunindo todo o conjunto.

mercadorias perdem a força mágica que impulsionou seu consumo. Já na coleção “a alma das coisas enriquece à medida que a coleção vai se tornando mais e mais rica”, mais expressiva.

No caso do entrevistado abaixo, embora tenha colecionado para o filho, talvez resgatando seu próprio lado criança, ou uma de suas máscaras, no sentido de Goffmann, proporcionando a ele uma satisfação pessoal, os bonecos de metal assumiram posição de destaque, na casa, formando, junto com a aparelhagem de som, no ambiente de estar, o conjunto de objetos preferidos:

Esses são [bonequinhos] de metais, da época daquele kinder ovo e eu montei a coleção completa deles e alguns eu coloquei aqui.
(Paulo Rogério, 37, an. sistemas, separado, mora com o filho)



Foto 188: Bonecos feitos em diferentes metais, coleção feita para o filho, mas utilizada como uma espécie de trunfo da dedicação do pai ao filho ou, mesmo, como representação de uma masculinidade demonstrada através das figuras de guerreiros, de forma similar às armas brancas.

Os bonecos em diferentes metais deixam, neste caso, de ser brinquedos de criança para assumir a posição de “enfeite”, sendo apropriados para uma categoria adulta, no mesmo sentido descrito por Heye (1980).

E complementa, falando sobre a impressão que tem da sua interação com os objetos e os espaços construídos:

Acho que tem minha cara. Aos poucos está ficando do jeito que eu curto, do jeito que eu gosto, do jeito que eu sempre quis ter a minha casa, do jeito que, quando me separei, deixei a casa da

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

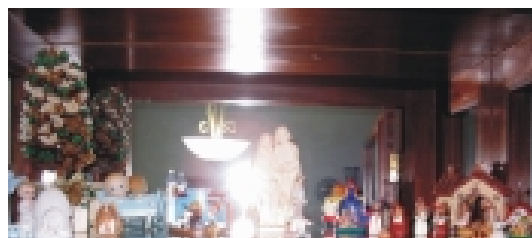
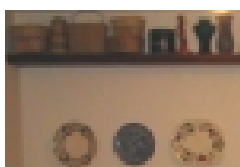
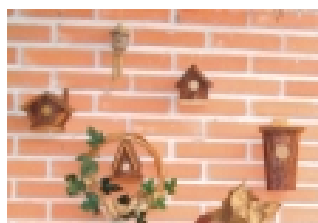
minha ex- esposa. (Paulo Rogério, 37, an. sistemas, separado, mora com o filho)

Outra coleção encontrada diz respeito a estatuetas de santos, embora a entrevistada tenha tomado o cuidado de ressaltar ter esse canto um cunho de peças que gostou, mais do que religioso.



Foto 189: Coleção de santos de uma entrevistada que gosta da temática. Acima das estatuetas, um quadro com o mesmo tema.

Bibelôs, como anjos e presépios em miniaturas, são motivos recorrentes nas coleções, ocupando armários, prateleiras e balcões. Pratos ocupam paredes, cestos são dispostos no chão de salas, todos procurando atender a um mesmo estatuto: o de evidenciar o gosto por meio de coleções de objetos.



Fotos 190, 191 e 192: Casas de passarinhos enfeitam as paredes da churrasqueira de uma entrevistada. A parede da copa é decorada com pratos especiais. Bibelôs são separados por categorias, distribuídos conforme sua temática.

4.4 Memória: objetos emanam histórias

Recuperar a história que há na materialidade das coisas, retomando a expressão de Ramos (2004), é o que objetivamos ao resgatar objetos que foram citados como importantes pelo seu caráter de “lembança”, de forma de acesso às memórias.

Dentro desta perspectiva, as fotografias surgem como expressão máxima dos objetos de valor entre várias pessoas, de ambos os sexos, de diferentes idades, mas de forma mais marcante entre os entrevistados com 35 anos ou mais. Conforme Koury (2001), há uma realidade da imagem na foto que remete a um espaço e um tempo específicos, o momento do instante do registro. As fotografias também funcionam como uma exibição de símbolos socialmente valorizados, como afirma Rial (In: KOURY, 1998).

Realçados também pelos mais jovens, as fotografias são por vezes guardadas em caixas, mas comumente colocadas em painéis afixados à parede, nos quartos, como uma forma de marcar o território e evidenciar aqueles que lhes são importantes, realçando o pertencimento por meio dos momentos da vida que, a seu ver, merecem destaque. Entre as demais faixas, estão habitualmente fixadas em porta-retratos, nas salas de estar e dormitórios.

DENIS (2000) sustenta que nas imagens encontramos pistas em direção a uma compreensão mais apurada, e as fotos revelam, de fato, pistas importantes para conhecer algo mais sobre a trajetória das pessoas envolvidas, os momentos vividos que merecem realce, seja em termos de uma história individual, familiar ou coletiva, no sentido dos amigos.

Diferentes fotografias foram evidenciadas como importantes de serem resguardadas, resgatando momentos, pessoas e lugares especiais¹³⁰, como parte

¹³⁰ Não fotografamos os conjuntos de fotografias encontradas emolduradas, nas paredes, ou em porta-retratos, em mesas e balcões pelo que representam aos indivíduos pesquisados, uma vez que o objetivo era compreender os significados inscritos nas preferências dos objetos, o que ficou evidenciado pelas falas e observações. Porém, concordamos com Rial (In: KOURY, 1998), que o papel das fotos de eventos importantes, enquanto registros de modos de viver de um determinado grupo em determinado período, é social e não individual, pois além de indivíduos, as pessoas são personagens da vida social.

dos objetos considerados mais importantes. Abaixo alguns depoimentos dos mais jovens:

As fotos de quando a gente viajou para a Europa, que eu tenho dentro de uma caixa. (Nani, 17, estudante, mora com os pais e o irmão)

A foto da minha mãe, uma foto minha e da [companheira], eu gosto muito de foto. (Débora, 25, psicóloga, mora com a companheira)

Uma coisa que eu gosto muito são fotos e eu não sou o único, porque depois tem a mãe que adora fotos, tanto que o quarto está cheio. Olha só, tem essa última que eu fiz, essa é minha namorada. (Cadu, 24, estudante, mora com os pais e a irmã)

Na faixa etária adulta, a fotografia não é apenas um suporte da memória, mas a própria “história visual da família”, na qual se entrecruzam a celebração da vida e a entronização dos mortos¹³¹, reforçando a importância de pessoas que reforçam a coesão social (SCHAPOCHNIK, 1998):

Como tudo o que tem aqui eu gosto, né, demais. Tudo que faz parte desse contexto, eu gosto, mas o que eu gosto mais, assim, bem mais, são as fotografias dos meus filhos, e do meu marido, né, tudo! Então tem fotos aí desde que eu nasci, quer dizer desde os 6 meses de idade até agora, recentemente. Isso aí é bem importante, né? (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)

Minhas fotos, quer dizer, as fotos da família, as fotos que estão aí, dos meus pais. Meus pais que não estão mais conosco. As minhas fotos, as minhas lembrancinhas. Acho que as fotos, as lembrancinhas são as coisas que eu mais gosto. (Maria Júlia, 49, gerente de orçamento, mora com o marido e filhos)

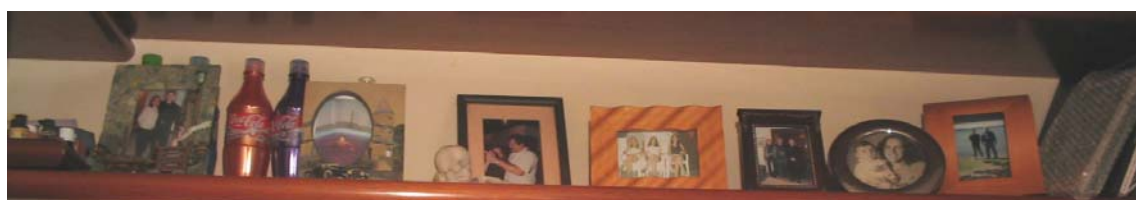
[...] As fotografias deles quando eles eram pequenos, oito, nove anos, dez anos. Aquilo ali cada vez que eu vejo, eu choro, de ver eles pequenos. (José Corvina dos Reis, 55, contador, separado, mora com os filhos)

¹³¹ Conforme Barthes (1984, p. 129) “Toda fotografia é um certificado de presença”. Afirma ainda o autor ser a fotografia um depoimento daquilo que foi, ajudando a remontar o tempo: “Sozinho no apartamento em que ela há pouco tinha morrido, eu ia assim olhando sob a lâmpada, uma a uma, essas fotos de minha mãe, pouco a pouco remontando com ela o tempo, procurando a verdade da face que eu tinha amado. E descobri”.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Discos e CDs, documentos, fotos [...] e meu violão. São a minha história, minhas memórias. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)

Umas fotografias [resgatando] algumas coisas legais que a gente já fez, os lugares que eles [os filhos] estiveram e moraram também, né, faz parte da memória. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)



Fotos 193 a 197: Alguns exemplos de fotografias encontradas, nas mais diversas faixas etárias.

Fazer parte de determinadas “comunidades afetivas”, usando o termo de Halbwachs (1990), é expor algumas das facetas identitárias. Como afirma o autor (HALBWACHS, 1990, p. 51), “cada memória individual é um ponto de vista sobre

a memória coletiva”. Reforça ainda que o ponto de vista muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa nas imagens retratadas.

Em duas outras casas visitadas, as fotografias não foram evidenciadas por meio das falas, mas paredes preenchidas com elas, pintadas com cores que se destacam ou mesmo uma parede em tijolos crus, povoada pelas histórias de vida, falam por si mesmas, evidenciando o respeito e a saudade pelos entes queridos, a importância da vida de cada um e de reconstruí-la, para que a sua continuidade seja preservada.



Fotos 198, 199 e 200: Em duas das casas em que as entrevistadas não realçaram as fotografias como objetos que lhes são importantes, as fotografias espalham-se por entre as paredes, misturando passado e presente.

Fotos do casamento dos pais dos donos da casa e suas em meio a

seus familiares, quando pequeninos¹³². Fotos marcadas pelo tempo: descascadas, apagadas, recuperando a história familiar, resgatando tempos e experiências passadas, pessoas que se foram, outras que fazem parte do convívio. O resgate de imagens do passado nos ajuda a compreender nossa posição no mundo¹³³.

Mas não são apenas as fotos que representam depoimentos dos momentos vividos em família ou com amigos, mas, igualmente, objetos da história de vida, pela sua raridade e sobrevivência ao tempo, ou seja, memória e historicidade. Nogueira (2002) afirma que os objetos vencem as barreiras temporais, perdurando para além de sua época. O tempo, nesse caso, confere valor à peça, que se torna rara:

Os objetos que a gente vai amalhando ao longo da vida. Por exemplo: está vendo aquele negocinho de copo vermelho, ali? [...] Isso aqui era da minha tataravó, imagina! Tem mais de cem anos, olha que coisa fantástica, né? Sobreviveu... quantas gerações?
(Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)



Foto 201: Peça em vidro ou cristal, com detalhe colorido e tampa em metal, pertencente à tataravó do entrevistado.

¹³² Schapochnik (In: NOVAIS, 1998) ressalta a idéia de que há uma lógica interna presidindo a formação e a organização das coleções, e que as ocasiões propícias ao registro fotográfico remetem a momentos que atestam a continuidade e a coesão do grupo familiar.

¹³³ Conforme Schapochnik (In: NOVAIS, 1998), “A eficácia da imagem fotográfica repousa na sua capacidade de mesclar a estranheza do que mostra com a intimidade de nossa memória. [...] a realidade figurada na fotografia, muitas vezes, tem um papel secundário, ganhando relevo os efeitos suscitados naquele que as contempla”.

Para além da peça em vidro (ou cristal) – que pertenceu à tataravó do entrevistado, de alto valor pela raridade de ter sobrevivido a tantas gerações, e pelos detalhes nela contidos – toda uma herança de hábitos de sua terra natal confere valor às cuias de chimarrão, parecendo influenciar a escolha do entrevistado, arquiteto, para quem a questão estética chama a atenção. A cuia liga-o a pessoas e situações que, embora distantes, são, em certa medida, lembradas e talvez revividas em seu dia-a-dia, servindo como referencial à sua identidade não apenas individual, mas também coletiva, no sentido do seu grupo de origem:

Eu levanto 8 horas, faço chimarrão (risos). As raízes! Faço chimarrão e tomo até às 9 horas, por aí, fico fazendo a minha agenda, fazendo algum telefonema, alguma coisa assim, e nove e meia, mais ou menos, eu saio de casa. (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)

Schapochnik (1998) evidencia a importância de uma série de objetos e relíquias, quando expostos nas superfícies dos corpos ou em ambientes domésticos como materiais suplementares para rememorar sucessivas etapas da vida, sendo também esses elementos marcas de distinção.

Outra peça salientada não é um depoimento temporal, mas, antes, geográfico, demonstrando que a peça também agrega forte carga cultural:

A cuia, olha, que coisa fantástica, o design do cara, né? (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)



Foto 202: O chimarrão tomado em uma cuia especial deixa o ritual ainda mais interessante, para o entrevistado.

Sendo uma pessoa criativa, nem por isso deixa de ser prático, evidenciando seu lado racional e a necessidade constante de planejamento nas coisas que faz, ambigüidade que comenta ser parte da profissão, que a exige.

O entrevistado constrói seus ambientes com objetos escolhidos pessoalmente, considerando-os como depoimentos dos momentos vividos. Para ele, a escolha, num dado momento de um objeto, representa muito, assim como os objetos que ganhou e guarda com carinho. Ele pontua a história de um ou outro dos seus objetos, como os objetos que tem sobre a mesa lateral à poltrona, herança de um padrasto que viveu por 4 anos com sua mãe, quando ele já era adulto, e que marcou positivamente a sua vida, apesar de sua morte precoce¹³⁴.

Vale recuperar Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981), quando afirmam que os objetos não são apenas criados pelos homens, mas que, igualmente, fazem e usam seus realizadores e usuários. No caso da cuia, por exemplo, um objeto bastante utilizado e difundido no Sul do Brasil, ligado a certo ritual de tomar chá mate, é um hábito cultural perpetuado na interação do usuário com um objeto específico, tornando-se um de seus objetos preferidos.

Os objetos importantes, para um dos entrevistados, são um quadro que ganhou da avó (comenta terem sido os avós muito importantes e presentes, em

¹³⁴ Anotações do Diário de Campo, em 20/12/2004.

sua vida), uma peça comprada em uma feira, quando foi como mochileiro ao Chile, ainda estudante, as fotos e seus documentos. Ele comenta que tudo é substituível, menos as coisas que trazem um pouco da sua história, e que não se apegam aos objetos de sua casa como um todo, ainda que goste deles.

Resgatando a idéia do passado, outra entrevistada mostra uma de suas peças preferidas, desenvolvida para uma disciplina do curso de artes, cursado quando os filhos já eram adolescentes. A peça representa um testemunho e depoimento de sua infância:

Então essa aqui [ela mostra uma peça em cerâmica que fez na faculdade, reproduzindo um ambiente] a gente tinha que lembrar de algum, de algum lugar da infância, né. Daí fazia um jogo da memória, buscar foto tal, tal, tal e daí fazer algum trabalho plástico livre. E daí lá na minha casa de Rio Negro tinha uma varanda, tinha uma varanda assim, e ela era todinha maravilhosa sabe, e daí tinha um parreiral com aquela uva de mesa, aquela bem doce, bem cheirosa. E tinha uma cadeira de balanço. Então fiz um retrato de memória. Aí essa peça aqui eu adoro porque é uma coisa assim, nossa. Minha mãe quando viu o trabalho chorou. (Tábata Isis, 48, artista-plástica, mora com o marido e os filhos)



Foto 203: Peça em cerâmica representando parte da casa da avó da entrevistada, que morava no interior.

Para além de toda a carga contida no esforço – a carga emocional gerada pela recordação de momentos da infância vividos na casa da avó, bem como a constatação de como o espaço foi modificado, desrespeitando a sua forma original – em tentar reproduzir o objeto/espço e, assim, resgatar o passado. O objeto feito artesanalmente pela entrevistada, conforme Baudrillard (1968) fascina, ainda, por ter passado por mãos cujo trabalho ainda se acha nele inscrito, criando no espectador um interesse por aquilo que foi criado e como tal é único. Neste caso, é preciso considerar, ainda, que o fato de ter sido feito pela entrevistada produz uma relação íntima do criador em relação ao elemento criado. Aliás, peças de artesanato povoam vários espaços de sua casa.



Foto 204: Na foto, objetos artesanais são dispostos no hall do apartamento, composto com peças que adquiriu e outras que ganhou ou mesmo fez.

Pessoas que respeitam e cuidam de objetos antigos refletem sobre a importância delas em suas vidas, explicitando uma relação diferente com os mesmos, de respeito e de amor pelos entes ali representados. Esses objetos recebem cuidado similar aos que permanecem em museus, para servirem de depoimento e ajudar a compreender o passado.

Da mesma forma que as experiências familiares ou culturais, a teia da qual o indivíduo faz parte desde o nascimento, a importância dos filhos na vida dos pais, já expressada por alguns depoimentos anteriores, é inegável. Um entrevistado realçou uma única coisa, em casa, da qual não gostaria de abrir mão e outra entrevistada explica a razão dos quadros que tem em seu escritório:

Uma televisãozinha que o [filho] fez, com uma caixinha de yacult, fez sem nenhum motivo, não era aniversário, não era da escola, não era nada, e ele fez um desenho prá por no fundo, assim, da gente andando de bicicleta. (Luiz Henrique, 39, gerente de Design, mora com esposa e filho)



Foto 205: A televisão feita pelo filho, de presente ao pai, representando um momento de lazer dos dois.

Os quadros que foram pintados pelo [Filho], então tem um valor afetivo, os quadros que eu tinha na outra casa estão no meu escritório, porque também são quadros que foram pintados pelos filhos, pelo marido, pela nora, pela família, então estão lá. (Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)



Foto 206: Quadros feitos pelos filhos e nora: presença garantida no escritório, para além de qualquer preocupação estética e, antes, pelo que significam.

De forma similar, a importância dos pais na vida dos filhos se destaca.

Dentre os objetos mais significativos, outras entrevistadas ressaltam:

Uma correntinha que a minha mãe me deu. (Tatiana, 27, analista de sistemas, mora com o marido)

Aí são coisas assim que tudo tem uma história. Isso daqui foi minha mãe que me deu, esse lampião. (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)

Tem algumas coisas que eu gosto mais. Por exemplo: o diploma de papai, papai era químico, antigamente os diplomas vinham assim numa caixa de prata, bem bonita, com o nome, e aquilo era dedicado aos pais, então abria a tampa e era dedicado geralmente aos pais, e como quando ele se formou os pais já tinham morrido, então ele dedicou ao tutor dele que era um tio. Então, por exemplo, isso é uma coisa que eu tenho um carinho especial, tem um objeto ali que foi da minha sogra, também, que eu recomendo sempre cuidado, e tal. (Ermínia Enrica da Luz, 69, aposentada, viúva, mora só)



Foto 207: Na foto, a luminária lembrando um lampião, que uma das entrevistadas ganhou de sua mãe.

Afirma Bosi (1994) que não apenas em nossa sociedade dividimos as coisas em objetos de consumo e relíquias de família, mas que estudos apontando essa distinção em muitos povos foram feitos por Mauss (1989), evidenciando serem essas propriedades sagradas, sendo o conjunto dessas coisas, em todas as tribos estudadas, não uma mercantilização, mas uma operação simbólica, inserindo-se nas relações sociais.

Dentro da concepção dos objetos que acompanham a vida de seus possuidores, denominados biográficos, envelhecendo com eles, no dizer de Bosi (2003), encontramos um importante destaque:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Aquela imagem ali, ela me acompanha desde a infância. É uma peça que estava em cima de onde é as Lojas Pernambucanas, que era a Sociedade Thalia, antigamente, ela enfeitava aquele prédio. E ela estava guardada no porão na casa da minha avó e desde criança eu sempre gostei muito dela. Ela está de óculos, agora, mas quando é Páscoa alguém põe umas orelhas de coelho. Meu filho foi na festa, veio de óculos, pôs nela, quando é frio, a gente põe uma capa, a gente sempre põe alguma coisa nela. De repente, todo mundo vai lá e põe alguma coisa nela, touquinha de Papai Noel, é um sarro! Alguém vem com chapéu, põe lá, casaco de alguém, veste nela, sabe? Então ela ...onde eu vou, ela vai junto. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)



Foto 208: Símbolo de sua história de vida, a estátua acompanha a entrevistada para onde quer que ela se mude, fazendo parte da *gestalt* da família, ou seja, participando dos momentos importantes ou mesmo ocasionais.

Os objetos passados de geração a geração garantem ao passado certa presença no presente, e essa presença, embora possa perder algo de sua história original, é um depoimento de um tempo e tem uma historicidade, que continua a ser reconstruída enquanto o objeto permanece no seio da família ou de pessoas que conhecem sua trajetória.

Para realçar o valor das emoções contidas na interação da entrevistada

e dos membros que freqüentam a sua casa em relação à imagem que a acompanha desde a infância, resgatamos Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981), quando sustentam que explorar a forma como as pessoas interagem com objetos auxilia a compreender como nos tornamos humanos. Mesmo tendo grande importância para sua possuidora, quando perguntada sobre o que pegaria, em sua casa, em caso de uma emergência, essa última entrevistada respondeu prontamente:

Nossa, ia ficar tudo guardado na memória, acho que é muita mão-de-obra, carregaria tudo o que está aqui dentro [da cabeça], só.
(Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

Não apenas a estátua (a que ela denomina imagem, e que tem quase as dimensões de uma pessoa adulta) é importante, mas outros elementos incorporam a história da família¹³⁵, e talvez ela preferisse resgatar o que tem vida biológica, já que teria inúmeras outras coisas para escolher, se o mundo material devesse ser resgatado:

[...] as almofadas eram minha avó e o meu avô que bordavam. Como o meu avô era cirurgião e ele queria se exercitar também e adorava almofadas, os dois sentavam e ele bordava também. É uma cópia de uma delas, eu tirei o desenho [...]. Então a minha mãe tem até hoje algumas almofadas que ele bordou. Então era curtição de poder ter um sofá cheio de almofadas. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

¹³⁵ Depositária dos pertences da família, a entrevistada é uma pessoa de uma vivacidade e crença nos seres humanos incrível, já tendo vivenciado situações de pesquisa que a tornam uma “doutora” do cotidiano [termo utilizado com tom jocoso por ela], junto aos bairros pelos quais passa. (Anotações do Diário de Campo, em 13/04/2005).



Foto 209: Réplica de uma das almofadas existente na casa dos avós.

Parte da história de seus antepassados é resgatada ao falar de um sofá e de almofadas, como se os objetos fossem depoimentos prontos a disparar o botão da memória:

É, qualquer coisa que você vai mexer na história, você vê que um objeto que, mesmo que você nunca tenha tido contato, emana dele mesmo toda uma história que se você puder fazer a leitura... Imaginou a casa, né? (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

Outro objeto salientado como acompanhando a trajetória de sua dona foi uma estante:

Então, esse móvel também tem uma história, é uma estante tipo inglesa e foi dada pela minha mãe quando eu tinha uns 8 anos de idade. Ela trouxe de São Paulo, foi comprado num desses lugares que vende móveis usados, antigos. Ela é original, toda a madeira dela. Ela só foi lixada e repintada. Passado o selador novamente. Então eu tenho assim um xodó com ela. [...] Até se um dia eu me mudar daqui eu tenho vontade de levar meus móveis, porque gosto demais deles, que foram coisas, assim, que eu escolhi, eu acho que essa questão do detalhe, de você escolher, é muito importante, né? (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)



Foto 210: Móvel estilo inglês: um presente de mãe para filha, ainda na infância.

O resgate da infância, a atenção da mãe com a filha, ao comprar a estante que ela queria, toda uma questão de afetos é retomada em vários momentos em que a peça é citada, parecendo ser a mesma realmente o espírito da dádiva abordado por Mauss, no sentido de um mimo, de dar algo que tem um grande valor para quem é presenteado, necessariamente sem uma relação de troca econômica estabelecida. Outro depoimento similar chama a atenção:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Isso daqui, oh, isso daqui tem a minha idade. Quando eu nasci meu avô me deu. Isso aí é o meu “squindim”, o meu xodó! (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)



Foto 211: Cadeira de balanço infantil: presente recebido do avô, quando nasceu.

A cadeira de balanço para criança, recebida do avô quando nasceu, deixou de ser um objeto funcional faz décadas, mas é mantido como objeto de decoração, de alta carga simbólica. A neta pediu para levar, mas ela não abriu mão da peça. Ramos (2004, p. 106) nos fala que esses objetos, que acompanham a trajetória das pessoas, expõem forte carga simbólica, sendo testemunhas da vida de alguém e, nesse sentido, parece ser o objeto que permanece com ela há mais tempo.

Bosi (1994) argumenta que objeto algum pode se igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco, visto que elas nos dão a pacífica impressão de continuidade, sendo um porto-seguro para nós ou, como afirma Salvatori (1996), a perenidade das coisas pode ajudar a fornecer a necessária

ancoragem emocional. Essa ancoragem emocional, transportada pelos objetos, é ponto importante, sobretudo quando falamos sobre as pessoas que vivem sozinhas, sendo o valor das coisas antigas também realçado por Baudrillard (1968).

A respeito dos sentimentos transportados pelos objetos, o depoimento a seguir foi repleto de emoção, desvendando, por vezes, a tristeza dos entes queridos que se foram, daquilo que se perdeu, mas resgatando o quanto foram bons e importantes, e o quanto aqueles objetos são representativos de sua trajetória familiar; um resgate das relações, garantindo certa perpetuação da idéia da família completa, embora sem alguns dos membros que dela fizeram parte:

Meu marido se formou, tudo que ele fez na vida, ele se formou aqui, com aquela cadeirinha lá, olha... E com aquele lampião que minha mãe me deu. Menina, ele estudava horas! (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)



Foto 212: Cadeira em que o marido de uma entrevistada estudou a vida toda, chegando a se tornar juiz.

Quando as fotos iam ser tiradas, a entrevistada acompanhou, permitindo ou impedindo que algum espaço ou objeto fosse fotografado. Da mesma forma que nos impediu de fotografar a escrivaninha, não quis que fotografássemos os porta-retratos, mesmo a certa distância, em seu conjunto, apenas para representar o quanto eram importantes para ela. Destacavam-se, na sala, dois grupos de fotografias, sobre dois espaços distintos, com fotos de várias

fases de seus filhos, da neta, dela e do marido, mas ela pediu:

Os retratos não quero que pegue, não, são da minha família. [...] Melhor pegar só o quadro [da baiana]... não, sabe por quê? Porque eu também, eu sou ciumenta das minhas coisas, aí eu não quero que propague, sabe. (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)

A mesma entrevistada destacou, ainda, um objeto cujo valor se encontra no fato de ela mesma ter bordado, uma tapeçaria que fica destacada, na sala, sobre a lareira:

Olha... minha obra de arte. Isso aqui estava no Ministério de Educação e Cultura, do Rio de Janeiro [...] aí eles mandaram uma carta dizendo assim: só tem um defeito, só falta falar. Apontando para a tapeçaria, ela falou: Bem, aquilo ali é a minha história, mesmo... porque foi feito por mim. (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)



Foto 213: Orgulho da entrevistada, a tapeçaria que o marido lhe comprou para bordar, enquanto ela se recuperava de uma cirurgia.

A entrevistada fala com orgulho da peça que ficou exibida em sua terra natal, no Rio de Janeiro, explicando em detalhes os termos utilizados na carta que recebeu, à época em que ficou exposta.

Servindo como depoimento de vida, com forte apelo estético, mas em sua forma de pensar totalmente vinculado a questões tecnológicas, a luminária de

outro entrevistado resgata um fato histórico, demarcando um tempo e um espaço, recuperando um momento importante não apenas para ele, mas para grande parte da sociedade, neste início de século XXI:

A minha luminária é muito importante, para mim. Esse lado da tecnologia, também, marcou a época em que foi comprada, o que aconteceu naquela viagem, na época em que eu comprei a máquina. Na época dos atentados. (Cadu, 24, estudante, mora com os pais e a irmã)



Foto 214: Luminária e mão: um conjunto que chama a atenção no quarto que o entrevistado prefere manter à meia-luz.

Muito além de um elemento que remete a certa forma de magia, no sentido de que a luz fica em movimento, dentro da luminária, a peça é um depoimento de um país industrializado, reconhecido como uma potência mundial, mas que foi vítima de atentados terroristas no dia em que o entrevistado visitava o país e, mais diretamente, a cidade em que ocorreram os atentados. Sobre a luminária, a mão do entrevistado, reproduzida em gesso, na faculdade, completa o cenário.

Comprada em Nova Iorque, no dia em que ocorreram os atentados que devastaram as Torres Gêmeas, para além dos significados em termos de tecnologia e resgate de uma data histórica, é elemento simbólico distintivo,

representando uma viagem a um país distante, evidenciando uma possibilidade diferenciada. É, ainda, um exemplo dos objetos que atravessam fronteiras, vencendo distâncias e barreiras, como apontado por Nogueira (2002). Como nos afirmou uma entrevistada:

Cada coisa aqui tem uma história, né, e quando eu vou contar a história dela acabo contando a minha, também. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)

Além do desejo de ter, o investimento necessário para adquirir e, por vezes, a escolha compartilhada, amplia a importância dos objetos:

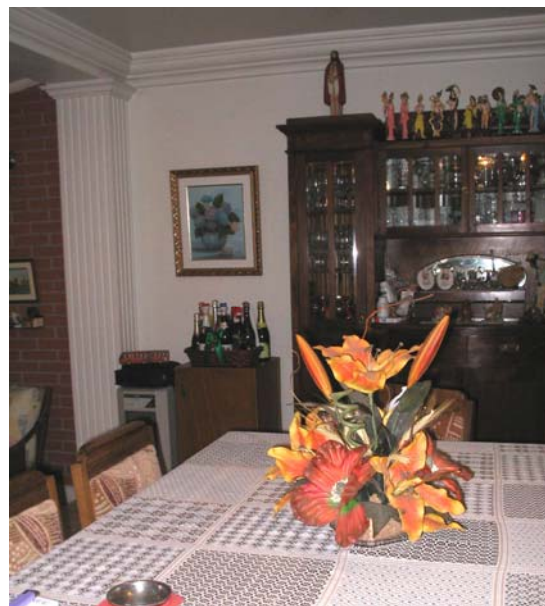
Então, tem coisas que nós compramos juntos, que gosto um montão, a gente curte bastante né, aquela copinha né, certos móveis, certos objetos. Aquele lustre ali, a gente comprou quando a gente estava noivo, então durou um ano inteiro para comprar. Então tem o significado de curtição, assim, que você acha bacaninha, acha bonito, acha gostoso. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)



Foto 215: O lustre, comprado a prazo pelo casal, quando planejava a vida a dois. No detalhe, uma figura alemã reforça a origem da entrevistada, elemento cujo significado é similar à cuia de chimarrão, apontada por outro entrevistado.

Foi também com emoção que outra entrevistada resgatou lembranças ao nos mostrar alguns objetos significativos, entre os quais um sofá que gostaria de trocar, mas não tem coragem de se desfazer:

Tem uns vasilhinhos ali que a gente, eles estão desde que a gente casou, assim, a gente tinha uma salinha, morávamos num apartamentinho. Então você entrava, você tinha esse jogo que era da avó dele [marido]. Aquele jogo de jantar, ali, e daí tinha um quartinho que era, assim, um quartinho mais depósito, o nosso quarto e uma saletinha em que a gente tinha esses sofazinhos, só que eles eram estampadinhos em verde. Então eu acho que foi a primeira coisa, assim, que a gente acabou, de repente, sabe quando você passa, olha, gosta, compra, leva e monta aquele cantinho? Então aquele cantinho eu sempre tenho na memória, é uma coisa assim que sempre me reporta para aquela saletinha que a gente tinha lá. Embora tenha sido trocado o tecido, tal.
(Maria Júlia, 49, gerente de orçamento, mora com o marido e filhos)



Fotos 216 e 217: Primeiro sofá do casal, testemunhou toda o desenvolvimento familiar, tendo mudado apenas a “roupagem”, ou seja, o tecido que o reveste. Junto com a sala de jantar herdada, evocam lembranças de momentos importantes da vida em família.

Junto com a lembrança dos primeiros móveis comprados, veio uma lembrança mais marcante, um momento especial:

A gente tem também uma árvore de natal que está, assim, com 25 anos, que foi a nossa primeira árvore, o nosso presente de natal, era nosso primeiro natal. Aliás, o segundo, né, porque a gente casou no dia 08 de dezembro, mas na verdade foi quando a gente, assim, sentiu o que era ter uma família, um natal, enfim. E, debaixo daquela árvore, a gente colocou o [Filho] no dia de natal, sabe, ele ficava debaixo, a gente pôs ele debaixo da árvore. Então é uma coisa que me marca assim, bastante. (Maria Júlia, 49, gerente de orçamento, mora com o marido e filhos)

São objetos carregados de significado familiar histórico, capazes de resgatar emoções. Também de forma afetuosa outra entrevistada relembra os objetos queridos, que circularam na família por várias décadas antes de se tornarem dela:

Objetos que têm uma história até anterior à minha. Por exemplo, coisas que eu tenho dos meus avós, os meus livros, determinados apetrechos de cozinha, assim, coisas do tipo “minhas facas”, as únicas que cortam, né? Ou uma determinada xícara, e alguns móveis, também, que são exatamente móveis com essas histórias, são móveis que eu não comprei, que chegaram até mim através da família. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)

Um objeto se destaca entre tantos que lhe são especiais, e o discurso expõe o aspecto mágico que se esconde nele, o poder de cura transportado para um material e uma forma:

Essa garrafinha... minha vó tinha aqui dentro xarope de guaco, e ela me disse que a mãe dela sempre colocava xarope de guaco aqui dentro, que é bom contra tosse. E quando eu ia lá e estava precisando, então ela me dava o xarope de guaco dessa garrafinha, né? Com a morte dela, fui lá limpar a casa, e tal, e encontrei várias coisas. Bom, eu era a única que conhecia a história dessa garrafinha, né? Assim, as outras pessoas, meu tio e minha tia, que estavam lá, arrumando as coisas, não sabiam disso... e também não deram muita bola. Para mim, eu imagino assim que qualquer xarope que saia dessa garrafa, ele vai sempre curar. Já tem toda uma história de consolo, de cura, assim, né? Então só o fato de ter alguma coisa aqui dentro e tomar algumas colheradas, eu acho que já resolve, sabe? (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)



Foto 218: A garrafinha na qual a avó colocava o xarope mágico, que servia aos netos.

Freyre (1979) declara que as coisas antigas, ainda que passem a ser de antiquários, não deixam de guardar, como frascos de perfume vazio, as fontes de velhos odores.

Baudrillard (1968) afirma contradizerem os objetos antigos às exigências do cálculo funcional para servirem como testemunho e lembrança. É ainda Baudrillard (1968, p. 93) que nos permite melhor compreender a relação que mantemos com nossos objetos cotidianos:

Admitamos que nossos objetos cotidianos sejam com efeito os objetos de uma paixão, a da propriedade privada, cujo investimento afetivo não fica atrás em nada àquele das paixões humanas, paixão cotidiana que freqüentemente prevalece sobre todas as outras, que por vezes reina sozinha na ausência das outras. Paixão temperada, difusa, reguladora, cuja importância no equilíbrio vital do indivíduo e do grupo, na própria decisão de viver pouco conhecemos. Os objetos nesse sentido são, fora da prática que deles temos, num dado momento, algo diverso, profundamente relacionado com o indivíduo, não unicamente um corpo material que resiste, mas uma cerca mental onde reino, algo de que sou o sentido, uma propriedade, uma paixão.

A sucessão incessante de objetos é, assim, incapaz de eliminar o valor contido em alguns objetos antigos, objetos ameadados ao longo da nossa história (retomando a fala de um dos entrevistados) e que têm um valor especial para nós. Ramos (2004) salienta que viver com objetos antigos não representa recuar no tempo, pois não vivemos um progresso que coloca os objetos antigos como coisa ultrapassada, mas, antes, que nos permite selecionar elementos de tempos

diferentes. E é justamente essa possibilidade que abre espaço para podermos manter viva nossa historicidade.

Um dos depoimentos evidenciou ter sido prevista, no projeto da casa, a abertura de um nicho para receber um móvel de família¹³⁶, mostrando a importância dessa peça para os seus donos.



Foto 219: O nicho, com tijolo aparente, previsto no projeto da casa, para receber o móvel antigo, o gaveteiro em destaque.

¹³⁶ A entrevistada, uma “receptora” das velharias, aloja, em sua casa, tudo o que os demais membros da família, ou mesmo amigos, descartam, em termos de objetos e, em especial, mobília.

De forma similar, na mesma casa, após cerca de 10 anos, uma reforma foi feita para aproveitar um elemento de demolição: uma lareira pertencente à casa dos pais de um amigo, admirada pelo casal quando freqüentava a casa¹³⁷.



Foto 220: A lareira, colocada após alguns anos em que a família morava na casa, para aproveitar um elemento de demolição. Na mesma casa, a porta de entrada foi adquirida como material de demolição e dormentes de trilhos de trem foram utilizados na área externa, e, ainda, para apoiar a cuba do banheiro social.

¹³⁷ A dona da casa comentou que até visita antiquários para montar os espaços que idealiza. Ao receber a visita de uma senhora de aproximadamente 80 anos, ela escutou o seguinte comentário: “Sua casa parece a casa de alguém que está casada há uns 50 anos”. Ela orgulha-se das coisas que possui, sendo sua casa uma espécie de memória “viva” – visto que os elementos de família foram rearranjados, e não apenas guardados – e que de vez em quando algum familiar pergunta, com admiração, de onde veio um quadro ou uma cadeira, que ela guardou por anos, até que encontrou o local adequado e a forma para expor, ou utilizar de forma funcional. A lareira, na sala íntima, é um desses relicários: a mãe de um cunhado seu faleceu, e a casa estava para ser demolida, quando o casal, vendo o desperdício da peça que tanto gostava, resgatou-a em seus últimos “suspiros”. A bancada do lavabo é também um dormente de trilho de trem, resgatando uma realidade vivida pelo casal, na infância, sobretudo no interior do Paraná. (Comentários extraídos do Diário de Campo). Como afirma Schapochnik (In: NOVAIS, 1998, p. 460), alguns bens, por serem investidos de uma dimensão simbólica e afetiva, ficam sob a tutela do guardião do “museu familiar”.

Nesse sentido, os objetos antigos guardam o poder de integrar quem os teve em uma corrente relacional, conforme Salvatori (1996). Reforça o autor ser essa circulação emocionante, acrescentando valor aos objetos, ou seja, o prestígio dos antigos usuários incorporado, possibilitando ao dono atual tomar emprestado estes significados, cercando-se dos indícios de uma trajetória que neste caso acompanhou, de alguma forma, reafirmando o valor e a beleza da continuidade perante uma realidade fragmentada.

A sala de um outro casal “acolhe”, em local de destaque, a cadeira de balanço que pertenceu à avó de uma moradora, ali colocada com o intuito de ampliar o sentimento de pertencimento ao apartamento de sua companheira. É uma forma de respeito e de abrir espaço ao “outro”, essencial para o desenvolvimento de laços em relação à moradia. Os objetos biográficos compõem, assim, a categoria dos objetos de afetos e memória, como depoimentos de uma vida.



Foto 221: A cadeira de balanço, herança da avó de uma das moradoras, restaurada e levada ao novo apartamento, assumindo posição de destaque, na sala. Observa-se, sob a cadeira, um tapete no qual sobressai a imagem de duas meninas.

4.5 Conforto e praticidade

O conforto nos ambientes domésticos é algo buscado por todos, seja pela colocação de móveis que se adequem às necessidades, considerando as questões de espaço, e ainda as ergonômicas, seja pelas cores ou mesmo busca da temperatura, que os permita sentir-se bem no desenvolvimento da atividade pretendida (e mesmo o som ou nível de ruídos considerado satisfatório).

Como afirma Ariès (1981), o conforto faz parte das mudanças acontecidas durante o século XVII, principalmente na Europa, em que a família passa a utilizar um espaço próprio, longe dos outros membros com os quais estava acostumada a conviver, abrindo espaço à vida particular.

A idéia de conforto é expressa, nas falas, referente a um lugar para descansar, ler, escutar música, falar ao telefone ou mesmo desenvolver tarefas escolares, seja um *puff*, a cama, rede ou sofá, realçando a possibilidade de se ter alternativas diferenciadas para o desenvolvimento de um mesmo tipo de atividade, comumente em espaço próprio, separado dos demais membros da família. A maciez, associada ao *puff*, ou mesmo de liberdade, leveza e movimento relativos à rede, constituem questões a serem levadas em conta, realçadas em algumas falas:

O meu puff, daqueles puffs bem grandes, sabe? Eu tenho uma escrivaninha, prá fazer minhas tarefas, mas eu sempre faço em cima do puff. É o lugar mais confortável, é o que eu mais gosto.
(Gabi, 19, estudante, mora com a mãe e o irmão)

Na sala, a rede, que eu gosto de ficar. No meu quarto, a minha cama. (Helô, 17, estudante, mora com a mãe e o irmão)

Minha cama é fundamental, fundamental... ela tem uma história. O único lugar aonde eu durmo bem é na minha cama. (Débora, 25, psicóloga, mora com a companheira)

A sala íntima [...] Você tem o sofá, ali, que é mais confortável!
(Semírades, 31, comerciante, separada, vive com a filha e, eventualmente, o namorado)



Fotos 222 e 223: O puff, opção número um da entrevistada, e a rede, ambos convergindo em relação a uma mesma idéia: a de conforto.

Razões diferentes são objetivadas pelas escolhas: não apenas o conforto, mas o prazer, a estética, a idéia da liberdade, a memória afetiva de momentos e pessoas que se foram, histórias vividas a dois:

A cama, pelo que ela representa para mim, não como objeto. Em termos de prazer a cama, não necessariamente erótico, mas um prazer no sentido amplo. (Pâmela, 34, professora, mora com a companheira)

Essa cama [a cama de casal, no quarto] faz parte da nossa história de vida, porque praticamente meu marido e eu dormimos muito aqui, né... anos e anos. Nos amamos muito, então faz parte da vida. (Carioca Gema da Silva, 63, pedagoga e do lar, viúva, mora só)

Para além dos depoimentos que afirmam ser a cama um dos objetos de maior significado, nas moradias, algumas entrevistadas apontam o interesse em ter uma cama diferenciada, por razões práticas e funcionais, aliadas à idéia de conforto:

Eu queria era ter uma cama, uma cama maior, uma cama de madeira, e não de metal, que eu acho muito fria. Uma cama mais confortável, um colchão maior. (Helô, 17, estudante, mora com a mãe e o irmão)

O que está me incomodando hoje é, assim, [queria] ter uma cama maior né, para me esparramar, mais para o lazer, sabe, porque [o apartamento] ficou muito funcional, assim... totalmente funcional! (Camila Mara, 37, assistente social, solteira, mora só)

A possibilidade de ficar mais à vontade, a idéia de local mais “lânguido”, no sentido da leveza, da descontração, apontada por um outro entrevistado, parece assemelhar-se ao que a entrevistada apontou, levando-nos a crer que certa praticidade e possibilidade de maior conforto transformam objetos comuns em objetos especiais. Para os homens, em geral, sobressai a cama como local de descanso, sendo destacado o dimensionamento maior do que o padrão como um diferencial importante:

A minha cama, que é fundamental, quer dizer, e ela tem um tamanho um pouco maior que o normal. A gente já bolou desse jeito. (Carlos Alberto, 49, empresário da const. civil, mora com esposa e filhos)

A minha cama, né! É super importante e especial, e enorme também, né, é uma cama bem boa! Minha cama foi mandada fazer [sob medida], também o colchão e os lençóis. E isso é assim uma coisa que é fantástica, sabe, você cuidar bem do seu sono é uma coisa, assim, especial, prá mim. (Luca, 23, estudante, mora com a mãe e a irmã)

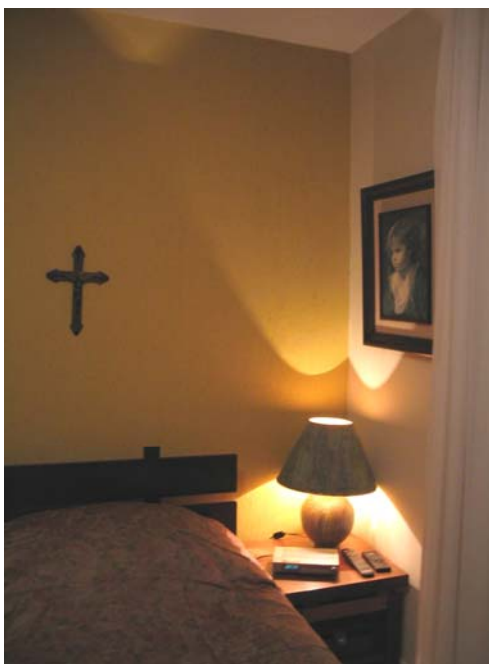


Foto 224: A idéia da cama como local de repouso é uma constante.

Porém, para muitos deles, são as poltronas e sofás que expressam conforto associado ao lazer:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Aquela poltrona, ali, eu gosto da posição dela. É uma poltrona que ela é larga, né, e eu gosto de sentar inclusive, assim, com a perna cruzada, a perna prá cima. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)



Foto 225: Poltrona, o objeto/espço mais confortável, para um dos entrevistados.

A poltrona, além de confortável, está em um ambiente tranquilo, longe de barulhos e próximo à natureza. De forma similar à poltrona, evidenciada no depoimento, o sofá é a expressão máxima de conforto para alguns entrevistados:

O sofá, eu adoro me espreguiçar, é um lugar assim que eu relaxo, mesmo. (Tereza Cristina, 47, gerente de programação visual, mora com o marido e filhos)

Além do conforto, evidenciado quando os entrevistados se referiam a locais para descansar, também a praticidade é perseguida, no dia-a-dia das casas, por meio da disposição dos móveis e objetos, escolha por materiais mais fáceis de manter e limpar, e mesmo do uso de soluções diferenciadas, comumente desenvolvidas por especialistas (*designers* ou arquitetos), como nos casos a seguir:

Você vê que aqui é fácil para limpar. Então, o balcão (da pia) na verdade sai daí, essa peça também sai. Eu posso arrastar para

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura:** significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

poder limpar atrás. (Carmem Silvia, 46, artista plástica e prof. universitária, mora com o segundo marido e filhos)

Aqui é um buraco prá jogar a roupa (suja), lá, direto. Cai dentro do armário da lavanderia. Daí isso eu tive que ver durante a construção da obra. Eu tive que casar essa saída aqui prá dentro do armário. (Jorge Alexandre, 43, analista de sistemas, solteiro, mora só)



Foto 226: O acabamento da pia é removível, para facilitar a limpeza e a manutenção.

O que confere um valor diferenciado, nos casos citados, é a facilidade em afastar o armário e fazer a limpeza sem dificuldade, ou acessar o cesto de roupa suja sem precisar ir ao andar de baixo. Denis (1998) afirma serem o contexto de uso, a comodidade e o conforto funções percebidas como importantes pelos usuários, diferenciando os objetos semelhantes.

Praticidade e conforto também foram buscados fora. Ressaltamos um dos objetos preferidos de um entrevistado, descendente de alemães. O mesmo, por questões de praticidade e estilo simples, que se adapta a inúmeros locais, está com o casal há mais de um século:

Esses balcões aqui, por exemplo, nós projetamos porque ele ia para um apartamento extremamente pequeno, e nós queríamos uma coisa muito funcional. Foi uma coisa assim que eu vi numa revista alemã, pegamos um marceneiro e ele fez. Isso aqui, apesar de estar judiado e etc., isto está nos acompanhando já...

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

isso é antigo, né. (Carlos Alberto, 49, empresário da const. civil, mora com esposa e filhos)



Foto 227: Módulos desenhados para possibilitar arranjos diversos. Antigos, continuam em consonância estética com o estilo contemporâneo de mobiliário e de grande utilização.

Em termos de funcionalidade, não podemos excluir, como elemento que modifica e facilita o fazer, levando a uma praticidade, os eletrodomésticos, assim retomados por uma entrevistada:

Dentro dos aparelhos, em casa, a melhor coisa que inventaram são a máquina de lavar roupa e a máquina de lavar louça. Quando inventarem uma máquina de passar roupa, fica completo! A máquina de lavar roupa, quando estraga, aí vira um caos na sua casa, fica um caos. O fogão, nem se fala, embora eu ainda tenha saudades do fogão de lenha, porque na minha infância eu experimentei o fogão de lenha e quem sabe na minha casa da

praia ou da chácara. Esta terá com certeza um fogão a lenha, de preferência, no meio da cozinha. Para a netarada ficar em volta. A torradeira ou sanduicheira, na minha casa, aquela máquina de fazer café, também não sei mais fazer café no coador, também acho uma coisa assim mais [importante] do que batedeira, porque eu ainda prefiro bater um bolo à mão do que fazer aquele café com aquele coador de saco...sabe aquela coisa? A cafeteira é uma coisa que se usa muito, e a torradeira ou sanduicheira, porque o café da manhã aqui é uma coisa que se curte muito!
(Isabela Luíza, 52, prof. universitária, mora com o marido e filhos)

A intenção em “matar” as saudades de sua infância e de seus filhos transparece em sua fala no resgate de elementos menos práticos, de um tempo em que havia mais tempo para as coisas, sentimentos que espera resgatar quando a situação imaginada acontecer. Esses sentimentos, aparentemente contraditórios entre a praticidade (ainda que de forma a desconhecer o funcionamento dos aparelhos que possui) e o fazer “à moda antiga”, uma espécie de atitude romântica, parece ser característica dos indivíduos que tiveram suas vidas facilitadas. No entanto, percebem, ao mesmo tempo, que algo se perdeu nesse processo de simplificação, de mudança e inovação, precisando ser resgatado.

Reforça Lima (1995) que a escolha e a apropriação de artefatos ajuda na sua produção (ou continuidade). O fato de um objeto tecnologicamente ultrapassado nos grandes centros urbanos interessar ainda a determinados grupos, faz com que ele ultrapasse a barreira do tempo para o qual foi gerado e adquira um outro significado, tornando-se “outro”. Como afirma Bjiker (1995), um objeto interfere nos modos de vida, sendo a tecnologia conformada não apenas pelas relações de poder vigentes, mas também pelos aspectos contingenciais que fazem parte da vida dos indivíduos. No caso citado, são os aspectos de um passado lembrados, a ponto de suscitar o desejo de sua reprodução.

4.6 Identidade pessoal e familiar: a convergência de alguns elementos

Mesmo com a diversidade de objetos preferidos apresentada, nem todos os entrevistados conseguiram fazer facilmente as suas escolhas, sobretudo os

que moram sozinhos, ou seja, aqueles que contaram com seu próprio esforço para compor cada ambiente, escolhendo cada uma das peças e simultaneamente definindo o local em que ficariam, como representações de uma conquista, assim como os que montaram seus espaços com móveis herdados ou ganhos, tendo-os não como objetos para “quebrar o galho”, mas de grande importância:

Eu gosto de tudo que é meu. Tudo aqui eu tenho um carinho porque foi conquistado com bastante esforço. (Rita Clara, 37, solteira, mora só)

Na verdade acho que tudo o que eu tenho eu gosto. (Carmem Silvia, 46, artista plástica e prof. universitária, mora com o segundo marido e filhos)

Como eu sou sozinha há muito tempo, então tudo o que está aqui foi posto por mim, é fruto do meu trabalho. Aquele potezinho que está ali, foi de quando eu fui no Paraguai. Aquele caixinha, enfim, cada coisa tem um significado, sabe? Aquele dragãozinho eu comprei porque era do mesmo estilo do potezinho. Então cada coisa tem um significado. Os quadros que eu botei, então quer dizer, foi tudo escolhido por mim. Então eu acho que reflete muito a minha idéia de casulo. (Ermínia Enrica da Luz, 69, aposentada, viúva, mora só)

Refletir a idéia de casulo é a forma utilizada para mostrar que as coisas ali colocadas representam o que significa, para ela, a casa: proteção e aconchego. Cada objeto foi colocado em um lugar intencionalmente. A entrevistada expõe um quadro feito por uma amiga, que faleceu, em local de destaque, não somente em termos de espaço, mas como um dos seus objetos preferidos.



Foto 228: Quadro/homenagem à amiga artista, que faleceu.

Isso vai ao encontro do que Bosi (1994) sugere, de que os vestígios das coisas, que nos lembram um ente querido, auxiliam-nos a reter traços de quem se foi. Referindo-se aos idosos, a autora afirma que esses objetos são uma espécie de assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade, mais do que um sentimento estético ou de utilidade, sendo um elo familiar com o passado, para nos defender do que precisamos hoje viver.

Subirats (1989) sugere que objetos de uso cotidiano compartilham de uma qualidade que vai além de seu significado racional, reforçando perder a vida humana parte de seu encantamento e riqueza se despida dessa dimensão emocional, interior e não-racional, que seus objetos pessoais constantemente adquirem.

De forma similar, é a identidade central da entrevistada documentada e desenvolvida a partir dos objetos que lhe são significativos:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

*Tudo é importante. Mas eu não tenho apego a nada, né, só coisas pessoais, mesmo, os quadros, meus materiais de trabalho. A única coisa que **eu não me separo** [fala de forma enfática] é o meu portfólio, que é a minha vida, o meu portfólio, e o material de trabalho. Esse armário serve basicamente para guardar o meu material, o meu portfólio, né, o que eu gosto. Livros, em que eu sou citada, meus poemas, aqui é cheio de panfletos, aqui tem as pastas que eu guardo as minhas coisas, recortes de jornais. Para mim é o que é importante. O mais, é o que der, entendeu? Porque para mim o importante é isso aqui.* (Quitéria Maria de Souza, 55, artista-plástica, separada, mora só)



Fotos 229 a 231: Portfólio da artista e partes de algumas de suas obras.

Para ela, mesmo sendo artista plástica¹³⁸ e seu objeto preferido – o armário¹³⁹ que serve a ela de *portfólio* – reforça sua identidade artística, o que

¹³⁸ Sua casa, de pequenas dimensões, é um recanto. Os objetos ali existentes, em sua maioria, foram doados, herdados, emprestados, mas são todos retrabalhados, pintados, recebendo uma nova “identidade”. As falhas, na pintura da parede, transformam-se em pombas. Gosta de assistir aos programas populares, ditos de “mau-gosto”, entre certas elites. O seu universo de acumulação é apenas documental. Marca os espaços como quem passa pelas coisas, deixando “pegadas”, mas sem a preocupação em deixá-los daquela forma para sempre. (Anotações do Diário de Campo, em 16/09/2004).

¹³⁹ Como afirma Bachelard (1993, p. 91): “O espaço interior do armário é um *espaço de intimidade*, um espaço que não se abre para qualquer um. [...] Guardar uma coisa qualquer,

importa nos objetos, de uma maneira geral, para além das coisas pessoais, é o aspecto de utilidade:

Ou uma coisa tem utilidade, ou então me desfaço dela, né? A minha cabeça, ela tem uma ligação profunda com o consciente coletivo, então de um tempo para cá eu comecei a simplificar um pouco. Um cavalete é um cavalete, uma escada é uma escada. Eu não quero um objeto belo, que tenha um funcionamento magistral, quero uma coisa que funcione. São invenções, né? A loja de um nove nove para mim, é um fenômeno do século XX. Quanta coisa inútil! (Quitéria Maria de Souza, 55, artista-plástica, separada, mora só)

A entrevistada termina sua fala com uma frase que consideramos importante de ser resgatada, uma vez que levanta a questão de que coisas importantes deixam de ser feitas devido às necessidades que criamos continuamente:

A minha idéia é ter menos coisas, para poder ter mais atitudes! Para ter tempo para ter mais relacionamento, com as pessoas, com as idéias. Porque quanto mais se tem, mais tem para cuidar, né? (Quitéria Maria de Souza, 55, artista-plástica, separada, mora só)

Com sua forma de viver na simplicidade, a entrevistada parece conseguir manter clara a distinção entre o que lhe é importante e o que não é, evidenciando assim que o acúmulo exagerado de coisas materiais nos obriga a dispendar um tempo para cuidar dessas coisas, mantê-las em ordem.

Para além do aspecto de utilidade, realçado pela artista, dentre os entrevistados comumente a questão estética é realçada como elemento definidor da escolha de objetos significativos de uma maneira bastante sutil, perceptível, mais facilmente, quando a escolha se dá por objetos de arte e artesanato, que complementam as estantes e paredes, comumente tendo outros aspectos envolvidos, para além dos estéticos.

Para um dos entrevistados, os objetos de maior valor são referentes ao prazer e à apreciação estética:

em um móvel qualquer, indica uma enorme fraqueza da função de habitar. No armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite”.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Bandolim, peças em artesanato¹⁴⁰, objetos de arte. Eu gosto de artesanato. Você pode ver que tem, ali, as coisas do Ceará. Tem aquela máscara. Aí como eu ganhei aquela ali, daí eu fui fazendo [coleção], daí minha mãe me deu aquela ali. É um bom tema. É arte, né, é artesanato! (Bruno Augusto, 47, engenheiro civil, separado, mora só)



Fotos 232 e 233: Artesanato, comprado em viagem ao nordeste e quadro, adquirido em leilão.

Segundo Baudrillard (1968), a fascinação pelo objeto artesanal está ligada ao fato de que o trabalho de quem o fez permanece nele inscrito, sendo único.

Cada quadro, nas paredes do apartamento do entrevistado, tem uma história: um deles foi ganho do próprio artista, em agradecimento a auxílio prestado; um outro escolhido “a dedo”, conforme o termo utilizado pelo entrevistado, estando em destaque na parede de seu quarto; e um terceiro adquirido em um Leilão de Arte, figurando em sua sala. Este último tem imagens femininas como elemento central, assim como a maior parte das estatuetas sobre a prateleira. O entrevistado afirma ser a temática casual, pois ganhou a primeira peça de sua mãe, e as demais, posteriormente, de pessoas que viram a primeira

¹⁴⁰ O artesanato, que tem em suas paredes, encaixa-se em certo sentido na categoria de *souvenirs*, objetos vendidos como lembrança de um local a turistas, presente em várias moradias visitadas.

peça e compreenderam que ele gostava de figuras femininas, presenteando-o com elas:

Quando eu me separei... eu saí de casa com as minhas roupas e o violão. E os discos. Foi isso, daí aos poucos fui pegando aqui, botando ali, fui coletando coisas. Mas nada assim para decoração. Vai colocando. Uma das coisas que eu estou fazendo, é minha coleção de mulheres. Comecei. Aí eu ganhei essa aqui de uma amiga e cliente minha. Essa aqui eu ganhei da minha mãe, essa aqui eu ganhei de uma ex-namorada, essa daqui eu comprei, essa aqui ganhei de uma amiga, essa aqui de outra, e essa ganhei da minha mãe, também... são algumas coisas, assim, eu gosto de esculturas. Eu gosto de esculturas, quadros, esses quadros, também¹⁴¹. (Bruno Augusto, 47, engenheiro civil, separado, mora só)



Foto 234: Esculturas em que sobressaem figuras femininas.

De forma similar, uma entrevistada explica seu gosto pelos quadros que mantém nas paredes do apartamento:

Porque eu fui [adquirindo ou ganhando]. Aquele eu comprei no Solar [Casa da Gravura], aquele eu ganhei do Orlando da Silva, aquele lá, da Mazé, eu comprei no Solar, aquele lá... [o marido interrompe para dizer que alguns ainda não foram colocados, por indefinição do local] era um esboço do Calderari que o Paulo

¹⁴¹ O entrevistado não acredita que muito de sua história esteja retratada ali, pois quando se separou carregou apenas seus pertences pessoais, seus discos, etc. Tampouco que tenha a ver com os espaços em que viveu antes, mas representa mais seu senso prático, talvez. Vai montando o apartamento de acordo com suas necessidades, e dentro das possibilidades. (Anotações do Diário de Campo).

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Berberi fez as impressões, só, na serigrafia, e eu tinha enrolado isso. Sabe, você descobrir: a Denise Roman, a Uiara, a Renina Katz. Pois é, então a minha sala tem [história]. (Tereza Cristina, 47, gerente de programação visual, mora com o marido e filhos)



Foto 235: Peça alemã, presente de um amigo.

A escultura, presente de um amigo seu que mora na Alemanha, é colorida e de estética moderna, ocupando lugar de destaque. Sendo a reprodução de uma escultura grande, ícone principal em algum espaço público de uma cidade da Alemanha que a entrevistada conheceu, recebeu um lugar privilegiado na estante, com luz. Ao fundo da estante, destaca-se a parede em vermelho escuro, dando um ar agradável e chamando a atenção de quem passa pelo local.

São também razões voltadas ao forte apelo estético – compreendidas aqui igualmente como uma concepção cultural, ou construção do gosto – mas também de memória, que participam dos motivos de escolha de uma das entrevistadas na faixa dos mais jovens:

Eu gosto dessas coisas assim, antigas e bonitas, sabe? Essas coisas que nem os móveis que o meu bisavô desenhou, a copa, que são lugares que lembram situações e lembram a família, essas coisas eu gosto. Eu admiro muito porque faz anos, e são coisas que continuam lindas até hoje, sabe? E todo mundo que entra já olha e chama a atenção, são coisas antigas que continuam chamando a atenção. (Lena, 20, estudante, mora com os pais e irmãos)



Foto 236: Peça desenhada e feita pelo bisavô paterno, de grande valor e estima para a família.

Essa transmissão do capital cultural, no que concerne ao gosto, segundo Salvatori (1996), é um jogo de *performance* que, embora exprima a auto imagem, obedece a uma linguagem que é repassada por meio das práticas distintivas de determinados segmentos, ou, como no caso das obras de arte existentes em sua casa, pela utilização de intermediários culturais, sejam os vendedores (*marchands*) ou os próprios artistas que presentearam a entrevistada com suas obras.

A identidade da família citada anteriormente, por meio de uma entrevistada, está ligada aos móveis herdados, uma circulação dos objetos intencional, diferente daquela que encontramos em alguns entrevistados, em que cada objeto “é um socorro para alguma coisa”, ou “excessivamente funcional”. Outra entrevistada se utiliza de móveis herdados na montagem de alguns

espaços, mas não coloca isso como um elemento problemático ou como idéia de “socorro”, e, sim, como uma saída para compor seus espaços que a agrada, possibilitando-lhe criar no sentido de revitalizar o que herda ou ganha. Circulação voltada à possibilidade de rememorar importantes espaços, momentos e pessoas com as quais conviveu um dia ou ainda convive:

Bom, a maior parte dos móveis que tem aqui são móveis que vieram da minha família [ou de amigos], então na realidade, tem muito a ver, sabe. (Luana Sofia, 52, artista-plástica e professora, mora com o marido e filhos)

É, por intermédio de Leite (2000), que reforçamos a idéia das memórias cristalizadas nos objetos, embora essas memórias não estejam à disposição de quem as olha, tendo ligação profunda com a individualidade. Outra entrevistada expõe seu interesse pelas coisas antigas, na casa:

Eu gosto de coisas antigas, por mim eu substituí as coisas novas pelas antigas. (Débora, 25, psicóloga, mora com a companheira)

Conforme Baudrillard (1968) a inversão na ordem de importância dos objetos entre diferentes camadas sociais acaba resultando na valorização, por parte das camadas mais favorecidas, do objeto antigo, enquanto as menos favorecidas anseiam pelo funcional. Dentre as pessoas entrevistadas, representantes de camadas médias, encontramos grande valorização de relíquias, de objetos antigos, tenham eles sido herdados ou adquiridos.

Outra entrevistada evidencia a importância da questão estética, demonstrando o quanto cada pequeno detalhe é importante para ela. Reforça que a maioria das pessoas não liga para as coisas que, para ela, são importantes:

*As coisas relacionadas à cozinha, as pessoas não têm tanto apego, assim. E eu sou... me percebi bastante detalhista, nisso. Eu não queria “qualquer” vassoura, teria que ser uma vassoura que combinasse de alguma forma com o resto das coisas, **mesmo** [ênfase na fala], assim. Eu estou dando o exemplo para você porque é verdade. Foi real. O balde, a mesma coisa. Não era qualquer balde. As coisinhas de lixo, e assim por diante. Coisas assim, na verdade, não tão importantes, mas que eu gosto, assim, de coisas bonitas, que eu acho bonitas, né, mas que*

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

normalmente não é o gosto das pessoas, é o meu. (Esquilo, 32, diretora de teatro, vive só)



Foto 237: Acessórios de cozinha, escolhidos com muito esmero.

Importante perceber que ela relativiza a questão do gosto, acentuando que segue o “seu” padrão, e que faz questão de mantê-lo, mesmo nas coisas mais simples, sendo que seu gosto “pessoal” que tem a ver com sua história de vida. Para quem trabalha com direção de teatro e criação de cenários a mínima peça é da maior importância, e isso parece se refletir em seu cotidiano, no espaço de sua moradia.

Parece propício expor que, assim como outras pessoas entrevistadas, ela montou seu apartamento com peças que ganhou de pessoas de família e de amigos, e que cada uma tem, para além de sua própria história, grande importância no arranjo dos espaços. Uma forma de circulação de objetos que foi ao encontro de suas necessidades, e que ela dedicou, a cada peça, um lugar especial, um trato e uma importância. Para ela, uma peça antiga estar sobre o

guarda-roupa, é destacar, dar um realce, e não esconder.

A fala de um outro entrevistado evidencia, igualmente, a questão da identidade por meio dos objetos adquiridos:

Eu acho que a gente, a identidade da gente, está nas escolhas da gente, né? Por que comprou aquele DVD, por que que comprou aquele... aquele livro, porque comprou aquele quadro, né? O móvel, as cadeiras, teve todo um sentido, na hora da compra, de escolher. Por que escolheu ela? Quer dizer: todas as aquisições têm uma emoção, no momento da aquisição. (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)

O mesmo entrevistado, que compreende constituir-se a identidade em nossas opções, na emoção que alimenta e baliza o consumo, sendo parte dela percebida pelos que compartilham dos espaços e objetos, apresenta o que é mais importante, em termos de identidade, em uma casa:

Astral, a casa tem que ter astral, de alguma forma! Eu acho que tem muito a ver com essa questão da identidade, dos objetos com os quais tu te identifica, e é uma satisfação as pessoas se identificarem e gostarem dos objetos que a gente se identifica, porque são uma extensão da gente. (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)

Da mesma forma, a história, como elemento de resgate de uma identidade, é evidenciada em outra fala:

Cada detalhe tem uma história, que é alguma coisa das viagens que eu fiz, ou são coisas que eu tenho, que vieram da minha mãe. Ou são quadros da minha irmã ou do meu irmão. Cada detalhe tem uma questão afetiva, eu acho que é importante isso. As cadeiras eram da minha mãe. Eu conservo essas coisas que foram feitas por ela, as coisas de crochê. Muita gente fala: ah, por que você não dá a arca e faz uma móvel grande? Mas eu não quero dar a arca, não vou dar a arca. Não me importa que eu tenha isso, eu quero ter o quadro aqui e como o apartamento é muito pequeno, se eu colocar um móvel grande eu vou perder o espaço para colocar um quadro. E esse quadro foi feito de aniversário, por um amigo, tem toda uma história. Aquele quadrinho que é da Bélgica, que foi dado por uma senhora que eu conheci na Inglaterra, o sapato de argila que eu trouxe da Holanda, e aquelas coisas que estão dentro da estante de vidro, a maioria das coisas foram coisas que eu trouxe da Inglaterra, que eu fui colecionando. (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)

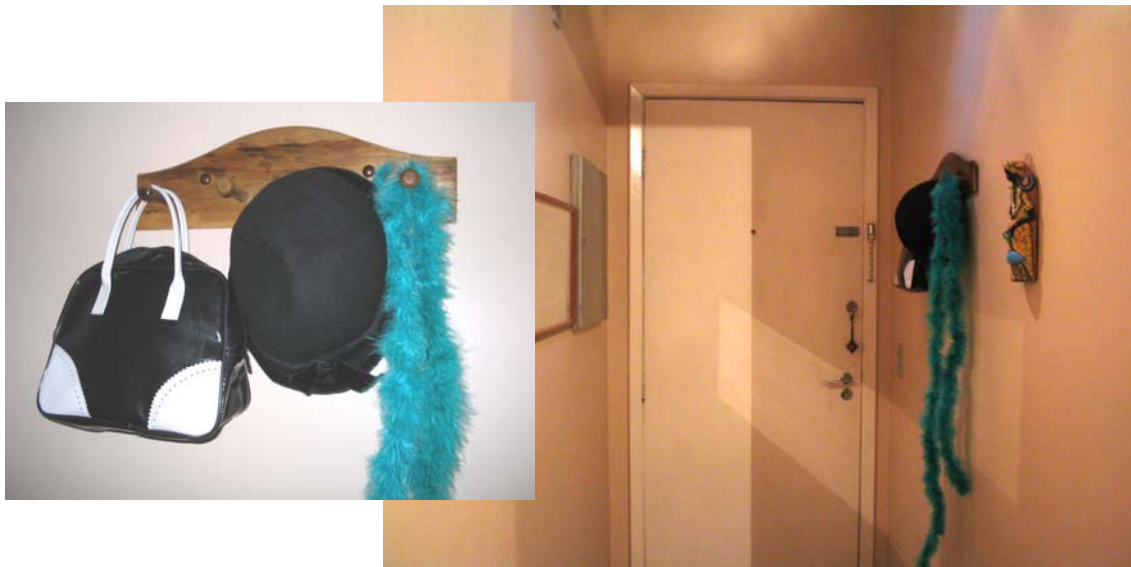


Fotos 238, 239 e 240: A arca, que ganhou da mãe, os quadros, presentes de familiares e pessoas que conheceu e objetos trazidos das viagens, todos elementos de recordação de momentos e pessoas queridas.

Para outra entrevistada, os objetos mais marcantes tem a ver não apenas com a história, mas também com questões estéticas e práticas, sobressaindo os objetos que ganhou de presente e outros que, tendo deixado em sua moradia anterior, a qual ficou montada, voltou a adquirir para a moradia em que passou a habitar:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

O cabideiro, que é uma coisa que eu gosto, também, que eu já tinha na outra casa, e que nós trouxemos da última viagem. Então eu acho que são algumas coisas que marcam. (Pâmela, 34, professora, mora com a companheira)



Fotos 241 e 242: Cabideiro, à entrada do apartamento. No detalhe, à esquerda, os apetrechos que ali estavam no instante da fotografia.

O cabideiro, objeto eminentemente prático, de uso, quando colocado na entrada das moradias denota certa preocupação com o visitante, para que ele possa deixar seus pertences acomodados. No caso do cabideiro, explicitado na entrevista, ele “guarda” alguns objetos pessoais das moradoras, como chales e bolsas, formando um conjunto que expõe algo sobre a vida delas.



Fotos 243 e 244: O tipo de macarrão, as batatas chips e o chocolate expostos nas prateleiras evidenciam um consumo refinado. O bumba-meu-boi, figura folclórica e carnavalesca, é uma demonstração do gosto pela diversão e pelo objeto colorido.

A entrevistada¹⁴² cria por conta própria uma série de objetos. Sobre o fogão, uma esfregadeira, reciclada, transforma-se em prateleira e objeto de decoração. A caneca vira enfeite de parede, fora da cozinha e a tábua de carne é transformada em uma obra pintada por ela, com a figura de duas carnavalescas.

Como aponta Ramos (2004), o objeto finado transforma-se em objeto ressuscitado. Nesse caso, ajuda a reforçar a identidade da entrevistada, que pode, ao criar, diferenciar-se pelo objeto criado.

¹⁴² Nas prateleiras da cozinha, totalmente enfeitadas, lembrando uma mercearia, como ela mesma afirmou, destacam-se porta-retratos montados a partir de tampas de caixas de CD, que ela colore e prende com cordões, decorando o espaço (Anotações do Diário de Campo).

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.



Fotos 245 e 246: Na primeira foto, a esfregadeira reconfigurada. Na segunda, a tábua de carne transformada em arte.

Deixando de lado a idéia dos objetos modificados e reciclados, mas resgatando a idéia de identidade como algo que “faz parte”, como extensão, como algo que é seu, chama-nos a atenção um entrevistado:

As coisas da gente, as coisas que a gente gosta, os livros, os CDs, a cama, a cor, o cheiro, é uma extensão da gente, né? (Oscar José, 46, arquiteto, separado, mora só)

Em sua fala, não apenas os elementos materiais, os objetos de que mais gosta, as cores, mas os elementos imateriais, como o cheiro, compõem o todo com o qual se identifica.

Não são apenas as questões estéticas, mas certo misticismo, ou seja, certa crença em elementos sobrenaturais, também faz parte da construção da identidade de algumas pessoas, e isso é expresso como algo especial:

Esse tapete redondo é muito significativo, prá mim. Sem querer eu formei um espaço que tem um círculo no meio da minha sala, que é justamente o centro da minha casa, e quando eu faço meus rituais, eu faço ali. (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)



Foto 247: O centro da casa, onde o tapete redondo demarca o espaço.

O tapete deixa de ser apenas um tapete para tornar-se o “centro” da casa, pela energia que a entrevistada acredita concentrar-se nesse espaço. Não apenas o elemento místico, mas uma avaliação estética perpassa as falas, possibilitando à entrevistada, no caso citado a seguir, comparar a construção do “cenário” em que cada um dos objetos tem algo de especial, como a composição de um quadro:

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

O tapete combinou com a parede, sem querer combinou com a parede. A cor que eu coloquei nas cadeiras foi justamente pra combinar com a parede, e com o tapete, também! Então acho que é assim, são todos detalhes que a gente vai construindo e de repente está um quadro feito! (Cléo Sidarta, 42, prof. universitária, solteira, mora só)



Foto 248: O “quadro feito”, conforme a descrição da entrevistada.

Outra entrevistada criou um espaço para meditação em seu quarto, colocando nele uma escultura, que é uma de suas peças preferidas. Escolheu tecidos orientais para compor uma espécie de altar. Considerando o mesmo um espaço mais íntimo, solicitou que, mesmo estando ali um de seus objetos preferidos, não fosse o canto (espaço de meditação) fotografado com destaque.



Foto 249: Respeitando a vontade da entrevistada, apresentamos seu canto de meditação apenas através de uma imagem tirada a distância, sem detalhar. No quarto, no segundo andar, o conforto da cama e a harmonia do espaço de meditar.

De qualquer forma, é extremamente relevante observar a crescente busca por espaços específicos para relaxar e/ou meditar, pois alguns dos entrevistados os tinham ou estavam projetando espaços para essa finalidade, apontando para o surgimento da necessidade de um lugar para estar consigo, em silêncio, em busca de equilíbrio.



Foto 250: Alguns dos anjos encontrados em uma das casas, para alegrar e harmonizar o ambiente.

Retomando certos aspectos místicos que parecem estar se ampliando, anjos, estatuetas de santos, altares, são objetos de admiração mágica. Ao criar

um altar, uma das entrevistadas assume a importância do aspecto místico em sua vida, lembrando a si mesma a importância de meditar, no dia-a-dia. São objetos voltados a diferentes modos de ver o mundo, que incorporam e evidenciam crenças pessoais. De forma similar, os anjos, espalhados na casa de uma outra entrevistada, são objetos que têm um papel de manter o ambiente tranquilo.

Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981) afirmam que não só as lembranças passadas, mas igualmente as experiências presentes, e sonhos futuros de cada indivíduo, ligam-se estreitamente aos objetos que encerram seu meio.

*“[...] parte do barro com que modelam agora uma figura
provém de outras que tiveram que desprezar e amassar,
assim é com todas as coisas deste mundo,
as próprias palavras, que não são coisas, que só as designam
o melhor que podem, e designando as modelam,
mesmo se exemplarmente serviram,
supondo que tal pôde suceder em alguma ocasião,
são milhões de vezes usadas e atiradas fora outras tantas [...]
barro pisado que também elas são, amassado e mastigado,
deglutido e restituído, o eterno retorno”.*

Saramago (2000, p. 156)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas, objetos e espaços formam, juntos, a cadeia principal de nossa pesquisa, que esteve centrada nos interiores domésticos, no meio em que acontecem as ações mediadas por objetos. Os espaços domésticos são como janelas que nos permitem desvendar o universo dos moradores, suporte sobre os quais se assentam intencional ou casualmente os objetos, criando um discurso.

Quando iniciamos este trabalho, pensávamos que os dois elementos centrais de análise, fossem eles os *espaços* e os *objetos preferidos*, estariam correlacionados. Mas isso não se concretizou: os objetos preferidos estavam descolados dos locais preferidos pelos indivíduos, em suas moradias, na maioria das vezes. Isso nos conduziu a analisá-los em separado, a não ser em raras situações em que havia conjunção entre eles. Muitos dos objetos preferidos, ao contrário de permanecerem expostos, ficam reservados, guardados, pelo seu caráter de afetividade pessoal, por serem importantes “apenas” ao seu portador e àqueles cujos sentimentos estão mediados por meio desses objetos.

Acreditávamos, igualmente, que encontraríamos diferenças marcantes entre os diversos arranjos familiares pesquisados, ou seja, entre as famílias nucleares, pais ou mães que criam seus filhos, casais e pessoas vivendo sós. Mas essa diferença não emergiu na pesquisa, destacando-se somente as diferenças – em termos de vivência dos espaços – entre as pessoas que vivem em família, em relação às que vivem sós, ou com base nas variações etárias. Em termos de objetos preferidos, essa distinção ficou por conta, fundamentalmente, das

diferenças etárias.

Durante o desenrolar da pesquisa, evidenciou-se a dificuldade em encontrar homens morando com filhos, talvez o grupo menor, de fato, em nossos dias, uma “constelação familiar” mais rara, dentre as estudadas. No entanto, o fato de constituírem um grupo com características já bem definidas, realça que mudanças estão em andamento, embora ainda predomine o padrão marido, mulher e filhos.

De qualquer forma, podemos destacar alguns elementos específicos dos grupos familiares compostos por pais ou mães, e filhos. Filhos que moram com as mães tendem a acompanhá-las na cozinha, no momento de preparação das refeições, e não apenas no consumo, como uma forma de possibilitar o contato, a troca, eventualmente auxiliar na arrumação, o que raramente acontece nas situações em que o pai é responsável pelos filhos. Nesse caso, o local no qual se encontra a televisão predomina como espaço de convívio.

Identificamos uma grande dificuldade, entre as pessoas que vivem sós, em definir espaços preferidos e facilidade em definir os objetos preferidos, mesmo estando os mesmos espalhados pela moradia, ao contrário dos outros grupos, que tiveram dificuldade em elencar seus objetos preferidos, e razoável facilidade para escolher os espaços de sua preferência.

Um dos *fios condutores centrais* considerado em todo o processo de pesquisa foi o de que a interação - que exprime no próprio termo a influência mútua, a reciprocidade - das pessoas com os espaços e objetos modifica não apenas os espaços e objetos que “sofrem” a ação, mas que há um movimento de mão dupla, e que também as pessoas são modificadas a partir de seu relacionamento com ambos. Exemplos como a convivialidade permitida e estimulada pelas cozinhas que se abrem às salas, ou a utilização diferenciada dos banheiros – por mais tempo e com mais prazer, conforme expresso nas falas – demonstraram isso.

A hipótese que havia nos orientado considerava que os espaços seriam arranjados, pelas pessoas, a partir da seleção e colocação dos objetos, consoante o interesse e as possibilidades de quem os utiliza, levando em conta não apenas

as questões funcionais mas também as necessidades das pessoas de pertencimento a um grupo, o que pode ser afirmado por certo nível de homogeneidade encontrada nos elementos comuns ao grupo de pertença. Esta questão pode ser confirmada na maioria das situações analisadas, não apenas apontando as similaridades mas igualmente com diferenças marcantes, caracterizando os valores e escolhas individuais, atrelados às histórias de vida dos indivíduos pesquisados.

A idéia que se sobressai, assim, é a de que os modos de vida, ao se modificarem, seja por alterações sociais ou pelas mudanças materiais, modificam simultaneamente as pessoas e o sistema de objetos, alterando os lugares; seja em busca de aumentar a praticidade, seja em termos estéticos ou mesmo por meio dos elementos simbólicos, acabam por reconstruir a paisagem e os indivíduos que nela habitam.

No caso dos objetos, o uso dos computadores é exemplo notório: colocado no quarto, em uma sala/escritório de uso comum, ou mesmo ambiente de estar, conforma e expressa diferentes hábitos de vida.

O computador representa um objeto definidor da utilização dos espaços, dentre os adolescentes, sobressaindo-se como importante, também, nas demais faixas etárias. Este objeto começa a deslocar-se para a sala ou para o escritório, como uma forma encontrada pelos adultos de burlar a utilização excessiva dos quartos pelos adolescentes. Quando colocados em espaços de uso coletivo, os computadores dão conta da necessidade, por parte dos pais, de estarem próximos aos filhos.

As tensões aparecem entre os utilizadores, e a negociação está sempre em pauta, para que todos os membros possam utilizá-lo, seja como ferramenta de comunicação, trabalho ou lazer, e diferentes soluções surgem para dar conta das necessidades. São tensões no âmbito doméstico que pedem respostas, saturando relações e gerando conflitos, exigindo soluções que podem incluir o *design*.

Evidenciamos, no entanto, que os computadores, mesmo colocados nas salas, não têm a mesma importância e destaque que os televisores, entre as camadas menos abastadas, ficando a sua exposição, na sala, por conta de

uma necessidade de manter as pessoas em contato, mais do que demonstrar algum tipo de *status*.

Retomando a migração do computador dos quartos para ambientes coletivos, após terem se “desencontrado” de seus filhos ao disponibilizarem, nos espaços pessoais destes, tudo o que os mesmos desejam e “precisam”, ou seja, aparelhos de som, TV, *videogames* e computadores, equipamentos que assumem importância principalmente a partir da pré-adolescência, os pais, pertencentes a camadas médias, estão buscando alternativas de reaproximação, de recuperação de uma convivência diminuída.

Diferentes soluções foram encontradas entre pessoas que conheceram outras realidades, algumas vezes com base na decoração e outras na forma como solucionam problemas de ordem prática, aliando-se à questão de um estilo que “marca” o local de origem. A improvisação, nessas situações, não é encarada como algo provisório, mas como uma solução, uma maneira nova de traduzir a organização de um ambiente, uma recriação. Em algumas situações encontradas, os nichos recriam sótãos, elementos presentes nas casas mais antigas: vãos atrás das portas ou sob o teto acondicionam objetos de limpeza ou decoração, ou ainda servem como dispensa. A cultura comum – utilizando o termo de Certeau (1994) – reinventando, adaptando espaços e objetos, leva a adequações das maneiras de viver.

No processo de globalização, também as identidades com as quais nos confrontamos sofrem alterações, regidas pela disseminação de outras formas de vida, oriundas de espaços geograficamente distantes: os espaços orientais para meditação, encontrados nas moradias visitadas, são um exemplo disso. Certamente, há uma “tradução”, uma espécie de adaptação para as possibilidades nas quais essas formas diferenciadas se encaixam, visto que extraídas de seus locais de origem, transferidas, transmitidas e (re)interpretadas.

Assim, a improvisação dá lugar à criação: as “necessidades” das pessoas encontram soluções diferenciadas, em geral com base em revistas ou em vivências anteriores. Essa reconfiguração possibilita uma organização que não teria lugar sem as experiências que lhe deram origem.

Não apenas a experiência de morar em outra região ou país, mas também as viagens parecem colaborar no sentido de construir uma atmosfera híbrida, com elementos de diversos lugares. Entretanto, no caso das viagens, geralmente isso se dá pela exposição de objetos de artesanato trazidos desses lugares. Várias são as considerações que resultam do processo de transferência e/ou absorção de elementos culturais, cada qual voltada a questões ora mais práticas, como no caso das idéias adaptadas da Alemanha, ora mais simbólicas, como nos casos em que os elementos são apenas expostos, demonstrando relativo *status*, ou ainda marcadamente estéticas, como no depoimento sobre a Inglaterra.

Mesmo com a oferta díspar de objetos, as semelhanças encontradas nos arranjos pesquisados refletem os movimentos pelos quais as sociedades se modificam, se atualizam. Evidenciamos a possibilidade de as pessoas acessarem as novidades como um elemento possibilitado, comumente, a partir das relações e condições econômicas dos indivíduos fazerem parte de determinado grupo, tendo sido a noção dos elementos distintivos o *segundo fio condutor da pesquisa*.

Reforçamos a importância de termos buscado compreender não apenas os elementos comuns aos grupos estudados, mas reconhecer que, dentro de um mesmo grupo, estão vários indivíduos. Seguimos por esse caminho por acreditar que isso atinge ao *design* marcadamente, no sentido de desenvolver objetos e compor espaços que possam auxiliar na expressão dos diferentes tipos de indivíduos, ainda que sejam parte de um mesmo grupo social. Procuramos destacar o inusitado e a criatividade que giram em torno da diferenciação, aspectos evidenciados na forma de compor os espaços, como são exemplos a pintura do armário que sobe pelo teto e a criação de armários atrás das portas, para citar exemplos de faixas etárias distintas. São adaptações a realidades, gostos e desejos diferenciados, muitas vezes ditadas por necessidades, pela mimese, pela necessidade de uma diferenciação, para obter maior praticidade ou tornar os espaços mais agradáveis. Podemos concluir que Habitar não é neutro ou passivo, mas ativo e dinâmico, gerador de significado, como afirmam Funari e Zarankin (2002).

A partir dos resultados encontrados, é possível afirmar que as camadas médias pesquisadas espelham os modelos disseminados pelos diversos meios de comunicação, assimilando, com base na capacidade econômica, nos espaços disponíveis e interesses, as inovações divulgadas.

A realidade encontrada nos espaços das moradias, em nossa pesquisa, parece mesclar duas situações distintas: a presença de espaços mais amplos e abertos, para amenizar o efeito da redução das dimensões, prescindindo de uma delimitação, por um lado; e de espaços mais “protegidos”, ou individuais, em termos de solução arquitetônica, ou mesmo de *design* de interiores, por outro, sendo ambas estratégias utilizadas como forma de permitir o convívio sem impedir a expressão da individualidade.

Considerando que o morar contemporâneo tem se pautado a partir de estruturas familiares e espaciais enxutas, dentre as camadas médias estudadas, parece razoável supor que muitas das paredes sejam mesmo eliminadas, pois a privacidade, nesta situação, não requer tantas divisões internas. Ao mesmo tempo, essa redução das paredes promove a ampliação dos espaços, possibilitando o convívio com os demais moradores. Neste caso, não são as novas tecnologias, apenas, que definem e alteram as estruturas, mas as mudanças sociais e econômicas interagem para definir as alterações físicas e mesmo tecnológicas, reforçando a importância do nosso propósito de investigação. Nesse sentido, desenvolve-se uma outra “arena” sobre a qual é possível repensar os espaços e modos de vida, e dentro deles o *design*, uma arena em constante transformação.

As preferências, em termos de espaços, não recaíram sobre as questões de funcionalidade, no sentido das funções supostas para os mesmos. Os quartos não são escolhidos por serem escuros e silenciosos (embora a cama tenha se destacado entre os objetos preferidos, pelo conforto proporcionado), para dormir. Antes, por permitirem uma multiplicidade de usos que contemplam os interesses daqueles que os escolheram.

Soluções diferenciadas das existentes precisam ser buscadas, para acompanhar as alterações que se processam e as necessidades que se apresentam, não só em termos da habitação (portas, janelas, vãos, divisões),

mas, igualmente, sobre as possibilidades de arranjar os espaços que dela fazem parte, no intuito de conter ou expandir as ações e as interações, pois esses espaços produzidos também “produzem” pessoas e relações.

A necessidade – criada pelo mercado – de uma atualização dos aparatos de tecnologia mais recente, parece sugerir ser um mau investimento a aquisição de vários equipamentos similares simultaneamente. A perspectiva de planejar o seu uso para que essa atualização seja possível pelos membros que anseiam e precisam dela, sem no entanto gerar gastos excessivos e descartes desnecessários, parece uma opção mais racional e condizente com a realidade das camadas médias entrevistadas. Da forma encontrada em nossa pesquisa, a troca de um computador por outro, de tecnologia mais recente, gera um “excedente”, e essa “sobra” tem sido apropriada pelos membros da família hierarquicamente abaixo, na escala, ou pelo grupo de convívio mais amplo (outros parentes, amigos ou empregados), mas mesmo essas soluções se mostram, por vezes, insatisfatórias, muitas vezes gerando problemas ao invés de soluções.

O uso das empregadas mensalistas está em extinção, no universo investigado, e o serviço das diaristas é contratado cada vez a intervalos maiores, o que equivale a dizer que as pessoas estão simplificando sua rotina, em casa, e evitando gastos desnecessários, bem como a presença de pessoas “estranhas” quando não são imprescindíveis, e isso se destacou marcadamente.

A contratação de empregadas domésticas acontece por necessidade dos moradores, que gostariam, em geral, de não ter que dividir o espaço de suas casas diariamente com pessoas de fora da família. Espaços mais exíguos acabam criando maior desconforto, nessas situações, mas esse aspecto também foi evidenciado a partir da idéia de conforto, na casa, como um “mal necessário”.

Com a tendência crescente de redução de auxiliares, muitos dos espaços projetados refletem a absorção ou a incorporação da área das dependências para empregados aos demais espaços.

Considerando o que nos foi pontuado, qualquer que seja a opção em relação às refeições, fora de casa ou preparada por algum membro da família ou auxiliar, uma conscientização maior da boa qualidade alimentar acaba por desenvolver novos hábitos. Confirmamos, ainda, o aumento do preparo e

consumo de alimentos em casa, especialmente nos finais de semana, quando os *fast-foods* e restaurantes a quilo são deixados de lado.

Além da cozinha ser ampliada, surgem equipamentos de maior qualidade, já que cada vez mais são aos donos da moradia que utilizam os mesmos. Variedade estética e eficiência conquistam os consumidores, ganhando novos contornos, novos instrumentos, novas disposições. A facilidade de limpeza e manutenção – assim como a iluminação e a ventilação – passam a ser essenciais, diferentemente da situação encontrada na história da casa colonial brasileira, quando a cozinha era externa às casas, migrando para o seu interior, como resultado de alterações econômicas e sociais profundas.

Quando paredes deixam de ser erguidas, e os espaços são divididos apenas por espécies de balcões - permitindo a proximidade da família, dos parentes ou amigos junto àquele que está preparando a refeição – isso acarreta modificações em termos do tipo de alimentos a serem preparados, eliminando aqueles cujo preparo libere muita gordura ou odor, ou ao menos reduzindo seu uso. Dessa forma, os espaços produzidos pelas pessoas levam a mudanças nos hábitos, “produzindo gente”, conforme Brandão (2002), ou seja, mediando as relações simbólicas e práticas e desenvolvendo, assim, referenciais.

A idéia de se ter áreas de convívio ampliadas, mas, ao mesmo tempo, manter áreas pessoais adequadas às necessidades, gostos e condições individuais, parece caminhar na direção do respeito às semelhanças e às diferenças, condição balizada pelas possibilidades materiais, interesses e prioridades dos moradores.

Se paredes são derrubadas, móveis alterados, espaços rearranjados de tempos em tempos para melhor servirem ao processo dinâmico de vivenciar a casa, e das alterações ocorridas na família ao longo do tempo, há que se voltar à necessidade de serem também os móveis e os utensílios elementos que devem se adaptar a diversas situações.

Os espaços pesquisados refletem e incorporam as alterações da família: quartos transformam-se em salas íntimas, em quartos de costura, em bibliotecas, enquanto as salas íntimas ganham um mobiliário adaptado àquele (ou àqueles) que permanece na moradia, depois que alguns dos moradores deixam de habitá-

la, por razões diversas. As moradias mais recentes começam a ser projetadas, considerando a perspectiva de sofrer alterações, para atender às demandas surgidas nos diferentes ciclos de vida familiares.

Vale destacar que também a importância dos espaços é modificada conforme a etapa da vida em que seus moradores se encontram, sendo os mesmos mais voltados ao convívio e à recepção, ou a uma maneira mais reservada de viver.

Surgiu, como importante característica de boa parte dos indivíduos pesquisados (principalmente mulheres), a necessidade de alterar, em alguma medida, de tempos em tempos, o espaço em que vive. O repertório cultural atinge o gosto do indivíduo, sujeito às interferências externas no seu modo de vida, e os espaços vão sofrendo alterações, como reflexo das inquietações que surgem.

Consideramos importante realçar que a noção de aconchego, nos interiores domésticos, ao relacionar as funções simbólicas às funcionais, avança no sentido tanto da adequação da iluminação quanto da ventilação, da circulação de ar; e as paredes, tetos, vãos, portas e janelas são tão importantes à noção de conforto como o são a cor, os materiais e o tamanho dos móveis e objetos ali depositados, além de sua quantidade e significado.

O fato de que as pessoas, em geral, recebem menos do que costumavam, seja em função da queda do padrão de vida das camadas médias, ou como resultado do trabalho por períodos mais longos, ou jornadas duplas, somado às facilidades encontradas no espaço público para as reuniões, comprova uma mudança marcante nos modos de vida. A casa, nesse sentido, fica com seu uso ainda mais restrito a seus moradores e às pessoas mais próximas, ou seja, com as pessoas com as quais é possível manter um grau de intimidade que possibilite a todos um compartilhamento de tarefas e atividades.

Além da retirada das paredes, outra alternativa encontrada pelo mercado para ludibriar a sensação dos espaços exíguos tem sido a criação de áreas coletivas para as atividades de limpeza das roupas, o que permite diminuir os espaços da moradia sem sobrecarregá-los com funções. Isso acarreta a possibilidade de desenvolver diferentes sociabilidades, pois os vizinhos não serão encontrados apenas nos saguões e elevadores, mas no momento em que o

cuidado com as roupas se desenvolve, permitindo conversas mais longas e um conhecimento mais íntimo.

Dentro das moradias, os espaços de convívio familiar, ampliados, acabam por se tornar também espaços de recepção, e a forma com que são arranjados reflete essa nova concepção. Nas copas/cozinhas, ainda que apresentem mobiliário menos elaborado do que as salas, os objetos não são mais escondidos, mas expostos, marcando claramente as opções de quem os utiliza: painéis de barro significam a busca por uma forma mais natural de viver, enquanto as de aço evidenciam certa praticidade, e assim por diante. Além disso, os objetos “banais”, corriqueiros, como as panelas, lixeiras, etc., são escolhidos mais cuidadosamente. Essa mudança nas formas de fazer as coisas, ligada mais ao prazer de estar entre os seus do que a obrigações, representando inclusive para algumas pessoas uma espécie de “terapia”, vem se refletindo na maneira de compor os espaços de preparo e consumo das refeições.

De espaço íntimo para esfera de convívio, de espaço de realizar obrigações a espaço de prazer, há uma grande mudança, na cozinha, que reflete outras demandas, realidades distintas. Não mais um local para ficar escondido, mas para ser exposto. Um local para compartilhar momentos, obter e oferecer ajuda, participar, bem diferente do tempo em que convidar alguém para uma refeição significava os anfitriões previamente prepararem tudo e, ao final, assumirem a arrumação de tudo o que foi deslocado e sujo, sem o auxílio dos visitantes. Não que esse hábito tenha sido abandonado, pois tem fortes raízes, e as mudanças mal começaram a acontecer, nesse campo, mas outras maneiras de fazer as coisas, mais voltadas ao compartilhamento, começam a tomar forma.

O próprio espaço do banheiro, comumente da maior privacidade, deixa de ser um espaço de utilização rápida e passa a espaço de relaxamento, incorporando novos aparatos, como aparelhos de som e vídeo, e elementos que permitam a utilização por mais de uma pessoa, ao mesmo tempo, como denunciam as banheiras encontradas – comumente de hidromassagem – para duas pessoas.

Os quartos – neste caso o espaço preferido entre os adolescentes e jovens – deixam de ser espaços de acesso exclusivo dos membros da família,

para se tornarem espaços de convívio, “moradias dentro das moradias”. Abrindo-se para as visitas, seja de amigos, namorados ou namoradas, expressam mais e mais os elementos característicos da faixa etária, seja na forma de arranjá-lo (escolher e dispor os objetos), ou na maneira de mantê-lo arrumado ou bagunçado, fechado ou permitindo a entrada de luz, etc. Compor espaços é, assim, disseminar uma maneira de “habitar” e definir comportamentos. Comumente, o quarto do adolescente segue as alterações pelas quais ele passa, sujeito a intervenções cíclicas, reflexo da forma “camaleônica” de tornar-se adolescente e passar à vida adulta, e isso apareceu nitidamente em nossa pesquisa. Nesse caso, espaços espelham os indivíduos que os habitam.

Na faixa etária que engloba pessoas dos 25 aos 35 anos, e principalmente a partir dela, surge um espaço preferido para cada situação: de descanso; de divertimento e lazer; de convívio, os dois últimos em geral coincidentes; as áreas onde se desenvolvem as atividades de higiene e limpeza, ou arrumação; as de preparo e consumo da alimentação; e, finalmente, as de trabalho, evidenciadas como preferidas por vários dos entrevistados.

De qualquer forma, a sala íntima ou de estar representam a opção número um, entre os adultos, seguida pelos espaços em que a identidade profissional se destaca: escritórios, ateliês e locais de estudo.

Vários dos homens entrevistados ressaltaram ter uma ligação forte com seus escritórios ou oficinas, sendo o espaço das oficinas o único apontado como masculino e de uso individual, tanto por homens como por mulheres. Nos casos evidenciados, as razões práticas aliam-se às simbólicas, pois a estruturação de um espaço, na casa, que afirma a identidade profissional e se adequa ao desenvolvimento das tarefas exigidas compõe uma idéia de que existem tarefas a serem cumpridas; portanto, uma afirmação de que o indivíduo é produtivo.

Tramontano (1998) e outros autores abordam o aumento do trabalho nas moradias, com a implantação dos sistemas de comunicação virtual. Todavia,

esclarecemos não ter sido esse *homeworker* que despontou, em nossa pesquisa, sendo que nessa situação identificamos apenas um rapaz que trabalha com criação de *web sites*, mas, ao contrário, pessoas que já trabalhavam em suas moradias, antes mesmo do advento do computador.

Fomos surpreendidos, em nossa pesquisa, com as falas sobre os espaços preferidos quando se está só, visto que parecem levar a um outro morar, um morar mais liberto, onde se faz o que se quer, talvez próximo ao daqueles que habitam, sozinhos, suas moradias. A idéia de que a casa toda se torna seu reduto, nessas situações, se estabelece, à semelhança das moradias das pessoas entrevistadas que vivem sós. Nos momentos em que as pessoas estão sozinhas, em suas casas, apareceu uma tendência a utilizarem espaços comumente não utilizados na presença dos demais moradores.

A diversidade, em termos de formação, parece definir a valoração dos espaços: arquitetos, *designers* e engenheiros têm uma relação diferenciada com os espaços, na maioria das vezes. Eles são especialistas, e o olhar especialista os diferencia. O olhar perito ou a competência técnica, as vivências em projeto e execução estabelecem formas diferentes de compreensão e mesmo divisão e organização dos espaços. Isso acaba se traduzindo em espaços mais adequados, na visão dos moradores, às suas necessidades, ao seu uso.

Diferentemente do que encontramos em relação às tarefas domésticas – cujo envolvimento masculino se dá de forma mais decisiva entre os pais que criam seus filhos sozinhos – assistir a filmes, em geral em videocassete ou em DVD, é uma prática entre homens e mulheres, sendo as salas íntimas ou de estar utilizadas por ambos, em todas as faixas pesquisadas, menos destacada como atividade importante dentre os adolescentes, que se utilizam mais de *videogames*, aparelhos de som, tv e computadores em seu cotidiano.

Embora não tenhamos pensado a respeito, em um momento inicial, foi necessário trazer à tona a idéia do “verde”, nas casas, pois as plantas surgiram fortemente nos discursos, realçando a importância do entorno imediato, sendo a

paisagem decisiva na escolha dos locais de moradia, em inúmeras situações. As janelas, nos apartamentos, são a forma de acesso ao verde, do entorno imediato.

A despeito do clima com temperaturas mais baixas, em parte significativa do ano, a importância do verde na vida dos entrevistados se mostrou grande, e o assunto precisa ser repensado à luz das necessidades explicitadas.

De forma similar, destacaram-se os animais de estimação. Os indivíduos entrevistados realçaram não serem apenas os objetos, pessoas e espaços importantes, mas que também os animais têm um papel de destaque, no ambiente doméstico, sendo evidenciados, muitas vezes, como elementos da família, seres vivos que animam os espaços e fazem companhia, merecendo atenção de seus donos.

Ainda que possamos entrever – com base na pesquisa – mudanças significativas no espaço doméstico, a maior parte das moradias visitadas ainda tem divisões bastante estanques entre as áreas íntima, social e de serviço. Vários espaços ganham novos estatutos, mas sem deixar de lado suas funções originais, como no caso do quarto, e mesmo da cozinha.

Criar, adaptar, modificar... são termos bastante utilizados pelos nossos entrevistados que, acima de tudo, dão conta de transformar suas moradias em algo que comunique a seu respeito.

Não poderíamos deixar de comentar sobre as diferenças fundamentais, em termos de arranjos, entre espaços de casas e apartamentos: por um lado, a maioria das casas visitadas eram espaços concebidos a partir de vivências anteriores, e mais espaçosos. De forma contrária, os apartamentos eram espaços com pouca possibilidade de modificação, sendo arranjados conforme as necessidades, preferências, possibilidades, mas levando em conta, sempre, as limitações da construção. A diferença é ainda mais marcante nas moradias projetadas com a participação dos donos, sendo a mesma “construída” junto com o especialista.

Alguns dos entrevistados recorreram a especialistas para solucionar

seus espaços, mas a maioria optou por criá-los por conta própria, utilizando-se, no máximo, de revistas e observação de vitrines de lojas, e feiras voltadas aos interiores domésticos, como fonte de idéias, a não ser no projeto de armários, quando o auxílio de um profissional é mais comumente utilizado. Mesmo nos casos em que especialistas foram utilizados, a participação do morador deu o tom ao projeto.

Vale retomar a idéia de que alguns espaços são arranjados no processo de (re)construção dos indivíduos, no caso de separações, em que cabe a um dos membros do casal “recomeçar”, abrir mão do espaço em que morava, reavaliando a idéia de habitar, as necessidades e as possibilidades que se abrem.

Diversas situações foram encontradas: homens ou mulheres que ficam com a casa e os filhos; homens que saem com os filhos e deixam as casas para suas ex-esposas, precisando buscar um espaço para habitar; homens que saem de suas casas e, arranjando um espaço para morar, começam a “coletar” coisas para obter um mínimo conforto, e entre essas “mínimas” coisas encaixam-se, por vezes, objetos de arte e decoração, de grande importância. Se alguns montam esses “novos” espaços à semelhança dos que deixaram para trás, outros rompem completamente com o velho e improvisam, arrancam de forma diferente, buscando algo com que se identifiquem ou uma forma mais “funcional”, alicerçados naquilo que consideram indispensável.

A preferência por espaços mais “ocupados” (ligados à idéia de abundância) ou mais vazios (referindo-se não à falta, mas a uma idéia do que é necessário) também diz algo sobre quem fez a escolha. Ambientes mais ou menos arejados e iluminados, mais ou menos coloridos, com móveis mais discretos ou extravagantes, etc, são depoimentos de estilos de vida, de opções. Resulta, da somatória de elementos, espaço para indagar, refletir e compreender o sentimento das pessoas em relação aos espaços de suas casas e seus objetos preferidos.

Gosto de classe e estilos de vida estão relacionados ao pertencimento dos indivíduos a determinados grupos. Pelas leituras feitas, com base nos espaços e objetos preferidos, é possível afirmar que existe, sim, certa homogeneidade nas escolhas e formas de arranjar e escolher espaços e objetos, nos interiores domésticos.

Ressaltamos o fato dos objetos não gozarem da mesma importância que os espaços: muitas pessoas tiveram dificuldades em apontar objetos importantes. Perguntamo-nos se as pessoas não sabem falar dos objetos, ou se eles estão se tornando menos importantes. Procuramos compreender se isso teria ligação com a idéia de apego ou desapego, mas acabamos por concluir que escolher “o” objeto preferido nem sempre é tão simples e que, para acessar as gavetas da memória leva tempo, não sendo a pergunta tão simples de ser respondida.

De qualquer forma, ficou ressaltado que os aparelhos de videogame, assim como os computadores, representam uma fonte importante de entretenimento para adolescentes, jovens e adultos, majoritariamente do sexo masculino, sobressaindo entre os objetos preferidos dos mais jovens, tendo com os jogos uma relação diferenciada, visto que tiveram acesso aos aparelhos desde crianças, crescendo enquanto os sistemas eram desenvolvidos, e tendo acesso às inovações; os jovens “vão mais a fundo”, e utilizam por mais tempo esses objetos.

Ao mesmo tempo em que as habilidades foram se desenvolvendo, foram sendo criadas máquinas mais potentes, jogos com imagens mais complexas, exigindo sempre respostas mais rápidas e complexas, e equipamentos tecnologicamente atualizados. Este é um exemplo em que se torna visível o quanto as máquinas “produzem” pessoas, pois aquelas que pertencem a gerações diferentes ressaltaram dificuldade e certo desconforto no uso dos computadores, embora o tenham como objeto essencial, e mesmo para entretenimento, através de jogos mais simples, neles disponibilizados.

Não apenas vivemos nos ritmos dos objetos, conforme Baudrillard

(1997), mas também eles vão espelhando as alterações sociais e renovando o sistema de relações nos quais são inseridos, como afirma Moles (1971).

Pelo nosso estudo, pudemos verificar que a definição do local onde os aparatos que interessam às pessoas são colocados (podemos exemplificar com a televisão, o aparelho de som e o computador) intensificam a sua utilização, o que equivale a dizer que os mesmos (objetos) antecedem, em importância, aos espaços. De forma similar, móveis de herança, lembranças de viagens, retratos, peças de arte e artesanato, dispostos nas salas de estar, evidenciam sua importância.

Preferência, em termos de lazer, entre várias pessoas acima dos 24 anos, e ainda mais acima dos 35 anos, sobretudo dentre as mulheres, os livros se destacam no grupo pesquisado não como a única alternativa, mas como uma prática freqüente. Sendo uma atividade solitária, exige momentos e locais reservados e evidenciam a importância deles em alguns momentos do dia.

Os objetos que têm forte carga como estereótipos de uma masculinidade ou femininidade demarcam locais em que prioritariamente vivenciam homens ou mulheres, destacando-se entre os objetos de sua preferência (dos homens ou mulheres que os têm), precisando a questão ser considerada no projeto de espaços e objetos. Se as armas foram encontradas apenas nos quartos dos rapazes e os bichos de pelúcia basicamente das garotas, isso pode significar que as diferenças ainda são importantes para a demarcação dos territórios masculino e feminino, segundo as referências que se têm.

De forte apelo estético, mas também identitário, os bichos de pelúcia e frascos de perfume destacaram-se nos quartos das garotas, ao passo que as réplicas de armas brancas e placas de automóveis e de rua foram encontradas nos quartos dos garotos. As placas, recorrentes nos quartos dos garotos, presas à porta, anunciam a presença de um ser “transgressor”, visto serem as mesmas muitas vezes conseguidas em situações diferentes do mercado formal.

Ainda em relação a isso, encontramos alguns apartamentos “femininos”,

no sentido da forma e quantidade de objetos ali encontrados. Outros, “masculinos”, mais funcionais, voltados à praticidade e aos membros que os utilizam diretamente, comumente com bem menos objetos de decoração e sem espaços específicos para receber hóspedes ou preocupação com esse aspecto, diferente das moradias das mulheres. Mas isso não foi uma constante. Encontramos moradias habitadas por mulheres marcadamente funcionais e, por outro lado, moradias arranjadas e habitadas apenas por homens cuidadosamente arranjadas, cujo esmero, limpeza e forma de arranjar eram semelhantes às casas “femininas”.

As questões simbólicas relacionadas aos aspectos da memória se destacaram fortemente entre homens e mulheres acima dos 35 anos, seja pela por fotografias como objetos preferidos, evidenciadas por membros de todas as faixas etárias, mas com destaque ainda maior para as pessoas acima dos 55 anos; ou por meio dos objetos herdados, por motivos vários, que abrangem desde as questões estéticas, passando fortemente pelas afetivas e mesmo pelo resgate das memórias familiares inscritas nos objetos.

A noção das memórias cristalizadas nos objetos, um caráter simbólico que representa uma ligação individual no sentido das experiências em relação a pessoas e lugares com os quais o indivíduo identifica nele um valor especial, precisa ser considerada quando a cultura material é repensada. Esses objetos, portadores de informações “relacionais”, têm certas características comuns, na maneira como se tornam significativos. No entanto, via de regra, têm uma compreensão limitada ao indivíduo ou grupo de indivíduos que fazem parte da teia de relações afeta a esses objetos específicos.

Embora desconhecêssemos o termo, inicialmente, precisamos identificar uma categoria de objetos que não se encaixava nas demais, e começou a aparecer repetidamente: os objetos biográficos. Ao acompanharem a trajetória de seu dono, esses objetos auxiliam-no a manter algum tipo de ligação com o passado, sendo importante como ancoragem emocional. Nesta categoria, encontramos elementos como móveis feitos no início do século passado, por um

parente querido, o ambiente de uma copa, herança de família, que acompanhou o desenvolvimento de três diferentes gerações, uma cadeira de balanço infantil, que uma senhora ganhou do avô, quando nasceu, uma cadeira para escrivaninha na qual o marido de uma entrevistada estudou em toda a sua vida, uma estátua que é uma espécie de marca da família de origem, objetos de porcelana, quadros, luminárias, almofadas, elementos de forte carga simbólica e que vêm sobrevivendo ao tempo, com suas trajetórias próprias “emanando” histórias.

Aqueles que dão grande importância aos móveis de família reforçam as relações com os que os precederam ou mesmo fizeram parte de sua história por algum tempo; falam de respeito e valorização do “antigo”, de valores aprendidos e mantidos, como no caso da família que planejou a reforma de seu apartamento de forma a receber o mobiliário que existia na casa da infância da dona da casa, sendo as peças valorizadas por todos os membros da família, ou o nicho projetado para receber o gaveteiro antigo, bem como a reforma da casa para receber a lareira.

Ao montar espaços especiais com objetos de família ou recebidos de outras pessoas queridas, os indivíduos depõem sobre respeito, admiração e valorização dos objetos antigos, e sobre resgate de uma memória, desenvolvendo nos mais jovens esse mesmo tipo de sentimento ou gosto, levando a uma continuidade de valorização do que é antigo. Não do que é velho, que estragou e não serve, mas do que, sendo precioso, deve ser conservado e ocupar local de destaque.

Alguns dentre esses objetos apresentam grande funcionalidade, como é o caso de um sofá e de uma copa, em duas situações distintas. No entanto, outros são objetos para serem admirados, estando prioritariamente em posição de destaque, comumente nas salas de estar, como os móveis feitos pelo avô de uma das entrevistadas e a estátua, ambos já citados.

Há uma espécie de “resgate” de parte importante da vida das pessoas que guardam e admiram os objetos antigos, dando a idéia de continuidade. Como Salvatori (1996) afirma, a perenidade das coisas auxilia a ter certa ancoragem

emocional, ancoragem esta que se torna mais importante na medida em que as pessoas vão envelhecendo e que novos sistemas sociais e tecnológicos são absorvidos em menor grau e com maior dificuldade.

Depoimentos de épocas especiais, alguns dos objetos encarnam uma idéia que se tornou importante, seja em termos de demonstrar a evolução da sociedade ou mesmo como demonstração de sua fragilidade, como no caso da luminária de um jovem, comprada à época dos atentados de 11 de setembro.

Objetos mágicos – como a garrafinha de colocar xarope, apresentada pela entrevistada, que representa, para ela, o poder de cura aprendido com a avó – mantêm significados alheios aos originais. A garrafa não apenas contém algum líquido, como seria de se esperar, mas o que estiver dentro dela será um líquido capaz de curar. A situação anteriormente apresentada diz respeito a um tipo de interação entre as pessoas e objetos com forte relação com o indivíduo. Não são apenas corpos materiais (no sentido de Baudrillard, 1997), mas uma propriedade, uma paixão.

Os objetos de forte apelo comunicacional são a preferência primeira entre os mais jovens, enquanto as questões de memória determinam a importância dos mesmos, entre os mais velhos, havendo uma migração, com o aumento da idade, dos objetos que depõem sobre a vivência da família, que se mantém próxima, para aqueles objetos que servem de meio para acessar lembranças mais longínquas, no tempo. É como se houvesse um botão de ajuste cronológico, em que as escolhas pairam, em um primeiro momento, quando se é jovem, sobre objetos de interação direta, atual, de alta carga inovadora, para migrarem para os objetos de interação intermediária, com base nas lembranças das vivências nas quais os membros estão próximos e, por fim, de interação mais longínqua, relacionada a pessoas cuja presença física não é mais possível ou é rara.

Relação curiosa destacou-se em relação à cama, que surgiu de forma marcante como um local multifuncional: local de descanso, de leitura, local de se “esparramar” – destacamos ter esse termo aparecido em diversas falas, não só

em relação a camas ou sofás, mas quando explicitados os motivos de preferência por espaços como o quarto ou a sala – de consumir alimentos, de assistir a filmes, ou seja: de descanso, lazer e alimentação, independente ou de forma associada.

Objetos de apelo “*kitsch*” foram encontrados em todas as moradias visitadas, demonstrando que a importância dos objetos não se traduz por sua funcionalidade ou estética, puramente, mas que eles estão inseridos em práticas sociais mais amplas, e que, dessa forma, adquirem importância, expondo modos de vida, interesses, distinções, similaridades. As coleções destacaram-se em diversas faixas etárias, entre homens e mulheres, como um fenômeno de escolha e reunião de elementos similares voltados ao gosto individual, mas com ligação a uma corrente relacional, no sentido dos objetos ganhos. São frascos de perfume, gibis, armas brancas, bibelôs, peças de artesanato, *souvenirs*, elementos comumente de pouca utilidade prática, mas que auxiliam a conformar uma identidade.

No caso da prancha de *surf*, ela perde seu caráter utilitário “original” para ganhar outro, o estatuto de prateleira, objeto apto a “receber” outros objetos, para serem, organizados e, juntamente com ela, expostos.

Recuperamos Lipovetsky (1989) ao abordar as necessidades pessoais, acreditando terem os sujeitos autonomia para escolher a partir de seus gostos, hábitos, personalidade e a investir em si a partir dessas características próprias, e não segundo a dos outros. Para o autor, que aborda a questão de forma contrária à de Bourdieu, não são os processos de diferenciação social que comandam o consumo de massa, mas as questões individuais. Embora nossas crenças caminhem mais no sentido apontado por Bourdieu, de haver elementos direcionadores dos gostos e estilo de vida dos grupos, acreditamos haver uma parcela de escolha individual, pois, caso contrário, não surgiriam grupos novos, ao qual correspondem hábitos, atitudes e objetos diferenciados e diferenciadores.

Cada indivíduo encontra uma forma de vivenciar os objetos preferidos, seja pela admiração, pelo uso, pela forma de guardá-lo protegido, dentro de um armário ou gaveta. Elementos místicos, objetos práticos, de arte ou artesanato.

Objetos para serem admirados, objetos de forte apelo emocional, cada um deles satisfaz a diferentes necessidades, sendo recriados pelos seus donos, à sua imagem e semelhança, ou à imagem pela qual pretendem ser reconhecidos.

Ficou evidente a existência de um traço de originalidade em cada espaço escolhido, e, nesse sentido, a identificação de algo como “seu”, certa individuação, que acaba por determinar a *gestalt* daquele espaço. Não queremos, com isso, dizer que não existam padrões que se sobressaem na moradia como um todo e sim que há elementos identificadores também ao nível individual.

Estranhamento e familiaridade são palavras que nos vêm à mente quando percorremos os elementos de pesquisa: familiaridade, por tratar-se de um grupo do qual fazemos parte, mas estranhamento, por termos nos permitido essa atitude ao adentrarmos em cada moradia, e ao conversar com cada um dos entrevistados. Outras modalidades de casais ou grupos sociais poderiam ser pesquisadas e, nesse sentido, possivelmente se chegaria a outros resultados.

Esperamos possibilitar, pelas idéias aqui expostas, uma discussão a respeito das aproximações necessárias entre as duas áreas, viabilizando que soluções alternativas possam ser encontradas, com respeito às diferenças, mas com base nas similaridades, sem perder de vista a idéia de que indivíduo e sociedade se constroem e reconstroem e que os seres humanos são grandes “desenhadores” dos espaços que habitam.

A compreensão dos espaços e objetos, a partir da perspectiva destes como produção cultural, representa uma fonte importante para provocar alterações profundas e levar a reflexões que modifiquem a atitude do *designer*, “desenhador/moldador”, influenciador sobre a construção de modos de vida.

Evidenciar para o campo do *design* a importância de entender a dinâmica sociocultural e de respeito às necessidades dos indivíduos foi o que nos propusemos, ampliando as referências para refletir sobre a articulação de projetos coerentes com a realidade que auxiliam a produzir, reproduzir ou modificar.

Acreditamos que o alcance dos resultados desta pesquisa não se restringe ao design, mas adentra o campo da arquitetura, subsidiando reflexões também em seu âmbito.

“Quando vou começar um livro, tenho surto de arrumação da casa. Me dá uma fobia de jogar papel fora; de chegar no escritório, arrumar tudo, tirar pó. Deixar tudo organizado, limpinho. Aí, caneta na mão, fico olhando aquela página em branco”. Cristóvão Tezza (In: CHIODETTO, 2002).

As Considerações Finais deveriam ser algo simples e fácil de ser geradas, para quem desenvolveu a pesquisa, passo-a-passo, mas fomos tomados por um sentimento próximo ao do escritor que, preparando a área, aguardava a inspiração. Descobrimos, assim, haver uma dimensão oculta, nas pequeninas coisas do nosso cotidiano – como os espaços e objetos com os quais convivemos – que as torna gigantes: a sobreposição de significados, que amplia e diversifica as possibilidades interpretativas. Como afirma Castells (1999), o olhar do pesquisador vê o que ninguém vê, desejoso de encontrar pistas, e foi preciso que nos deslocássemos, mastigássemos e digeríssemos os diferentes significados para compor a paisagem de nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADVB – Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil e Gazeta do Povo. **Retrato Curitiba Século XXI**. CD Rom. Curitiba: DBK Multimídia, 2001.

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA LEITE, Míriam L. (Org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 2001. 2ª ed.

ALVES, Andréa Moraes. Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor. In: **Caderno CRH**, Salvador, Centro de Recursos Humanos/UFBa, vol. 17, n. 42, set./dez. 2004, p. 357-364.

ALVES, Ieda Maria. Contribuição ao estudo do vocabulário da habitação: a palavra casa nos dicionários da língua portuguesa. In: **Anais do Museu Paulista**: história e cultura material. São Paulo: Museu Paulista, v. 5, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 1ª ed. brasileira 1978.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. 1ª ed. 1958.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas/SP: Papirus, 2001. 1ª ed. 1992.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Coleção Tópicos.

BARROS, Myriam Lins de (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997. 1ª ed. 1968.

_____. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **Para uma Crítica da Economia Política do Signo**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

BAUMAN, Zigmund. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAXTER, Mike. **Projeto de produto**. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.

BENAKOUCHE, Tamara. Interação Social e Técnica: um novo paradigma? **Ciência e Trópico**, Recife, Vol. 27, n. 1, jan/jun 1999, p. 7-19.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. **Obras escolhidas**, v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BILAC, Elisabete Dória. Convergências e Divergências nas estruturas familiares no Brasil. **Revista Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1991.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e MOREIRA LEITE, Míriam L. (orgs.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 2001. 2ª ed.

BJIKER, Wiebe. **Of Bicycles, Bakelites, and Bulbs**. Toward a Theory of Sociotechnical Change. Cambridge: MIT Press, 1995.

BOMFIM, Gustavo Amarante. **Dialogando com os autores**. Texto desenvolvido para Senac – SP, set. 2004.

_____. Coordenadas cronológicas e cosmológicas como espaço das transformações formais. In: COUTO, Rita Maria de Souza; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de. **Formas do design**. Rio de Janeiro: 2 AB/PUC-Rio, 1999.

BORGES, Adélia – **Que tipo de Profissional de Design de Produto se quer formar**. Texto desenvolvido para Senac – SP, setembro 2004.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

_____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 1ª ed. 1989.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.): FERNANDES, Florestan (Coord.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983, p. 82-121. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39.

_____. **La distinction**. Critique sociale du jugement. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva**. São Paulo: Perspectiva/Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura de Mato Grosso, 2002.

BRANZI, Andrea. Três teoremas do projeto ambiental. **Design & Interiores**. São Paulo, ano 5, n. 29, p. 87-89, 1993.

CAMARGO, Érica Negreiros de. **Desenho e uso do espaço habitável do apartamento metropolitano na virada do século 21**: um olhar sobre o tipo “dois dormitórios” na cidade de São Paulo. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAU, Universidade de São Paulo.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

CASTELLS, Alícia Norma Gonzales. **A Criatividade dos Sem-Terra na Construção do Habitat**: um olhar etnográfico sobre a dimensão espacial do MST. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – CFH, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. Vida cotidiana sob a lente do pesquisador: o valor heurístico da imagem. **Revista Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis: UFSC/PPGAS, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 1ª ed. 1996.

_____. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHABAUD-RYCHTER, Danielle. Inovação industrial em eletrodomésticos: concepção de uso e concepção de produção. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo**. Ano 4, n. 7, 1998, p. 55-76.

CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

COELHO NETTO, J. Teixeira. A construção do sentido na arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. O simbólico e o Design. Notas sobre um panorama possível. In: **Anais do Simpósio Nacional Tecnologia e Sociedade**. Curitiba, CEFET/PR, nov. 2005. CD Rom.

COUTO, Rita Maria de Souza; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson. **Formas do design**: por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB/PUC-Rio, 1999.

COWAN, Ruth Schwartz. The industrial revolution in the home. In: MACKENZIE, Donald. WAJCMAN, Judy. **The Social Shaping of Technology**. Philadelphia: Open University Press, 1985, p. 181-198.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; ROCHBERG-HALTON, Eugene. **The meaning of things**: domestic symbols and the self. UK: Cambridge University Press, 1981.

CUCHE, Denys. Hierarquias sociais e hierarquias culturais. In: CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSP, 1999, p. 143-174.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBARRE; ELEB. L'invention de l'habitation moderne. Paris 1880-1914. Hazan et **Archives d'Architecture Moderne**, 1995, p 137.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

_____. Design, Cultura Material e o Fetichismo dos Objetos. In: **Arcos Design**. Cultura material e visualidade. Cultura material e visualidade. Rio de Janeiro: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Design ESDI/UERJ, 1998, v. 1, número único, out. 1998, p. 15-39.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **The world os goods**: towards an anthropology of consumption. New York: Basic, 1979.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Desenho Industrial, Objeto e Valor. **Design & Interiores**. Ano 2, n. 12, 1989.

Folha de São Paulo. 21 de dezembro de 2006. GOIS, Antônio e SOARES, Pedro. Modelo "pai, mãe e filhos" perde espaço.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**; decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. **Oh de casa!** Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. Série Estudos e Pesquisas, 13.

FROHLICH, David M.; DRAY, Susan; SILVERMAN, Amy. Breaking up is hard to do: family perspectives on the future of the home PC. **Journal of Human-Computer Studies** (2001) 54, 701-724.

FUNARI, Pedro Paulo A.; ZARANKIM, Andrés. Social Archaeology of housing from a Latin American perspective. **Journal of Social Archaeology**. 2002 SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi). Vol. 3(1), p. 23-45.

GEERTZ, Clifford. Os usos da diversidade. In: **Nova Luz sobre a Antropologia**. RJ: Zahar, 1989, p.68-85.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOIS, Antônio e SOARES, Pedro. Modelo "pai, mãe e filhos" perde espaço. **Folha de São Paulo**. 21 de dezembro de 2006.

GROSSI, Miriam Pillar; RIAL, Carmem Silvia Moraes. Vivendo em Paris: velhos e pequenos espaços numa metrópole. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, UFSC/PPGAS, n. 42, 2000.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992. Cap. "Espaço e Corporeidade", p.153-165. Coleção TRANS.

GUIMARÃES, Ana Lúcia Santos Verdasca. Estereótipos de gênero: ainda o rosa e o azul? Um estudo do quarto adolescente. In: **Anais do I Simpósio Brasileiro de**

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

Gênero e Mídia. Curitiba, CEFET/PR, agosto de 2005. CD Rom.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 10(1), p. 155-165, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAMBURGER, Esther. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Volume 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, Capítulo 7, p. 439-487.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 1ª Ed. 1970.

HENSSEN, J. **Filosofia dos Valores**. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1974.

HESKETT, John. **Desenho industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

HEYE, Ana Margarete A questão da moradia numa favela do Rio de Janeiro ou como ter *Anthropological Blues* sem sair de casa. In: VELHO, Gilberto (Org). **O desafio da cidade**. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p.117-141.

ICSID - International Council of Societies of Industrial Design. Disponível em: <<http://www.icsid.org>>. Acesso em: 26/02/2004.

IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Curitiba em Dados 2004**. Curitiba: IPPUC, 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Caixões infantis expostos: o problema dos sentimentos na leitura de uma fotografia. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e MOREIRA LEITE, Míriam L. (orgs.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 2001. 2ª ed.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. São Paulo, Editora UNESP, 2000. Cap. 3, p.169-237.

LEITE, Carolina. A linguagem dos objectos e a criação de significado no espaço doméstico: um repertório de afectos. **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, vol. 14 (1-2), 2000, p. 205-216.

LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel; VILLANOVA, Roselyne. **Casas de sonhos**. Lisboa: Edições Salamandra, 1995.

LIMA, Tania Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. In: **Anais do Museu Paulista**: história e cultura material. São Paulo: Museu Paulista, v. 5, 1997, p. 93-127.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

_____. Pratos e Mais Pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. In: **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**. São Paulo: Museu Paulista, v. 3, 1995, p. 129-191.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. A moda e o seu destino nas sociedades modernas. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

LÖBACH, Bernd. **Design Industrial**. Bases para configuração dos produtos industriais. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGALHÃES, Aloísio. O que o desenho industrial pode fazer pelo país? **Arcos Design**. Cultura material e visualidade. Rio de Janeiro: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Design ESDI/UERJ, 1998, v. 1, número único, out. 1998, p. 8-13.

MAIA, Rui Leandro (coord.) **Dicionário de Sociologia**. Porto: Porto Editora, 2002.

MANZINI, Ezio. **A matéria da invenção**. Porto: Bloco Gráfico, 1993.

MARCUS, Clare Cooper. **House as a mirror of self**: exploring the deeper meaning of home. Berkeley/California: Conari Press, 1995.

MARGOLIN, Victor. O design e a situação mundial. In: **Revista Arcos Design**. Cultura material e visualidade. Rio de Janeiro: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Design ESDI/UERJ, 1998, p. 40-49.

MARGOLIN, Victor e MARGOLIN, Sylvia. Um “modelo social” de *design*: questões de prática e pesquisa. **Design em foco**. Volume 1, n. 1, julho/dez. 2004, p. 43-48.

MARZANO, Stefano. Em direção a uma nova domesticidade. In: CALÇADA, Ana, MENDES, Fernando e BARATA, Martins (Coords.). **Design em aberto, uma antologia**. Porto: Centro Português de Design, 1993.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1989. Coleção Perspectivas do Homem.

McCRAKEN, Grant. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MEDEIROS, Marcelo & OSÓRIO, Rafael. Mudanças nas famílias brasileiras: a composição dos arranjos domiciliares entre 1978 e 1998. **Texto para Discussão n. 886**. Brasília: IPEA, junho de 2002.

CASTELLS, Alícia Norma Gonzales. **A Criatividade dos Sem-Terra na Construção do Habitat**: um olhar etnográfico sobre a dimensão espacial do MST. Florianópolis, 2001. (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – CFH, Universidade Federal de Santa Catarina.

MEDRANO, Leandro. **Habitar no limiar crítico do espaço**: idéias urbanas e conceitos sobre a habitação coletiva. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – FAU, Universidade de São Paulo.

MEDEIROS, Marcelo & OSÓRIO, Rafael. Mudanças nas famílias brasileiras: a

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

composição dos arranjos domiciliares entre 1978 e 1998. **Texto para Discussão n. 886**. Brasília: IPEA, junho de 2002.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e Lar. A essência da arquitetura. **Arquitextos** n.156, out. 2002. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp156.asp>>. Acesso em: 24 fevereiro 2004.

MILLER, Daniel. **Material cultures**. Why some things matter. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

MOLES, Abraham. **O Kitsch**. A arte da felicidade. São Paulo: Perspectiva, 2001. 1ª ed. 1971.

_____. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. Biblioteca Tempo Universitário, 62. 1ª ed. 1972.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, Idades e gerações. Introdução. In: **Caderno CRH**, Salvador, Centro de Recursos Humanos/UFBa, vol. 17, n. 42, set./dez. 2004, p. 349-355.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.307-314.

NOGUEIRA, Sandra. Cultura Material. A emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objectos. **RBSE**, v.1, n.2, pp.140-151, João Pessoa, GREM, agosto de 2002.

ONO, Maristela Mitsuko. **Design industrial e diversidade cultural**: sintonia essencial. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – FAU, Universidade de São Paulo.

ORLANDI, Renata. Paternidades nas adolescências: um estudo sobre alguns dos sentidos atribuídos por adolescentes pais à paternidade. In: Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **1º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero**. Brasília, 2006, p. 144-171.

ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'água, 2003.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

PAPES, Cleide da Costa e Silva. **A vivência e a invenção no cotidiano**. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PILCHER, Rosamunde. **Os Catadores de Conchas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PORTINARI, Denise B. A noção de imaginário e o campo do design. In COUTO, Rita Maria de Souza; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de. **Formas do design**. Rio de Janeiro: 2 AB/PUC-Rio, 1999.

POSTMAN, N. **Tecnopólio**. A rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Avaliação de Políticas Públicas – 1997 a 2004**. Curitiba: IMAP/IPPUC/SGM/SMCS, 2004.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine e VINCENT, Gerard. **História da vida privada**, 5: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 13-114.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**. O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

REDSTRÖM, Interactive. Towards user design? On the shift from object to user as the subject of design. **Design Studies**, 27 (2006), p. 123-139.

RIAL, Carmem Silvia Moraes. Contatos fotográficos. In: KOURY, Mauro. **Imagens e Ciências Sociais**. João Pessoa: Ed. UFPB, 1998, p. 1-21.

_____. Da casa de antigamente à casa decorada. **Revista Ciência Hoje**, ed. especial 10 anos, vol. 14, n. 82, julho de 1992, p. 18-24.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: BARROS, Myriam Lins de (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 91-105.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAHLINS, Marshall David. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Conclusão, p. 204-218.

SALVATORI, Elena. **Nem tudo que reluz é ouro**. Estilo de vida e sociabilidade na construção de um espaço urbano de prestígio em Porto Alegre/RS. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/UFRGS.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. Disponível em:
<<http://www.meusite.pro.br/habitat/tecnol/03.htm>>. Acesso em: 17 janeiro 2006.

_____. Design espontâneo e não-*designers*: algumas práticas e produtos. **Anais P&D Design**. Novo Hamburgo, 2000, p. 985-991.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. **Técnica espaço tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Objecto Quase**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

- Guimarães, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, Sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Elaine Norberto. Consumo, *mimesis* e sentido. In: VALVERDE, Monclar (org). **As formas do sentido**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003
- SUBIRATS, Eduardo. O objeto perdido. In: **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989, p. 101-106.
- SUTIL, Marcelo Saldanha. Arquitetura e representação: do poético ao social. In: **História**: questões e debates. Curitiba, 12(22-23): 239-256, jun.e dez., 1991.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TRAMONTANO, Marcelo. **Habitação, hábitos e habitantes**: tendências contemporâneas metropolitanas. São Paulo: USP, Grupo NOMADS. Disponível em: <http://www.eesc.sc.usp.br/nomads/livraria_artigos_online_habitos_habitantes.htm>. Acesso em: 14 junho 2002.
- _____. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**: Paris, São Paulo, Tokyo. Uma reflexão sobre a habitação contemporânea. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – FAU, Universidade de São Paulo.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983, cap. 10, "Experiências íntimas com lugar", p. 151-164.
- TURKLE, Sherry. **A Vida no Ecrã**. A identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997. Introdução, Caps. 1 e 2, p. 11-72.
- VEBLEN, Thorstein Bunde. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- VEIGA, José. **Objetos Turbulentos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VERÍSSIMO, Francisco S.; BITTAR, William S. M. **500 anos da casa brasileira**. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- WOODWARD, Ian. Domestic objects and the taste epiphany. A resource for consumption methodology. **Journal of Material Culture**. 2001 SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi). Vol. 6(2), p. 115-136.
- WOORTMANN, Klaas. Casa e família operária. **Anuário Antropológico/80**. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFCE/Tempo Brasileiro, 1982, p. 119-150.

ANEXO 1 – Roteiro de apoio

ROTEIRO DE APOIO

Antes da entrevista, propriamente dita, mas já gravando:

- Explicar os objetivos do trabalho;
- Falar sobre a manutenção de sigilo em relação ao nome e endereço da moradia;
- Expor o tempo provável de duração da mesma;
- Pedir autorização para fotografar, gravar toda a conversa e utilizar o material, para fins da pesquisa acadêmica.

PERFIL DO ENTREVISTADO

Nome _____ Idade _____

Ocupação: _____ Formação: _____

__ Você poderia falar um pouco de si, descrever a si próprio?

Dados da casa:

Casa () Apartamento () Metragem _____ N° pavimentos: _____ Bairro _____

Tempo de moradia: _____ Tempo de construção: _____

N° cômodos: _____ N° moradores: _____

Moradores:

Nome	Idade	Formação	Ocupação
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

__ Você poderia falar um pouco de como a casa foi adquirida ou construída?

PERG.-CHAVE

Perguntas-chave (usá-las como base, o roteiro, só se necessário ou como um *chek-list*):

O que é casa, para você?

Como é o seu dia a dia, em sua casa?

Se você fosse projetar um espaço para si (ideal), como seria?

O sentimento e a vivência, na casa

- ___ O que é casa, para você?
- ___ A casa/apto sempre foi assim?
- ___ Você gosta de modificar os espaços?
- ___ Como é o seu dia a dia, dentro dela?
- ___ Onde você passa mais tempo?
- ___ Poderíamos afirmar que o espaço em que passa mais tempo é o seu preferido? (Registrar tamanho aproximado da casa e do espaço escolhido).
- ___ Caso contrário, qual é, então? (Se existir um espaço preferido).
- ___ Quais os objetos mais importantes, para você, dentro do espaço no qual você prefere estar, na casa?
- ___ Favor comentar sobre cada um deles (capturar imagem), e a importância que tem para você.
- ___ Como o espaço no qual você mais gosta de ficar foi "construído"? Quem escolheu/definiu/consumiu as coisas que o compõem?
- ___ Qual a sua relação com os outros espaços, na casa? Como você os utiliza?
- ___ O que você mais gosta, na sua casa?
- ___ Na sua casa, existem espaços que são utilizados mais por homens ou mulheres, ou que você considere femininos ou masculinos? Por quê?
- ___ Você prefere algum espaço em especial quando está só?
- ___ Da mesma forma, algo muda em relação às suas preferências, com a presença de empregados ou visitas, na casa?
- ___ Qual o espaço em que você se sente mais em casa? Por quê?
- ___ Você se identifica com sua casa?
- ___ Acredita que esta casa em que mora carrega consigo a história das casas em que viveu anteriormente? O que o(a) leva a afirmar isso?
- ___ Examinando sua vida, você acredita que os espaços na casa representam para você, hoje, algo diferente do que já representaram um dia, ou seja, há 5 ou dez anos você escolheria o mesmo espaço? Em caso positivo, que mudanças você considera mais marcantes, em relação a isso?
- ___ Uma última pergunta: este espaço está sempre assim? (arrumado ou desarrumado, etc e tal)?

___ Ao final da entrevista: Gostaria de sua autorização para capturar imagens que possam auxiliar em nossa análise e entendimento posterior dos elementos que estão sendo analisados, na tese.

ANEXO 2 – Roteiro de Apoio Alterado

Tel. contato: _____ Data da Entrevista _____

Referência de Localização: _____

Antes da entrevista, propriamente dita, mas já gravando:

- Explicar os objetivos do trabalho e falar sobre a manutenção de sigilo em relação ao nome e endereço da moradia;
- Expor o tempo provável de duração da mesma (cerca de 1 hora, com a captura de imagens);
- Pedir autorização para fotografar, gravar toda a conversa e utilizar o material, para fins da pesquisa acadêmica.

Nome _____ Idade _____ Natural de _____

Em Curitiba desde _____ Codinome escolhido _____ Est. Civil: _____

Ocupação: _____ Formação: _____

Renda Mensal Média (casa): () 5 a 10sm () 11 a 20 () 21 a 30 () 31 a 40 () acima de 40

- Você poderia falar um pouco de como a casa foi adquirida ou construída (para os donos)?

Dados da moradia

() Casa () Ap. Metragem Quadrada _____ N° pavimentos: ____ Bairro _____

Tempo de moradia: ____ Tempo de construção: ____ N° cômodos: ____ N° moradores: ____

Outros moradores:

Nome	Idade	Formação	Ocupação
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

Questões

- Você poderia falar um pouco de si, descrever a si próprio(a)?
- Em primeiro lugar, gostaria de saber qual o seu sentimento em relação à casa, ou seja, o que é casa, para você?
- Como é o seu dia a dia, em sua casa? Quanto tempo você passa nela, e como utiliza os espaços?
- Poderíamos afirmar que o espaço em que passa mais tempo é o seu preferido? Caso contrário, qual é, então? (Se existir um espaço preferido).
- Você gosta de modificar os espaços? Com que frequência?
- Quais os objetos ou elementos mais importantes, para você, dentro do espaço no qual você prefere estar, na casa (no caso de incêndio, quais salvaria)? Favor comentar sobre cada um deles, e a importância que tem para você.
- Você considera que existem, na sua casa, espaços que são utilizados mais por homens ou mulheres, ou que você considere femininos ou masculinos? Por quê?
- Você prefere algum espaço em especial quando está só?
- Da mesma forma, algo muda em relação às suas preferências, com a presença de empregados ou visitas, na casa?
- Você se identifica com sua casa? Poderia me explicar de que forma?
- Acredita que esta casa em que mora carrega consigo a história das casas em que viveu antes? O que o(a) leva a afirmar isso?
- Hoje, qual é o objeto de consumo doméstico que você mais deseja?
- Se você fosse projetar um espaço para si, como seria?

ANEXO 3 – Exemplos de comentários do Diário de Campo

E-mail interessantíssimo

data: 01/09/2003 06:52:15

para: ana verdasca guimaraes <anaverdasca@brturbo.com>

assunto: Re: _Fwd: _Ilusão y montanhas....

Ana, falando em terras quase congeladas, eis que fui visitar, nestes ultimos dias, a regio de Leónm que fica aqui mesmo i na provincia de Castilla y León. É um pueblo chamado Robledo de Caldas, que fica encravado no meio das montanhas ...(Hace mucho frio y niebla casi todo el año por allí...)

A atividade é essencialmente pastoril...

Lembrei-me muito das pequenas propriedades rurais que temos aí, inclusive a que eu vivia...Encontrei alí uma cozinha com as paredes toda enfumaçada do fogão à lenha, ferramentas que nós também usávamos no sítio, como facão de cortar, rastelo, foice, uma carroça de roda de madeira, moinho, e, sobretudo, gente muito amável...

Fui participar de uma reunião do grupo de "Esthética Originária" cujo maestro é um professor já jubilado aqui da Universidad de Salamanca, Santiago Perez Gago.

Não sei... tenho que ler mais sobre..., mas a princípio...O fundamento é uso da intuição como processo de conhecimento. E a origem como fundamentação. Não se fala em ponto de vista e sim em ponto de luz...(também com aquele sítio donde estávamos!!)

Bueno, no lo sé...vamos a ver!!

Besos, Angela

Discutindo o projeto de pesquisa

Muitas coisas aconteceram desde a última vez que escrevi neste diário, mas retomo-o hoje com um significado especial: ontem visitei uma amiga e colega de doutorado, que se propôs a ler o projeto. Ela mora sozinha, em um apartamento pequeno (quarto, bwc, sala e cozinha) e, à fim de poder se concentrar, deixou-me assistindo a um filme na tv enquanto se refugiou no quarto, para a leitura. Sentamo-nos à mesa para discutir as anotações, e seus olhos brilharam por várias vezes quando falava sobre o projeto. Apresento aqui esta questão para evidenciar minha trajetória de afastamento, mas ao mesmo tempo atração, por meu objeto de pesquisa, estimulada, ainda, por uma série de interlocutores que se apresentaram em meu caminho. (Anotações do Diário de Campo, em 30/01/2004).

Interlocutores inesperados

Ontem conversei com dois colegas, professores do mestrado em tecnologia do CEFET/PR, num espaço de bate-papo. Eles me perguntaram sobre o meu projeto de tese, e, como iam fumar em local externo às salas de trabalho, convidaram-me para ir junto e conversar sobre a minha proposta.

Depois de explicar um pouco meu projeto, os dois começaram a contar de suas experiências, cada um mais animado que o outro. Os dois têm aproximadamente 40 anos.

Um deles mora sozinho, em um apartamento de três quartos, na região central de Curitiba, e está planejando uma reforma que permita a ele aproveitar ao máximo a entrada de luz natural. Pensou, inicialmente, em quebrar algumas paredes dos quartos, mas isso tornaria o ap. mais similar a um *loft*, o que poderia desvalorizar a construção, visto que a localização não é para esse tipo de empreendimento. Assim, irá substituir uma parede por blindex, e a floreira será esvaziada, para ser revestida com pastilhas coloridas, que escorregarão da parede pelo chão, ocupando parte da sala. Com isso, será criado um tipo de jardim de inverno, separado do restante da sala por uma divisória em vidro temperado blindex. A parede que separa a sala da cozinha será derrubada, e a cozinha será transformada em sala de refeições. Em sua continuidade, e utilizando a área de serviço, ficará a cozinha, com todos os equipamentos de uso diário sobre uma bancada grande, e os equipamentos de limpeza e cozimento embutidos. O morador gosta de cozinhar, e faz questão de ter tudo à mão, desde o equipamento para fazer suco de frutas, ao moedor de café, de pimenta, etc.

Tendo em mente, portanto, ajustar a planta aos interesses pessoais, tem, no entanto, uma preocupação grande com a valorização do apartamento, localizado em um prédio construído há mais de 20 anos, e que tem a vantagem de ter peças grandes.

O outro colega, embora trabalhando em Curitiba, onde reside em um quarto, na casa da mãe, tem sua residência em Brusque, SC. Trata-se de uma casa, alugada, com peças grandes e amplo jardim. A casa data da década de 40, tendo o pé direito alto, respiradores ao longo das paredes, e um afastamento do terreno, que evita que a

umidade, muito alta, na cidade, atrapalhe o dia a dia, na casa. Sendo sua esposa arquiteta, a casa, mesmo sendo alugada, foi adaptada para atender aos interesses da família (casal e uma filha de 9 anos). Cada canto foi arranjado de forma a tornar a casa agradável e fácil de cuidar, tendo os jardins uma importância grande, para a família. Como a construção é antiga, os moradores vêm descobrindo madeiras de lei sob a pintura das portas e tacos em excelente estado de conservação, o que permite reconstituir um pouco do que a casa já foi. Assim, portas estão sendo lixadas, o carpete foi arrancado, e os espaços estão sendo trabalhados.

Segundo o informante, sua esposa tem uma imensa habilidade de transformar espaços sem graça em cantos ótimos para se viver, e ambos estão empenhados na transformação de sua morada. (Anotações do Diário de Campo, em 12/05/2004).